

Gabriele Cristine Carvalho

O *frame* dos verbos psicológicos: relações de  
herança entre as construções com verbos  
plenos e verbos leves

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2015

Gabriele Cristine Carvalho

O *frame* dos verbos psicológicos: relações de  
herança entre as construções com verbos  
plenos e verbos leves

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha (1A) Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2015

C331f

Carvalho, Gabriele Cristine.

O frame dos verbos psicológicos [manuscrito] : relações de herança entre as construções com verbos plenos e verbos leves / Gabriele Cristine Carvalho. – 2015.

350 f., enc. : il., tabs., p&b.

Orientadora: Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

1. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 2. Língua portuguesa – Semântica – Teses. 3. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. 4. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 5. Gramática comparada e geral – Verbos – Teses. 6. Linguística – Teses. I. Dogliani, Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**O frame dos verbos psicológicos: relações de herança entre as construções com verbos plenos e verbos leves**

### GABRIELE CRISTINE CARVALHO

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Linha B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Aprovada em 17 de abril de 2015, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani - Orientadora  
UFMG

Prof(a). Maria Cândida Trindade Costa de Seabra  
UFMG

Prof(a). Mário Alberto Perini  
UFMG

Prof(a). Hugo Mari  
PUC/MG

Prof(a). Marcó Antonio de Oliveira  
PUC/MG

Belo Horizonte, 17 de abril de 2015.

*À minha família, pela solidariedade e incentivo.  
À minha mãe, em especial, pela paciência e orações.*

*Ao Chico, pelo amor, carinho,  
conselhos e apoio sempre.  
Não sei se teria conseguido  
sem sua direção e  
conforto nos momentos  
mais difíceis.*

*A Deus por colocar as pessoas certas  
no meu caminho e por me  
dar forças para continuar.*

## AGRADECIMENTOS

A Evelyne Dogliani, a quem faço meu agradecimento maior, pelo incentivo, dedicação, paciência, apoio e colaboração. Agradeço também pelo exemplo de competência, pela confiança, pela amizade e pela orientação segura que possibilitou a realização desta pesquisa.

Aos professores Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen e Mário Alberto Perini, pelas valiosas sugestões na banca de qualificação. Agradeço a Tilah, em especial, por ter disponibilizado os textos do *Projeto Banco de Textos para Pesquisa em Linguística Histórica* na versão digital, o que agilizou o meu trabalho.

A todos os funcionários do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, pela atenção, cordialidade e presteza.

A Luis Fernando, por ter criado o programa de armazenamento e recuperação dos dados com tanto empenho.

A todos os meus amigos por me apoiarem neste período difícil. Em especial, a Michele, ao grupo “FPF”, ao Bruno e a Marta pela amizade sincera.

A Ana Paula, pela amizade, apoio, revisão e conselhos e a Denise, pelos constantes auxílios na formatação do texto e pela amizade.

Ao Roberval, pela amizade, apoio e por ter se disponibilizado fazer o *abstract*.

Aos demais amigos e colegas do Poslin e do IFMG câmpus Santa Luzia e Congonhas.

*Here comes the sun  
Here comes the sun  
And I say  
It's all right*

*Little darling  
It's been a long cold lonely winter  
Little darling  
It feels like years since it's been here  
Here comes the sun  
Here comes the sun  
And I say  
It's all right*

*(The Beatles)*

## RESUMO

---

Partindo-se da teoria da Gramática de Construções de Goldberg (1995), esta pesquisa tem como objetivo estabelecer as relações de herança entre as construções evocadas pelos *frames* dos verbos psicológicos. Segundo Goldberg, as construções são as unidades básicas da língua e formam uma rede estruturada, na qual estão relacionadas umas as outras por relações de herança. No modelo construcional, uma construção pode herdar suas propriedades de outras, gerando extensões de sentido. Neste trabalho, defende-se que as construções relacionadas por um mesmo *frame* mantêm relações de herança, porque compartilham elementos linguísticos e/ou porque compartilham as mesmas *cenários*. Assim, considerando o conceito de *frame* de Fillmore (1975), propusemos que o *frame* dos verbos psicológicos é atualizado por meio de construções de sentimento integradas pelos próprios verbos psicológicos (CSVPsico's), como *entristecer* e *preocupar*, e também por meio de construções analíticas que evocam esses *frames*, como *ficar triste* e *estar preocupado*. Os verbos que participam dessas construções de sentimento analíticas foram considerados verbos leves e observaram-se relações sistemáticas de forma e sentido entre essas construções analíticas, denominadas de CSVL's, e as construções com verbos plenos (CVP's) integradas pelos mesmos verbos em textos dos séculos XIV ao XVI. Os resultados da pesquisa mostraram que a identidade sintática entre as CVP's e as CSVL's de construções como *Ele pôs o prato na mesa/Ele pôs medo em Maria, Ela tem dinheiro/Ela tem medo, Ele perdeu a chave/Ele perdeu o amor*, etc. não é mera coincidência e que as diferenças de sentido dessas construções decorrem de mecanismos de extensão de sentido bastante produtivos, relacionados à polissemia e a mapeamentos metafóricos. A análise diacrônica mostrou que os traços sintáticos e/ou semânticos dessas construções são herdados de construções mais antigas e/ou mais frequentes. A análise evidenciou também mapeamentos metonímicos que conectam as CSVL's às CSVPsico's e, além disso, verificaram-se relações de herança entre as CSVPsico's causativas e as CSVPsico's ergativas. Propusemos que o armazenamento cognitivo das construções que evocam o *frame* dos verbos psicológicos é decorrente das relações de herança identificadas.

**Palavras-chave:** Relações de herança. Verbos psicológicos. Verbos leves. Verbos plenos. *Frame*



## ABSTRACT

---

Starting from the Constructions Grammar theory, developed by Goldberg (1995), the present research aims to establish inheritance relationships among the constructions evoked by the *frames* of psychological verbs. According to Goldberg, constructions are the basic units of a language and form a structured network in which they interrelate via inheritance *links*. In this constructional model, a construction may inherit the properties of other constructions, thus generating meaning expansion. It is a premise of this dissertation that constructions which are related by the same *frame* maintain inheritance relationships amongst them, due to their sharing the linguistic elements and/or the same *scenes*. Therefore, taking Filmore's (1975) concept of *frame* into account, we proposed that the *frames* of psychological verbs are updated via constructions of sentiment integrated by psychological verbs themselves (CSPsyV's), such as *entristecer* (*to sadden*) and *preocupar* (*to worry*), as well as by means of analytical constructions which evoke such *frames*, such as *ficar triste* (*to get sad*) and *estar preocupado* (*to be worried*). Verbs participating in this analytical construction of sentiment were deemed light verbs and we observed systematic relationships of both form and meaning between such analytical constructions, denominated CSLV's (constructions of sentiment in light verbs), and constructions with heavy verbs (CHV's) integrated by the same verbs in texts from the 14th through the 16th centuries. Our data showed that the synthetic relationship between the CHV's and the CSLV's in constructions such as *Ele pôs o prato na mesa* (*He put the plate on the table*)/*Ele pôs medo em Maria* (*He put fear in Maria*), *Ela tem dinheiro* (*She has money*)/ *Ela tem medo* (*She has fear*), *Ele perdeu a chave* (*He lost his key*)/*Ele perdeu o amor* (*He lost his love*), etc. are not mere coincidence. They also showed that the difference in meaning in such constructions derive from quite productive meaning expansion mechanisms related to polysemy and metaphorical mappings. Diachronic analysis revealed that the synthetic and/or semantic traces of such constructions are inherited from older and/or more frequent constructions. The analysis also revealed metonymic mappings which connect CSLV's to CSPsyV's. Furthermore, we identified inheritance relationships between causative and ergative CSPsyV's. We proposed that the cognitive storage of constructions which evoke the *frame* of psychological verbs derives from the inheritance relationships which we identified.

**Keywords:** Inheritance relationships. Psychological verbs. Light verbs. Heavy verbs. *Frame*.

## LISTA DE FIGURAS

---

Figura 1- Relação entre os verbos plenos, leves e auxiliares. ....	48
Figura 2 - Construção cause-receive.....	79
Figura 3-Construção de moção causada.....	79
Figura 4- Notação utilizada para representar as relações de herança entre as construções. .....	82
Figura 5- Representação da herança múltipla que originou um tipo especial de construção resultativa.....	84
Figura 6- Construção de moção causada.....	87
Figura 7- Construção de moção intransitiva.....	87
Figura 8- Construção cause-become .....	88
Figura 9- Construção drive-‘crazy’ .....	88
Figura 10- Construção moção causada .....	89
Figura 11- Construção resultativa.....	89
Figura 12 - Rede de construções que motivou as construções descritivas transitórias 1 .....	178
Figura 13- Rede de construções que motivou as construções descritivas transitórias 2 .....	179
Figura 14- Construção de descrição permanente (“(...) e só podia ser vista por quem fosse virtuoso.”).....	180
Figura 15- Construção de mudança de estado (“E o infante Josafate, estando assi ençarrado até que foi mancebo (...)”.....	180
Figura 16- Relação entre as construções de descrição transitória 1 e o <i>frame</i> dos verbos psicológicos. ....	186
Figura 17- Construção locativa transitória .....	187
Figura 18- Construção de descrição transitória 1 .....	187
Figura 19- Construção de descrição permanente.....	190
Figura 20- Construção de descrição transitória 2 .....	190
Figura 21- Construção de descrição permanente (“(...) e só podia ser vista por quem fosse virtuoso.”).....	195
Figura 22- Construção de mudança de estado (“E quem serve por amor, o desejo e o amor ficam livres para se juntar a outra cousa, (...)” .....	195

Figura 23- Relação entre as CSVL's de mudança de estado e as CSVPsico's ergativas. .....	197
Figura 24- Construção de posse material 2 (“(...) e haverá de minha casa toda cousa”) .....	205
Figura 25- Construção de posse abstrata 3 (“(...) e haviam-lhi enveja (...)”)	205
Figura 26- Construção de posse material (“(...) nom daria por todo o reino que ele havia(...)”)	207
Figura 27- Construção de posse abstrata 1 (“(...) pera os reis haverem boos conselheiros (...)”)	207
Figura 28- Construção de posse abstrata 2 (“(...)nom ouuesse nenhuum reço.”)	207
Figura 29- Construção de posse abstrata 4 (“(...)ainda que os hajais por amigos (...)”) .....	209
Figura 30- Construção de posse abstrata 5 (“(...)e houverom por gram maravilha de lhe tanto poder durar a força (...)”)	209
Figura 31- <i>Link</i> de extensão metonímica entre as CSVL's de posse abstrata 2 integradas pelo verbo <i>haver</i> e as CSVPsico's acusativas não causativas. ....	210
Figura 32- Construção de posse material (“(...)ele não ter bem assim como queria (...)”) .....	218
Figura 33- Construção de posse abstrata 1 (“(...)e tem ifantes e ifantas dele, e (...)”)	218
Figura 34- Construção de posse abstrata 2 (“(...)tem esta virtude outorgada em estes Reinos (...)”)	218
Figura 35- Construção de posse material 2 (“E teve del dom Rodrigo Gomez de Trastamar o condado de Trastamar (...)”)	220
Figura 36- Construção de posse abstrata 3 (“(...) fez muyto de ssegurar Ayras Gomez a nom teer delle nenhuma sospeita.”)	220
Figura 37- <i>Link</i> de extensão metonímica entre as CSVL's de posse abstrata 2 e 3 integradas pelo verbo <i>ter</i> e as CSVPsico's acusativas não causativas. ....	222
Figura 38- Construção de posse material (“(...)e dali filham parte de seu mantimento.”) .....	227
Figura 39- Construção de posse abstrata 1 (“E filhou rei Ramiro sa molher com sas donas e donzelas (...)”)	227
Figura 40- Construção de posse abstrata 2 (“(...) e acabar pesados feitos sem filhar grande cuidado (...)”)	227

Figura 41- <i>Link</i> de extensão metonímica entre as CSVL's de posse abstrata 2 integradas pelo verbo <i>filhar</i> e as CSVPsico's ergativas e acusativas não causativas.....	230
Figura 42 -Relação entre as construções de posse abstrata 1 e o frame dos verbos psicológicos.....	231
Figura 43- Construção de posse material 1 (“Porem os da villa nom tomarom armas (...)” .....	234
Figura 44- Construção de posse abstrata 2 (“(...) muytos tomarom deuaçam de as rezar (...)”.....	234
Figura 45- Construção de posse abstrata 4 (“(...) e nos tomarom por seu Rey e Senhor (...)” .....	235
Figura 46- Construção de posse abstrata 5 (“(...)e houverom por gram maravilha (...)” .....	235
Figura 47- <i>Link</i> de extensão metonímica entre as CSVL's de posse abstrata 2 integradas pelo verbo <i>tomar</i> e as CSVPsico's acusativas não causativas. ....	236
Figura 48- Construção de posse material.....	238
Figura 49- Construção de posse abstrata 1.....	238
Figura 50- Construção de posse abstrata 2.....	238
Figura 51- Relação de herança indireta.....	240
Figura 52- Construção de posse abstrata 4.....	241
Figura 53- Construção de posse abstrata 5.....	241
Figura 54- Construção de posse material 2 .....	242
Figura 55- Construção de posse abstrata 3.....	242
Figura 56- Relação de herança direta por meio de um <i>link</i> de extensão metafórica. ...	243
Figura 57- Relações de herança entre as CSVL's de posse abstrata e as CSVPsico's ergativas e acusativas não causativas.....	244
Figura 58- CSVPsico causativa .....	245
Figura 59- CSVPsico ergativa .....	245
Figura 60- Construção causar-receber (“(...) nunca dom Rodrigo Gomez quis dar o condado a el rei dom Fernando,(...)” .....	250
Figura 61- Construção causar-receber abstrata 1 (“(...) e deu a uu deles tam gram punhada (...)”.....	250
Figura 62- Construção de mudança de estado do experienciador objeto 1 (“(...) de cujo regimento auemos emcarego polla dignidade que nos Deus deu, (...)”.....	250

Figura 63- Relações de herança entre as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto e as CSVPsico's causativas.....	252
Figura 64- Construção de mudança de lugar (“(...)se tornou e pôs sua face sobre seus gíolhos, (...)”.....	257
Figura 65- Construção de mudança de lugar com verbo leve (“(...)“E quando foram cercar dom Alvar Perez de Crasto em Paredes, e que el pôs as barreiras de sirgo, (...)”.....	257
Figura 66 - Construção de causar-receber abstrata 1 (“(...)e ali lhe poserom nome o Boo Velho Lidador,(...)”.....	257
Figura 67 - Construção de causar-receber abstrata 2 (“(...) pode percalçar [alcançar] para pôr tal obra assim brevemente em escrito, (...)”.....	258
Figura 68- Construção causar-receber abstrata 1 (“(...)e ali lhe poserom nome o Boo Velho Lidador,(...)”.....	259
Figura 69- Construção de mudança de estado do experienciador objeto 1 (“(...)o dito de Fau(o)ryno fillosofo que nos pos tam gram medo que nom ousamos de o fazer (...)”.....	259
Figura 70- Construção de causar-receber abstrata 2 (“(...)“(...) pode percalçar [alcançar] para pôr tal obra assim brevemente em escrito (...)”.....	260
Figura 71- Construção de mudança de estado do experienciador objeto 2 (“(...)calando-nos ou nos apartando, assim que tirando-nos do azo, mais ligeiramente nos possamos pôr em bom assossego, (...)”.....	260
Figura 72- Relações de herança entre as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 1 e 2 e as CSVPsico's causativas. ....	262
Figura 73- Construção resultativa (“Faziam dous carpenteiros huua grande cruz dhua pao (...)”.....	266
Figura 74- Construção resultativa abstrata (“Tu veeste aqui e fezeste gram loucura, (...)”.....	266
Figura 75- Construção causar-receber (“E mandou-lhe fazer um leito em na sala (...)”.....	267
Figura 76- Construção causar-receber abstrata 1 (“(...) por me parecer que faziam declaração e ajuda no que escrevia.”).....	267
Figura 77- Construção de mudança de estado do experienciador objeto 1 (“E faziam-lhe muitas enjúrias”).....	267
Figura 78 - Relações de herança entre as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto e as CSVPsico's causativas e ergativas. ....	269

Figura 79- Construção causar-receber (“(...) por nom anojár seu filho, mandou trazer muitos cavalos bem guarnidos (...)”.....	272
Figura 80- Construção de mudança de estado de experienciador objeto 1 (“(...) a qual esperança não pouco me acrescenta bom desejo de o trazer a proveitosa perfeição.”) 272	
Figura 81- Construção de mudança de lugar originada de uma fonte (“Alegando que trazia de terra longínqua uma pedra preciosa, (...)” .....	273
Figura 82- Construção de mudança de estado originada de uma fonte (“(...) e de seus senhores trouxessem bom contentamento (...)” .....	273
Figura 83- Construção de mudança de lugar através de um instrumento (“Os autos da sua vida trouue sempre so jugo de christãa fee, sendo muy obediente ao alto Pastor da Igreja (...)”.....	274
Figura 84- Construção de mudança de estado do experienciador objeto 2 (“(...) e com a graça do Senhor traz seu coração em bom sossego, porque em ele são estes três poderes.”) .....	274
Figura 85- Relações de herança entre as CSVL’s de mudança de estado do experienciador objeto 2 e as CSVPsico’s causativas. ....	276
Figura 86- Rede de construções que motivou as CSVL’s de mudança de estado do experienciador objeto 1 e 2. ....	278
Figura 87- Rede de construções que motivou as construções resultativas abstratas. ...	280
Figura 88- Rede de construções que motivou as construções mudança de estado originada de uma fonte.....	281
Figura 89- Relações de herança entre as CSVL’s de mudança de estado do experienciador objeto1 e 2 e as CSVPsico’s causativas e ergativas. ....	282
Figura 90- Relações de herança entre as CSVPsico’s causativas e as CSVPsico’s ergativas. ....	283
Figura 91- Construção de queda concreta (“ (...) e caírom todos em terra sobre suas faces, (...)”.....	285
Figura 92- Construção de queda abstrata (“(...) e cair em grandes erros e maldades.”)285	
Figura 93- Relações de herança entre as CSVL’s de queda abstrata e as CSVPsico’s inacusativas e ergativas .....	286
Figura 94- Construção de perda concreta (“(...) perderá os grandes bens do possuir da virtude a ele contrária, (...)” .....	290
Figura 95- Construção de perda abstrata com objeto estado físico (“E eles lhe disserom que nom a todos, mais àqueles que perdem a saúde (...)” .....	290

Figura 96- Construção de perda abstrata com objeto estado psicológico ( “(...)por não lhe desprazer [a quem muito ama], ou mingando se perde o amor (...)” ..... 290	290
Figura 97- Construção de perda concreta ( “(...) perderá os grandes bens do possuir da virtude a ele contrária, (...)” ) ..... 292	292
Figura 98- Construção de perder caminho ( “se perdeo da frota vaasco datayde com a sua naao sem hy auer tempo forte ne contrairo pera poder seer.”)..... 292	292
Figura 99- CSVPsico acusativa não causativa ( “(...)convém necessariamente que [o homem] se perca da alma ou do corpo, porque uma demanda cousas tão vis (...)” ).... 292	292
Figura 100- Relações de herança das construções integradas pelo verbo perder. .... 293	293
Figura 101- Relações de herança entre as CSVL’s de queda abstrata e as CSVPsico’s acusativas não causativas. .... 294	294
Figura 102- Construção de sentimento com causador de experiência objeto material ( “(...)como se o feito recente fosse quando ele se lembra e o sentia.”) ..... 297	297
Figura 103- Construção de sentimento com causador de experiência objeto estado ( “(...) os que sentem e seguem em seus corações verdadeira humildade (...)” ..... 297	297
Figura 104- Relações de herança entre as CSVL’s de sentimento com causador de experiência objeto estado e as CSVPsico’s ergativas. .... 298	298
Figura 105-Relações de herança entre as CSVL’s e as CSVPsico’s inacusativas/ergativas..... 300	300
Figura 106- Relações de herança entre as CSVPsico’s causativas e as CSVPsico’s ergativas. .... 301	301
Figura 107- Relações de herança entre as CSVL’s e as CSVPsico’s causativas, ergativas, inacusativas e acusativas não causativas. .... 303	303
Figura 108- Relações de herança entre as CSVL’s de queda abstrata e as CSVPsico’s acusativas não causativas. .... 304	304
Figura 109- Relação entre as construções de descrição transitória 1 e o <i>frame</i> dos verbos psicológicos. .... 305	305
Figura 110- CSVPsico causativa ..... 307	307
Figura 111- CSVPsico ergativa ..... 307	307
Figura 112- Rede de construções que motivou as CSVL’s 1 e 2. .... 310	310
Figura 113- Rede de construções que motivou as CSVL’s 3 e suas relações com as CSVL’s 1 e 2. .... 311	311
Figura 114- Rede de construções que motivou as CSVL’s 4..... 313	313

Figura 115- Rede de construções que motivou as CSVL's 5 e 6 e suas relações com as CSVL's 4.....	314
Figura 116- Rede de construções que motivou as CSVL's 7, 8 e 9 e suas relações com as CSVL's 1-6. ....	316
Figura 117- Armazenamento das CSVL's e suas construções motivadoras e dos diferentes tipos de CSVPsico's.....	318
Figura 118- A estrutura interna de <i>unbelievable</i> como derivada de suas relações com outras palavras. ....	320

## LISTA DE QUADROS

---

Quadro 1- Tipos de CVP's integradas pelos verbos da tabela 12. ....	157
Quadro 2- Tipos de CSVL's integradas pelos verbos da tabela 12. ....	160
Quadro 3- Tipos de CVP's integradas pelos verbos <i>ficar</i> , <i>haver</i> e <i>ter</i> e demais verbos que integram essas construções. ....	162
Quadro 4- Tipos de CSVL's integradas pelos verbos <i>ser</i> , <i>estar</i> , <i>ficar</i> , <i>ter</i> e <i>haver</i> e demais verbos que integram essas construções. ....	164



## LISTA DE TABELAS

---

Tabela 1- Variação dos verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> nas estruturas locativas e descritivas da 2ª metade do século XIV.....	61
Tabela 2- Variação dos verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> nas estruturas locativas e descritivas da 1ª metade do século XV.....	62
Tabela 3 - Porcentagem de construções analíticas por classe semântica da análise de Madureira (2000). ....	65
Tabela 4 - Porcentagem de construções acusativas não causativas/inacusativas, causativas e ergativas integradas pelas subclasses de verbos psicológicos da análise de Madureira (2000). ....	66
Tabela 5 - Porcentagem de construções perifrásticas por classe semântica em Carvalho (2008). ....	69
Tabela 6 - Porcentagem de construções perifrásticas por classe semântica em Cunha (2010). ....	70
Tabela 7- Número de ocorrências e porcentagens de construções analisadas nos <i>corpora</i> . ....	149
Tabela 8 -Número de ocorrências e porcentagens de construções relacionadas ao <i>frame</i> dos verbos psicológicos analisados nos <i>corpora</i> . ....	149
Tabela 9 - Número de ocorrências das CVL's e das CVP's integradas pelos verbos analisados, excetuando-se <i>ser</i> , <i>estar</i> , <i>ficar</i> , <i>ter</i> e <i>haver</i> . ....	151
Tabela 10 - Porcentagem e número de ocorrências das CVL's e CVP's dos verbos analisados, excetuando-se <i>ser</i> , <i>estar</i> , <i>ficar</i> , <i>ter</i> e <i>haver</i> . ....	152
Tabela 11 - Número de ocorrências e porcentagens de construções analisadas nos <i>corpora</i> , após a exclusão dos verbos que integraram menos de 7CVL's. ....	152
Tabela 12- Número de ocorrências das CVL's e das CVP's integradas pelos verbos que apresentaram 7 CVL's ou mais, excetuando-se <i>ser</i> , <i>estar</i> , <i>ficar</i> , <i>ter</i> e <i>haver</i> . ....	153
Tabela 13 - Porcentagem e número de ocorrências das CVL's e das CVP's integradas pelos verbos que apresentaram 7 CVL's ou mais, excetuando-se <i>ser</i> , <i>estar</i> , <i>ficar</i> , <i>ter</i> e <i>haver</i> . ....	153
Tabela 14 - Número de ocorrências das CVL's e das CVP's integradas pelos verbos <i>ser</i> , <i>estar</i> , <i>ficar</i> , <i>ter</i> e <i>haver</i> . ....	165

Tabela 15 - Porcentagem e número de ocorrências do verbo <i>estar</i> por século. ....	168
Tabela 16 - Porcentagem e número de ocorrências do verbo <i>ser</i> por século. ....	176
Tabela 17 - Número de ocorrências dos verbos <i>estar</i> , <i>ser</i> e <i>andar</i> nas construções locativas transitórias e descritivas transitórias nos séculos XIV, XV e XVI. ....	183
Tabela 18 - Porcentagem e número de ocorrências do verbo <i>ficar</i> por século. ....	193
Tabela 19 - Porcentagem e número de ocorrências do verbo <i>haver</i> por século. ....	201
Tabela 20 - Porcentagem e número de ocorrências do verbo <i>ter</i> por século. ....	214
Tabela 21 - Número de ocorrências do verbo <i>filhar</i> nos séculos analisados. ....	226
Tabela 22 - Número de ocorrências do verbo <i>tomar</i> nos séculos analisados. ....	232
Tabela 23 - Número de ocorrências do verbo <i>dar</i> nos séculos analisados. ....	247
Tabela 24 - Número de ocorrências do verbo <i>pôr</i> nos séculos analisados. ....	254
Tabela 25 - Número de ocorrências do verbo <i>fazer</i> nos séculos analisados. ....	264
Tabela 26 - Número de ocorrências do verbo <i>trazer</i> nos séculos analisados. ....	270
Tabela 27 - Número de ocorrências do verbo <i>cair</i> nos séculos analisados. ....	284
Tabela 28 - Número de ocorrências do verbo <i>perder</i> nos séculos analisados. ....	287
Tabela 29 - Número de ocorrências do verbo <i>sentir</i> nos séculos analisados. ....	295
Tabela 30 - Número de ocorrências e porcentagem de CSVPsico's causativas e CSVPsico's ergativas por século. ....	305
Tabela 31 - Número de ocorrências dos verbos que integraram CSVL's por século. ....	322

## LISTA DE SIGLAS

---

CSVL – construção de sentimento com verbo leve

CSVPsico – construção de sentimento com verbo psicológico

CVL – construção com verbo leve

CVP – construção com verbo pleno

SAdj – sintagma adjetival

SN – sintagma nominal

SPrep – sintagma preposicional

V – verbo

VL – verbo leve

VP – verbo pleno

## SUMÁRIO

---

<b>APRESENTAÇÃO DA TESE .....</b>	<b>24</b>
0.1 Introdução .....	24
0.2 Hipóteses .....	29
0.3 Objetivos .....	31
0.4 Organização do texto .....	31
<b>OBJETO DE ESTUDO.....</b>	<b>33</b>
1.1 Introdução .....	33
1.2 Definição de verbos leves .....	43
1.2.1 A relação entre os verbos leves e os verbos plenos .....	47
1.2.2 Os verbos auxiliares e os verbos leves .....	51
1.2.3 Os verbos leves na língua portuguesa .....	53
1.2.3.1 Estudos recentes de verbos leves no português .....	53
1.2.3.2 Análise histórica dos verbos <i>ser</i> , <i>estar</i> , <i>ter</i> e <i>haver</i> .....	59
1.3 Estudos das construções de sentimento integradas por verbos psicológicos (CSVPsico's) e das construções de sentimento com verbos leves (CSVL's) no português brasileiro .....	63
1.4 Considerações finais do capítulo .....	71
<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>73</b>
2. Introdução .....	73
2.1 Gramática de Construções .....	75
2.1.1 A notação utilizada nas relações de herança.....	81
2.1.1.1 Heranças múltiplas.....	82
2.1.2 Os <i>links</i> de herança.....	85
2.1.2.1 Algumas considerações sobre os <i>links</i> de herança: os <i>links</i> de extensão metafórica e de polissemia.....	90
2.1.2.2 <i>Link</i> de extensão metonímica .....	92

2.1.3 A predicação e os papéis temáticos na teoria construcional.....	94
2.1.3.1 O conceito de predicação .....	94
2.1.3.2 Os papéis temáticos .....	98
2.1.4 Bybee (2006, 2010) e o armazenamento das construções.....	108
2.1.4.1 A representação das construções na teoria dos exemplares e a frequência de uso.....	111
2.2 Propostas que dialogam com o conceito de relações de herança .....	113
2.2.1 Motivação e relações de herança: Lakoff (1987).....	113
2.2.2 Relações semânticas regulares: Norrick (1981).....	119
2.3 Relações de herança: proposta de análise a partir dos trabalhos de Goldberg (1995), Lakoff (1987) e Norrick (1981) .....	124
2.4 Considerações finais do capítulo .....	130
<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>132</b>
3.1 Introdução .....	132
3.2 Os <i>corpora</i> .....	132
3.3 Os dados.....	134
3.3.1 Programa de armazenamento dos dados .....	134
3.4 Relações de herança: fatores de análise .....	135
3.4.1 A análise das relações sintático-semânticas .....	135
3.4.1.1 Os tipos de construções analisadas .....	136
3.4.1.2 As definições dos papéis temáticos .....	140
3.4.2 A frequência das construções .....	144
3.4.3 A história das construções .....	145
3.4.2 Análise das relações de herança: os <i>links</i> de herança entre as construções..	145
3.5 Considerações finais do capítulo .....	146
<b>ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>148</b>
4.1 Descrição geral dos dados do período .....	148
4.1.1 As CVP's e as CSVL's integradas pelos verbos da tabela 12 .....	154

4.1.2 As CVP's e as CSVL's integradas pelos verbos <i>ser, estar, ficar, ter</i> e <i>haver</i> .....	161
4.2 Construções descritivas e locativas: <i>estar, ser, andar</i> .....	166
4.2.1 O verbo <i>estar</i> .....	166
4.2.2 O verbo <i>ser</i> .....	173
4.2.3 O verbo <i>andar</i> .....	181
4.2.4 Resumo das relações de herança verificadas entre as construções descritivas e locativas integradas pelos verbos <i>estar, ser</i> e <i>andar</i> .....	183
4.3 Construções de mudança de estado e descritivas: <i>ser</i> e <i>ficar</i> .....	192
4.3.1 O verbo <i>ficar</i> .....	192
4.4 Construções de posse: <i>haver, ter, filhar</i> e <i>tomar</i> .....	198
4.4.1 O verbo <i>haver</i> .....	198
4.4.2 O verbo <i>ter</i> .....	212
4.4.3 O verbo <i>filhar</i> .....	224
4.4.4 O verbo <i>tomar</i> .....	232
4.4.5 Resumo das relações de herança das construções de posse integradas pelos verbos <i>haver, ter, filhar</i> e <i>tomar</i> .....	237
4.5 Construções de mudança (lugar, posse, estado): <i>dar, pôr, fazer</i> e <i>trazer</i> .....	247
4.5.1 O verbo <i>dar</i> .....	247
4.5.2 O verbo <i>pôr</i> .....	253
4.5.3 O verbo <i>fazer</i> .....	263
4.5.4 O verbo <i>trazer</i> .....	270
4.5.5 Resumo das relações de herança verificadas entre as construções de mudança integradas pelos verbos <i>dar, pôr, fazer</i> e <i>trazer</i> .....	276
4.6 Construções de queda, de perda e de sentimento: <i>cair, perder</i> e <i>sentir</i> .....	283
4.6.1 O verbo <i>cair</i> .....	283
4.6.2 O verbo <i>perder</i> .....	287
4.6.3 O verbo <i>sentir</i> .....	295

4.6.4 Resumo das relações de herança das construções de queda, de perda e de sentimento .....	299
4.7 A relação entre as CSVL's, as CSVPsico's ergativas e as CSVPsico's causativas .....	301
4.8 O impacto das relações de herança no armazenamento das construções .....	307
4.9 Considerações finais do capítulo .....	325
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>326</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>334</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS REFERENTES AOS <i>CORPORA</i> .....</b>	<b>344</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>345</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>350</b>

## APRESENTAÇÃO DA TESE

---

### 0.1 Introdução

Neste trabalho, serão analisadas as relações de herança entre as construções que evocam o *frame* dos verbos psicológicos e as implicações dessas relações para o armazenamento das construções. Tratando a herança como uma consequência das relações sintático-semânticas, históricas e relacionadas à frequência de uso das formas, será apresentada a conexão entre as diversas construções encontradas nos *corpora* analisados, constituído por textos dos séculos XIV, XV e XVI, que remetem ao *frame* dos verbos psicológicos.

Os verbos psicológicos são verbos que denotam um estado emocional e têm obrigatoriamente um argumento que recebe o papel temático de *experienciador*. Os estudos dos verbos dessa classe, tradicionalmente, dividem-nos em dois grupos: os verbos da classe de *temer* e os verbos da classe de *preocupar*. Essas duas classes se diferenciam, principalmente, quanto à propriedade de ergativização, pois os verbos da classe de *temer* não a realizam, mas os da classe de *preocupar* podem realizá-la, como se vê nestes exemplos:

(01) a) José teme o cachorro.

b) \*O cachorro teme.

(02) a) José preocupa Maria.

b) Maria (se) preocupa.

Segundo Ciríaco (2007, p. 9), “a alternância causativo-ergativa consiste no fato de um mesmo verbo aparecer em uma sentença causativo-transitiva e numa sentença ergativo-intransitiva”. Assim, pode-se notar que, na sentença (02a), o verbo *preocupar* integra uma sentença causativo-transitiva em que o sujeito *José* é o causador da experiência sofrida por *Maria* e, na sentença (02b), o mesmo verbo integra uma sentença ergativo-intransitiva na qual se nota que o *experienciador Maria* encontra-se



na posição de sujeito. O mesmo processo não se observa na sentença (01a), porque se trata de uma sentença acusativa não causativa, o que significa dizer que o sujeito *José* não é o causador da experiência do cachorro, pelo contrário, é o *cachorro* que provoca a experiência em *José*.

A análise diacrônica dos verbos dessa classe, realizada por Madureira (2000, 2002), mostrou outra importante característica desses verbos. A autora observou que alguns verbos psicológicos não ocorrem em períodos anteriores, tendo seu sentido evocado por meio de construções analíticas/perifrásticas. Por exemplo, o verbo *entristecer*, nos dados de Madureira, não exibiu nenhuma ocorrência no período arcaico, mas a autora encontrou dezesseis ocorrências de construções perifrásticas, como *ser triste*, *ficar triste*, *trazer tristeza*, etc. que evocam o sentido desse verbo no período. O verbo *entristecer* aparece somente no século XIX nos dados da autora. Além disso, Madureira constatou que o mesmo ocorreu com outros verbos da língua (como *enlouquecer* e *apavorar*), ou seja, o sentido desses verbos é evocado, primeiramente, por meio de construções perifrásticas e o registro do verbo ocorre no século XIX, quando esses verbos se causativizam.

Convém destacar que pesquisas sincrônicas com dados de língua falada mostraram que a ocorrência de formas analíticas não é uma característica dos verbos psicológicos de tempos passados. Carvalho (2008) analisou os predicadores experienciais (predicadores psicológicos, físicos, epistêmicos e de percepção), em uma pesquisa sociolinguística com dados de fala da cidade de Santa Luzia/MG, e constatou a presença de 32% de formas analíticas na classe dos verbos psicológicos. Os resultados de Cunha (2010) sobre os verbos experienciais e beneficiários, baseada em uma pesquisa sociolinguística com moradores de Belo Horizonte/MG, corroboram os resultados de Madureira (2000, 2002) e Carvalho (2008), pois, nos dados da autora, quase metade das ocorrências dos verbos dessa classe semântica se constituiu de formas perifrásticas.

Pode-se, assim, observar a importância dessas formas analíticas para os verbos psicológicos, mas alguns problemas teóricos devem ser considerados: i) como essas estruturas devem ser nomeadas?, ii) sob que condições elas podem ser relacionadas aos verbos?, iii) como proceder quando emergem construções desse tipo sem que a língua sob análise ilustre um verbo morfologicamente correspondente? (como, por exemplo, *fazer cirurgia*) e iv) qual é o estatuto teórico dessas construções?

No presente trabalho, algumas dessas perguntas serão respondidas, mas, para isso, tomaremos como base não os verbos, mas os diferentes tipos de construções integradas pelos verbos dessa classe e também as construções que evocam o *frame* dos verbos da classe dos psicológicos. Será utilizada, portanto, a teoria da Gramática de Construções de Goldberg (1995), segundo a qual uma construção é um par de forma-sentido em que a forma ou o sentido não são previsíveis das partes que compõem as construções. Dessa forma, nessa classe, encontraremos estas construções:

(03) a) José teme o cachorro.

b) José tem medo do cachorro.

(04) a) O cachorro amedronta Maria.

b) Maria (se) amedronta (com o cachorro).

c) O cachorro dá/põe/faz medo em Maria.

Na sentença (03a), temos uma construção integrada pelo verbo psicológico *temer* que pode ser classificada como acusativa não causativa, já que o verbo é transitivo, o sujeito é um *experienciador* e o SN objeto *o cachorro* é o *causador de experiência* da sensação provocada pelo verbo. Há vários outros verbos psicológicos que podem participar dessa construção, como *amar, adorar, odiar, invejar, estranhar, cobiçar, desejar, vingar*, etc. A sentença (03b) é semelhante à sentença (03a), pois o sujeito *José* continua sendo o *experienciador* do medo provocado pelo cachorro. A diferença é que, nessa construção, a sensação de medo não é inferida pelo sentido do verbo, mas, principalmente, pelo SN *medo*. As sentenças (04a) e (04b) exibem um verbo causativo-ergativo, sendo que, em (04a), temos uma construção causativa, já que SN *o cachorro* é o causador da experiência do SN objeto *Maria* e, em (04b), temos um construção ergativa, em que se ilustra o *experienciador* do medo na posição de sujeito. Na sentença (04c), observa-se, novamente, que a sensação de medo não é oriunda do verbo, mas da estrutura formada por *dá/põe/faz medo*. Além dessas construções, ressalte-se que, no período arcaico, segundo Madureira (2000, 2002), alguns verbos se apresentam em construções inacusativas (como por exemplo, o verbo *desesperar*).

Nesta pesquisa, as construções integradas por um verbo psicológico serão denominadas construções de sentimento com verbo psicológico (CSVPsico's). Nesse caso, a sentença (03a) é uma CSVPsico acusativa não causativa; (04a) é uma CSVPsico

causativa e, em (04b), temos uma CSVPsico ergativa. Nas construções (03b) e (04c), em que é a construção formada por verbo+objeto que denota um sentimento psicológico, defender-se-á que essas construções são construções com verbos leves (CVL's).

De acordo com Butt (2003), Butt e Lahiri (2013), Izumi *et al* (2011), Scher (2003) e Perini (ms.), o verbo leve apresenta menos conteúdo semântico e, por essa razão, a atribuição de papéis temáticos ocorre de forma composicional com outro elemento. Dessa forma, as construções *ter medo* e *dá/põe/faz medo*, respectivamente, das construções (03b) e (04c), composicionalmente, seriam responsáveis pela predicação. Por essa razão, em nossa pesquisa, denominaremos essas estruturas formadas por VL+objeto de núcleo predicativo. Como essas CVL's evocam o *frame* dos verbos psicológicos serão denominadas de construções de sentimento com verbos leves (CSVL's).

Há que se ressaltar que utilizaremos o conceito de *frame* desenvolvido por Fillmore (1975). O *frame* corresponde ao sistema de escolhas linguísticas, de regras gramaticais ou de categorias linguísticas de certos esquemas, estruturas de conceitos ou termos que se ligam como um sistema. De acordo com o autor, os *frames* são associados na memória a outros *frames*, pois compartilham materiais linguísticos e também se associam às *cenas*. Essas possuem um sentido mais geral do que o *frame*, isto é, incluem as cenas visuais, tipos familiares e culturais de interpretação, estruturas institucionais, crenças, ações e experiências humanas. Assim como os *frames*, as *cenas* também estão associadas a outras por causa dos seus contextos de ocorrência, semelhanças entre suas entidades, substâncias ou contextos de ocorrência. *Frames* e *cenas* estão, de tal modo relacionados, que Fillmore (1975), em vários momentos, trata esses conceitos como um modelo de *frames* e *cenas*.

Partindo dessa definição de *frame*, pode-se dizer que o *frame* de AMEDRONTAR pode ser evocado por meio de uma CSVPsico causativa, uma CSVPsico ergativa ou uma CSVL, visto que, nessas construções, temos os elementos que fazem parte desse *frame*, ou seja, a entidade *medo*, o *experienciador* do medo e o *causador do medo*.

No nosso trabalho, defendemos que as diferentes construções que constituem o *frame* dos verbos psicológicos estão relacionadas por *links* de herança. É possível notar, por exemplo, a semelhança sintático-semântica entre as CSVPsico's causativas e as ergativas. Além disso, no conceito de *frame* proposto por Fillmore (1975), o autor

afirma que os *frames* estão relacionados a outros *frames*, já que eles compartilham materiais linguísticos. Dessa forma, partimos da hipótese de que as CSVL's possuem *links* de herança com as construções com verbos plenos (CVP's) constituídas pelos mesmos verbos que as integram, pois, além de apresentarem um verbo em comum, essas construções apresentam semelhança sintática e semântica, como se pode observar nos exemplos que seguem:

(05) a) José pôs o bolo na mesa.

b) José pôs medo na Maria.

(06) a) José fez café.

b) José fez loucuras.

(07) a) José tem um carro.

b) José tem medo.

Observe-se que, nos exemplos de (05) a (07), em a, temos uma CVP e, em b, temos uma CSVL. Apesar dessa diferença, a semelhança sintática chama a atenção do leitor. Na sentença (05a), verifica-se uma construção de mudança de lugar, constituída por SN+V+SN+SPrep. Em (05b), temos a mesma estrutura sintática, mas o verbo nessa construção é leve e, em vez de denotar uma mudança de lugar, a construção denota uma mudança de estado do experienciador objeto. Os exemplos (06a) e (06b) apresentam a estrutura sintática SN+V+SN, mas, em (06a), temos uma construção resultativa, ou seja, José faz uma ação que tem como resultado o café e, em (06b), da ação de José resulta uma entidade abstrata. As sentenças (07a) e (07b) apresentam a mesma estrutura sintática dos exemplos (06), porém (07a) é uma construção de posse material e, em (07b), a posse é abstrata, visto que não se pode possuir o medo, mas ter a experiência dessa sensação.

A evidência dessas semelhanças sintáticas e semânticas nos fez retonar aos dados de Madureira (2000) e recolher todos os verbos que ocorreram nas CSVL's (ou construções analíticas/perifrásticas, como eram denominadas pela autora). Em seguida, voltando a alguns dos textos dos séculos XIV, XV e XVI, estudados pela autora, recolhemos todas as construções em que esses verbos ocorreram (suas CVP's e suas CVL's), sendo que foram computadas todas as CVL's, i.e., as construções de

sentimento com verbo leve (CSVL's), que evocam o *frame* dos verbos psicológicos e as mais diversas CVL's, que evocam os *frames* de verbos de outras classes. É necessário lembrar que as CSVPsico's já haviam sido recolhidas por Madureira e também fizeram parte dos dados.

O nosso objetivo principal é analisar as relações de herança entre essas construções, tomando como base os *links* de herança propostos por Goldberg (1995), que, por sua vez, utiliza o conceito de motivação presente em Lakoff (1987). Este autor defende que parâmetros sintáticos e semânticos podem ser herdados/motivados, gerando extensões de sentido. Goldberg, então, propõe *links* que relacionam a construção que apresenta um sentido mais geral às suas extensões de sentido. Como a pesquisa de Madureira (2000, 2002) dá indícios de que as relações de herança também são relações históricas e as pesquisas de Bybee (2006, 2010) mostram que a frequência de uso das construções pode impactar suas representações cognitivas, para o estabelecimento das relações de herança entre as construções, consideramos a história e a frequência da construção, além das relações sintático-semânticas, estabelecidas por Goldberg (1995). Além disso, a partir das relações de herança encontradas, realizou-se uma proposta de armazenamento das construções.

Com este trabalho, pretendemos, assim, contribuir para os estudos das construções da Língua Portuguesa, de suas extensões de sentido, incluindo os mecanismos cognitivos para o estabelecimento dessas extensões, e para os estudos sobre o funcionamento do armazenamento dos dados linguísticos.

## 0.2 Hipóteses

A hipótese central que guia a pesquisa é a de que uma construção A pode herdar as propriedades de uma construção B, por meio de *links* de herança. Goldberg (1995) defende que as construções se relacionam umas com as outras por meio de quatro tipos *links* de herança (cf. seção 2.1.2).

A pesquisa também se orienta pela hipótese de que o uso da língua pode impactar nossas representações mentais. Bybee (2006, 2010) argumenta que a frequência de uso contribui para o armazenamento e facilidade de acesso aos dados

linguísticos. Segundo a autora, os *tokens* idênticos são armazenados juntos e os *tokens* semelhantes são armazenados próximos a eles, formando *clusters de exemplos*. Além disso, a autora também declara que os itens mais frequentes das partes abertas das construções podem ser considerados os membros centrais, servindo de base analógica para a entrada de outros itens lexicais nas construções (cf. seção 2.1.4). Da mesma forma, acreditamos que as construções mais frequentes podem motivar outras construções, que herdarão sua estrutura sintática e semântica. Além disso, as pesquisas de Dogliani (2007) sinalizam que a frequência das estruturas morfológicas e sua relação com a função sintática do experienciador podem impactar as entradas lexicais dos verbos (cf. seção 1.3).

Também é tomada como hipótese a possibilidade de que as CVP's tenham motivado as CSVL's integradas pelos mesmos verbos, já que, segundo Fillmore (1975), *frames* diferentes podem estar conectados, quando compartilham material linguístico, nesse caso, o verbo. Ressalte-se também que tanto Brugman (2001), quanto Butt e Lahiri (2013) e Scher (2003) defendem uma relação entre o verbo pleno e o verbo leve (cf. as seções 1.2 e 1.2.1). Butt e Lahiri afirmam que, nas línguas em que as CVL's são possíveis, o verbo leve é uma forma idêntica ao verbo pleno. As autoras sugerem que os verbos leves estão conectados com sua versão plena em uma mesma entrada lexical subjacente. Brugman, trabalhando com o construto teórico do esquema de força dinâmica, defende que os verbos leves importam parte do esquema de força dinâmica dos usos plenos. Além disso, Scher (2003) conclui que a estrutura conceitual de *dar* leve é derivada da estrutura de *dar* pleno. Ademais, os exemplos de (05) a (07) nos mostram que as CVP's e as CSVL's integradas pelo mesmo verbo são semelhantes na forma e no sentido, o que parece sinalizar uma relação entre elas.

Outra hipótese considerada, nesta pesquisa, é que a análise dos *corpora* de língua escrita pretérita pode ajudar a reconstruir os caminhos percorridos pela língua no decorrer dos séculos. A análise dos dados nos ajudará a construir, com mais segurança, as relações de herança entre as construções, pois assumiremos que, junto com as relações sintático-semânticas e com o fator frequência, as formas mais antigas da língua podem motivar outras construções. Não se pode esquecer de que os estudos diacrônicos dos verbos psicológicos de Madureira (2000, 2002) sinalizam que as construções causativas precedem, historicamente, as construções ergativas, de forma que os dados históricos também podem mostrar uma precedência histórica das CVP's ou das CSVL's, o que pode ser indícios de relações de herança.

### 0.3 Objetivos

Tendo-se em conta as hipóteses supracitadas, configura-se, como objetivo geral da pesquisa estabelecer as relações de herança entre as construções evocadas pelos *frames* dos verbos psicológicos e as formas de armazenamento dessas construções.

Os objetivos específicos são:

- 1- Recolher todas as construções que evoquem os *frames* dos verbos psicológicos encontradas nos *corpora* analisados (os diferentes tipos CSVPsico's e de CSVL's).
- 2- Recolher todas as construções em que se identificarem os verbos leves, que ocorreram com os *frames* dos verbos psicológicos (as demais CVL's).
- 3- Recolher todas as construções em que se identificarem os verbos plenos, que apresentem os mesmos verbos das CVL's e CSVL's analisadas;
- 4- Verificar a frequência das CSVPsico's, das CSVL's, das CVP's e das CVL's.
- 5- Verificar os *links* de herança entre as construções com base nas relações sintático-semânticas, na história e na frequência das construções;
- 6- Verificar se as relações de herança propostas para as CSVL's podem se aplicar às CVL's.

### 0.4 Organização do texto

O primeiro capítulo trata do objeto de estudo da pesquisa, ou seja, nesse capítulo, apresentam-se trabalhos sobre as relações de herança, verbos leves e construções integradas por verbos psicológicos. Primeiramente, explicitam-se o conceito de relações de herança proposto por Goldberg (1995) e suas relações com as pesquisas de Lakoff (1987) e de Norrick (1981). Nesse capítulo, também serão apresentados os trabalhos que tratam de verbos leves e os diferenciam dos verbos plenos e dos auxiliares, como os estudos de Butt (2003), Butt e Lahiri (2003), Izumi *et al* (2011), Perini (ms.), Scher (2003) e Brugman (2001). Além disso, serão resenhados trabalhos que tratam dos verbos leves na língua portuguesa, como a pesquisa de Scher

(2003) sobre o verbo *dar*, a pesquisa de Viotti (2003) sobre o verbo *ter*, os estudos sobre a polifuncionalidade do verbo *fazer* de Machado Vieira (2003) e um trabalho sobre os verbos leves *dar*, *ter* e *fazer* de Assis (2009). Ademais, descrever-se-ão os estudos históricos de Mattos e Silva (1992, 2006) sobre verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, pois a nossa pesquisa também tem um viés diacrônico e, embora a autora não trate esses verbos como leves, as conclusões a que chega ajudam a corroborar nossas análises. Nesse capítulo, também serão resenhados os trabalhos de Cançado (1996), Madureira (2000, 2002) e a continuação de suas pesquisas como Dogliani (2007, 2011), Carvalho (2008) e Cunha (2010), que estudaram os verbos psicológicos no português brasileiro.

No segundo capítulo, apresentaremos a teoria da Gramática de Construções, proposta por Goldberg (1995) e trabalhos que tratam de conceitos relacionados a essa teoria, como as resenhas dos trabalhos de Fillmore (1968, 1971a, 1971b), Jackendoff (1972, 1987), Dowty (1989, 1991), Cançado (2002, 2005) e Perini (2008) sobre os papéis temáticos, os estudos sobre predicação de Franchi (2003) e Perini (ms.) e a teoria de Bybee (2006, 2010) sobre a frequência e armazenamento das construções. Também serão debatidos, nesse capítulo, os trabalhos de Lakoff (1987) e de Norrick (1981), que tratam das relações entre as construções, e dialogam com os estudos de Goldberg (1995).

No terceiro capítulo, explicitam-se a metodologia utilizada para o estabelecimento das relações de herança, os *corpora* utilizados e os fatores utilizados na análise.

A análise dos dados será realizada no quarto capítulo. Nesse capítulo, serão exibidas as informações quantitativas mais gerais das construções e dos verbos leves analisados. Em seguida, serão analisadas as relações de herança das construções integradas pelos verbos leves selecionados e será apresentada uma proposta de armazenamento dessas construções.

Nas considerações finais, apresentaremos os resultados alcançados e algumas questões que poderão ser desenvolvidas em pesquisas futuras.



## CAPÍTULO 1

---

### OBJETO DE ESTUDO

#### 1.1 Introdução

Nesta pesquisa, serão analisadas as relações de herança entre as construções instanciadas pelos *frames* dos verbos psicológicos encontrados nos *corpora* analisados. Segundo Goldberg (1995), as construções são as unidades básicas da língua e estão organizadas em uma rede muito bem estruturada, na qual estão relacionadas umas as outras por relações de herança. Nesse modelo, estabelece-se que uma construção pode herdar suas propriedades de construções consideradas mais centrais, gerando, assim, extensões de sentido. De acordo com a teoria construcional de Goldberg, as informações herdadas seriam capturadas por diferentes tipos de *links* de herança (cf. seção 2.1.2).

Isso significa, por exemplo, que uma construção bitransitiva tradicional, considerada mais central no modelo, como *Joe gave Sally the ball*, que denota que um argumento agente atua para causar a transferência de um objeto para um alvo, representada pela estrutura conceitual “X CAUSES Y TO RECEIVE Z”, poderia motivar outras construções, como:

(08) Joe permitted Chris an apple.

(09) Joe refused Bob a cookie.

Observe-se que as três construções apresentam a mesma estrutura sintática, mas, semanticamente, podem ser notadas pequenas variações de sentido, visto que, em (08), o sujeito torna possível a transferência, mas não a causa, denotando, assim, “X ENABLES Y TO RECEIVE Z” e, em (09), a transferência é possível, porém é negada pelo sujeito, o que permite representá-la, semanticamente, como “X CAUSES Y not TO RECEIVE Z”. Segundo a autora, quando a estrutura sintática de duas construções é

idêntica e se verificam pequenas variações de sentido entre elas, essas construções apresentariam relações de herança e estariam relacionadas por *links* de polissemia.

A autora afirma que as extensões de sentido também podem ocorrer devido a um mapeamento metafórico. Vejamos as sentenças a seguir:

(10) He gave Bob a glimpse.

(11) She gave him a wink.

(12) She blew him a kiss.

Goldberg afirma que as sentenças de (10) a (12) também são extensões de sentido das sentenças bitransitivas centrais, mas, nesses casos, ocorreu um mapeamento metafórico, no qual se verifica que as ações de um sujeito provoca a transferência de entidades a outra pessoa. Nas sentenças acima, ocorre a transferência metafórica de um *glimpse* (*vislumbre*), de um *wink* (*piscadela*) e de um *kiss* (*beijo*), respectivamente. Nesses casos, essas sentenças teriam relações de herança com as sentenças bitransitivas centrais e estariam relacionadas a elas por um *link* de extensão metafórica, visto que o objeto transferido das sentenças bitransitivas passaria a ser mapeado como entidades abstratas nas sentenças de (10) a (12).

A autora também defende outros tipos de conexões entre construções, como as que podem ser consideradas ocorrências especiais de outras. Goldberg cita o caso do verbo *drive* que, em inglês, pode significar *crazy* quando integra construções resultativas, como a seguir:

(13) Chris drove Pat mad/ bonkers/bananas/crazy/over the edge.

Nesse caso, haveria um *link* de instância entre as construções resultativas centrais e as construções resultativas com *drive*. Isto é, a construção resultativa com *drive* seria uma extensão de sentido das resultativas centrais.

Goldberg também propõe que algumas construções que apresentem partes de outras, mas existem independentemente, possam ser analisadas como extensões de sentido. A pesquisadora cita como exemplo a relação entre as construções resultativas, cuja estrutura semântica pode ser representada como CAUSE-BECOME e as construções resultativas intransitivas, que apresentam apenas BECOME em sua

estrutura conceitual. Podemos ilustrá-las com dados intuitivos do português, conforme se vê a seguir:

(14) A umidade apodreceu as laranjas.

(15) As laranjas apodreceram.

As duas construções são integradas pelo verbo *apodrecer*, mas a sentença (14) é uma construção de dois lugares, que licencia os papéis temáticos de *agente* e *paciente* e a sentença (15) é uma construção monoargumental, que projeta apenas o sujeito *paciente*. Essa correlação é muito estudada na literatura e os verbos que permitem essa alternância são tratados, normalmente, como causativo-ergativos<sup>1</sup>. Não obstante, para Goldberg, trata-se de um caso de relações de herança em que as construções resultativas motivaram as construções resultativas intransitivas.

Ao analisar as construções de *way*, Goldberg sugere que as construções mais centrais ou as construções motivadoras seriam as mais frequentes, as mais aceitáveis pelos falantes da língua e também as que precedem historicamente as outras. A autora aponta dois tipos de construções de *way*, que estão ilustradas a seguir:

(16) Sally made her way into the ballroom.

(17) Joe bought his way into the exclusive country club.

No primeiro caso, temos uma construção de *way* meio na qual um sujeito se move apesar da existência de algum tipo de obstáculo físico. Na sentença (16), pode-se entender que o salão estava repleto de pessoas ou obstáculos. Já a sentença (17), que é uma construção de *way* modo, denota uma moção muito mais metafórica, visto que há a necessidade de criar um caminho frente a um obstáculo metafórico. Em (17), parece ter havido algum tipo de entrave social para Joe entrar no clube de campo. Segundo Goldberg, a construção de *way* meio pode ser considerada a construção mais central e teria motivado a construção de *way* modo.

A autora apresenta evidências diacrônicas de que a construção de *way* meio precede historicamente a construção de *way* modo. A primeira citação do padrão de

---

<sup>1</sup> Vários pesquisadores brasileiros trataram dessa alternância, como Whitker Franchi (1989), Caçado (1996), Ciríaco e Caçado (2006), Ciríaco (2007), Madureira (2000, 2002), Carvalho (2008), Cunha (2010).

construção de *way* meio ocorre no ano de 1400, ao passo que a primeira citação da construção de *way* modo ocorre apenas em 1836. Apesar disso, Goldberg afirma que os dados diacrônicos não garantem que a construção de meio é mais básica sincronicamente, “mas providenciam evidência de que a extensão de meio para modo é uma mudança razoável para os falantes fazerem, uma vez que pelo menos uma geração de falantes estivesse disposta a estender o padrão exatamente dessa forma” (GOLDBERG, 1995, p. 203)<sup>2</sup>.

Além disso, Goldberg aponta outras evidências de que a construção de meio é mais central do que a construção de modo, a saber: i) as construções de modo são mais raras, ocorrendo em menos de 4% dos dados; ii) as construções de modo são consideradas pelos falantes menos aceitáveis ou mais marginais do que as construções de meio; iii) a interpretação diacrônica de meio precede a de modo em muitos séculos e iv) a forma sintática dessas construções origina-se da interpretação de meio, já que, de acordo com a autora, a mudança parece ocorrer de um caminho mais literal para um caminho mais metafórico, visto que as construções de *way* parecem ter se motivado das construções de criação e de moção, como se observa nestes exemplos:

(18) He made a path.

(19) He moved into the room.

A autora propõe que as construções de *way* herdaram aspectos das construções de criação, ilustrada em (18) e de moção, exibida em (19). As construções de criação projetam os papéis argumentos de tema-criador e de caminho-criado e as construções de moção apresentam um tema-criador e um caminho. Já as construções *way* são construções de três lugares que apresentam elementos das duas sentenças, ou seja, são formadas por um tema-criador, um caminho-criado e um caminho<sup>3</sup>.

Outro fato que corrobora a teoria de que as construções *way* estão relacionadas às construções de criação é o fato de que o verbo *make*, que normalmente significa *criar*, foi usado nas construções *way* quase três séculos antes de essa construção se estender a outros verbos.

---

<sup>2</sup> “(...)however, they do provide evidence that the extension from means to manner is a reasonable move for speakers to make, since at least one generation of speakers was willing to extend the pattern in just this way” (GOLDBERG, 1995, p. 203).

<sup>3</sup> Utilizou-se a nomenclatura da autora.

Como se pode ver, para estabelecer as relações de herança, Goldberg (1995) considera, principalmente, as relações sintático-semânticas entre as construções, mas também leva em consideração a história das construções e a frequência tanto da construção, como de seu membro central (ou o mais frequente, como se verá na seção 2.1.4).

As extensões de sentido também são exploradas no trabalho de Lakoff (1987). Nesse texto, analisando as construções de *there* do inglês, o autor propõe que as construções dêiticas *there* motivaram as construções existenciais *there*. Observem-se exemplos dessas construções a seguir:

(20) There's Harry with his red hat on.

(21) There was a man shot last night.

A sentença (20) é um exemplo de construção dêitica *there*, que denota a localização espacial física de uma entidade em relação a um falante. Conforme o autor, quando essa construção é empregada, o falante normalmente utiliza um gesto de apontar e o dêitico *there* recebe ênfase. Na sentença (21), exibe-se um exemplo de uma construção existencial *there*, que denota a existência de um evento. Nesse caso, o falante não utiliza um gesto de apontar e o dêitico não recebe ênfase, ao contrário, sua vogal é reduzida. Lakoff também distingue sintaticamente essas construções, como exemplo, destaca que as construções dêiticas não podem ser negadas ou encaixadas em outras sentenças e que, nas construções existenciais, *there* não pode ser substituído por *here*, ao passo que o mesmo não se verifica nas construções dêiticas.

Embora aponte muitas diferenças sintáticas e semânticas entre essas duas construções, analisando as extensões de sentido das construções dêiticas e existenciais, que denomina subconstruções, Lakoff observa que as subconstruções dêiticas *there*, ilustradas em (22) e (23), apresentam muitos traços em comum com as construções existenciais. Vejamos algumas subconstruções dêiticas *there*, a seguir:

(22) There goes the bell now.

(23) There's a nice point to bring up in class.

Na sentença (22), ilustrou-se a subconstrução dêitica perceptual, na qual o falante quer mostrar que o sino tocará novamente. Essa subconstrução denota uma

localização muito mais perceptual do que física, o que a aproxima da construção existencial *there*, que tampouco expressa uma localização física. As construções dêiticas discursivas, como a exibida em (23), também não apresentam uma localização no espaço físico, o que as distancia das construções dêiticas e as aproxima das construções existenciais *there*. Dessa forma, o autor defende que a presença de *there* nos dois tipos de construções não é mera coincidência, já que haveria um continuum entre as construções dêiticas *there* e suas subconstruções e as construções existenciais *there* e suas subconstruções, i. e., o autor defende que as construções dêiticas *there* motivaram as construções existenciais *there* (cf. seção 2.2.1).

Lakoff argumenta também que as línguas são estruturadas de modo a maximizar a motivação, visto que esse mecanismo facilitaria a eficiência cognitiva. De acordo com o autor, as construções são *gestalts*, ou seja, funcionam como um todo e não como a soma de suas partes. Assim, se uma construção é um bom *gestalt*, sendo mais fácil de aprender, de lembrar e de usar, uma variação dessa construção também seria um bom *gestalt*.

Outro autor que também trabalha com o conceito de motivação nas relações semânticas é Norrick (1981), cuja teoria dialoga com os trabalhos de semiótica. O autor defende que os mecanismos usados na competência semiótica são também usados na competência linguística. Assim, os princípios de motivação icônica e indexal da competência semiótica, que nos fariam reconhecer a semelhança entre um edifício e seu desenho ou a relação entre a galinha e o ovo, seriam também utilizados na competência linguística. Entretanto, nessa competência, são os princípios metafóricos e metonímicos que atuam nas extensões de sentido. Isso ocorreria, por exemplo, em sentenças como *A cachoeira riu*, em que o verbo *rir* denota uma ação humana, mas, nesse caso, pela atuação de um princípio metafórico, o traço (humano) do verbo teria sido retirado. Além disso, segundo o autor, alguns itens lexicais estariam associados por princípios metonímicos, como aqueles que são responsáveis pela conexão entre causa e efeito, vinculando palavras como negro-denegrir, quebrado-quebrar, desagradado-desagradar. Esse princípio também relacionaria expressões idiomáticas, conectando *dispatch to Hades* ao significado de *matar* ou *take pen in hand* ao de *escrever*. Importa destacar que Norrick não utiliza o modelo construcional e, por isso o autor propõe que os princípios metafóricos e metonímicos se aplicariam às entradas dos itens lexicais por meio de *via-rules* (cf. seção 2.2.2).

Os trabalhos de Lakoff (1987) e de Norrick (1981) não utilizam a expressão *relações de herança* para tratar das extensões de sentido entre as construções, porém dialogam com a proposta de Goldberg (1995), já que todos os autores mostram que essas extensões de sentido são motivadas. Verifica-se também que as transferências de sentido, na proposta dos pesquisadores, relacionam-se, estreitamente, com a transferência de traços semânticos de uma construção para outra. Ressalte-se, entretanto, que a transferência da estrutura sintática também é considerada por Goldberg, dependendo do *link* de herança envolvido, ou seja, para a autora, a construção motivada pode herdar a estrutura sintática e a estrutura semântica da construção motivadora. Norrick não trata da transferência da estrutura sintática (até porque considera apenas o item lexical) e Lakoff, em alguns momentos, verifica uma relação entre as estruturas sintáticas e as variações de sentido. Vimos também que Goldberg aponta os fatores frequência e história da construção como relevantes para o estabelecimento das relações de herança entre as construções.

Em nossa pesquisa, para verificarmos a existência de relações de herança utilizamos, principalmente, o modelo teórico desenvolvido por Goldberg (1995) e, indiretamente, as considerações de Lakoff (1987), muitas delas presentes na proposta de Goldberg, e de Norrick (1981). Defendemos que a herança se relaciona às relações sintático-semânticas entre as construções, como sustentam os autores citados, mas também consideramos como fatores relevantes de análise a frequência e a história das construções, que são mencionados por Goldberg na análise das construções *way*. Isto é, acreditamos que as relações de herança são também relações historicamente construídas.

Em relação à frequência, é importante lembrar que diversos trabalhos nas áreas de sintaxe e fonologia atestam a participação da frequência das palavras nas mudanças. Leslau (1969) mostra que as palavras mais frequentes são mais afetadas pela mudança fonética em várias línguas da Etiópia do que as palavras menos frequentes. Ao analisar a redução de vogais na língua inglesa, Fidelholtz (1975) apresenta uma inter-relação entre a frequência de palavras e a redução de vogais em certos meios. O autor destaca que “(...) palavras frequentes podem reter informações excepcionais historicamente em face de analogia, ou podem sofrer uma regra excepcional (...)” (p. 208)<sup>4</sup>. Analisando o

---

<sup>4</sup> “(...) relative Word frequency can be a linguistically significant variable: frequent words can retain exceptional formations historically in the face of analogy, or can undergo an exceptional rule (...)” (FIDELHOLTZ, 1975, p. 208).

papel da frequência no apagamento do /d/ e /t/ final da língua inglesa, Bybee (2000) observa que o apagamento está relacionado à frequência de palavras com esse contexto fonológico e à estrutura morfológica da palavra. Phillips (2001) procura ampliar a Hipótese da Atuação da Frequência (proposta em Phillips, 1984), segundo a qual as mudanças sonoras, que requerem uma reanálise, afetam as palavras menos frequentes, e, nos demais casos, as palavras mais frequentes são afetadas primeiro. No artigo de 2001, a autora observa, além da frequência, o papel da classe de palavra na mudança e defende que este fator tem precedência sobre aquele. A frequência de palavras também parece afetar as mudanças sintáticas, conforme se verifica no trabalho de Yue-Hashimoto (1993). A autora analisa as formas de perguntas neutras em vários dialetos do chinês e mostra que a nova variante (V-neg-V(P)) se espalha a partir dos verbos mais frequentes, como os de cópula, existenciais e possessivos, posteriormente, atinge os verbos optativos e, em seguida, todos os tipos de verbos. Além disso, segundo a teoria dos exemplares proposta por Bybee (2006, 2010), a frequência com que duas ou mais palavras são usadas juntas cria um *chunking* e a frequência de uso dessa construção a deixará mais forte e mais fácil de acessar do que uma construção pouco frequente (cf. seção 2.1.4). Por essa razão, defendemos que as construções mais frequentes funcionam como construções motivadoras, i.e., novos sentidos são gerados a partir dessas construções.

Em nossa proposta, consideramos também que as relações de herança são relações históricas, haja vista que, nos trabalhos de Madureira (2000, 2002), que serão apresentados na seção 1.3, há indícios de que, quando os verbos originalmente inacusativos e acusativos não causativos se causativizaram, surgiram estruturas ambíguas na língua, o que fez emergir as construções ergativas. Como Goldberg defende que construções que parecem ser subpartes de outras, mas existem independentemente, como se verifica com as causativas e ergativas, mantêm relações de herança entre si, e Madureira verifica uma precedência histórica das construções causativas em relação às ergativas, afirmamos que a história da construção deve ser considerada no estabelecimento das relações de herança e, por isso, serão utilizados dados dos séculos XIV ao XVI.

O nosso objetivo é verificar as relações de herança entre as diversas construções que evocam o *frame* dos verbos psicológicos. Os verbos dessa classe semântica são verbos de sentimento que apresentam obrigatoriamente um argumento experienciador. Como se viu na seção 0.1, os pesquisadores que estudam esses verbos dividem-nos em



dois grupos: os verbos acusativos não causativos e inacusativos e os verbos que realizam a alternância causativo-ergativa, como se pode ver nos exemplos:

(24) José ama Maria.

(25) José preocupa Maria.

(26) Maria (se) preocupa (com José)

Na sentença (24), temos um verbo acusativo não causativo, em que o SN *José* é o *experienciador* e o SN *Maria* é *causador da experiência*. Destaque-se que esse tipo de verbo não permite que o argumento objeto vá para a posição de sujeito, com a mesma interpretação que temos em (26). Já as sentenças (25) e (26) são claramente relacionadas, pois, nas duas orações, encontramos o mesmo verbo e os mesmos papéis temáticos estão envolvidos, ou seja, um *experienciador* e um *causador de experiência*, mas, na sentença (25), o *experienciador* é o sujeito e o *causador de experiência* é o objeto e, em (26), é possível notar que o sujeito *experienciador* é o objeto da sentença (25).

Ao analisar as principais propriedades dos verbos psicológicos em textos dos séculos XIV ao XX, Madureira (2000, 2002) observa que muitos desses verbos que são recorrentes nos dias atuais não ocorrem no período arcaico. Entretanto, no lugar desses verbos, encontra diversos tipos construções analíticas que remetem ao *frame* dos verbos psicológicos, conforme se pode ver nos exemplos ilustrados com dados intuitivos:

(27) Maria fica/está/é preocupada.

(28) Maria põe/dá/causa preocupação em José.

Como se pode ver, o *frame* de PREOCUPAR pode ser atualizado por meio de construções integradas por verbos dessa classe (CSVPsico's), ilustradas em (24), (25) e (26), mas também por meio das construções analíticas, exibidas em (27) e (28). Importa destacar que o elemento responsável por evocar o *frame* desse verbo, nessas construções analíticas, é o substantivo *preocupação*, em (28), ou adjetivo *preocupada*, em (27). Os verbos *ficar*, *estar*, *ser*, *pôr*, *dar* e *causar* das construções acima apresentam pouco conteúdo semântico e, nesses casos, a predicação ocorre de forma composicional com o substantivo/adjetivo. Por essa razão, neste trabalho, defendemos que os verbos presentes

em construções como (27) e (28) são leves e essas construções com verbos leves que remetem ao *frame* dos verbos psicológicos serão denominadas de construções de sentimento com verbo leve (CSVL's).

Nesta pesquisa, pretende-se mostrar que as construções de (24) a (28) apresentam relações de herança, já que todas estão relacionadas pelo sentido. Além disso, como Fillmore (1975) sugere que os *frames* que compartilham materiais linguísticos estão conectados uns aos outros, aventamos a hipótese de que CSVL's que ocorreram nos dados de Madureira (2000, 2002) manteriam relações de herança com as construções de verbos plenos (CVP's) integradas por esses mesmos verbos. Há que se destacar que essa teoria já havia sido considerada por Goldberg (1995). Embora não tenha tratado as construções como *give a glimpse*, *give a wink* e *blow a Kiss* (cf. exemplos (10), (11) e (12)), como construções com verbos leves (CVL's), a autora defende que essas construções estão relacionadas por *links* de extensão metafórica às construções bitransitivas, cujo verbo é pleno. Além disso, como se verá na seção 1.2.1, tanto Brugman (2001) como Butt e Lahiri (2013) defendem uma relação entre o verbo pleno e o verbo leve. De forma semelhante, acreditamos que as CVP's e CSVL's integradas pelos mesmos verbos e que apresentam uma coerência sintática e semântica mantêm relações de herança. Vejamos algumas dessas construções:

(29) a) Maria deu um bolo para José.

b) Maria deu um susto em José.

(30) a) Maria perdeu sua aliança de casamento.

b) Maria perdeu o amor de sua vida.

Observe-se que, nas sentenças (29) e (30), em a, ilustraram-se CVP's, em que os verbos *dar* e *perder* são verbos significativos, apresentando suas funções lexical, temática e simbólica e, em b, exibiram-se CSVL's, nas quais o conteúdo semântico está mais a cargo dos substantivos *susto* e *amor* do que dos verbos *dar* e *perder* e, por isso, a predicação ocorre de forma composicional por meio da estrutura verbo+objeto (cf. seção 1.2). Apesar de apresentarem essas diferenças, pensamos que a semelhança sintática entre as CVP's e as CSVL's e o fato de o mesmo verbo integrar os dois tipos de construções não é coincidência. Isso ocorre, porque se trata de um mecanismo linguístico bastante produtivo (como se verá) de gerar extensões de sentido, no qual

uma CSVL herda sua configuração sintática de uma CVP e os argumentos dessa CVP sofrem um mapeamento metafórico para gerar o sentido das CSVL's.

Portanto, para verificar as relações de herança entre as CSVPsico's, entre as CSVL's e as CVL's e as CVP's, retornamos à pesquisa de Madureira (2000). Nos *corpora* da autora dos séculos XIV ao XVI (optamos por um recorte temporal menor), foram recolhidas todas as ocorrências dos verbos que ocorreram como leves nos dados da autora, isto é, selecionamos as construções em que esses verbos funcionaram como verbos plenos (CVP's), as construções em que funcionaram como VL's, remetendo ao *frame* de verbos psicológicos (CSVL's) ou remetendo a *frames* de outras classes semânticas (CVL's), a fim de verificar e explicar as relações de herança entre as construções instanciadas pelos *frames* dos verbos psicológicos. Também foram recolhidos todos os tipos de CSVPsico's nos *corpora* de Madureira para verificar a relação de herança dessas construções com as CSVL's encontradas.

Nas próximas seções, então, vamos apresentar resenhas sobre os verbos leves, os verbos plenos e suas diferenças, além de apresentarmos trabalhos sobre os verbos leves e sobre os verbos psicológicos na língua portuguesa. Embora a maior parte dos trabalhos resenhados não adote o modelo construcional, poder-se-á perceber que, indiretamente, as pesquisas apresentadas tratam das diferentes construções estudadas, i. e., das CVL's, das CVP's, das CSVL's e das CSVPsico's.

## 1.2 Definição de verbos leves

De acordo com Butt (2003), o termo *light verb* foi cunhado pela primeira vez por Jespersen (1965) para as construções da língua inglesa formadas por V+SN, como *have a rest (a read, a cry, a think)*, *take a sneak (a drive, a walk, a plunge)* e *give a sigh (a shout, a shiver, a pull, a ring)*. Nessas construções, pode-se ver que esses verbos não são predicativamente “cheios”, “os verbos, portanto, parecem ser mais um licenciador verbal para nomes” (BUTT, 2003, p. 1)<sup>5</sup>. Entretanto, ainda segundo a autora, esses verbos tampouco são desprovidos completamente de poder predicativo, visto que existe uma diferença clara entre *give a bath* e *take a bath*, por exemplo.

---

<sup>5</sup> “The verbs therefore seem to be more of a verbal licenser for nouns.” (BUTT, 2003, p. 1)

Butt (2003) e Butt e Lahiri (2013) defendem que uma das propriedades centrais dessa classe é que os verbos leves sempre são uma forma idêntica dos verbos principais ou plenos. Butt (2003) mostra também que as construções com verbo leve (CVL's) podem ser analisadas como predicados complexos, no sentido em que designam uma construção na qual estão envolvidos dois ou mais elementos predicativos que predicam como um só. Assim, seus argumentos estão mapeados dentro de uma estrutura sintática monoclausal (tem apenas um sujeito e não apresentam uma oração encaixada)<sup>6</sup>.

Izumi *et al* (2011, p. 148) também advogam que as CVL's formam um tipo de predicado complexo “no qual um nome verbal (por exemplo, *a tentativa*; NV) e o verbo leve (por exemplo, *dar*, VL) formam uma unidade semântica única”<sup>7</sup>. Os autores destacam também que o significado da construção é transmitido, principalmente, pelo substantivo que acompanha o verbo leve e o verbo perde o seu papel de predicador principal e, por essa razão, “as CVL's geralmente têm o mesmo significado da forma verbalizada do substantivo (por exemplo, “give a try” significa “tentar”)” (IZUMI *et al*, 2011, p. 149)<sup>8</sup>.

Izumi *et al* (2011) apresentam dois problemas relacionados às CVL's: i) o verbo leve dessas construções não é completamente vazio e ii) a ambiguidade da estrutura. Os autores partem destes exemplos do japonês para explicarem o primeiro problema apresentado<sup>9</sup>:

(31) a. *henkou* (VN)    -*o*(P)    -*okonau* (LV)  
           change            ACC        carry out  
           “change (literalmente, realizar a mudança)”

b. *henkou* (VN)    -*o*(P)    -*shiiru* (LV)  
           change            ACC        force  
           “forçar alguém a mudar”

<sup>6</sup> Neste trabalho, a construção formada por verbo leve+objeto serão denominadas núcleo predicativo.

<sup>7</sup> “(...)in which the verbal noun (e.g., try; VN) and the light verb (e.g., give; LV) form a single semantic unit” (IZUMI *et al*, 2011, p. 148)

<sup>8</sup> “(...) LVCs often have the same meaning as the verbalized form of the noun (e.g., “give a try” means “try”) (IZUMI *et al*, 2011, p. 149)

<sup>9</sup> Exemplos retirados de Izumi *et al*, 2011, p. 150.

Em (31a) o agente do NV (nome verbal) é o sujeito e, em (31b), observa-se uma construção causativa, sendo que o verbo leve *shiiru* indica a causatividade da ação do predicado de NV.

Em relação ao segundo problema mencionado, Izumi *et al* (2011) destacam que os verbos leves exibem uma ambiguidade, já que a mesma forma funciona como verbo leve e como verbo significativo, dependendo do substantivo que os acompanha, como se observa nos seguintes exemplos<sup>10</sup>:

(32) a. *adobaisu* (VN)    -o(P)    -ataeru(LV)  
           advise                ACC    give  
           “give advice”

b. *kinchou* (VN)    -o(P)    -ataeru (LV)  
           tension                ACC    give  
           “make someone nervous (literalmente, dar uma tensão)”

c. *copii*(VN)    -o(P)    -ataeru (LV)  
           copy                ACC    give  
           “give someone a copy”

Nas três sentenças apresentadas em (32), temos o mesmo verbo leve *ataeru* “dar”, a mesma estrutura sintática (NV-P-VL)<sup>11</sup>, mas os nomes verbais são diferentes, visto que em (32a), o substantivo é *adobaisu* “conselho”; em (32b), *kinchou* “tensão” e, em (32c), *copii* “cópia”. Além disso, nos dois primeiros exemplos, temos uma CVL, que pode ser parafraseada por verbo correspondente ao significado do substantivo que acompanha o verbo leve, o que não ocorre em (32c).

A literatura sobre verbos leves em língua portuguesa também mostra que as características dessa classe, apontadas por Butt (2003), Butt e Lahiri (2013) e Izumi *et al* (2011) aplicam-se aos dados dessa língua. Conforme Perini (ms.), um verbo pleno deve:

<sup>10</sup> Exemplos retirados de Izumi *et al*, 2011, p. 150.

<sup>11</sup> As CVL's não são iguais em todas as línguas. No japonês, segundo Izumi *et al*. (2011), os verbos leves analisados aparecem em estruturas formadas por um nome verbal (NV)+ partícula de caso (P)+verbo leve (VL). No português, como se verá neste trabalho e nas resenhas realizadas na seção 1.2.3, as CVL's são formadas por VL+SN, VL+SPrep, VL+SN+SPrep, VL+SAdj (cf. capítulo 4).

- (a) especificar a natureza de um evento, estado, mudança de estado etc. (**função semântica lexical**);
- (b) identificar um conjunto de papéis temáticos associados a seu significado (**função temática**);
- (c) distribuir os papéis temáticos entre os diferentes complementos (**função simbólica**).

Assim, pode-se dizer que um verbo pleno como *amedrontar*, em relação à natureza do evento, denota uma mudança de estado psicológico; quanto à função temática, atribui os papéis temáticos de *experienciador* e *causador de experiência* e, no que tange à função simbólica, pode codificar o *causador de experiência*, na posição de sujeito, e de *experienciador*, na posição de objeto, quando integra uma construção causativa e codificar o sujeito de *experienciador*, quando integra uma construção ergativa.

As funções destacadas acima não seriam integralmente cumpridas por um verbo leve. Observe-se o exemplo a seguir:

(33) José tem medo.

Nesse caso, pode-se dizer que o verbo *ter* especifica a natureza do evento (é um evento estativo), mas é difícil dizer que esse verbo sozinho projeta os papéis temáticos associados a seu significado e os distribui a diferentes complementos. Nessa construção, observe-se que o verbo *ter* apresenta pouco conteúdo semântico e o significado da construção é expresso principalmente pelo substantivo *medo*. Além disso, Perini (ms.) também defende que, quando se tem uma sequência de verbo leve+objeto, essa estrutura funciona como um verbo simples, como também argumentam Izumi *et al.* (2011). Em (33), por exemplo, poderíamos substituir *José tem medo* por *José teme*.

Scher (2003) chama a atenção para a atribuição de papéis temáticos nas construções com verbos leves e argumenta, assim como Butt (2003) e Izumi *et al.* (2011), que as CVL's formam predicados complexos. Para defender sua posição, a autora cita estes exemplos:

- (34) O João deu um presente para o Paulo.  
 (35) A Maria deu a vassoura ao Luís.  
 (36) O José deu uma varrida na sala.  
 (37) A Joana deu uma olhada no nenê.

Em relação à atribuição de papéis temáticos, Scher destaca que, nas frases (34) e (35), o verbo *dar* atribui os papéis temáticos de *fonte* aos sujeitos *João e Maria*, os papéis de *tema* aos SN's *um presente e a vassoura* e de *alvo* aos SN's *o Paulo e o Luís*. Nessas sentenças, portanto, temos uma transferência de posse de um objeto de uma fonte para um alvo.

Entretanto, nas sentenças (36) e (37), conforme a autora, os papéis de *fonte*, *tema* e *alvo* não se aplicam aos elementos *O José, A Joana, uma varrida, uma olhada, na sala e no nenê*. Tampouco se pode observar uma transferência de posse de uma fonte para um alvo. Isso ocorre, porque o verbo *dar* não é o único elemento responsável pela predicação nesses exemplos. De acordo com a autora, a atribuição de papel temático aos SN's *O José e A Joana* e aos SPrep's *na sala e no nenê*, respectivamente das frases (36) e (37), deve-se ao predicado complexo formado pelo verbo leve e os elementos nominais *uma varrida e uma olhada*.

Além de definir esses verbos, é necessário também mostrar a relação existente entre o verbo leve e o respectivo verbo pleno e diferenciá-los dos verbos auxiliares, visto que muitos verbos leves aparecem também como auxiliares.

### 1.2.1 A relação entre os verbos leves e os verbos plenos

Butt e Lahiri (2013) mostram uma estreita relação entre os verbos leves e os verbos plenos. Por meio de análise de dados de línguas, defendem que, nas línguas em que a ocorrência do verbo leve é possível, esse é uma forma idêntica ao verbo principal.

As autoras analisam, principalmente, os predicados complexos formados por V-V, em que o primeiro verbo é o verbo pleno e não carrega qualquer flexão e o segundo, o verbo leve, carrega as marcações de tempo/aspecto e está flexionado de acordo com os padrões que governam a flexão de verbo simples. Observando dados de língua

pretérita, como do velho Hindi, Butt e Lahiri notaram que essas formas são muito próximas das formas modernas da língua. Assim, as autoras propõem um modelo em que os verbos leves estão conectados com sua versão plena em uma mesma entrada lexical subjacente e os auxiliares estariam conectados com os verbos principais, como se mostra a seguir<sup>12</sup>:

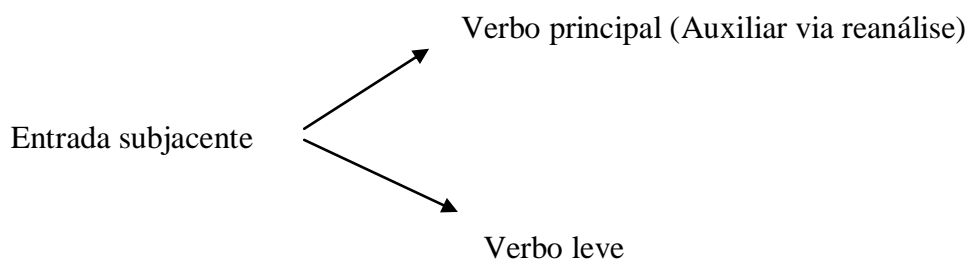


Figura 1- Relação entre os verbos plenos, leves e auxiliares.

Partindo de Dowty (1991), que introduziu a noção de acarretamentos lexicais, as autoras defendem que essa entrada lexical subjacente comum para os dois tipos de verbos consiste de um conjunto de acarretamentos lexicais. Nesse sentido, o conteúdo semântico dos verbos é feito por um conjunto de acarretamentos que detalha se se trata de um evento volitivo, se há uma meta ou uma mudança de estado, etc. Essa entrada subjacente, além disso, estaria relacionada com o nosso conhecimento de mundo, que nos faz saber que alguns eventos não são volitivos ou que possuem sentido descendente (informação que, normalmente, é providenciada por um verbo leve nessa língua). Essas informações devem influenciar a estrutura argumental em relação aos tipos de argumentos realizados na sintaxe. Entretanto, a informação sobre os subeventos da predicação verbal ou a estrutura argumental sintática não está codificada nessa representação subjacente comum. Essa informação ocorre apenas quando a escolha da predicação foi feita, isto é, se o conjunto de acarretamentos lexicais fluirá para a escolha de um verbo pleno ou de um verbo leve. Dessa forma,

<sup>12</sup> Figura retirada de Butt e Lahiri (2013, p. 24).



Quando o verbo entra na sintaxe como um verbo pleno, predica como um evento cheio, com uma gama completa de argumentos participantes. Quando o verbo entra na sintaxe como um verbo leve, isto é, com uma fenda para a distribuição espacial dos verbos leves na língua, então, seu conteúdo semântico lexical deve combinar com um evento de predicação cheio. Portanto, dependendo do papel sintático do verbo, a informação contida nele é empregada de forma diferente (BUTT e LAHIRI, 2013, p. 24)<sup>13</sup>.

As autoras declaram que nem todos os verbos permitem seu uso como leve, mas destacam que alguns verbos leves são comuns em muitas línguas, como *come, take, give, hit, throw, rise, fall* e *do/make*. Por essa razão, pode-se pensar nesse conjunto de verbos como *passpartouts*, o que significa que “suas especificações semânticas lexicais são tão gerais que eles podem ser usados em múltiplos contextos, isto é, eles se ‘encaixam’ em muitas constelações”<sup>14</sup>. Além disso, segundo as autoras, são esses verbos que conseguem entrar em predicções complexas e, normalmente, funcionam como auxiliares ou modais. Observe-se que as autoras não acreditam que a forma leve é derivada da forma significativa, mas que existe uma entrada subjacente que permite ambos os usos.

Brugman (2001) também defende uma forte relação entre os verbos plenos (denominados pela autora de “heavy verbs”) e suas contrapartes leves. A autora cita o exemplo do verbo *give* em língua inglesa e o contrapõe ao verbo *suru* do japonês. Partindo do trabalho de Grimshaw e Mester’s (1988), Brugman destaca que, no japonês, o verbo leve *suru* é considerado incapaz de atribuir papel temático a seus argumentos. Entretanto, de acordo com a autora, o mesmo não parece ocorrer em inglês, visto que o verbo *give*, mesmo na sua acepção leve, não é nulo. A autora apresenta estes exemplos<sup>15</sup>:

(38) Lin missed the show.

(39) Lin gave the show a miss.

---

<sup>13</sup> “When the verb enters the syntax as a main verb, it predicates as a full event with a full range of argument participants. When the verb enters the syntax as a light verb, i.e., is slotted into the distributional space for light verbs in a language, then its lexical semantic content must combine with a full event predication. Thus, depending on the syntactic role of the verb, the information contained in it is deployed differently” (BUTT e LAHIRI, 2013, p. 24).

<sup>14</sup> “(...) their lexical semantic specifications are so general that they can be used in multitude of contexts, that is, they ‘fit’ many constellations” (BUT, LAHIRI, 2013, p. 24).

<sup>15</sup> Exemplos retirados de Brugman (2001, p. 563).

Conforme Brugman, em (38), *Lin* perdeu o show acidentalmente, mas (39) implica que a ação ocorreu deliberadamente. Assim, a autora destaca que “certas propriedades de agentividade do sujeito são impostas por GIVE” (BRUGMAN, 2001, p. 563). Brugman trabalha com o construto teórico do esquema de força dinâmica desenvolvido por Talmy (1985, 1988), que o define como

(...) construções cognitivas de interações de entidades com respeito à força – a aplicação da força, a resistência à força, a superação da resistência, a força de bloqueio e a remoção daquele bloqueio, etc – e constituem a base da organização dos princípios do significado lexical (ou léxico-gramatical) e diferenciação lexical (...)” (BRUGMAN, 2001, p. 558)<sup>16</sup>.

Brugman ressalta que a noção de força dinâmica de Talmy se relaciona com o conceito de Langacker de fonte de energia e redução de energia ou, mais especificamente, de fluxo de energia, que estão também relacionados com os macro-roles de Actor e Undergoer e com os proto-roles de Dowty (1991). Nessa direção, Brugman defende que certos aspectos dos sentidos comuns (ou plenos) dos verbos servem como base para seu uso estendido como verbo leve, apelando para a força dinâmica como um organizador dessas extensões. Em outras palavras, os usos leves dos verbos importam parte do esquema de força dinâmica dos usos plenos ou básicos, normalmente quando existe, no uso básico, um domínio físico para um domínio mais abstrato que pode incluir fatores psicológicos. Por exemplo, um dos usos plenos de *take* pode ser exemplificado na frase *Sandy took the book (from Ashley/off the table)*. Nesse caso, a força dêitica central vem do sujeito e volta para ele. De acordo com a autora, em CVL’s como *take a walk/shower/sniff*, o esquema de força dinâmica de *take* pleno, que envolve a ação e a intenção do sujeito, é importado para essas construções.

É interessante notar que tanto Brugman como Butt e Lahiri (2013) defendem uma relação entre o verbo pleno e o verbo leve. Nesta tese, também pretendemos fazer essa relação, no entanto, mostraremos que as CVP’s motivaram as CVL’s e essas construções estão relacionadas por *links* de herança. Como se verá, na seção 2.1, há

---

<sup>16</sup> “(...) cognitive constructions of entities’s interactions with respect to force – the exertion of force, the resistance to force, the overcoming of resistance, the blocking of force and removal of that blockage, and so on – and constitute basic organizing principles of lexical (or lexico-gramatical) meaning and lexical differentiation; (...)” (BRUGMAN, 2001, p. 558).

mais vantagens em se trabalhar com o conceito de construção do que com o conceito de item lexical.

### 1.2.2 Os verbos auxiliares e os verbos leves

Butt e Lahiri (2013) elencam algumas razões para se distinguirem os verbos auxiliares e os verbos leves. Segundo as autoras, no Programa Minimalista, o “v” tem sido a posição natural dos verbos dessa classe, que também é ocupada com os verbos auxiliares e os modais. As autoras mostram também que alguns autores, como Hook (1991), consideram que esses verbos são um estágio no processo de gramaticalização dos verbos principais para os auxiliares.

Não obstante, ao analisar o Urdu, as autoras observaram, por exemplo, que os verbos plenos e os verbos leves apresentam a propriedade de reduplicação, como se verifica nos exemplos a seguir:

(40) a) vo                      **so-ti**                      t<sup>h</sup>-i  
 Pron.3.Sg.Nom sleep-Impf.F.Sg. be. Past-Sg.F  
 ‘She used to sleep.’

b) vo                      **so-ti**                      **voti**                      t<sup>h</sup>-i  
 Pro.3.Sg. Nom sleep-Impf.F.Sg sleep.Redup be.Past-Sg.F  
 ‘She used to sleep (and such like things).’

(41) a) vo                      so                      **dʒa-ti**                      t<sup>h</sup>-i  
 Pro.3.Sg.Nom sleep go-Impf.F.Sg be.Past-Sg.F  
 ‘She to used to go to sleep.’

b) vo                      so                      **dʒa-ti**                      **vati**                      t<sup>h</sup>-i  
 Pron.3.Sg.Nom. sleep go-Impf.F.Sg go.Redup. be.Past-Sg.F  
 ‘She used to keep going to sleep (at inopportune moments).’

(42) a) vo	so-ti	<b>t<sup>h</sup>-i</b>	
Pron.3.Sg.Nom	sleep.Impf.F.Sg	be.Past-Sg.F	
‘She used to sleep.’			
b)*vo	so-ti	<b>t<sup>h</sup>-i</b>	<b>si</b>
Pron.3.Sg.Nom	sleep.Impf.F.Sg	be.Past-Sg.F	be.Redup
‘She used to sleep.’			

No exemplo (40), vemos uma construção com um verbo principal e um auxiliar, mas somente o verbo principal pode aparecer duplicado, como se vê em (40b). Em (42), verifica-se a mesma construção, mas a construção com o verbo auxiliar duplicado é considerada agramatical, como nos mostra (42b). Já em (41), temos uma construção V-V, com um verbo pleno e um verbo leve e constata-se que a duplicação do verbo leve é possível. Butt e Lahiri (2013) afirmam que, no Urdu, o primeiro verbo é o verbo pleno e não carrega qualquer flexão na construção V-V (a CVL nessa língua). O segundo verbo é o verbo leve e é responsável por carregar a marcação de tempo e aspecto, além de estar flexionado de acordo com os padrões da língua.

Outra diferença entre as duas classes, conforme as autoras, é o fato de os auxiliares se apresentarem com apenas uma parte do paradigma verbal, ao passo que os verbos leves podem ocorrer em todo o paradigma. Os verbos leves, segundo elas, flexionam-se como suas contrapartes plenas.

Após realizar uma análise histórica, Butt (2003) observou também que os verbos leves não são sujeitos à mudança histórica, mas os auxiliares são. A autora mostrou que as CVL's são identificadas ao longo de milhares de anos, ou seja, trata-se de uma construção relativamente estável na língua. Assim, “os verbos leves, então, parecem ser historicamente estáveis, muito ao contrário do que tem sido documentado para os auxiliares” (BUTT, 2003, p. 16)<sup>17</sup>.

Em português, como se verá, muitos verbos leves também são usados como verbos auxiliares, mas, nesta tese, serão analisados apenas os usos leves desses verbos.

---

<sup>17</sup> “Light verbs thus appear to be historically stable, very much unlike what has been documented for auxiliaries” (BUTT, 2003, p. 16).

### 1.2.3 Os verbos leves na língua portuguesa

Nesta seção, serão apresentadas as resenhas de pesquisadores que trabalharam com os verbos leves na língua portuguesa. Dessa forma, serão apresentados os trabalhos de Scher (2003) sobre o verbo *dar*, a pesquisa de Viotti (2003) sobre o verbo *ter*, os estudos sobre a polifuncionalidade do verbo *fazer* de Machado Vieira (2003) e um trabalho sobre os verbos leves *dar*, *ter* e *fazer* de Assis (2009). Convém destacar que os estudos de Mattos e Silva (1992, 2006) dos verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar* também serão apresentados, em primeiro lugar, porque a autora realiza um estudo histórico desses verbos e, em segundo lugar, porque, embora a autora não tenha analisado esses verbos como leves, seus resultados ajudam a corroborar nossas análises.

#### 1.2.3.1 Estudos recentes de verbos leves no português

Sher (2003) para analisar as CVL's integradas pelo verbo *dar* no português brasileiro compara as teorias utilizadas por Campbell (1989), em que o autor analisa o verbo leve *give* do inglês, e por Basílio *et al.* (1994), que trata da representação lexical de expressões com *dar*+SN. Campbell (1989) defende que as sentenças com o verbo *give* leve são tipos especiais de expressões idiomáticas, porém aquelas apresentam uma estrutura mais transparente do que estas. Já Basílio *et al.* (1994) argumentam que os verbos *dar* pleno e *dar* leve apresentam a mesma estrutura conceitual básica.

Scher demonstra que a teoria de Basílio *et al.* não se sustenta, pois, em primeiro lugar, a estrutura conceitual básica de *dar* deve incluir, de acordo com a autora, as seguintes noções: causação, voluntariedade, ponto de partida e de chegada, afetação e movimento, mas, nas construções com *dar* leve, nem todos esses conceitos se mantêm. Por exemplo, declara que, em construções como *dar beijo*, *dar bronca* e *dar opinião*, não se verifica movimento ou transferência de posse a um determinado receptor. No entanto, nessas construções, haveria afetação, mas essa ocorreria não pelo evento de transferência de beijos, ou broncas, mas pelos eventos de *beijar* ou *bronquear*. Assim, a

hipótese de Basílio *et al.* de manutenção da mesma estrutura conceitual para os verbos *dar* pleno e *dar* leve, para Sher, não se sustenta. A autora também cita exemplos em que a construção com o verbo *dar* leve teria causação involuntária, traço não apresentado na entrada de *dar* pleno, como os exemplos (43) e (44), exibidos a seguir<sup>18</sup>.

(43) O copo deu uma quebrada. Cuidado!

(44) Deu uma esfriada agora de manhã.

Conforme a autora, não se quer dizer, com isso, que o verbo *dar* leve se assemelha ao *dar* das expressões idiomáticas, já que aquelas são bastante produtivas e impõem menos restrições aos seus complementos.

Outra conclusão importante a que chega a autora refere-se à informação relevante para a formação das CVL's integradas por *dar*. A autora observa que, em alguns casos, a formação da CVL é bloqueada. Vejamos os exemplos apresentados por Scher (2003, p. 215):

(45) De repente, ouvi um barulho estranho.

(46) \*De repente, dei uma ouvida num barulho estranho.

(47) Vou dar uma ouvida legal no seu CD.

(48) Senti frio.

(49) \*Dei uma sentida de frio.

(50) Demos uma sentida no ambiente e saímos.

(51) Você precisa dar uma sentida nesse cheiro. È bárbaro!

Os exemplos (45) e (48) não permitem uma leitura de causação, e, conseqüentemente, as sentenças (46) e (49), em que se tentou formar uma CVL são agramaticais. Por outro lado, as sentenças (47), (50) e (51), que apresentam os mesmos elementos, são bem formadas. Como a autora destaca, em todos esses casos os sujeitos das sentenças apresentam volição. A conclusão é que os verbos leves não são vazios semanticamente, pois podem impor restrições a seus argumentos.

Scher conclui que a estrutura conceitual de *dar* leve é derivada da estrutura de *dar* pleno, “em que a noção de causação pode ser subspecificada para [+voluntário] ou

<sup>18</sup> Exemplos retirados de Scher (2003, p. 2013).

[-voluntário]. Somente a combinação deste verbo a um elemento nominal que denote um evento de causação poderá determinar o valor desta especificação (...)” (SCHER, 2003, p. 217).

Ao analisar as construções integradas pelo verbo *ter*, Viotti (2003) defende a teoria de que existe apenas um verbo *ter* no PB. A autora argumenta que *ter* é polissêmico, porque ele é um verbo leve e também, porque as relações de sentido que ocorrem dentro da sentença são o resultado de uma interpretação composicional, i. e., a predicação ocorre de forma composicional. Para apresentar seus argumentos, a autora exhibe estas frases<sup>19</sup>:

(52) A Joana tem um carro novinho em folha. (Posse alienável)

(53) O Pedro tem cabelo castanho escuro. (Posse inalienável)

(54) O Paulo tinha dores de cabeça terríveis. (Experiência)

(55) Aquela caixa tem todos os documentos. (Locação)

(56) A Suzana gosta de ter os filhos sempre debaixo de suas asas. (Controle do sujeito)

(57) A Júlia tem participado de todos os congressos. (Verbo auxiliar formador de perífrase)

(58) Tinha muita gente na festa. (Sentença existencial)

De acordo com a autora, o verbo *ter* não estabelece relação de predicação com seus argumentos, não atribui papel temático ou impõe qualquer restrição. Analisando as frases, por exemplo, a autora destaca que, em (52), o sujeito é [+animado/+humano] e o objeto é [-animado] e a construção é de posse alienável; em (53) e em (54), temos os mesmos traços para o sujeito e para o objeto, mas a construção (53) é de posse inalienável e, na sentença (54), obtém-se uma interpretação de experiência; em (55), o sujeito é inanimado e a construção é locativa; em (56), o sujeito e o objeto são humanos e o sujeito parece ter controle sobre o evento; na sentença (57), o verbo é um auxiliar na formação de perífrases, totalmente esvaziado de sentido e, em (58), na construção existencial, o verbo *ter* perde também o sujeito. Dessa forma, a autora parece defender, assim também como Goldberg (1995), que o verbo *ter* possui apenas um sentido básico e seu caráter polissêmico se deve à construção que integra.

---

<sup>19</sup> Exemplos retirados de Viotti (2003, p. 221).

Partindo dos pressupostos da Gramática Funcional e tomando como base, principalmente, Dik (1997), Heine et alii (1991) e Taylor (1995), Machado Vieira (2003) analisou a polifuncionalidade do verbo *fazer* em textos de língua oral e língua escrita, produzidos no português do Brasil e de Portugal. A autora defende que os vários usos do verbo *fazer* operam em um continuum de gramaticalização, em que o verbo vai de predicador a verbo funcional.

Em sua pesquisa, o verbo *fazer* ocorreu como verbo predicador pleno, verbo suporte ou operador de verbalização (denominado de VL nesta pesquisa), marcador causativo, marcador de foricidade e marcador temporal.

Em relação às construções com verbo suporte integradas por *fazer*, objeto de estudo desta pesquisa, a autora argumenta que existem diferentes níveis de integração de *fazer*+SN, dependendo da existência e do tipo de elemento interveniente entre o verbo leve e o elemento não verbal<sup>20</sup>. Observem-se as frases a seguir, em que essa integração ocorreria em ordem crescente.

- a) Predicado nominal constituído de artigo/pronome/modificador/quantificador/orientador:

(59) “(...) No cárcere, [José] fez duas previsões (...)” (Jornal do Brasil, 01/03/1945, “Quando a história não)

- b) Pseudo-termo<sup>21</sup> com grau de especificidade ou de identificabilidade, antecedido de artigo e com função classificatória em relação a fazer:

(60) “ela faz a feira junto com a minha tia” (NURC, 328)

- c) Predicado nominal, não identificável, não específico, antecedido de artigo indefinido:

(61) “O sr. Beirão (...) declarou que tencionava fazer uma interpeção sobre alcoces (...)”(Jornal de Notícias, 16/01/1901, “Escaramuças”)

<sup>20</sup> Exemplos retirados de Machado Vieira (2003, p. 899).

<sup>21</sup> De acordo com Machado Vieira (2003, p. 898), o pseudo-termo “designa um elemento suscetível à incorporação semântica que, apesar de se estruturar tal como um termo (com artigo ou pronome, por exemplo), perde parcial ou completamente sua função referencial e assume função predicante (papel que ele comumente não exerce), passando à condição de termo-predicado; nessa condição, o termo-predicado derivado apresenta interpretação genérica, mesmo que seja precedido de artigo”.



d) Predicado nominal “nu”:

(62) “(...) as pessoas fazem discriminação entre o homem e a mulher profissional”  
(NURC, 109)

e) Predicado adjetival ou pseudo-termo “nu”:

(63) “Portugal, a quem a religião fez grande (...)”

f) Pseudo-termo com valor idiomático:

(64) “Fazer ouvidos de mercador”.

Como se pode ver, nessa escala de integração V+SN, quanto menos elementos intervenientes ocorrem entre o verbo e o SN, mais integrada é a construção com verbo suporte, até alcançar a integração máxima que é a expressão idiomática.

Assis (2009) defende que essas construções com verbos suportes que apresentam SN nu seriam mais prototípicas e, por outro lado, seriam menos prototípicas: i) as construções que apresentam elementos intervenientes entre o verbo suporte e o SN, ii) as construções em que o SN está no plural (como *ter dúvidas*), no diminutivo (como *dar beijinhos*) e no particípio ou topicalizado (como *medo eu não tenho*). A análise da autora também mostra que as construções com verbos suportes não prototípicas são mais frequentes do que as construções prototípicas.

Além disso, partindo dos estudos de Neves (2000), a pesquisadora defende que as construções com verbos suportes e construções com verbos plenos cognatos do nome que as compõem têm um significado básico comum, embora as construções com verbos suportes apresentem nuances semânticas. Por exemplo, a construção com verbo suporte *eu tenho dúvidas* difere da construção com verbo pleno *eu duvido*, porque, de acordo com a autora, atenua-se a carga semântica do verbo pleno.

Assis (2009) também realizou um estudo sociolinguístico dos verbos suportes *ter*, *dar* e *fazer* em um *corpus* de língua oral e escrito do português brasileiro e do português europeu, a partir do qual constatou que não está havendo uma proliferação de construções com verbos suportes, uma vez que elas representaram apenas 35% dos dados. Convém destacar que, como a autora considerou apenas os verbos suportes *ter*, *dar* e *fazer*, esse percentual pode ser considerado elevado, embora mais pesquisas sejam necessárias para que essa conclusão possa ser mantida.

Os trabalhos de Scher (2003), Viotti (2003), Machado Vieira (2003) e Assis (2009) revelam que os verbos leves constituem um objeto de estudo muito rico, a partir do qual se pode teorizar sobre a polissemia dos verbos, a constituição das construções com verbos leves, a diferença e a produtividade das construções com verbos leves e as construções com verbos plenos. Interessa-nos ressaltar a questão da polissemia dos verbos discutida, explicitamente, por Scher e Viotti e, indiretamente, por Machado Vieira e Assis, já que essa questão relaciona-se ao debate da primazia do estudo do item lexical versus o estudo construcional, defendido na tese.

Como se viu, Scher (2003) defende que a estrutura conceitual de *dar* leve é derivada da estrutura de *dar* pleno, considerada primitiva. Já Viotti (2003) defende que existe apenas um verbo *ter* no português e que a polissemia do verbo, justifica-se, em primeiro lugar, porque esse verbo é leve e, em segundo lugar, porque os diferentes sentidos do verbo estão relacionados à sua composição com os demais elementos da sentença. Vimos também que, ao analisar os diversos usos do verbo *fazer*, Machado Vieira (2003) argumenta que existe um continuum de gramaticalização, em que o verbo passa de predicador a item funcional, ou seja, isso implica que o verbo *fazer* leve originou-se do verbo *fazer* pleno. Por fim, Assis defende a tese de que as construções com verbos suportes e as construções com verbos plenos cognatos do nome que as compõe têm um sentido básico comum, mas as construções com verbos suportes, principalmente por causa dos elementos intervenientes entre o verbo suporte e o elemento não verbal, apresentam nuances semânticas não apresentadas pelas construções com verbos plenos.

Dentro dessas teorias, convém destacar as discussões de Viotti, pois, embora não adote a teoria da Gramática de Construções, a autora resalta que a polissemia do verbo *ter* deve-se à sua atuação integrada com os outros elementos da sentença. Em outras palavras, pode-se dizer que a polissemia do verbo decorre da construção que ele integra. As outras teorias que defendem a existência de dois verbos também podem ser reanalisadas do ponto de vista construcional, pois, quando Scher defende que a estrutura conceitual de um verbo é derivada da outra ou quando Machado Vieira argumenta que, em um continuum de gramaticalização, um item deu origem a outro, na teoria da Gramática de Construções, essas relações podem ser analisadas como relações de herança (cf. seção 2.1).

Já o sentido básico comum existente entre as construções com verbos leves e as construções com verbos plenos cognatos do nome que as compõe, defendido por Assis

(2009), também será considerado neste trabalho, porém esse “sentido básico comum” será denominado *frame* (cf. seção 0.1). Assim, defender-se-á que uma CSVL e uma CVP, cujo verbo é cognato a um elemento do núcleo predicativo daquela construção, construção nomeada como CSVPsico neste trabalho, estão relacionadas ao mesmo *frame*. Isso seria aplicado, por exemplo, às construções *Ele tem medo de cachorro* e *Ele teme cachorros* que se relacionam ao *frame* de TEMER, visto que, nas duas construções, são encontrados a entidade *medo*, um experienciador desse medo e um elemento responsável por causar o medo.

Na próxima seção, apresentar-se-ão os estudos históricos de Mattos e Silva (1992, 2006) sobre os verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, já que esses verbos estão sendo estudados desde uma perspectiva histórica neste trabalho e também, porque as conclusões da autora ajudam a confirmar os resultados de nossas análises.

### 1.2.3.2 Análise histórica dos verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver*

Os verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver* integram a maior parte das construções analisadas nesta pesquisa. Por essa razão é tão importante apresentar a análise quantitativa e histórica realizada por Mattos e Silva (1992). A autora, nesse texto, analisa a variação dos verbos *ser* e *estar* e dos verbos *ter* e *haver* em textos dos séculos XIV e XV e, embora não trate esses verbos como leves, seus resultados ajudam a corroborar as análises realizadas na tese.

Segundo a autora, em relação às construções de posse, realizadas pelos verbos *ter* e *haver*, a natureza do complemento desses verbos condiciona sua natureza semântica. Dessa forma, a autora define três tipos semânticos de complementos para esses verbos:

- qualidades inerentes, não transferíveis, tais como características ou estados físicos do possuidor, sujeito da frase (abrev. QI);
- qualidades adquiríveis imateriais: morais, espirituais, intelectuais, afetivas, sociais (abrev. AI);
- objetos materiais adquiríveis, externos ao possuidor (abrev. AM). (MATTOS E SILVA, 1992, p.90).

Mattos e Silva (1992) destaca que, nos dados do século XIV, as estruturas do tipo QI ocorriam exclusivamente com o verbo *haver*, já nas estruturas do tipo AI e AM, esses verbos pareciam variar. Os dados do século XIV mostraram também que as estruturas do tipo AI ocorriam predominantemente com o verbo *haver* (80%) e as estruturas do tipo AM ocorriam preferencialmente com o verbo *ter* (82%). Entretanto, a análise dos itens lexicais que compunham essas estruturas mostrou que o verbo *ter*, nas estruturas do tipo AI, só se apresentaram com o complemento *fé*, ao passo que o verbo *haver* vinha seguido por mais de 20 itens lexicais diferentes como complemento. Então, a autora declara que a variação ocorria de fato com as estruturas do tipo AM.

É interessante observar que a variação dos verbos *ter* e *haver* começa a ser verificada com os três tipos de complemento nos textos escritos entre 1418-1442, mas, nas estruturas do tipo QI, há uma predominância de *haver* sobre *ter*. Nos textos escritos entre 1468-1477, a variação continua, mas a situação se inverte, a variante nova predomina em todos os tipos de estruturas. Segundo a autora, a difusão do verbo *ter* “parte dos contextos do tipo AM para os de tipo AI e, por fim, atinge os de tipo QI” (MATTOS E SILVA, 1992, p. 91).

Esses dados mostram que o verbo *ter* integra mais construções cujos complementos são de objetos materiais adquiríveis ou, nos termos desta tese, construções de posse material, sentido que o verbo apresenta desde o latim. Já o verbo *haver*, como se pode observar, integrava, desde o século XIV, mais construções do tipo AI ou, nos termos deste trabalho, as construções de posse abstrata, embora, no latim, o verbo *haver* seja o verbo básico para expressão da posse, significando *ter em sua posse*, *guardar* e, como sentido figurado, significava *ter na mão* (MATTOS E SILVA, 2006, p. 154). O sentido lexical básico etimológico desses verbos, como se verá nas seções 4.4.1 e 4.4.2, será considerado o uso pleno desses verbos.

Em relação aos verbos *ser* e *estar*, Mattos e Silva (1992) declara que a oposição existente entre eles, que denotam, respectivamente, estado permanente e estado transitório, nos dias de hoje, não existia no português arcaico. Segundo a autora, esses verbos poderiam ser usados em estruturas locativas e em estruturas descritivas. Havia variação dos verbos *ser* e *estar* nas estruturas locativas e descritivas que apresentavam o

traço [+ transitório] e o verbo *ser* era o predicador responsável por marcar os atributos que ilustravam o traço [+ permanente]. Observem-se os exemplos a seguir<sup>22</sup>:

(65) Seendo o honrado padre em as cela. (DSG, 2.7.2).

(66) O servo de Deus estando em as cela (DSG 2.11.3).

(67) As sas duas irmããs que eram mui coitadas pola as morte, veeron ao bispo. (DSG, 1.29.7)

(68) Estando huu dia seu padre e os físicos mui coitados com eles, disse-lhis o bispo...(DSG, 5.10.56)

Nas ocorrências (65) e (66), observa-se a variação dos verbos *ser* e *estar* nas estruturas locativas e, nas ocorrências (67) e (68), nas estruturas descritivas.

De acordo com a autora, na 2ª metade do século XIV, o verbo *ser* predominava ligeiramente nas locativas em geral, mas o verbo *estar* predominava nas estruturas locativas que denotavam um estado transitório e o verbo *ser* predominava nas estruturas descritivas que denotavam um estado transitório e permanente, como se pode ver na tabela a seguir<sup>23</sup>:

Tabela 1- Variação dos verbos *ser* e *estar* nas estruturas locativas e descritivas da 2ª metade do século XIV.

	<b>Ser</b>	<b>Estar</b>
Locativas em geral	52,8%	47,2%
Locativas transitórias	29,3%	70,7%
Descritivas em geral	92,2%	7,8%

Mattos e Silva conclui que a marca de [+transitório] do verbo *estar* se firmou nas locativas para depois se estabilizar nas descritivas. Esses dados são importantes, pois podem ser indício de que, como se poderá ver no capítulo 4 (cf. seção 4.2.4), as construções locativas transitórias motivaram as construções descritivas transitórias.

<sup>22</sup> Os exemplos de (65) a (68) foram retirados de Mattos e Silva (1992, p.88).

<sup>23</sup> A tabela 1 se baseia nos dados de Mattos e Silva (1992, p.89).

A autora também utiliza os dados da pesquisa de Sepúlveda Neto (1989 *apud* MATTOS E SILVA, 1992) para mostrar a variação de *ser* e *estar* nas estruturas locativas e descritivas do século XV. Vejamos a tabela a seguir<sup>24</sup>:

Tabela 2- Variação dos verbos *ser* e *estar* nas estruturas locativas e descritivas da 1ª metade do século XV.

	<b>Ser</b>	<b>Estar</b>
Locativas transitórias	26,2%	73,8%
Descritivas transitórias	77,8%	22,2%

Os dados da tabela 2 corroboram os resultados apresentados por Mattos e Silva, i. e., na 1ª metade do século XV, o verbo *estar* predomina nas estruturas locativas transitórias e o verbo *ser* predomina nas estruturas descritivas transitórias. Contudo, Sepúlveda Neto destacou que, analisando um pequeno *corpus* de 1540, aproximadamente um século depois, o verbo *ser* já não ocorre nas locativas transitórias e ocorre uma única vez nas estruturas descritivas transitórias, mesmo assim essa ocorrência era a tradução de um texto latino que apresentava, no texto original, o verbo *esse*.

Mattos e Silva (1992, p.89) argumenta que “a oposição semântica **ser/estar** em estruturas atributivas estava concluída no século XVI e se difundiu dos contextos locativos para os descritivos”.

A variação apresentada por esses verbos na pesquisa de Mattos e Silva é mais um indício de que, como destacou Goldberg (1995), a mudança de lugar pode ser mapeada como uma mudança de estado. No caso das construções que denotam um estado transitório do experienciador, não há uma mudança de estado, mas sim um estado transitório, contudo, acredito que, ainda assim, pode-se dizer que as construções de estado transitório foram motivadas pelas construções de lugar transitório (cf. seção 2.1).

Convém destacar também que Mattos e Silva (2006, p. 141) não distingue os usos plenos e leves dos verbos *ser* e *estar*, mas destaca que, no período arcaico, esses verbos podiam ocorrer semanticamente plenos seguidos de gerúndio. O significado lexical etimológico de *ser* seria *estar sentado* e o de *estar* seria *estar de pé*, de acordo

<sup>24</sup> A tabela 2 se baseia nos dados de Sepúlveda Neto (1989 *apud* Mattos e Silva, 1992, p.89).

com a autora. Dessa forma, partindo do significado lexical etimológico, consideramos que esses verbos apresentam as contrapartes leves e plenas.

Na próxima seção, serão apresentadas resenhas sobre os verbos psicológicos e, por conseguinte, as construções que esses verbos integram (CSVPsico's). Nessas resenhas, como se poderá ver, os autores verificam também a ocorrência de construções formadas por verbo leve+objeto que remetem ao *frame* dos verbos dessa classe (CSVL's).

### **1.3 Estudos das construções de sentimento integradas por verbos psicológicos (CSVPsico's) e das construções de sentimento com verbos leves (CSVL's) no português brasileiro**

Destacamos, nesta seção, os trabalhos de Cançado (1996), Madureira (2000, 2002) e a continuação de suas pesquisas como Dogliani (2007, 2011), Carvalho (2008) e Cunha (2010) que estudaram os verbos psicológicos no português brasileiro. Embora esses autores não utilizem os pressupostos teóricos da Gramática de Construções (com exceção de Dogliani, 2011), segundo os quais as construções são unidades básicas da língua e não os verbos, a partir dos seus trabalhos é possível conhecer as principais CSVPsico's do português brasileiro.

Os verbos psicológicos são verbos que apresentam um argumento que recebe o papel temático de experienciador e denotam um estado emocional (BELLETTI E RIZZI, 1988; CANÇADO, 1996). Esses verbos são tradicionalmente divididos em dois grupos, de acordo com a propriedade de ergativização: há um subgrupo em que experienciador só se realiza na posição de sujeito e há outro subgrupo em que o experienciador pode aparecer tanto na posição de sujeito quanto na de objeto direto. Os verbos do primeiro subgrupo são rotulados como pertencentes à classe de *temer* e as construções a que integram serão denominadas CSVPsico's acusativas não causativas. Podemos verificar, pelos exemplos abaixo, que essa classe de verbos não admite a ergativização:

(69) João teme Maria.

*Exp.*

(70) \*Maria (se) teme.

Já o segundo subgrupo realiza a propriedade de ergativização e é representado pelo verbo *preocupar* na literatura relevante. Podemos observar a propriedade de ergativização, presente nesses verbos, nos seguintes exemplos:

(71) João preocupa Maria.

*Exp.*

(72) Maria (se) preocupa com João.

*Exp.*

Como se pode ver em (71), *Maria*, que se encontra na posição de objeto, é o *experienciador* e em (72), no qual aparece o mesmo verbo, *Maria* continua sendo o *experienciador*, mas se encontra na posição de sujeito do verbo. Os verbos dessa classe, portanto, pode integrar as construções de sentimento causativas e construções de sentimento ergativas, denominadas CSVPsico's causativas e CSVPsico's ergativas<sup>25</sup>, respectivamente, no presente trabalho.

Cançado (1996), trabalhando com dados intuitivos, analisou algumas propriedades sintáticas e semânticas realizadas por esses verbos. Ao identificar que o comportamento sintático do segundo subgrupo não era uniforme, propôs a subdivisão desse subgrupo em três: os verbos do tipo de *preocupar* formaram a classe 2, os verbos do tipo de *acalmar* formaram a classe 3 e os verbos do tipo de *animar* constituíram a classe 4.

Utilizando um *corpus* organizado com textos dos séculos XIV ao século XX e também um *corpus* de língua oral, Madureira (2000) analisou o comportamento sintático-semântico dos verbos psicológicos, tomando como base as quatro classes apontadas por Cançado (1996). A primeira característica observada pela autora foi o excessivo número de construções perifrásticas que evocavam o *frame* dos verbos dessa classe. Por exemplo, os verbos *apavorar*, *apiedar*, *assanhar*, *contentar*, *deleitar*,

---

<sup>25</sup> Para maiores explicações sobre essas construções, confira seção 3.4.1.1.



*enlouquecer* e outros, no século XIV, não ocorreram nos dados da autora, mas seu conteúdo era recuperado, no período, por construções analíticas. Estão ilustradas, a seguir, as porcentagens de construções analíticas que retomam o *frame* dos verbos psicológicos (CSVL's, nos termos deste trabalho) encontradas pela autora por classe semântica em cada século<sup>26</sup>.

Tabela 3 - Porcentagem de construções analíticas por classe semântica da análise de Madureira (2000).

<b>Século</b>	<b>Classe 1</b>	<b>Classe 2</b>	<b>Classe 3</b>	<b>Classe 4</b>
	<b>%</b>	<b>%</b>	<b>%</b>	<b>%</b>
XIV	14,3	51,3	45,5	58,8
XV	17,8	62,2	22,7	30
XVI	14,4	56,3	-	45,5
XVII	15,2	19,2	14,3	35,7
XVIII	13	16,2	6,3	6,8
XIX	2,5	19,3	18,8	25,3
XX	8,2	49,5	25	36,6
XXo	10,6	57,7	18,8	44

Observe-se que, com exceção da classe 3 que não apresentou nenhuma construção analítica no século XVI, todas as subclasses de verbos psicológicos apresentaram esse tipo de construção. Como se vê na tabela 3, em geral, há uma porcentagem maior de ocorrências nas subclasses 2 e 4 e uma baixa porcentagem dessas construções perifrásticas na classe 1.

Vejam também as porcentagens das construções integradas pelos verbos psicológicos e denominadas de construções sintéticas por Madureira (CSVPsico's, nos termos usados na tese) encontradas nos dados da autora, que estão divididas por subclasse em cada século. Convém lembrar que os verbos da classe 1, historicamente, eram acusativos não causativos ou inacusativos, i. e., não realizam a alternância causativo-ergativa, e os verbos das classes 2, 3 e 4 realizam a propriedade de

<sup>26</sup> Os dados utilizados nesta tabela foram criados a partir dos dados apresentados nos anexos de Madureira (2000).

ergativização, podendo, assim, integrar construções causativas ou ergativas (CSVPsico's causativas e ergativas na tese).

Tabela 4 - Porcentagem de construções acusativas não causativas/inacusativas, causativas e ergativas integradas pelas subclasses de verbos psicológicos da análise de Madureira (2000)<sup>27</sup>.

	Classe 1		Classe 2		Classe 3		Classe 4	
	<b>Acusativos</b>							
<b>Século</b>	<b>não caus. e</b>	<b>Caus.</b>	<b>Erg.</b>	<b>Caus.</b>	<b>Erg.</b>	<b>Caus.</b>	<b>Erg.</b>	
	<b>inacusativos</b>							
	%	%	%	%	%	%	%	
XIV	85,7	33,3	15,4	36,4	18,1	29,4	11,8	
XV	82,2	14,6	23,2	59,1	18,2	70	0	
XVI	85,6	20	23,7	90	10	36,7	17,8	
XVII	84,8	19,2	61,6	71,4	14,3	57,1	7,2	
XVIII	87	40,5	43,3	93,7	0	88,6	4,6	
XIX	97,5	36,8	43,9	68,7	12,5	65,5	9,2	
XX	91,8	17,2	33,3	72,2	2,8	54,2	9,2	
XXo	89,4	25,1	82,8	75	6,2	47,4	8,6	

Observamos, na tabela 4, em relação às subclasses que realizam a ergativização, que o volume de construções causativas é maior, em todos os séculos nas subclasses 3 e 4. Na subclasse 2, a porcentagem de construções causativas é maior apenas no século XIV, nos demais séculos, o volume de construções ergativas é sempre maior nessa subclasse.

Após realizar a análise quantitativa em cada classe semântica, Madureira (2000, 2002) realizou uma análise do processo histórico de cada item lexical e verificou que alguns verbos pertencentes à classe 1, originalmente acusativos não causativos (*aborrecer, admirar*) ou inacusativos (*desesperar, pasmarr*) causativizaram-se. Quando os verbos acusativos não causativos se causativizaram geraram estruturas ambíguas na

<sup>27</sup> Os dados utilizados nesta tabela foram criados a partir dos dados apresentados nos anexos de Madureira (2000). Convém lembrar que, para obter o volume total dos dados, é necessário somar as porcentagens apresentadas nas tabelas 3 e 4.

língua, problema que se resolveu, de acordo com a autora, com a introdução da preposição e com o uso da forma pronominal. Por exemplo, o verbo *aborrecer*, originalmente acusativo não causativo, significava “ter horror” entre os séculos XVIII e XIX, causativizou-se e, a partir daí, seu sentido mudou para “causar ódio, horror”. No exemplo (73), observa-se o uso do verbo *aborrecer* significando “ter horror” e no exemplo (74), pode-se verificar a nova diátese do verbo, que passou a significar “causar horror”, conforme estão em Madureira (2002, p. 114)<sup>28</sup>:

(73) séc. 14 Eu, todos estes pecados e maldades (...) agora avorreço...p. 125 SP

(74) séc. 19 Sei quanto devia aborrecê-lo a queda da Sininbu. p. 137 JN

Nos exemplos (73) e (74), somente a partir da análise do contexto, pode-se entender o sentido de *aborrecer*. Posteriormente, esse verbo passou a ser utilizado com as estruturas que conhecemos atualmente, ou seja, *X aborrece Y* ou *Y (se) aborrece/fica aborrecido (com X)*.

Quanto aos verbos de origem inacusativa também pertencentes à classe 1, a autora destacou que esses verbos também se causativizaram, mas, nesse caso, como eram monoargumentais, as construções que surgiram não provocaram ambiguidade. Entretanto, após o processo de ergativização, muitos desses verbos passaram a ser usados com o pronome *se*. Assim, a autora conclui que “a forma pronominal vai sendo gradativamente adotada por verbos de origem inacusativa, num processo de espelhamento do comportamento dos verbos de origem acusativa” (MADUREIRA, 2002, p. 119).

O processo de ergativização também passa a atingir os verbos originalmente causativos, conforme a autora, e os verbos causativizados e os originalmente causativos criam, então, a classe dos verbos causativo-ergativos. Portanto, a análise diacrônica sinaliza que o processo de causativização precede o de ergativização<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> Os exemplos (73) e (74) correspondem, respectivamente, aos exemplos (8) e (13) de Madureira (2002).

<sup>29</sup> Convém destacar que a posição de Madureira é contrária à posição de Bittencourt (1995). Bittencourt assume que a causativização ocorre em uma etapa posterior à da derivação incoativa (ou processual) (p. 186), embora não tenha quantificado as construções ergativas frente ao uso das causativas. Além disso, segundo a autora, a expansão das causativas sintéticas (as CSVPsico’s causativas nesta pesquisa) também se relaciona à “extensão da estratégia de transitivização de verbos ergativos, levada a termo por processos de derivação lexical” (p. 271). A autora cita, como exemplo, neologismos encontrados nos *corpora*, como *diamantificar*, *adamantisar*, *telecacetejar*, *literalizar*, *zeferandear*, *eufemizar*, *rangelizar*, *panteizar*, etc. Observe-se, no entanto, que é difícil encaixar tais verbos em construções ergativas, o que nos faz questionar, como Madureira (2000, p. 101), o uso do termo ergativo utilizado pela autora. Já Whitaker Franchi (1989) afirma que “pode-se falar, de um certo modo, que as construções ergativas constituem um

Madureira (2002, p.126) propõe, então, que os verbos psicológicos se dividem, na verdade, em três grupos, a saber:

- i) Verbos que só admitem o experienciador na posição de sujeito (doravante ExpS), que são acusativos não causativos ou inacusativos;
- ii) Verbos que admitem o experienciador na posição de sujeito (ExpS) ou na de objeto sintático da oração (doravante ExpO), que são causativo-ergativos;
- iii) Verbos que só admitem o experienciador na posição de objeto (ExpO), que são causativos.

A análise dos verbos psicológicos causativo-ergativos de Dogliani (2011) apresenta-nos mais pistas sobre os processos que ocorreram com os verbos dessa classe, pois autora encontra indícios históricos de relações de herança entre dois tipos de construções ilustradas por esses verbos.

Como se viu, as diferentes origens dos verbos psicológicos refletem no uso do pronome *se* nessa classe, i. e., em alguns casos, o pronome surgiu como um processo de desambiguação no processo de causativização, mas, no caso dos verbos originalmente inacusativos, o pronome não era necessário, porém passou a ser utilizado por alguns verbos desse grupo. Assim, a autora destaca que as construções ergativas com o pronome *se* dos verbos que eram originalmente inacusativos apresentam relações de herança múltiplas (cf. seção 2.1.1.1), visto que herdaram sua estrutura sintático-semântica dos verbos originalmente inacusativos e herdaram o pronome *se* das construções ergativas ilustradas pelos verbos originalmente acusativos não causativos<sup>30</sup> após o processo de causativização.

---

processo sintático em expansão no Português do Brasil, particularmente na modalidade coloquial considerada” (p. 27). Por outro lado, destaca que existe um processo de transitivity ou causativização em curso com verbos como “sair”, “almoçar”, “doer”, etc. (p. 27). A autora deixa claro, no entanto, que não está sugerindo uma precedência histórica de uma forma sobre a outra ou que as formas intransitivas seriam “primitivas” em relação às “transitivas” (p. 121).

<sup>30</sup> Dogliani (2011) propõe, então, que dois processos distintos estão ocorrendo atualmente: um processo de gramaticalização e um processo de desgramaticalização. A ausência do pronome nas construções com verbos que eram originalmente acusativos não causativos pode ser interpretada como o último estágio do processo de gramaticalização e a inserção dos pronomes nas construções com verbos originalmente inacusativos pode ser interpretada como um estágio inicial de desgramaticalização.

Tomando como base somente os *corpora* de língua oral e escrita do século XX de Madureira (2000), Dogliani (2007) verifica o papel da frequência no armazenamento dos verbos psicológicos, a partir da análise do comportamento sintático-semântico dos verbos dessa classe e de suas construções analíticas morfologicamente equivalentes (CSVL's na tese). Dogliani defende que as entradas lexicais dos verbos estão relacionadas à frequência de suas estruturas morfológicas e a relação dessas com a função sintática do experienciador. Segundo a autora, haveria quatro tipos de armazenamentos baseados na frequência: i) verbos que apresentam uma alta frequência de construções ExpO seriam arquivados como causativos; ii) verbos que, ao contrário, apresentam realizações categóricas ou uma alta frequência de construções ExpS seriam arquivados como ergativos; iii) quando há uma especialização de forma-sentido (construções analíticas ocorrendo com ExpS e construções integradas pelo verbo psicológico ocorrendo com ExpO), o verbo apresentaria uma leitura causativa e iv) verbos que podem apresentar construções ExpS e ExpO seriam arquivados, em princípio, como ambíguos, mas essa ambiguidade seria resolvida pela leitura preferencial do item em razão da frequência de estruturas morfológicas de ExpS e ExpO, por exemplo, se houvesse uma frequência maior de estruturas ExpS com o verbo, a leitura ergativa seria a preferencial.

Carvalho (2008) e Cunha (2010) compararam os verbos psicológicos aos verbos de outras classes semânticas com o objetivo de verificar se as construções analíticas eram uma característica apenas dos verbos psicológicos e quais as implicações dessas construções para a classe que as adotava.

Carvalho (2008) analisou os verbos psicológicos, epistêmicos, físicos e de percepção, em um *corpus* de dados de língua oral, constituído de entrevistas coletadas na cidade de Santa Luzia/MG, e verificou que outras classes semânticas também apresentam essas construções perifrásticas, mas, na classe dos verbos psicológicos, o volume é maior, como se verifica na tabela 5.

Tabela 5 - Porcentagem de construções perifrásticas por classe semântica em Carvalho (2008).

<b>Percepção</b>	<b>Epistêmicos</b>	<b>Físicos</b>	<b>Psicológicos</b>
0%	2%	20%	32%

Como se pode notar, os verbos de percepção não apresentaram construções analíticas, os verbos epistêmicos apresentaram apenas 2% de construções perifrásticas, já os verbos físicos e psicológicos ilustraram um volume considerável dessas construções, respectivamente, 20% e 32%.

Analisando o subgrupo dos verbos psicológicos causativo-ergativos, Carvalho verificou um volume baixo de construções causativas e ergativas (apenas 4 construções causativas e 13 construções ergativas referentes aos verbos psicológicos no *corpus*), porém notou que 79% desses mesmos verbos integraram construções analíticas (CSVL's). Esses dados permitiram concluir que construções analíticas restringem a atuação das construções de sentimento ergativas na classe dos verbos psicológicos, e, como consequência, o pronome pseudo-reflexivo perde seu espaço de atuação.

A pesquisa de Cunha (2010) corrobora os resultados obtidos por Carvalho (2008) e Madureira (2000, 2002). A autora também analisou a classe dos verbos experienciais (psicológicos, físicos, epistêmicos, percepção), mas incluiu, em sua análise, a classe dos verbos beneficiários e uma classe heterogênea denominada "outros". Analisando um *corpus* de dados de língua oral, constituído de entrevistas realizadas com informantes de Belo Horizonte/MG, Cunha verificou um volume maior de construções analíticas do que Carvalho (2008) na classe dos verbos psicológicos e constatou que essas construções podem ocorrer em outras classes semânticas, porém com um volume muito reduzido, como se verifica a seguir.

Tabela 6 - Porcentagem de construções perifrásticas por classe semântica em Cunha (2010).

<b>Percepção</b>	<b>Epistêmicos</b>	<b>Físicos</b>	<b>Outros</b>	<b>Beneficiários</b>	<b>Psicológicos</b>
3	14	22	21	23	49,6

As resenhas de Madureira (2000, 2002) mostram que os verbos psicológicos integram quatro tipos de construções, a saber: i) as construções acusativas não causativas, denominadas CSVPsico's acusativas não causativas, ii) as construções inacusativas, denominadas CSVPsico's inacusativas, iii) as construções causativas, doravante CSVPsico's causativas e iv) as construções ergativas, doravante CSVPsico's ergativas. Madureira também destacou que os verbos psicológicos originalmente

inacusativos e os acusativos não causativos passaram por um processo de causativização e, em seguida, por um processo de ergativização. E salientou que, posteriormente, os verbos originalmente causativos também passaram a exibir construções ergativas. Essa tese é importante, porque defendemos, neste trabalho, como se verá na seção 2.1.2, que essas construções estão relacionadas por *links* de herança, mais especificamente, será proposto que as construções causativas motivaram as construções ergativas (cf. seção 4.7). Para tanto, os dados de Madureira (2000), apresentados na tabela 4, são importantes, já que mostram que o volume das construções causativas supera o volume das construções ergativas em quase todas as subclasses dos verbos psicológicos, sendo que, no século XIV, isso ocorre em todas elas.

Além disso, como vimos, os textos de Dogliani (2007, 2011) também trazem importantes contribuições quanto às questões relacionadas às relações de herança entre as CSVPsico's e também sobre o impacto da frequência no armazenamento das construções. Vimos também que os trabalhos sobre os verbos psicológicos de Madureira (2000, 2002), Carvalho (2008) e Cunha (2010) mostram que essa classe semântica favorece o uso de construções analíticas. Defende-se, nesta pesquisa, que essas construções perifrásticas, denominadas de CSVL's neste trabalho, mantêm relações de herança com as CSVPsico's, já que são construções relacionadas pelos sentido.

#### **1.4 Considerações finais do capítulo**

Neste capítulo, foi apresentado o objeto de estudo da tese, ou seja, apresentaram-se considerações sobre as relações de herança e sobre as construções que se relacionam ao *frame* dos verbos psicológicos. Vimos que essas construções englobam as sentenças tradicionalmente integradas por verbos psicológicos que foram denominadas de CSVPsico's e também as sentenças formadas por VL+objeto em que esse objeto recupera o *frame* de um verbo cognato a ele, pertencente à classe dos verbos psicológicos. Como os verbos dessas construções analíticas são verbos leves, apresentamos o conceito de VL de Butt (2003), Butt e Lahiri (2013), Izumi *et al* (2011), Perini (ms.) e Scher (2003). Posteriormente, diferenciamos os verbos leves dos verbos

plenos e também dos verbos auxiliares. Por fim, foram resenhados trabalhos que tratam dos verbos leves na língua portuguesa, como as pesquisas de Scher (2003) sobre o verbo *dar*, a pesquisa de Viotti (2003) sobre verbo *ter*, os estudos sobre a polifuncionalidade do verbo *fazer* de Machado Vieira (2003) e um trabalho sobre os verbos leves *dar*, *ter* e *fazer* de Assis (2009). Também apresentamos a pesquisa histórica realizada por Mattos e Silva (1992, 2006) sobre os verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, pois, apesar de a autora não trabalhar com o conceito de verbo leve, seus resultados corroboram nossas análises das relações de herança propostas para as construções integradas por esses verbos. Também foram apresentadas as resenhas dos trabalhos de Cançado (1996), Madureira (2000, 2002) e a continuação dessas pesquisas como Dogliani (2007, 2011), Carvalho (2008) e Cunha (2010) que tratam dos verbos psicológicos no português. Salientou-se que essas pesquisas mostram a importância das construções analíticas que remetem ao *frame* dos verbos psicológicos (que são denominadas de CSVL's neste texto) desde o período arcaico até os dias atuais. No próximo capítulo, será apresentado o referencial teórico.



## CAPÍTULO 2

---

### REFERENCIAL TEÓRICO

#### 2. Introdução

Neste capítulo, serão apresentadas a teoria da Gramática de Construções e o construto teórico sobre as relações de herança entre as construções, desenvolvidos por Goldberg (1995). Vimos na seção 1.3, que vários autores estudaram os verbos psicológicos da língua portuguesa e, indiretamente, as construções integradas por verbos dessa classe, como Cançado (1996), Madureira (2000, 2002) e a continuação dos seus trabalhos como Dogliani (2007), Carvalho (2008) e Cunha (2010). Ao analisar as construções e não somente os verbos, como fizeram esses autores, é possível ver como essas construções se relacionam com outras, que remetem ao mesmo *frame* (CSVL's e as CSVPsico's) ou que possuem elementos semelhantes, no caso, o mesmo verbo, ora funcionando como pleno (CVP's), ora funcionando como leve (CVL's). Outra vantagem em adotar a Gramática de Construções é que se defende que o verbo, nessa teoria, apresenta poucos sentidos básicos e sua multiplicidade de sentidos decorre das construções que ele integra. Dessa forma, quando um verbo não causativo passa a apresentar esse sentido, nessa teoria, defende-se que esse novo uso advém da construção causativa que agora integra.

Na teoria construcional, a construção é constituída, simultaneamente, por forma e sentido. Assim, tanto a estrutura sintática quanto a estrutura semântica são essenciais para a análise das construções, de modo que os conceitos de papel temático e de predicação estão relacionados ao de construção e esses conceitos serão discutidos neste capítulo. Para o conceito de predicação, serão apresentadas as considerações de Franchi (2003), que trata a predicação como uma relação entre expressões complexas. Vimos, na seção 1.2, que Izumi *et al* (2011), Butt (2003) e Scher (2003) consideram as construções com verbos leves expressões complexas, pois, nessas construções, o verbo tem pouco conteúdo semântico, por isso a expressão VL+objeto, composicionalmente, é

responsável pela predicação. Além disso, também serão apresentados os estudos de Perini (ms.) sobre a predicação em construções com verbos leves da língua portuguesa, porque o seu trabalho dialoga diretamente com o nosso, uma vez que as CVL's estão no foco de nossa análise.

Em relação ao conceito de papel temático, que tem uma importante função na teoria construcional, serão discutidas as propostas de autores que possuem posicionamentos diferentes, ressaltando as vantagens e desvantagens apresentadas por cada trabalho, com o objetivo de apresentarmos nossa proposta de análise dos papéis temáticos representados nas construções. Para tanto, serão resenhados os estudos de Fillmore (1968, 1971a, 1971b), Jackendoff (1972, 1987), Dowty (1989, 1991), Caçado (2002, 2005) e Perini (2008).

Convém ressaltar que o estabelecimento das relações de herança explícita as conexões entre as diferentes construções analisadas e que essas conexões se refletem na organização cognitiva dos dados linguísticos. Assim, será apresentada uma proposta de armazenamento das construções analisadas, tomando como base a Teoria dos Exemplares desenvolvida por Bybee (2006, 2010), na qual o modelo construcional é considerado.

Ademais, também será apresentada uma resenha do trabalho de Lakoff (1987), visto que as relações de herança desenvolvidas por Goldberg (1995) se baseiam no conceito de “motivação” proposto pelo autor. Ao analisar as construções *there* do inglês, o autor mostra como, a partir de uma construção básica motivadora, a língua cria mecanismos de extensão de sentido, ou seja, nos termos de Goldberg, pode-se dizer que Lakoff mostra as relações de herança das construções *there* dêiticas e existenciais, embora não utilize essa nomenclatura. Também será resenhada a pesquisa de Norrick (1981), que dialoga, indiretamente, com o trabalho Goldberg (1995), uma vez que o autor mostra que as extensões e/ou transferências de sentido (que também seriam motivadas nessa teoria) dos itens lexicais estão relacionadas por princípios metafóricos e metonímicos por meio de *via-rules*. As *via-rules* conectam as extensões de sentido, assemelhando-se aos *links* de herança desenvolvidos por Goldberg, e o princípio metafórico parece ser equivalente ao *link* de extensão metafórica da Teoria da Gramática de Construções. O autor defende a existência de um princípio metonímico, que não é considerado por Goldberg, o que nos permitiu ampliar e esclarecer melhor as relações de herança analisadas pela autora. Assim, a partir dos trabalhos dos três

autores, e também das pesquisas de Bybee (2006, 2010), apresentaremos os princípios que nortearão nossa proposta de análise das relações de herança.

## 2.1 Gramática de Construções

De acordo com a teoria da Gramática de Construções, uma construção pode ser assim definida:

C é uma construção se e somente se C é um par de forma-significado  $\langle F_i, S_i \rangle$  em que algum aspecto de  $F_i$  ou algum aspecto de  $S_i$  não são estritamente previsíveis das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG, 1995, p.4)

Nessa teoria, as construções são consideradas unidades básicas da língua. Além disso, um padrão sintático só pode ser considerado uma construção se seu significado ou sua forma não são previsíveis a partir das partes componentes da construção.

Para argumentar que o verbo nem sempre é o centro da análise e que, em alguns casos, não é ele que determina quantos e quais os tipos de complementos que pode haver em uma sentença, Goldberg dá como exemplo o verbo *kick*, que pode ocorrer com oito tipos de estruturas argumentais distintas. Confirmam-se os exemplos a seguir<sup>31</sup>:

- (75) Pat kicked the wall.
- (76) Pat kicked Bob Black and blue.
- (77) Pat kicked the football into the stadium.
- (78) Pat kicked at the football.
- (79) Pat kicked his foot against the chair.
- (80) Pat kicked Bob the football.
- (81) The horse kicks.
- (82) Pat kicked his way out of the operating room.

Como se pode ver nos exemplos de (75) a (82), *kick* apresenta uma relação binária com um *agente* e um *paciente*, como mostra o exemplo (75), mas também pode

---

<sup>31</sup> Exemplos retirados de Goldberg (1995, p.11).

apresentar uma relação ternária com um *agente*, um *paciente* e um *recipiente*, como em (77) ou o verbo ainda pode apresentar uma relação ternária, ilustrando um *agente*, um *tema* e uma *meta*, como se pode ver em (80).

Na teoria da Gramática de Construções, pode-se dizer que o verbo tem um ou poucos sentidos básicos que são integrados ao significado de uma construção. Assim, “na teoria construcional para a estrutura argumental, as diferenças sistemáticas no significado do mesmo verbo em diferentes construções são atribuídas diretamente a construções particulares”<sup>32</sup>. Em outras palavras, nessa teoria, a entrada lexical do verbo *kick*, ilustrado acima, não apresenta diversos sentidos, os diferentes sentidos são decorrentes das construções em que esse verbo se encontra.

Outra razão para se usar a Gramática de Construções, segundo a autora, é a necessidade de se explicarem os novos usos de um verbo em determinadas construções. Goldberg (1995, p.29) apresenta, como exemplo, o seguinte uso do verbo *sneeze*:

(83) Sam sneezed the napkin off the table.

Como se sabe, a entrada lexical decomposicional de *sneeze* pode ser definida como “X ACTS”, mas não é essa estrutura que se observa na sentença (83). Nessa oração, temos uma construção, nomeada por Goldberg, de CAUSE-MOVE, já que um argumento *agente* (*Sam*) causa um argumento *tema* (*the napkin*) a se mover para uma *meta* (*off the table*). O significado de (83) não pode ser atribuído ao significado do verbo, mas ao significado da construção que ele integrou.

Apesar de mostrar que o verbo não é central na teoria, Goldberg destaca a importância de se investigar a natureza do verbo. Pensando em seu significado, a autora argumenta que os significados são definidos a partir de um *frame* ou conhecimento de uma cena anterior, que deve ser muito bem estruturada<sup>33</sup>. Goldberg declara que “os verbos, assim como os substantivos, invocam *frames* semânticos, isto é, sua designação deve incluir uma referência a um quadro anterior rico de conhecimento de mundo e de cultura”<sup>34</sup> (1995, p.27).

---

<sup>32</sup> “On a constructional approach to argument structure, systematic differences in meaning between the same verb in different constructions are attributed directly to the particular constructions”. (GOLDBERG, 1995, p.4)

<sup>33</sup> Na seção 0.1, distinguimos *frame* de *cena* de acordo com Fillmore (1975).

<sup>34</sup> “Verbs, as well as nouns, involve frame-semantic meaning; that is, their designation must include reference to a background frame rich with world and cultural knowledge” (1995, p.27).

A autora defende a necessidade de se pensar na riqueza do *frame* semântico do significado dos verbos, pois, além de útil à explicação de novas construções, este pode ser necessário, por exemplo, para a seleção de advérbios e adjuntos. Observem-se os exemplos retirados de Goldberg (1995, p.29), a seguir:

- (84) a. Joe walked into the room slowly.  
 b. ?? Joe careened into the room slowly.

A restrição ao advérbio *slowly*, em (84b), deve-se ao fato de que *careen* implica rapidez, é uma moção não controlada, significado que está na entrada lexical do verbo.

Goldberg destaca também que “parte do *frame* semântico do verbo inclui a delimitação dos papéis participantes” (1995, p.43). Segundo a autora, esses papéis são específicos do *frame* do verbo e devem ser distinguidos dos papéis argumentos, que são aqueles associados às construções. Os papéis argumentos são mais gerais como *agente*, *meta*, *paciente*, ou seja, correspondem aos papéis temáticos de Grubber (1968).

Os verbos devem determinar quais são os papéis participantes que são obrigatoriamente preenchidos. Goldberg (1995, p.45) apresenta, como exemplo, os verbos *rob* e *steal* a seguir:

Rob <**thief target** goods>

Steal <**thief target goods**>

Foram colocados, em negrito, os papéis participantes obrigatórios dos verbos *rob* e *steal*. Como se pode ver, o verbo *rob* licencia o preenchimento dos papéis *thief* e *target* e o verbo *steal* licencia o preenchimento dos papéis *thief* e *goods*. Isso ocorre, porque *rob* só pode ser usado se uma pessoa for afetada seriamente, mas isso não é verdade para *steal*, como se verifica nos exemplos a seguir<sup>35</sup>:

- (85) a. Jesse robbed the rich (of all their Money).  
 b. \*Jesse robbed a million dollars (from the rich).

---

<sup>35</sup> Exemplos retirados de Goldberg (1995, p.45)

- (86) a. Jesse stole money (from the rich).  
 b. \*Jesse stole the rich (of money).

Como o verbo *rob* licencia obrigatoriamente um *thief* e *target*, a sentença (85b) é agramatical. O mesmo se verifica com o verbo *stole*, pois, como esse verbo licencia obrigatoriamente um *thief* e *goods*, então, o exemplo (86b) é agramatical.

Segundo Goldberg, essas diferentes configurações sintáticas argumentam em favor de diferentes *frames* semânticos para esses dois verbos, a saber:

Rob <**robber** **victim** goods>

Steal <**stealer** source **goods**>

Nessa teoria, as construções também licenciam os papéis que devem ocorrer. Assim, na teoria construcional, o preenchimento ocorre da seguinte forma: “Cada papel argumento ligado a uma relação gramatical direta (SUBJ, OBJ, ou OBJ<sub>2</sub>) é construcionalmente delineado”<sup>36</sup>. (GOLDBERG, 1995, p.48)

Concluindo, os papéis participantes são expressos obrigatoriamente pelos verbos e os papéis argumentos são os papéis projetados pela construção. Por exemplo, o verbo *fazer* projeta, obrigatoriamente, dois papéis participantes: “aquele que faz” e “o que é feito”. Contudo, quando esse verbo integra uma construção bitransitiva, que projeta três papéis argumentos, *agente*, na posição de sujeito; um *tema*, na posição de objeto direto e uma *meta*, na posição de oblíquo, como na construção *Maria fez um bolo para Rodrigo*, o papel de *meta* foi acrescentado pela construção.

Segundo a autora, se um verbo pertence a uma classe que normalmente é associada a uma construção, logo os papéis participantes estarão fundidos semanticamente aos papéis argumentos. Observe-se o verbo *hand*<sup>37</sup>, a seguir:

<sup>36</sup> “Every argument role linked to a direct grammatical relation (SUBJ, OBJ, ou OBJ<sub>2</sub>) is constructionally profiled”. (GOLDBERG, 1995, p.48)

<sup>37</sup> A figura representada a seguir corresponde à figura 2.5 de Goldberg (1995, p.51).

Sem	CAUSE-RECEIVE	< agt	rec	pat>
R: instance,	R			
means	HAND	< hander	handee	handed>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBJ <sub>2</sub>

Figura 2 - Construção cause-receive

O verbo *hand* é normalmente associado a três papéis participantes: *hander*, *handee* e *handed*<sup>38</sup>. A construção de CAUSE-RECEIVE também apresenta três papéis argumentos: *agente*, *recipiente* e *paciente*. Como se pode observar, há uma correspondência de um-para-um. Dessa forma, pode-se dizer que os papéis argumentos da construção estão fundidos semanticamente aos papéis participantes do verbo. Na representação acima, observa-se essa fusão, pois os papéis argumentos estão ligados aos papéis participantes por linhas sólidas.

Nem sempre ocorre a fusão entre os papéis participantes e os papéis argumentos. O verbo *sneeze*, como já foi mostrado, tem apenas um papel participante, o *sneezer*. Quando esse verbo está integrando uma construção de CAUSE-MOVE, tem-se a seguinte configuração:

Sem	CAUSE-MOVE	< ag	rec	pat>
R: means	R			
	SNEEZE	< sneezer		>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBJ <sub>2</sub>

Figura 3-Construção de moção causada

<sup>38</sup> De acordo com Goldberg (1995, p.51), os nomes dos papéis participantes e dos papéis argumentos não têm relevância teórica.

O papel participante *sneezzer* está fundido ao papel argumento *agente*, por isso esses papéis estão ligados por uma linha sólida. Contudo, esse verbo não licencia outros papéis participantes, logo os papéis argumentos de *recipiente* e de *paciente* estão ligados à estrutura argumental do verbo por linhas pontilhadas.

As figuras 2 e 3 mostram que o significado da construção existe independentemente do significado do verbo. Contudo, como declara Goldberg (1995, p.49), “as construções devem especificar de que maneira os verbos se combinarão com elas; elas necessitam ser capazes de restringir a classe de verbos que podem ser integrados a elas de diferentes maneiras (...)”<sup>39</sup>.

Além de mostrar a relação entre o verbo e a construção, Goldberg também trata da relação entre as construções. Segundo a autora, as construções não formam um conjunto desestruturado, ao contrário, “as construções formam uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam diversas propriedades de construções particulares” (GOLDBERG, 1995, p.67)<sup>40</sup>.

Goldberg especifica os preceitos de Lakoff (1987) que orientam sua análise quanto à motivação. Segundo o autor, há motivação, quando uma construção A herda todas as propriedades de uma construção B, desde que essas propriedades não entrem em conflito com suas próprias especificações (cf. seção 2.2.1). Dessa forma, para capturar as relações de herança entre as construções, Goldberg propõe *links* de herança entre elas. A autora defende a existência de quatro tipos de *links* de herança: *links* de polissemia, *links* de extensão metafórica, *links* de subpartes e *links* de instâncias.

Antes de apresentar cada um desses *links* de herança, a autora propõe alguns princípios que nortearão seu trabalho<sup>41</sup>:

<sup>39</sup> “Constructions must specify in which ways verbs will combine with them; they need to be able to constrain the class of verbs that can be integrated with them in various ways (...)”. (GOLDBERG, 1995, p.49)

<sup>40</sup> “(...) constructions form a network and are linked by inheritance which motivate many of the properties of particular constructions.” (GOLDBERG, 1995, p. 67)

<sup>41</sup> I- The Principle of Maximized Motivations: If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is related to construction B, then the system of construction A is motivated to the degree that it is related to construction B semantically (cf. Haiman 1985a; Lakoff 1987). Such motivation is maximized.

II- The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct (cf. Bollinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register (...)

Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(semantically)-synonymous, then they must not be P(pragmatically)-synonymous.

Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous.



I- *O princípio da motivação máxima*: se uma construção A é relacionada a uma construção B sintaticamente, então o sistema da construção A é *motivado* até o grau em que está relacionado à construção B semanticamente (cf. Haiman 1985a; Lakoff 1987). Tal motivação é maximizada.

II- *O princípio de não sinonímia*: se duas construções são sintaticamente distintas, elas são semanticamente ou pragmaticamente distintas (cf. Bollinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Aspectos pragmáticos das construções envolvem particularidades da estrutura informacional, incluindo tópico e foco, e adicionalmente aspectos estilísticos da construção como registrado (...).

*Corolário A*: Se duas construções são sintaticamente distintas e S(semanticamente)-sinônimas, então elas não devem ser P(pragmaticamente)-sinônimas.

*Corolário B*: Se duas construções são sintaticamente distintas e P- sinônimas, então elas não devem ser S-sinônimas.

III- *O princípio do poder expressivo maximizado*: o inventário de construções é maximizado por propósitos comunicativos.

IV- *O princípio da economia máxima*: o número de construções distintas é minimizado tanto quanto possível, dado o princípio III (Haiman, 1985a). (GOLDBERG, 1995, p.67-68)

Nesta seção, apresentamos o conceito de construção que será utilizado na tese. Vimos, no capítulo anterior, que serão analisadas e relacionadas todas as construções que remetem ao *frame* dos verbos psicológicos (as CSVPsico's e as CSVL's), além das CVL's e CVP's, integradas pelos mesmos verbos que ocorrem nas CSVL's. Portanto, é necessário apresentar mais informações sobre as relações de herança. Assim, apresentaremos a notação utilizada nas relações de herança na próxima seção e, posteriormente, serão apresentados os *links* de herança.

### 2.1.1 A notação utilizada nas relações de herança

Conforme Goldberg (1995), a relação de herança entre duas construções  $C_1$  e  $C_2$  será representada desta forma:

---

III- The Principle of Maximized Expressive Power: The inventory of constructions is maximized for communicative purposes.

IV- The Principle of Maximized Economy: The number of distinct constructions is minimized as much as possible, given Principle III (Haiman 1985a).

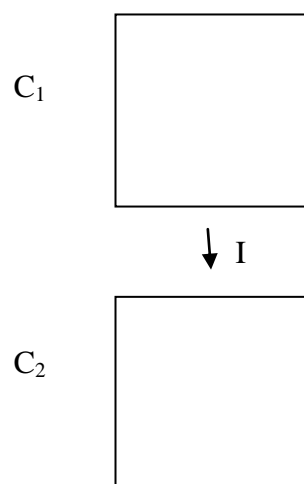


Figura 4- Notação utilizada para representar as relações de herança entre as construções.

Nessa figura, está representado que C<sub>2</sub> herda propriedades de C<sub>1</sub>. Além disso, de acordo com Goldberg (1995), pode-se dizer que C<sub>1</sub> domina C<sub>2</sub>, C<sub>1</sub> motiva C<sub>2</sub>, e que I representa o tipo de *link* que marca a herança entre as construções.

Além de propor essa relação direta de herança, a autora propõe também relações de herança múltipla, em que uma construção pode herdar propriedades de outras construções. Esse tópico será desenvolvido na próxima seção.

### 2.1.1.1 Heranças múltiplas

Goldberg (1995, p. 97) defende que duas ou mais construções que existem independentemente uma da outra podem motivar uma terceira. Para tanto, cita, como exemplo, que um tipo específico de construções resultativas pode apresentar o elemento resultativo antes ou depois do SN pós-verbal, o que não seria uma característica das construções resultativas, mas uma propriedade das construções de verbo-partícula. Vejamos alguns exemplos<sup>42</sup>:

<sup>42</sup> Exemplos retirados de Goldberg (1995, p. 97).

(87) a) He cut short the speech.

b) He cut the speech short.

(88) a) Break the cask open.

b) Break open the cask.

Como se pode ver, nessas construções resultativas, o elemento resultativo pode vir antes ou depois do SN pós-verbal. Por exemplo, em (87), o elemento resultativo *short* para aparecer antes (87a) ou depois (87b) do SN *the speech* e, em (88), verifica-se a mesma propriedade, pois, em (88a), observa-se que o elemento resultativo *open* pode ocorrer depois do SN pós-verbal *the cask* ou antes desse SN, como é o caso de (88b).

Essa propriedade não pode ser verificada em outras construções resultativas, como se pode ver a seguir.

(89) a) He hammered the metal flat<sup>43</sup>.

b) \*He hammered flat the metal.

Como se vê, a construção resultativa apresentada em (89) não permite que o elemento resultativo apareça antes do SN pós-verbal (89a). Por essa razão, Goldberg conclui que esse tipo especial de resultativa teve algumas propriedades herdadas das construções de verbo-partícula, em que a partícula pode vir antes ou depois do SN pós-verbal. Vejamos:

(90) a) He cleaned the mess up.

b) He cleaned up the mess.

Os exemplos mostram que, nas construções de verbo-partícula, a partícula *up* pode vir depois do SN pós-verbal *the mess* (90a) ou antes dele (90b).

Assim, Goldberg (1995, p. 98) propõe as seguintes relações de herança entre essas construções:

---

<sup>43</sup> Exemplos retirados de Goldberg (1995, p. 97).

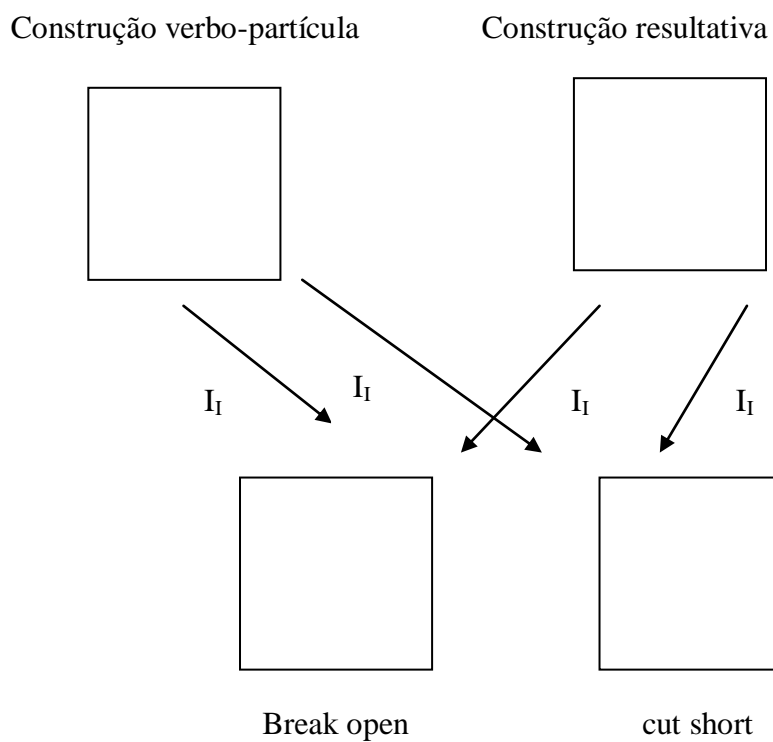


Figura 5- Representação da herança múltipla que originou um tipo especial de construção resultativa.

Nesse caso, verifica-se que esse tipo especial de resultativa herdou propriedades das construções resultativas e das construções de verbo-partícula. Esse conceito de herança múltipla é importante, porque, como se verá, algumas construções analisadas apresentarão relações de herança com mais de uma construção.

Na próxima seção, serão apresentados os *links* de herança propostos por Goldberg (1995), que serão utilizados no nosso trabalho para marcar as relações entre as construções.

### 2.1.2 Os *links* de herança

Como se viu na seção anterior, segundo Goldberg (1995), existem quatro tipos de *links* de herança que relacionam as construções: *links* de polissemia, *links* de subpartes, *links* de extensão metafórica e *links* de instância.

Os *links* de polissemia (I<sub>P</sub>) capturam as relações semânticas entre uma construção e suas extensões de sentido. Nesse caso, as configurações sintáticas de uma construção, que apresenta um sentido central, são herdadas por extensões. A autora ilustra esse tipo de *link* com as construções bitransitivas do inglês. Para a autora, essa construção apresenta um sentido central, que é “X CAUSES Y TO RECEIVE Z”, e cinco extensões de sentido, relacionadas por meio de *links* de polissemia. Observem-se os exemplos a seguir<sup>44</sup>:

Sentido central:

“X CAUSES Y TO RECEIVE Z”

(91) Joe gave Sally the ball.

Extensões de sentido:

Condições de satisfação implicam que “X CAUSES Y TO RECEIVE Z”

(92) Joe promised Bob a car.

“X ENABLES Y TO RECEIVE Z”

(93) Joe permitted Chris an apple.

“X CAUSES Y not TO RECEIVE Z”

(94) Joe refused Bob a cookie.

“X INTENDS TO CAUSE Y TO RECEIVE Z”

(95) Joe baked Bob a cake.

---

<sup>44</sup> Os exemplos de (91) a (96) foram retirados de Goldberg (1995, p.75).

“X ACTS TO CAUSE Y TO RECEIVE Z at some future point in time”

(96) Joe bequeathed Bob a fortune.

O exemplo (91) ilustra o sentido central de uma construção bitransitiva, que é “X CAUSES Y TO RECEIVE Z”. As construções dos exemplos de (92) a (96) têm a mesma estrutura sintática de (91), mas as informações semânticas diferem um pouco. Em (92), Bob receberá o carro somente se as condições de satisfação forem cumpridas, i. e., somente se Joe cumprir o que prometeu. As sentenças com verbos de permissão, como em (93), implicam que o agente torna possível a transferência, mas esse sujeito não causa a transferência. Em (94), a transferência é possível, mas é negada pelo sujeito. As sentenças envolvendo verbos de criação, representadas pelo verbo *bake*, no exemplo (95), não implicam necessariamente a transferência para paciente, implicam somente a intenção da transferência, ou seja, na sentença (95), pode-se dizer que Joe, ao assar o bolo, teve a intenção de dá-lo a Bob. No exemplo (96), o sujeito realiza uma ação no presente que permitirá ao primeiro objeto receber o segundo objeto em um ponto do futuro.

Como se pode ver, “cada sentido é representado por uma construção que é minimamente diferente daquela que tem um sentido central” (GOLDBERG, 1995, p.76). A informação sintática é herdada da construção de sentido central e as informações semânticas são capturadas por *I<sub>p</sub>-links*.

Os *links* de subpartes ocorrem quando uma construção apresenta somente uma subparte de outra construção, mas existe independentemente daquela. Segundo a autora, a construção intransitiva de moção herdou as propriedades da construção de moção causada, por meio de um *link* de subparte. Vejamos essas construções a seguir<sup>45</sup>:

---

<sup>45</sup> As figuras 6 e 7 foram retiradas de Goldberg (1995, p. 78)

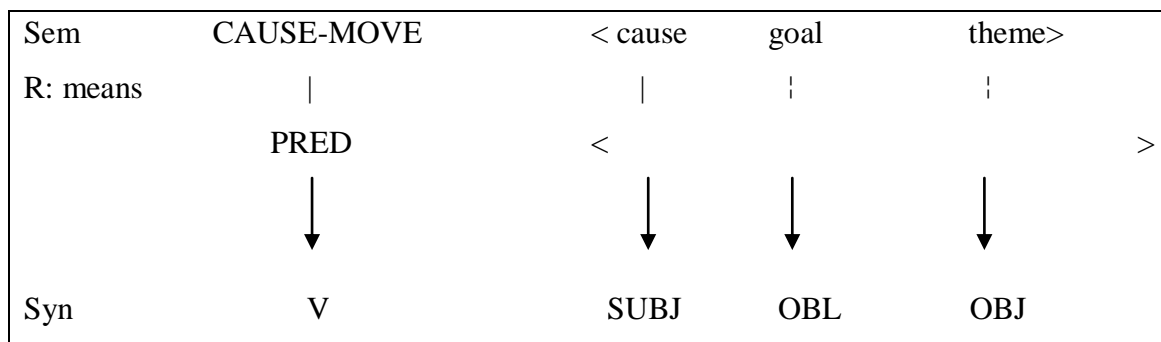


Figura 6- Construção de moção causada

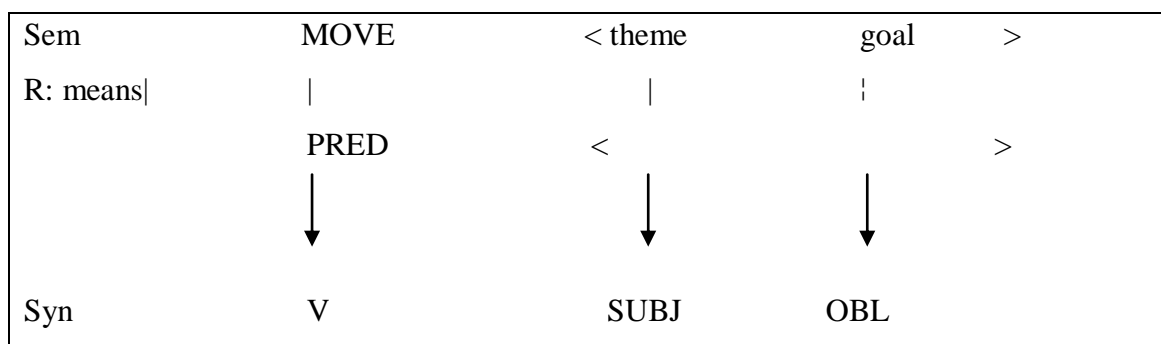
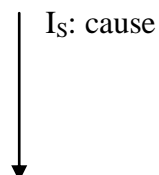


Figura 7- Construção de moção intransitiva

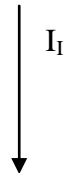
As construções de MOVE são uma subparte das construções de CAUSE-MOVE.

Os *links* de instância ocorrem quando uma construção é um caso especial de outra. Itens lexicais que somente ocorrem em uma determinada construção são instâncias dessa construção, mas para isso eles têm que herdar a sintaxe e a semântica desta. Goldberg (1995) exemplifica esse tipo de *link* com o verbo *drive*. Esse verbo apresenta um sentido especial somente quando integra uma construção resultativa. Nesse caso, o argumento resultado/meta significa *ação irracional*. Vejamos a configuração dessa relação de herança a seguir<sup>46</sup>:

<sup>46</sup> As figuras 8 e 9 foram retiradas de Goldberg (1995, p. 80)

Sem	CAUSE-BECOME	< agt	result-goal	pat>
R: means			∴	∴
	PRED	<		>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBL <sub>PP/Adj</sub>	OBJ

Figura 8- Construção cause-become



Sem	CAUSE-BECOME	< agt	result-goal	pat>
R: means			∴	∴
	drive	< driver	'crazy'	>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBL <sub>PP/Adj</sub>	OBJ

Figura 9- Construção drive-'crazy'

Duas construções estão ligadas por um *link* de extensão metafórica, quando estão relacionadas por um mapeamento metafórico (cf. mais informações na seção seguinte). Goldberg argumenta que as construções resultativas são uma extensão metafórica das construções de moção causada, como se verifica a seguir<sup>47</sup>:

<sup>47</sup> As figuras 8 e 9 foram retiradas de Goldberg (1995, p.88).



Construção moção causada (Ex: Joe kicked the bottle into the yard)

Sem	CAUSE-MOVE	< cause	goal	theme>
R: means				
	PRED	<		>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBL <sub>PP</sub>	OBJ

Figura 10- Construção moção causada

I<sub>M</sub>: Change of State as Change of Location



Construção resultativa (Ex: Joe Kicked Bob black and blue)

Sem	CAUSE-BECOME	< agt	result-goal	pat>
R: means				
	PRED	<		>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBL <sub>PP/Adj</sub>	OBJ

Figura 11- Construção resultativa

Nesse caso, o resultado/meta da construção resultativa é entendido como uma codificação de mudança metafórica de lugar. Segundo Goldberg (1995, p.83), obtém-se um mapeamento como o que segue:

Motion      →      change  
 Location    →      state

A autora também destaca que muitos verbos de moção dirigida são usados para designar mudanças de estado, como se observa nos exemplos a seguir:

(97) Bob fell asleep.

(98) Bob went crazy.

Como se verá na análise, os *links* de polissemia e de extensão metafórica são os *links* de herança mais recorrentes nas relações entre as construções analisadas nos *corpora*, assim, serão apresentadas mais informações sobre esses *links* na seção seguinte e também na seção 3.4.2. O *link* de subpartes também foi muito utilizado para marcar a relação entre as CSVPsico's causativas e ergativas, já que se pode observar uma semelhança sintática e semântica entre elas, que não parece ser aleatória (cf. seção 4.7).

### 2.1.2.1 Algumas considerações sobre os *links* de herança: os *links* de extensão metafórica e de polissemia

A explicação apresentada por Goldberg sobre os *links* de extensão metafórica e de polissemia são insuficientes, pois, de acordo com a autora, os *links* de polissemia ocorrem quando uma construção é uma extensão de sentido de outra, ou, quando as construções se diferem minimamente uma da outra e os *links* de extensão metafórica ocorrem quando se pode observar um mapeamento metafórico entre os argumentos de duas construções. Por essa razão, nesta seção, esses *links* serão discutidos com mais detalhe, até mesmo porque, como se verá no capítulo 4, esses são os principais *links* que relacionam as CSVL's às CVP's. Em primeiro lugar, Vejamos alguns exemplos:

(99) a) Maria pôs o livro na mesa.

b) Maria pôs medo em José.

(100) a) José deu um livro para Maria.

b) José deu um tapa em Maria.

Em (99), verifica-se que as duas construções apresentam a mesma estrutura sintática, pois ambas têm um SN na posição de sujeito, o verbo *pôr*, que é seguido por um SN e por um SPrep. Entretanto, semanticamente, essas duas construções são bem diferentes, já que (99a) apresenta um sujeito que tem o papel temático de *agente*, o SN pós-verbal recebe o papel temático de *tema*, pois é um objeto que sofre um deslocamento espacial e ao SPrep é atribuído o papel temático de *lugar*. Em (99b), ao

SN sujeito poder-se-ia atribuir o papel de *agente*, o SN pós-verbal *medo* receberia o papel de *causador de experiência (estado)*, já que é a entidade responsável por provocar a experiência no SPrep *em José*, que é o *experenciador*. Propomos, na tese, que essas construções estão relacionadas por um *link* de extensão metafórica, pois se pode pensar que o papel temático de *lugar* está sendo mapeado metaforicamente como um *experenciador* e o papel *tema* seria mapeado como um *causador de experiência (estado)*, uma vez que é possível pensar, também metaforicamente, que a entidade *medo* tenha saído do *agente* em direção ao *experenciador*. Defendemos, assim, que a construção de mudança de lugar (99a) teria motivado a construção de mudança de estado do experienciador objeto (99b) ou, em outras palavras, essas construções manteriam relações de herança.

Nas sentenças apresentadas em (100), também se verifica a mesma estrutura sintática, ou seja, as duas construções apresentam um SN sujeito, seguido do verbo *dar*, um SN pós-verbal e um SPrep. Essas construções também apresentam os mesmos papéis temáticos, pois o SN sujeito é uma *agente/fonte*, o SN pós-verbal é um *tema* e o SPrep é uma *meta*. Contudo, observa-se uma pequena diferença de sentido entre as construções, porque o verbo *dar*, em (100a), é um verbo pleno (cf. as seções 1.2 e 1.2.1) e o verbo *dar*, em (100b), é um verbo leve, pois, nessa sentença, não se verifica uma transferência de posse, como em (100a) e, além disso, pode-se substituir o composto verbo+SN pelo verbo pleno equivalente *estapear*, ou seja, verifica-se uma integração entre o verbo e o objeto, que não ocorre em (100a). Nesse caso, como se observa uma pequena diferença de sentido entre uma construção e outra, dizemos que essas construções estão relacionadas por um *link* de polissemia.

Portanto, defendemos que duas construções estão relacionadas por um *link* de extensão metafórica, quando se nota um novo mapeamento semântico de um ou mais elementos da sentença, o que equivale a dizer que haverá uma diferença na atribuição de papéis temáticos nas duas construções. Por outro lado, se não houver um novo mapeamento, mas ainda assim é possível verificar uma diferença mínima de sentido, como a presença ou ausência de apenas um traço entre essas construções, será proposto que elas estão relacionadas por um *link* de polissemia.

Quando realizamos a análise das relações de herança, percebemos a necessidade da criação do *link* de extensão metonímica, que, embora não tenha sido previsto por Goldberg (1995), aparece nos trabalhos de Lakoff (1987) e Norrick (1981). Na próxima seção, apresentaremos as considerações iniciais sobre esse *link*.

### 2.1.2.2 *Link de extensão metonímica*

De acordo com Goldberg (1995), casos sistematicamente relacionados de forma e sentido são formalmente relacionados por *links* de herança. Entretanto, se duas construções são relacionadas pelo sentido, mas apresentam uma estrutura sintática diferente, não são relacionadas por *links* de herança. A autora apresenta como exemplo os verbos *kill* e *die*, que, “apesar de relacionados semanticamente, não são relacionados diretamente por um *link* de herança. Similarmente, a construção bitransitiva e sua paráfrase preposicional não são relacionadas por um *link* de herança, pois uma construção não motiva a outra”(GOLDBERG, 1995, p. 100)<sup>48</sup>. Para a autora, essas construções seriam sinônimas semanticamente, mas pragmaticamente e sintaticamente distintas, pois, nas construções bitransitivas, que apresentam dois SN’s, o foco recai sobre o SN paciente, e, nas suas paráfrases preposicionais, que apresentam um SN e um SPrep, o foco recai sobre o SPrep. Diferenciar essas construções não é o foco de nosso trabalho, mas há que se observar que, em muitos casos, é possível pensar que duas construções sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas podem estar relacionadas por um outro tipo de *link* que não foi proposto por Goldberg (1995), mas considerado por Lakoff (1987) e Norrick (1981) (cf. seções 2.2.1 e 2.2.2). Como se verá, esses autores defendem que as construções podem se relacionar não somente por extensões metafóricas, mas por princípios metonímicos, como defende Norrick (1981), ou modelos metonímicos, como propõe Lakoff (1987). Dessa forma, pode-se pensar que uma CSVL poderia estar relacionada por um *link* de extensão metonímica a uma CSVPsico causativa, por exemplo. Observem-se estes exemplos:

(101) Maria amedrontou José.

(102) Maria pôs medo em José.

Em (102), pode-se observar que o SN *medo* recupera, metonimicamente, o *frame* de AMEDRONTAR e a construção *pôs medo*, também metonimicamente, recupera a CSVPsico causativa, ilustrada pela ocorrência (101), integrada por

---

<sup>48</sup> “(...) although semantically related, are not related directly by an inheritance link. Similarly, the ditransitive construction and its prepositional paraphrase are not related by an inheritance link: neither construction motivates the other” (GOLDBERG, 1995, p. 100).

*amedrontar*, visto que, em ambos os casos, há um *experienciador* de uma situação que levou ao medo. A diferença é que, na CSVL, a entidade *medo* aparece de forma explícita e, na CSVPsico causativa, essa entidade é inferida do conteúdo do verbo.

De acordo com Goldberg (1995, p. 100), os *links* podem ser tratados como objetos dentro do sistema. Isso quer dizer que *links* diferentes podem ter diferentes tipos de frequência, dependendo de como as construções estão relacionadas. Além disso, um *link* que é muito frequente será mais produtivo, i. e., será mais aplicado aos casos que compartilham características sintáticas e/ou semânticas com casos existentes. Assim, um *link* muito frequente funcionaria como uma regra: “a existência de uma construção predirá a existência de uma extensão relacionada por um *link* produtivo” (GOLDBERG, 1995, p. 100)<sup>49</sup>. Dessa forma, se, como a autora declara, a produtividade transforma um *link* em uma regra, isso nos autoriza a propor o *link* de extensão metonímica, pois, como se verá na seção 4.1, observaram-se 506 ocorrências de CSVL’s. Assim, por meio do *link* de extensão metonímica, o elemento pós-verbal do núcleo predicativo (que, na classe dos verbos psicológicos, normalmente representa o estado que provoca uma experiência) das CSVL’s, metonimicamente, retomaria o *frame* do verbo psicológico cognato a ele e as CSVL’s, via *link* de extensão metonímica, recuperariam as CSVPsico’s cujos verbos são cognatos a esse elemento pós-verbal (cf. seção 4.7).

Na próxima seção, serão apresentados os conceitos de predicação e os papéis temáticos adotados nesta pesquisa, que são fundamentais na teoria construcional, já que, conforme se viu na seção 2.1, uma construção é constituída, simultaneamente, pela estrutura sintática e semântica. Assim, na seção seguinte, mostraremos como as relações de sentido são construídas no interior da construção, mostrando, por exemplo, a forma de predicação que ocorre nas construções (com verbo pleno e com verbo leve) e os tipos de papéis temáticos que são atribuídos.

---

<sup>49</sup> “(...) the existence of one construction will predict the existence of an extension related by the productive link” (GOLDBERG, 1995, p. 100).

### 2.1.3 A predicação e os papéis temáticos na teoria construcional

Goldberg (1995) define construção como um par de forma-sentido, em que a forma ou o sentido não são previsíveis das partes que compõem a construção. Assim, a definição de predicação e a atribuição de papéis temáticos são essenciais na teoria. Nesta seção, apresentaremos as teorias de predicação realizadas por Franchi (2003) e por Perini (ms.). Escolhemos a teoria de predicação de Franchi, pois o autor trata a predicação como uma relação entre expressões simples e complexas e, como se viu na seção 1.2, Izumi *et al* (2011), Butt (2003) e Scher (2003) defendem que as CVL's são expressões complexas, nas quais a construção formada por VL+objeto é responsável pela predicação. Além disso, elegemos Perini (ms.), pois o autor trata da predicação nas CVL's da língua portuguesa. Em relação ao papel temático, resenham-se autores que apresentam diferentes posicionamentos sobre esse objeto de estudo, como Fillmore (1968, 1971a, 1971b), Jackendoff (1972, 1987), Dowty (1989, 1991), Cançado (2002, 2005) e Perini (2008). A partir das considerações, muitas vezes, divergentes desses autores, apresentaremos a proposta mais adequada de papéis temáticos para este trabalho.

#### 2.1.3.1 O conceito de predicação

Como se viu nas seções anteriores, pretende-se analisar as CVL's, CSVL's, CVP's e CSVPsico's e, quando se consideram todas essas construções, não é tão simples definir *predicação*, já que, em muitos casos, ela estará a cargo de dois ou mais elementos, como se verifica nas CVL's e CSVL's, o que as configura como expressões complexas para vários autores que trataram do tema (Izumi *et al*, 2011, Butt, 2003 e Scher, 2003), o que nos remete ao conceito de predicação defendido por Franchi.

Franchi (2003) mostra que a predicação deve ser definida como uma “relação de sentido entre duas expressões singulares ou, componencialmente, entre expressões complexas (...)” (p. 61) e não simplesmente como uma estrutura argumental projetada

pelo predicador, papel normalmente atribuído ao sintagma verbal. Para demonstrar que seu conceito está correto, o autor apresenta a seguinte sentença:

(103) João tinha dinheiro/ paciência/ a direção do processo/...<sup>50</sup>

Como se pode observar em (103), ao se mudar o complemento, o papel temático do sujeito também muda, uma vez que o sujeito pode ser *possuidor*, se a expressão predicadora for *ter dinheiro* ou pode ser *experenciador*, se formos considerar *ter paciência/direção do processo*. Para o autor, esse fenômeno ocorreria com outros verbos, como se vê pode ver nestes exemplos:

(104) a) O pai deu livros/alegria/tarefas ao filho<sup>51</sup>.

b) O pai/ o ônibus deu voltas no parque.

Convém destacar que esses exemplos mostram que a atribuição de papéis temáticos ocorre de forma composicional, já que a expressão *dar livros ao filho* atribui o papel temático de *agente/fonte* ao SN *o pai*, em (104a), e *dar voltas no parque* atribui papel temático de *agente/tema* aos SN's *o ônibus* e *o pai* em (104b).

No caso das CSVL's, como a construção *O pai deu alegrias ao filho*, que serão o foco desta pesquisa, também é possível tratar a construção VL+SN como uma expressão complexa, nos termos de Franchi (2003), já que os VL's não são os únicos responsáveis pela predicação, e é a expressão complexa VL+SN<sup>52</sup> que parece determinar o papel temático dos outros elementos da sentença.

Ressalte-se que, embora Franchi (2003) não tenha assumido o modelo construcional, pode-se estabelecer uma relação entre o conceito de predicação do autor e a proposta defendida por Goldberg (1995). De acordo com a autora, nas construções, é possível diferenciar a atribuição de papéis temáticos delimitada pelo verbo (papéis participantes) e pelas construções (papéis argumentos). Por exemplo, considerando-se (104a), pode-se pensar que o verbo *dar* pleno licencia sempre os papéis participantes de *agente, tema e meta*. Assim, quando esse verbo integrar uma construção causar-receber, os seus papéis estarão fundidos aos papéis da construção, pois tanto o verbo como a

<sup>50</sup> Retirado do exemplo (1a) de Franchi (2003, p. 62).

<sup>51</sup> Retirado do exemplo (1a) de Franchi (2003, p. 63).

<sup>52</sup> Convém lembrar que, neste trabalho, trataremos a expressão VL+objeto como núcleo predicativo.

construção vão licenciar os mesmos papéis (cf. seção 2.1). Entretanto, embora atribua esses papéis participantes, em uma construção causar-receber abstrata, como em *O pai deu alegrias ao filho*, a construção atribui os papéis de *agente*, *causador de experiência (estado)*, *experenciador*. Em outras palavras, como a construção é um par de forma-sentido, a atribuição de papéis temáticos da construção sempre ocorre de forma composicional. Dessa forma, será adotado o conceito de predicação de Franchi (2003) para a atribuição de papéis temáticos nas construções.

Perini (ms.) também discute a predicação e, assim como Franchi, também questiona a definição tradicional desse conceito, em que um elemento regente (normalmente o verbo ou uma preposição) é o predicador responsável pela atribuição de papéis temáticos aos argumentos verbais. De acordo com o autor, verifica-se também a ocorrência de papéis temáticos inerentes (por exemplo, o sintagma *ontem* só pode receber o papel temático de *tempo*) e outros fatores serão determinantes na atribuição de papéis temáticos, como a preposição, o aspecto verbal, a ocorrência de verbos leves e o emparelhamento dos papéis temáticos.

Além disso, segundo Perini (ms.), quando se tem uma sequência de VL+objeto, essa estrutura funciona como um verbo simples. Por exemplo, poderíamos substituir *Maria dá um susto em José* por *Maria assusta José*. Isso seria um indício de que o objeto apresenta detalhes da especificação do evento e, por isso, o autor defende que o papel temático do objeto, nesses casos, deve ser *especificação do evento*, ainda que esse argumento não seja um participante do evento descrito.

Entretanto, o autor declara que uma das funções do objeto é exatamente especificar o evento denotado pelo verbo, como se observa nos exemplos a seguir<sup>53</sup>:

- (105) O menino abriu a porta.
- (106) O diretor abriu a sessão.
- (107) Meu tio abriu uma farmácia.

As sentenças de (105) a (107) mostram que o objeto contribui para o significado do verbo, mesmo quando se tem um verbo pleno. Em (105), somente a partir da leitura composicional de *abrir a porta* é que o leitor/ouvinte constrói o significado de *abrir* como *mover*. No exemplo (106), a leitura composicional de *abrir a sessão* indica para o

---

<sup>53</sup> Exemplos retirados de Perini (ms).



leitor/ouvinte que o verbo significa *iniciar*. Em (107), a sequência de *abrir uma farmácia* indica que o significado do verbo é *inaugurar*.

No entanto, o autor acredita que, no caso de um verbo leve, o objeto fornece quase toda a informação necessária para a reconstrução do evento, o que não ocorreria com um verbo pleno.

O autor apresenta a seguinte conclusão sobre a predicação:

As considerações acima nos levam a uma visão do sistema de atribuição de papéis temáticos significativamente mais complexa do que a que habitualmente se supõe. Em muitos casos (possivelmente com a maioria dos verbos) os complementos se limitam a elaborar os papéis temáticos atribuídos pelo verbo, enquanto o verbo especifica o tipo de evento ou estado denotado. Mas há casos em que essa distribuição de tarefas não funciona: com diversas categorias de verbos (verbos tipo *sofrer*; verbos leves; verbos que tomam complementos tradicionalmente rotulados de “predicativo”; casos de “objeto cognato”) o objeto assume outras funções semânticas; em especial, em muitos casos o objeto participa na especificação do evento, tendo nesses casos o papel temático Especificação de evento (EspEv).

É possível considerar as propostas sobre o conceito de predicação de Franchi (2003) e Perini (ms.) para a teoria construcional, já que Franchi defende que a predicação nas expressões complexas ocorre de forma composicional e Perini acrescenta que o objeto participa ativamente da predicação nas CVL's, ou seja, o autor parece defender que a predicação ocorre de forma composicional nessas construções. Como trabalhamos dentro do modelo da Gramática de Construções e, nessa proposta, a construção só existe como um bloco de forma e sentido, i. e., não pode ser definida por suas partes, acreditamos que a predicação sempre ocorre de forma composicional dentro das construções. Observe-se, portanto, que a proposta de Franchi e Perini foi ajustada a esse modelo.

Na seção seguinte, continuaremos apresentando um pouco mais sobre a constituição de sentido dentro das construções, trazendo as considerações de diferentes autores sobre os papéis temáticos.

### 2.1.3.2 Os papéis temáticos

Papel temático é considerado um tema polêmico para os principais teóricos que tratam do assunto. Não se sabe dizer ao certo quais são os papéis temáticos existentes, se eles devem ser analisados como um feixe de traços (CANÇADO, 1996, 2002; DOWTY, 1991), como entidades discretas (FILLMORE, 1968, 1971b; GRUBER, 1965) ou se existem duas formas de analisar os papéis semânticos (PERINI, ms.; GOLDBERG, 1995).

Apesar de se saber tão pouco sobre os papéis temáticos, não há dúvidas sobre sua importância para o estudo da língua, pois sentenças que apresentam a mesma configuração sintática muitas vezes só podem ser diferenciadas por sua representação semântica, conforme se verifica com os exemplos a seguir<sup>54</sup>:

- (108) O gato fugiu.
- (109) O gato morreu.
- (110) O gato cegou.

Nos exemplos citados, nota-se a mesma configuração sintática, ou seja, as frases apresentam um SN como sujeito e um verbo. Contudo, em (108), o SN sujeito é um *agente*; em (109), o SN é um *paciente* e, em (110), o SN pode ser um *agente* ou um *paciente*, dependendo do contexto em que for empregado. A sentença (110) pode estar integrando uma construção transitiva, em que o objeto direto foi apagado ou pode estar integrando uma sentença ergativa, em que temos o objeto direto de uma sentença transitiva sendo alçado à posição de sujeito de uma oração intransitiva. Dessa forma, poder-se-ia interpretar o exemplo (110), como *O gato cegou José*, em que o sujeito é um agente, ou como *O gato ficou cego*, em que o sujeito é um paciente. Logo, construções que têm a mesma representação sintática serão diferenciadas pelos papéis temáticos que recebem seus argumentos e uma pesquisa que trata de construções não pode ignorar os papéis temáticos e, conseqüentemente, as discussões teóricas sobre o assunto.

---

<sup>54</sup> Exemplos retirados de Perini (2008, p.185).

Fillmore (1968) diferencia os casos semânticos dos casos sintáticos. Segundo o autor, o termo *caso* deve ser usado para “identificar a relação sintático-semântica subjacente e o termo *forma de caso* para significar a expressão da relação de caso em uma língua particular, seja por meio da afixação, irregularidades, uso de clíticos partícula ou restrições na ordem das palavras” (FILLMORE, 1968, p. 42)<sup>55</sup>. Para o autor, os casos semânticos seriam: Agentivo (A), Instrumental (I), Dativo (D), Factivo (F), Locativo (L), Objetivo (O). De acordo com o autor, estas seriam as definições desses casos:

- Agentivo (A) é o desencadeador animado da ação identificada pelo verbo;
- Instrumental (I) é o objeto ou força com o traço de [-animado] envolvidos na ação ou estado identificados pelo verbo;
- Dativo (D) é o caso recebido por seres animados que são afetados pela ação ou estado identificados pelo verbo;
- Factivo (F) são os seres ou objetos que resultam da ação ou estado identificados pelo verbo, ou também interpretados como parte do significado do verbo;
- Locativo (L) são os responsáveis pela identificação do local ou orientação espacial da ação ou estados identificados pelo verbo;
- Objetivo (O) é um caso neutro, relacionado às coisas que são afetadas pela ação ou estado identificados pelo verbo.

As definições apresentadas por Fillmore são importantes, pois nos auxiliarão a definir os papéis temáticos utilizados na tese, mas podem ser observados alguns problemas, por exemplo, os casos Objetivo e Factivo são bastante parecidos, pois os seres que resultam de uma ação ou estado são afetados pela ação ou estado identificados pelo verbo. Outro ponto negativo na proposta é a defesa da existência de um caso neutro, que poderia ser entendido como um caso *default*<sup>56</sup>.

Fillmore (1971b) reelabora alguns papéis apresentados no texto de 1968, exclui o papel de Dativo e acrescenta outros. Ele propõe estes papéis temáticos: Agente,

---

<sup>55</sup> “(...) to identify the underlying syntactic-semantic relationship, and the term *case form* to mean the expression of a case relationship in a particular language—whether through affixation, suppletion, use of clitic particles, or constraints on word order” (FILLMORE, 1968, p. 42).

<sup>56</sup> Crítica apresentada por Jackendoff (1987, p. 381).

Experienciador, Instrumento, Objeto, Fonte, Meta, Lugar e Tempo. Vejamos as definições acrescentadas e/ou modificadas por Fillmore (1971b, p. 42):

- Experienciador é a entidade que ocorre com verbos que denotam estado mental ou eventos psicológicos;
- Objeto é a entidade que sofre uma mudança ou se move, ocorrendo com verbos não psicológicos que indicam mudança de estado;
- Meta é o recebedor ou o destino quando há transferência ou movimento de alguma coisa para uma pessoa, mas também pode indicar o estado final ou o resultado de uma ação (correspondendo ao Factivo);
- Instrumento é a causa imediata de um evento e também é o estímulo no caso de um predicador psicológico.

Destaque-se que Fillmore (1971b) não define o papel temático de Agente e afirma que deixará essa questão não resolvida naquele momento. É possível notar também que o papel de Instrumento confunde-se um pouco com o papel de Agente, embora, na Hierarquia Temática apresentada pelo autor, o papel de Agente apareça em primeiro lugar, seguido de Experienciador e Instrumento. Observe-se também que o papel de Instrumento abarca os estímulos que produzem uma experiência psicológica.

É interessante observar que Fillmore (1971a) abandona os casos semânticos utilizados anteriormente e utiliza o que Goldberg (1995) irá denominar papéis participantes ou o que Dowty (1989) nomeará como papéis individuais. Para analisar os verbos de julgamento, Fillmore (1971a) determina que verbos, como *accuse*, *criticize* e *blame*, atribuem os papéis semânticos de *Judge*, *Defendant* e *Situation*. De acordo com o autor, “a ‘estrutura de papéis’ proposta para este grupo de verbos é análoga, mas (...) distinta da estrutura gramatical mais geral de papéis dos predicados do tipo discutido em Fillmore (1968) e Halliday (1967-1968)”<sup>57</sup> (FILLMORE, 1971a, p. 278).

Partindo do trabalho de Gruber (1965), Jackendoff (1972, p. 29-34) também apresenta a definição de alguns papéis temáticos. De acordo com o autor:

---

<sup>57</sup> Este comentário está na nota de rodapé 9 de Fillmore (1971a, p. 278) cujo texto original reproduzimos aqui: “The ‘role structure’ proposed for this group of verbs is analogous to, but (...) distinct from the more general grammatical role structure of predicates of the type discussed in Fillmore (1968) and Halliday (1967-1968)”.

- Tema é o SN que sofre um deslocamento com os verbos de moção; uma mudança de posse, que seria entendida como um deslocamento abstrato ou ainda é o NP que sofre uma mudança de lugar, em verbos de localização;
- Lugar é o papel associado ao elemento que expressa um localização, sendo que normalmente, mas nem sempre, é um SPrep;
- Agente é o SN animado ao qual é atribuída intenção ou volição.

Essa teoria recebeu muitas críticas por apresentar uma orientação excessivamente localística, tratando as relações semânticas como extensões metafóricas das relações de lugar. Por exemplo, em uma frase como *Max knows the answer*, o SN *the answer* é considerado Tema, já que poderia ser entendido como uma posse abstrata. Ademais, o autor ressalta que os adjetivos em frases como *John stayed angry*, funcionam como localizações abstratas e compara essa sentença com *John stayed in the room*, em que se pode observar o mesmo verbo, expressando uma localização física. Ainda analisando os argumentos de um ponto de vista da localização, Jackendoff destaca que, nas frases *Will inherited a million dollars* e *Dave explained the proof to his students*, o SN *Will* e o SPrep *to his students* receberiam o papel temático de Meta.

Há que se destacar também que Jackendoff (1972) trata os papéis temáticos como subfunções semânticas das funções CAUSE, CHANGE e BE, que seriam primitivos semânticos. Segundo o autor, a função CAUSE tomaria dois argumentos, um indivíduo Agente e um evento, provocado por esse Agente; a função CHANGE toma três argumentos, um indivíduo, que é um Tema, um estado inicial, que seria a Fonte, e um estado final, que receberia o papel de Meta e a função BE toma um indivíduo, que recebe o papel temático de Tema e um estado que recebe o papel temático de Lugar. Essa análise da estrutura conceitual a partir de funções e subfunções será ampliada em trabalhos posteriores, como em Jackendoff (1987).

Jackendoff (1987) abandona os papéis temáticos de Gruber (1965) e defende que as relações temáticas partem de regras inatas da estrutura conceitual que incluem categorias conceituais primitivas. Dentre essas categorias, estariam entidades como Thing, Event, State, Action, Place, Path, Property e Amount. Segundo o autor, por meio

de regras de formação, as categorias se expandiriam em expressões mais complexas, como se ilustra no exemplo a seguir<sup>58</sup>:

(111) PLACE → [Place PLACE-FUNCTION (THING)]

(112) EVENT →  $\left\{ \begin{array}{l} \text{[EVENT GO (THING, PATH)} \\ \text{[EVENT STAY (THING, PLACE)]} \end{array} \right.$

Em (111), pode-se observar que a categoria Place expande-se para uma Função de Place que toma como argumento de função uma categoria Thing. Essa representação semântica poderia ser expressa pela estrutura *under the table*, por exemplo. Já em (112), observa-se a categoria Event que pode ser expandida nos dois tipos de Função de Event GO e STAY, que também tomam seus argumentos. Uma estrutura como *Bill went to New York* pode representar a Função de Event com GO e uma sentença como *Bill stayed in the kitchen* pode representar a Função de Event com STAY, por exemplo<sup>59</sup>. Conforme Jackendoff, os papéis temáticos propostos por Gruber estariam, de alguma forma, presentes em sua proposta, pois o papel temático *tema*, que é o objeto em movimento ou que está sendo localizado, seria o primeiro argumento de GO, STAY, BE e ORIENT; o papel *fonte*, que é a origem da moção de um objeto, pode ser o argumento da Função de Path FROM; o papel *meta*, que denota o local para onde o objeto vai é argumento da Função de Path TO; *agente* seria o primeiro argumento da Função de Event; *experenciador* é um argumento ainda não explorado da Função de State, relacionando-se aos estados mentais.

Nesse mesmo artigo, o autor demonstra a fraqueza do Critério-Theta, ao mostrar que dois elementos podem receber o mesmo papel temático, como na frase *The box has books in it*, em que o SN *the box* e o SPrep *in it* receberiam o mesmo papel temático e ao mostrar que um único SN pode receber dois papéis temáticos, como em *The car hit the tree*, em que o SN *the tree* é, ao mesmo tempo, *meta* e *paciente*<sup>60</sup>.

Apesar de apresentar uma proposta consistente de análise das relações temáticas, convém lembrar que Jackendoff (1987) argumenta que os papéis temáticos tradicionais

<sup>58</sup> Exemplos retirados de Jackendoff (1987, p. 375).

<sup>59</sup> Esses exemplos foram retirados de Jackendoff (1987, p. 375).

<sup>60</sup> Esses exemplos foram retirados de Jackendoff (1987, p. 382 e 395, respectivamente).

estariam contemplados dentro de sua teoria. Ademais, é importante lembrar que a proposta do autor não considera os verbos leves nem o estudo das construções. Por essa razão, não foi adotada na presente pesquisa.

Dowty (1989) apresenta uma proposta totalmente diferente de Fillmore, (1968, 1971b) e Jackendoff (1972,1987). O autor diferencia os papéis temáticos tipos dos papéis temáticos individuais. Para o autor, os papéis tipos seriam os papéis mais tradicionais, como Agente, Paciente, Experienciador, Meta, etc. e os papéis individuais são o que Goldberg (1995) denominará papéis participantes, que são aqueles delimitados pelo verbo, por exemplo, o verbo *kill* teria *killer* como o papel temático individual sujeito. Dowty (1991) defende que o papel temático tipo “é um conjunto de acarretamentos de um grupo de predicados em relação a cada um de seus argumentos”<sup>61</sup> (p. 552). O autor defende que apenas dois papéis temáticos tipos seriam necessários para descrever a seleção argumental de forma eficiente: o Proto-Agente e o Proto-Paciente. Conforme Dowty (1991), esses papéis não seriam discretos, mas constituídos por um agrupamento de conceitos. Por exemplo, algumas propriedades do P-Agente seriam: ter volição, causar um evento ou uma mudança de estado em um participante, ter movimento em relação ao outro participante, ter percepção e algumas propriedades do P-Paciente seriam: sofrer uma mudança de estado, ser um tema incremental, ser afetado por outro participante, ser mais estático em relação ao movimento de outro participante. Essa proposta resolveria a questão do crescimento do número de papéis temáticos propostos por cada autor, já que haveria apenas dois, mas outros problemas poderiam ser criados, pois, de acordo com o Dowty (1991, p.576), para um predicado de três lugares, o argumento com maior número de acarretamentos de P-Agente iria para a posição de sujeito, o argumento com maior número de acarretamentos de P-Paciente iria para a posição de objeto e o outro argumento seria classificado como um oblíquo. Entretanto, oblíquo é uma classificação sintática, não é semântica. Não obstante, o autor declara que os papéis temáticos são “obviamente criaturas da interface sintático-semântica e então requerem uma sonora base teórica semântica tanto quanto sintática (e estas devem ser mutuamente consistentes) com o objetivo de serem partes respeitáveis da teoria linguística” (DOWTY, 1991, p. 548)<sup>62</sup>.

---

<sup>61</sup> “(...) is a set of entailments of a group of predicates with respect to one of the arguments of each”. (DOWTY, 1991, p. 7)

<sup>62</sup> “(...)obviously creatures of the syntax-semantics interface, and thus require a sound semantic theoretical basis as well as a syntactic one (and these must be mutually consistent) in order to be considered respectable parts of linguistic theory” (DOWTY, 1991, p. 548)

Partindo dos pressupostos teóricos de Dowty (1989, 1991) para a análise de verbos da língua portuguesa, Cançado (2002, 2005) define papel temático como sendo um grupo de propriedades acarretadas pelo predicador a seus argumentos. Quatro propriedades semânticas são apontadas como relevantes gramaticalmente para a análise da rede temática dos verbos: *controle*, *desencadeador*, *afetado* e *estativo*. Dessa forma, o papel temático, de acordo com a autora, é a propriedade ou o grupo de propriedades semânticas acarretadas pelo predicador a um argumento, sendo que o *controle* nunca representará sozinho o papel temático de um argumento; ele sempre acompanhará as outras propriedades. Destaque-se que, posteriormente, a autora abandona a análise semântica baseada em papéis temáticos e adota a linguagem de decomposição de predicados (cf. CANÇADO, GODOY, AMARAL, 2013).

Também analisando dados da língua portuguesa, Perini (2008) distingue as *relações conceptuais temáticas* (RCT's) dos *papéis temáticos*. De acordo com o autor, os papéis temáticos são as unidades gramaticalmente relevantes para a análise da língua e são semanticamente esquemáticos e as RCT's são as informações semânticas que derivam do significado de um determinado verbo. Assim, um conjunto de RCT's semelhantes formaria, de acordo com o autor, um papel temático. Observe-se o exemplo a seguir:

(113) O cachorro mordeu o menino.

Na sentença (113), pode-se dizer que o SN sujeito apresenta as seguintes relações conceptuais temáticas, derivadas do significado do verbo *morder*: o cachorro usou os dentes, tem controle sobre a ação, é o causador, animado, etc. Como se observa, elas não têm relevância gramatical, já que muitas dessas relações são específicas desse verbo. O papel temático correspondente ao SN sujeito é *agente*, que é muito mais esquemático, correspondendo a um conjunto de RCT's semelhantes, licenciadas por diversos verbos. Nesse caso, espera-se que as RCT's sejam muito numerosas e os papéis temáticos formem um grupo mais limitado.

Como se vê, as RCT's são semelhantes aos papéis participantes de Goldberg (1995) e aos papéis individuais de Dowty (1989) e os papéis temáticos corresponderiam aos papéis argumentos de Goldberg (1995) e aos papéis tipos de Dowty (1989).

Convém ressaltar que Perini (2008) apresenta uma lista de papéis temáticos, na qual estão incluídos os papéis temáticos mais tradicionais, como *agente*,



*experienciador, instrumento, paciente, lugar, fonte, meta e tema*, porém alguns papéis temáticos são propostos pelo autor, como *αRef* (usado para indicar a correferência de dois ou mais elementos), *designação* (um nome atribuído a algo), *qualificando* (entidade à qual é atribuída uma qualidade), *localizando*, *qualidade*, *medida*, *opinador*, etc. Pode-se observar que a lista proposta pelo autor é mais extensa do que normalmente se verifica, mas, por outro lado, pode se mostrar mais apropriada para a análise empírica dos dados da língua portuguesa, visto que é uma lista mais flexível.

O autor não define os papéis temáticos utilizados em suas análises, mas apresenta vários exemplos de classificação, alguns dos quais são ilustrados a seguir.

a) Construção transitiva:

(114) Zezé comeu a pizza.

H <sup>63</sup>	V	SN
Ag		Pac

b) Construção transitiva de sujeito tema:

(115) A multidão abandonou o estádio.

H	V	SN
Ag.		Pac.
Tema		Fonte

c) Construção de percepção:

(116) Carolina adora chocolate.

H	V	SN
Exp		CausExp

---

<sup>63</sup> Perini (2008) utiliza a variável H para representar o SN rotulado como “sujeito” da oração e o sufixo verbal que indica pessoa-número. De acordo com o autor, é possível identificar o “sujeito” por meio da “regra de identificação do sujeito”, que seria:

Condição prévia: O sujeito é um SN cuja pessoa e número sejam compatíveis com a pessoa e número indicados pelo sufixo de pessoa-número do verbo.

(i) Se na oração só houver um SN nessas condições, esse SN é o sujeito.

(ii) Se houver mais de um SN, então o sujeito é o SN que precede imediatamente o verbo.

(iii) Mas se o SN em questão for um clítico (me, te, nos, se), ele não conta, e o sujeito é o SN precedente. (PERINI, 2008, p.108)

d) Construção de objeto possuído:

(117) Minha prima tem dois carros.

H	V	SN	
Possuidor		Possuído	

e) Construção estativa de identificação:

(118) Beth é a rainha da Inglaterra.

H	V	SN	
$\alpha$ Ref		$\alpha$ Ref	

f) Construção dativa:

(119) Carminha deu 200 reais a sua neta.

H	V	SN	Prep SN
Ag			Beneficiário
Fonte		Tema	Meta

g) Estativa de lugar:

(120) Raquel está aqui.

H	V	SN	
Localizando		Lugar	

h) Construção estativa:

(121) Clara está/é bonita<sup>64</sup>.

H	V	SAdj	
Localizando		Qualidade	

Assim, para a definição dos papéis licenciados pela construção, utilizou-se a proposta de Perini (2008), com algumas reformulações, e também algumas definições dos papéis temáticos apresentadas por Jackendoff (1972, 1987) e por Fillmore (1968, 1971b), conforme se verá, com mais detalhes, na seção 3.4.1.2. Convém ressaltar que os papéis participantes/papéis individuais dos verbos também foram utilizados, pois essa é

<sup>64</sup> Perini (2008) afirma que, a rigor, existem diferenças entre *ser* e *estar*, já que aquele denota uma qualidade inerente e este uma qualidade accidental, mas elas não devem aparecer na diátese.

a proposta de Goldberg (1995), isto é, na representação das construções, apresentam-se os papéis licenciados pela construção na parte superior, que seriam os papéis temáticos mais tradicionais, e os papéis participantes na parte central (cf. figura 2, apresentada na seção 2.1).

Alguns pesquisadores podem se perguntar por que utilizar entidades discretas para analisar as construções. Em primeiro lugar, há que se destacar que não há um consenso quanto à nomenclatura, quantidade ou a melhor forma de representação dos papéis temáticos. Nesse caso, o melhor seria esquivar-se de um assunto tão problemático conceitualmente. Entretanto, ao se trabalhar com construções, a representação semântica tem que ser apresentada, uma vez que as construções são constituídas pela estrutura sintática e semântica. Assim, cabe ao pesquisador decidir qual teoria utilizar e se será necessário adaptá-la ao seu universo de análise. Nesta pesquisa, pensamos que os papéis temáticos discretos são mais apropriados para representar os papéis licenciados pelas construções, como defende Goldberg (1995), que constitui a base teórica deste trabalho. Além disso, deve-se considerar que a análise dos papéis temáticos como um feixe de traços poderia dificultar as generalizações pretendidas na tese para o estabelecimento das relações de herança. De toda forma, pensamos que a distinção entre papéis argumentos e participantes pode ser um passo na direção de se superar os limites desse tipo de abordagem, que trata os papéis como entidades discretas.

Outro ponto a se considerar é o armazenamento das construções, pois, a partir do estabelecimento das relações de herança nos dados de língua escrita pretérita, os *links* verificados entre as CVL's, CSVL's, CVP's e as CSVPsico's devem ser considerados conexões cognitivas. Para mostrar essas conexões, elegemos os trabalhos de Bybee (2006, 2010), visto que a autora desenvolve seus trabalhos dentro de uma perspectiva construcional e, além disso, defende que o uso da língua afeta as representações cognitivas, o que vai ao encontro de nossa análise de dados empíricos da língua portuguesa.

### 2.1.4 Bybee (2006, 2010) e o armazenamento das construções

Conforme explicitado nos objetivos, na seção 0.3, neste trabalho, propusemo-nos não apenas a pesquisar as relações de herança entre as construções evocadas pelos *frames* dos verbos psicológicos, mas também a levantar hipóteses acerca de como essas construções são armazenadas em nossa mente. Como o presente trabalho considera que as relações de herança são historicamente construídas e são afetadas pela frequência de uso, faz-se indispensável analisar a língua como variável e utilizar uma teoria que explique como o uso afeta as representações mentais. Dessa forma, a teoria proposta por Bybee (2006, 2010) atende bem nossa proposta de análise diacrônica e empírica.

Na perspectiva baseada no uso da língua, defende-se que a experiência do indivíduo com a língua pode afetar sua representação mental. Segundo Bybee (2006, p.711), a gramática pode ser entendida como “a organização cognitiva da experiência de alguém com a língua”<sup>65</sup>. Isso significa que a frequência de uso de determinadas construções pode afetar sua representação e é por isso que nós reconhecemos, por exemplo, quais construções são convencionalizadas e quais não são. Nessa teoria, a língua é tratada como um fenômeno que apresenta ao mesmo tempo uma regularidade de estrutura e uma considerável variação em todos os níveis.

A autora também acredita que as mesmas habilidades cognitivas gerais utilizadas pelo cérebro humano para realizar as mais diversas atividades são utilizadas nos eventos linguísticos. Então, os mecanismos linguísticos se inserem nos processos de domínio geral (BYBEE, 2010). Além disso, a autora postula que, quando esses processos são repetidos, ocorre um impacto nas representações cognitivas do indivíduo. Dessa forma, “a estrutura linguística é vista como emergente de aplicações repetidas de processos subjacentes, mais do que dada a priori ou por um *design*, logo a língua pode ser vista como um sistema adaptativo complexo”<sup>66</sup> (HOPPER, 1987; LARSEN-FREEMAN, 1997; ELLIS and LARSEN-FREEMAN, 2006 *apud* BYBEE, 2010, p.2).

Bybee (2010) destaca os seguintes processos de domínio geral como importantes para o estudo da língua: riqueza da memória, categorização, *chunking*, analogia e

---

<sup>65</sup> “ (...) grammar is the cognitive organization of one’s experience with language.” (BYBEE, 2006, p.711).

<sup>66</sup> “ (...) linguistic structure is viewed as emergent from the repeated application of underlying processes, rather than given a priori and by design, then language can be seen as a complex adaptive system” (HOPPER, 1987; LARSEN-FREEMAN, 1997; ELLIS and LARSEN-FREEMAN, 2006 *apud* BYBEE, 2010, p.2).

associação *cross-modal*. De acordo com a autora, a categorização é um processo que interage com todos os outros e consiste em identificar frases, palavras ou componentes das frases que são semelhantes e relacioná-los na memória. O *chunking* é o processo responsável pela formação de unidades complexas, i. e., sempre que sequências de palavras são usadas juntas de forma coerente forma-se um *chunking*. Expressões formulaicas ou pré-fabricadas e construções são exemplos desse processo. A riqueza da memória se refere à capacidade do cérebro humano de estocar detalhes da experiência com a língua, como os contextos de uso, significados, inferências e detalhes fonéticos. Observe-se que, nessa teoria, a capacidade dos indivíduos de armazenar dados é mais ou menos ampla. Defende-se que nossa memória se organiza em exemplos, que são formados a partir dos *tokens* da experiência linguística. Nessa proposta, nenhum *token* de experiência é descartado, os *tokens* idênticos são armazenados juntos, fortalecendo sua representação mental e os *tokens* similares são armazenados próximos a eles. Na representação exemplar, cada *token* de experiência pode afetar as representações cognitivas. Além disso, Bybee (2010) postula que é através da analogia que novas sentenças são criadas a partir de sentenças anteriores. Já a capacidade de relacionar forma e significado deve-se ao processo *cross-modal*.

Todos esses processos serão importantes para o estudo das relações de herança das construções com verbos leves. Se pensarmos que as construções se formaram devido à repetição das mesmas sequências de palavras e que, conseqüentemente, essas palavras passaram a ser estocadas juntas na memória, podem-se perceber os processos de *chunking*, a riqueza da memória, associação *cross-modal* e categorização.

A frequência de uso com que duas ou mais palavras são usadas juntas criará um *chunking*. Os exemplos mais frequentes serão mais fortes do que os exemplos menos frequentes e serão mais fáceis de acessar (BYBEE, 2010, p. 24). A categorização é essencial para o estudo das construções, porque quase todas são parcialmente esquemáticas, ou seja, permitem que algumas posições sejam preenchidas com diferentes tipos de verbos, adjetivos ou nomes. Por exemplo, as construções de mudança de estado, evocadas pelos *frames* de AMEDRONTAR, ENRAIVECER e ODIAR, podem apresentar diferentes substantivos depois do verbo, temos *ficar com medo*, *ficar com raiva* e *ficar com ódio*. Vemos que essa posição do SPrep é esquemática.

Destaque-se também que, nesse modelo, sequências usadas juntas, com uma certa frequência, podem ser acessadas como unidades únicas. “Isso significa que mais do que acessar unidades separadamente e colocá-las na construção, uma sequência

inteira é acessada de uma vez”<sup>67</sup> (BYBEE, 2010, p.52). Assim, em uma construção que indica posse abstrata, como *tem medo*, o verbo e o substantivo serão acessados juntos. Apesar disso, as partes que compõem a construção podem continuar sendo acessadas, mas a autora adverte que a frequência de uso da construção pode ajudar a enfraquecer a identificação das partes e também a analisabilidade e a composicionalidade<sup>68</sup> da construção.

Em relação ao armazenamento dos dados, destaque-se que os *tokens* de experiência são organizados em uma rede, em que novos *tokens* de experiência, quando idênticos, são armazenados juntos com o modelo existente, fortalecendo-o. *Tokens* que são semelhantes aos existentes são armazenados próximos a eles, formando *clusters*. Segundo Bybee (2006), o mesmo ocorreria no modelo construcional, i. e., construções que compartilham uma semelhança formal e uma coerência semântica são armazenadas próximas umas às outras (cf. seção 2.1.4.1).

A analogia, nesse modelo, refere-se ao processo em que um item novo é usado em uma construção já existente. A pesquisa dos verbos de “cambio” do espanhol, realizada por Bybee e Eddington (2006 *apud* Bybee, 2010), mostrou a impossibilidade de se estabelecerem regras para identificar os adjetivos que são usados com esses verbos. Os verbos de “cambio” do espanhol são: *quedarse*, *ponerse*, *volverse* e *hacerse*. Os autores constataram que alguns adjetivos são mais frequentes com cada verbo e que esses adjetivos se comportam como membros centrais da categoria, servindo de base analógica para a entrada de novos itens lexicais nessas construções (cf. seção 2.1.4.1).

A autora declara que, para se encontrar evidências de que o uso linguístico afeta as representações mentais, nenhum tipo de dado deve ser desconsiderado. Experimentos psicolinguísticos, dados intuitivos, estudo de *corpora*, evidências na língua das crianças são considerados evidências das representações cognitivas. Por meio da análise de dados, observa-se como os itens ou construções frequentes “não somente permitem o estabelecimento de um sistema dentro do indivíduo, mas também permitem a criação da

---

<sup>67</sup> “This means that rather than accessing each unit separately and putting them in a construction, a whole sentence is accessed at once.” (BYBEE, 2010, p. 52)

<sup>68</sup> De acordo com Bybee (2010, p. 45), analisabilidade é a capacidade de reconhecer as partes de uma construção ou expressão idiomática, por exemplo, e composicionalidade é a capacidade de se predizer o significado do todo a partir do significado das partes. Dessa forma, uma expressão idiomática como *pull strings* é analisável, já que os falantes do inglês reconhecem as palavras que a compõem, mas não é composicional, pois seu significado é metafórico.

gramática, sua mudança, e sua manutenção dentro da comunidade de fala”<sup>69</sup> (BYBEE, 2006, p.730).

Maiores considerações sobre a representação exemplar das construções e sobre o papel da frequência na representação mental dos indivíduos serão apresentadas na próxima seção.

#### **2.1.4.1 A representação das construções na teoria dos exemplares e a frequência de uso**

Na seção anterior, vimos que, na teoria da Gramática baseada no uso, proposta por Bybee (2006, 2010), adotou-se a teoria dos exemplares. Nesse modelo, novos *tokens* não são decodificados e descartados. Se esses *tokens* são idênticos a um modelo existente, serão mapeados juntos com o modelo anterior, fortalecendo-o e, se novos *tokens* são semelhantes a modelos anteriores, serão armazenados próximos a esses, constituindo *clusters*. O mesmo processo se aplica às construções, visto que construções que compartilham a mesma estrutura sintática e exibem alguma coerência semântica também serão armazenadas próximas umas das outras.

Alguns aspectos desse modelo ajudam-nos a entender o funcionamento da língua, a saber:

- a. Representações exemplares permitem que uma informação específica sobre exemplos seja retida na representação.
- b. Representações exemplares providenciam um caminho natural que permite que a frequência de uso determine a força de exemplos.
- c. Os *clusters* de exemplos são categorias que exibem efeitos prototípicos. Eles são organizados em termos de membros que são mais ou menos centrais na categoria, mais do que em termos de traços categóricos<sup>70</sup>. (BYBEE, 2006, p.717)

---

<sup>69</sup> “(...)not only lead to the establishment of a system within the individual, but also lead to the creation of grammar, its change, and its maintenance within a speech community.” (BYBEE, 2006, p.730).

<sup>70</sup> “a. Exemplar representations allow specific information about instances of use to be retained in representation.

b. Exemplar representations provide a natural way to allow frequency of use to determine the strength of exemplars.

c. Exemplar clusters are categories that exhibit prototype effects. They are organized in terms of members that are more or less central to the category, rather than in terms of categorical features.” (BYBEE, 2006, p.717)

Segundo a autora, parecerá quase impossível que um único *token* possa impactar nossas representações mentais; contudo, Bybee (2006) declara que a questão do armazenamento será sempre probabilística e terá como base a experiência do usuário com a língua. Por exemplo, se alguém escuta uma sequência de palavras apenas uma vez, essa terá o impacto de um minuto em sua memória; entretanto, se essa sequência é repetida, é mais provável que ela seja acessada como uma unidade, já que isso é mais eficiente.

Para entender como funciona a representação das construções na teoria dos exemplares, é necessário ter em mente que as construções são parcialmente esquemáticas, apresentando partes fixas e partes abertas. Quando um novo *token* da parte fixa da construção é ouvido por um usuário da língua, esse *token* fortalecerá o modelo anterior. Contudo, se um novo *token* ocorre na parte esquemática da construção e esse é semelhante a um modelo anterior, será formada uma nova categoria. Em relação aos verbos de “cambio” do espanhol, Bybee e Eddinton (2006 *apud* Bybee, 2006) observaram que algumas combinações de verbo+adjetivo apresentavam alta frequência no *corpus* analisado, a saber: *ponerse nervioso*, *quedarse solo* e *quedarse inmóvil*. Tomando como exemplo a construção *quedarse inmóvil*, os autores descobriram que outros quinze adjetivos ou expressões similares a *inmóvil* ocorreram de uma a três vezes no *corpus*. Esses adjetivos teriam formado uma categoria, em que o membro mais frequente é central e os menos frequentes são marginais. Assim, Bybee e Eddinton declararam que os verbos *quedarse* e *ponerse* apresentavam um número de *clusters* de adjetivos. No caso de *quedarse*, verificaram a existência de quatro *clusters* ou categorias de adjetivos: *quedarse solo*, *quedarse inmóvil*, *quedarse sorprendido* e *quedarse embarazada*. Assim, novos *tokens* semelhantes a *inmóvil*, como *parado*, *tieso*, *duro*, *paralizado*, serão armazenados juntos com *inmóvil*, formando um *cluster*.

Essas considerações são muito importantes, pois são tomadas como base teórica para uma proposta de armazenamento das construções estabelecida na seção 4.8. Além disso, a frequência da construção e de seu membro central é um dos pilares usados neste trabalho para o estabelecimento das relações de herança, junto com as relações sintático-semânticas e a história das construções, conforme será apresentado na seção 2.3.

É importante apresentar, além dos estudos que dialogam diretamente com o conceito de construção desenvolvido por Goldberg (1995), como os trabalhos sobre predicação, papel temático e armazenamento das construções, apresentados até o



momento, propostas que permitam ampliar e esclarecer melhor o conceito de relações de herança apresentado pela autora. Esse tema será desenvolvido na próxima seção.

## **2.2 Propostas que dialogam com o conceito de relações de herança**

As relações de herança propostas por Goldberg (1995) partem do conceito de motivação presente em Lakoff (1987), em que o autor analisa as extensões de sentido nas construções de *there* e propõe que uma construção central motiva outras construções, gerando extensões de sentido. Além disso, como Goldberg apresenta as relações de herança como relações sintático-semânticas entre construções, sua teoria pode ser relacionada à teoria das relações semânticas regulares, desenvolvida por Norrick (1981), na qual o autor defende que as extensões de sentido dos itens lexicais são motivadas e ocorrem devido a princípios metonímicos e metafóricos, que relacionam os itens lexicais por meio de *via-rules*. Essas *via-rules* se assemelham aos *links* de herança propostos por Goldberg e, assim como a autora propõe o *link* de extensão metafórica, Norrick propõe um princípio que parte desse mesmo mecanismo. Dessa sorte, com as resenhas desses autores, pretende-se ampliar o conceito de relações de herança, o que resultará em nossa proposta de análise, que contará, seguindo as teorias de Norrick e Lakoff, com o *link* de extensão metonímica, não contemplado no trabalho de Goldberg.

### **2.2.1 Motivação e relações de herança: Lakoff (1987)**

Como se viu na seção 2.1, Goldberg (1995) desenvolve o conceito de relações de herança e motivação a partir do estudo de Caso 3 de Lakoff (1987), em que o autor analisa as construções de *there* (*there-Constructions*). Nesse estudo, o autor analisa as duas construções centrais de *there*, as construções dêiticas e as construções existenciais, e propõe que as construções dêiticas motivaram as construções existenciais. Esse estudo será apresentado nesta seção.

Em primeiro lugar, vejamos exemplos dessas duas construções<sup>71</sup>:

(122) Dêitica: There's Harry with his red hat on.

(123) Existencial: There was a man shot last night.

Segundo o autor, há várias diferenças entre essas construções. Na frase (122), o dêítico *there* é usado para escolher uma localização em relação ao falante, porém, na frase (123), não se verifica uma localização, mas a existência de um evento, i. e., o fato de um homem ter sido baleado na noite anterior. Ademais, normalmente, o dêítico *there* é usado junto com o gesto de apontar, o que não ocorre nas construções existenciais, e apresenta uma ênfase, enquanto o existencial *there* não possui ênfase e sua vogal pode estar reduzida.

Há também algumas diferenças sintáticas entre essas construções. Conforme Lakoff (1987), nas existenciais, *there* é sujeito (ele pode ser usado em uma *tag-question*, por exemplo) e não pode ser substituído por *here*. Destaque-se também que as construções dêíticas não podem ser negadas ou usadas de modo encaixado em uma sentença. No entanto, Lakoff e outros autores (FILLMORE, 1968, THORNE, 1973, KUNO, 1971 e LYONS, 1968 *apud* LAKOFF, 1987) defendem que não é acidente o fato de *there* ocorrer nas duas construções. O autor destaca que a explicação mais comum é dizer que as construções existenciais são uma extensão das construções dêíticas, visto que as coisas que existem devem estar localizadas em algum lugar. Contudo, afirma que é uma explicação muito superficial e, para mostrar a relação entre essas duas construções, Lakoff analisa as subconstruções dêíticas *there*, defende que essas construções foram motivadas pelas construções dêíticas *there* centrais, e mostra como formam um continuum com as construções existenciais *there*.

Lakoff mostra que, dentro da categoria de construções dêíticas *there*, há várias subconstruções, que seriam variações da construção central. O autor trabalha com a teoria de protótipos e defende que “as construções dêíticas formam uma categoria natural com as construções dêíticas centrais como protótipos. Em grande parte, as

---

<sup>71</sup> Exemplos retirados de Lakoff (1987, p. 468).

construções dêiticas não prototípicas são baseadas nas construções dêiticas centrais” (LAKOFF, 1987, p. 556)<sup>72</sup>.

A seguir, apresentam-se a construção central e as subconstruções dêiticas *there*:

Construção central:

(124) There’s Harry with the red jacket on.

Subconstruções:

(125) Perceptual: There goes the bell now!

(126) Discursiva: There’s a nice point to bring up in class.

(127) Existencial: There’s goes our last hope.

(128) Atividade inicial: There goes Harry, meditating again.

(129) Entrega: Here’s your pizza, pipping hot!

(130) Modelo: Now there was a real ballplayer!

(131) Exasperação: There goes Harry again, making a fool of himself.

(132) Foco narrativa: There I was in the middle of the jungle...

(133) Novo empreendimento: Here I go, off to Africa.

(134) Apresentação: There on that hill will be built by the alumni of this university a ping-pong facility second to none.

A construção dêitica central é uma sentença que possui um dêitico locativo adverbial; um SN que é uma entidade visível, que não pode ser uma proposição, evento ou estado; um verbo de moção e um advérbio locativo. Essa construção é uma cláusula simples e expressa o ICM<sup>73</sup> de apontar. Quanto às subconstruções, Lakoff (1987, p. 508) propõe que cada uma delas herdará da construção central todos os parâmetros de forma e significado, exceto aqueles que explicitamente contradizem os parâmetros listados para as subconstruções.

Assim, a construção dêitica perceptual difere da construção dêitica central, porque esta designa uma localização física no espaço e aquela se refere a uma

---

<sup>72</sup> “(...) the deictic constructions forma a natural category with the central deictic as prototype. For the most part, the nonprototypical deictic constructions are based on the central deictic” (LAKOFF, 1987, p. 556).

<sup>73</sup> Segundo Lakoff (1987, p. 68), nós organizamos nosso conhecimento por meio de estruturas chamadas de modelos cognitivos idealizados (ICM’s), e essas estruturas e seus efeitos prototípicos são subprodutos dessa organização. Esse modelo, de acordo com o autor, se parece com o conceito de *frame* desenvolvido por Fillmore (1982).

localização perceptual, mais do que física. Por exemplo, em (125), o falante quer dizer que o sino tocará novamente. Pode-se ver, nessa construção, uma metáfora, pois *there* se refere a uma localização em um espaço perceptual não visual. Já as dêiticas discursivas são usadas para se referir a alguma coisa no discurso. A dêitica existencial mostra que alguma coisa existe na presença do falante e, conforme Lakoff (1987, p. 518-519), essa construção é mapeada como uma metáfora, visto que “existir é estar localizado. Além disso, nós sabemos que algo existe se está em nossa presença; caso contrário, não podemos ter certeza” (LAKOFF, 1987, p. 518)<sup>74</sup>. No caso da dêitica de atividade inicial, não se observa ação ou moção, apenas a marcação do começo de uma atividade. Por exemplo, em (128), o falante mostra que Harry vai começar a meditar. Em relação à dêitica de entrega, observa-se que ela é usada somente em uma situação de entrega de um produto. Ressalte-se que o advérbio dêítico *there* não apresenta ênfase e a vogal desse advérbio pode estar alongada. Já a dêitica modelo ocorre quando o falante destaca uma entidade que serviria como um modelo para as demais. Em (130), por exemplo, aponta-se um jogador que seria considerado o modelo de sua categoria. Nesses casos, de acordo com o autor, haveria uma entonação específica e ocorreria um mapeamento metonímico. A construção dêitica de exasperação é usada para sinalizar a raiva do falante com o comportamento de alguém. No exemplo (131), alguém demonstra impaciência com alguma atitude de Harry. Segundo Lakoff, parece que a metáfora de uma atividade de moção ocorre nesses casos, porque *there* designa o início de uma atividade. Além disso, a exasperação deve ser indicada por um suspiro, uma contração na garganta, uma leve nasalização ou até um contorno de entonação. Em relação às construções dêiticas de foco narrativo, Lakoff afirma que os falantes podem usar essa construção para focar um participante da narrativa ou para focarem a si próprios. Pode-se ver, por exemplo, que, em (132), o falante coloca o foco sobre si mesmo. A construção dêitica de um novo empreendimento apresenta uma entonação crescente com uma queda no final e é usada para marcar o entusiasmo do começo de um novo empreendimento. Para Lakoff, essa construção apresenta uma interseção com a dêitica de atividade inicial. Por fim, a construção dêitica de apresentação, de acordo com o autor, apresentaria uma diferença sintática em relação à construção dêitica central, porque aquelas, em vez de utilizarem um verbo, utilizam um verbo ou uma expressão verbal composta ou um verbo principal e um auxiliar. Em (134), utilizou-se,

---

<sup>74</sup> “To be is to be located. Moreover, we know that something exists if it is in our presence; otherwise, we cannot be sure” (LAKOFF, 1987, p. 518).

por exemplo, *will be built*. Além disso, a dêitica de apresentação tem dois usos. Pode ser usada para indicar uma descoberta, introduzindo ou reintroduzindo um referente no discurso e também pode ser usada para indicar algo que o falante considera extremamente significativo, como no exemplo (134), em que se pretende chamar a atenção para a nova construção.

Como vimos no início dessa seção, as construções dêiticas centrais *there* diferem-se bastante das construções existenciais *there*. Entretanto, observando-se as subconstruções dêiticas *there*, é possível perceber que algumas delas estão mais próximas das construções existenciais. Por exemplo, vimos que as construções dêiticas perceptuais e as discursivas não se referem a uma localização no espaço, mas a uma localização abstrata na percepção e no discurso, respectivamente. Vimos também que as construções dêiticas existenciais, para caracterizar a existência, referem-se a uma localização no espaço conceptual. Além disso, quando o advérbio *there* das construções dêiticas de entrega não tem ênfase, é praticamente idêntico ao *there* das construções existenciais. Portanto, “há um continuum entre as dêiticas espaciais *there* e a existencial *there*” (LAKOFF, 1987, p. 541). Para Lakoff, esse continuum mostra a organização da gramática inglesa. O autor defende que a categoria das construções existenciais está paralela à categoria das construções dêiticas ou, em outras palavras, as construções existenciais se baseiam nas construções dêiticas.

Nesse estudo, o autor apresentou as subconstruções existenciais *there*, que estão representadas a seguir<sup>75</sup>:

Construção central:

(135) *There's a masked man outside.*

Subconstruções:

(136) Estranha: *There's a man been shot.*

(137) Ontológica: *There IS a Santa Claus.*

(138) Infinitiva: *There's food to eat.*

(139) Apresentação: *There walked into the room a tall blond man with one black shoe.*

---

<sup>75</sup> Exemplos retirados de Lakoff (1987, p. 562, 567).

Lakoff (1987) mostra que a subconstrução estranha difere da construção existencial central, porque o auxiliar na sentença não é o verbo *to be*, mas o verbo *to have*. A construção ontológica é utilizada quando existe uma discussão sobre a existência de uma entidade e, normalmente, o verbo tem mais ênfase. Por exemplo, em (137), o falante defende a existência do Papai Noel e a forma verbal “is” está em caixa alta para marcar a ênfase. Já a construção infinitiva apresenta uma oração reduzida de infinitivo, cujo sujeito não é preenchido e é correferente ao SN anterior. Na construção (138), por exemplo, a oração de infinitivo apresenta uma lacuna, pois se pode pensar em algo como “to eat \_\_\_\_”. Como se pode ver, o SN que completa essa lacuna é “food”. Por fim, a construção existencial de apresentação traz a entidade designada pelo SN para dentro da narrativa. Isso significa, tomando como exemplo a sentença (116), que o falante traz para dentro do espaço mental do ouvinte, que também é o espaço mental da narrativa, a entidade (nesse caso, um “homem alto, loiro e com sapato preto”).

De acordo com Lakoff (1987), se assumirmos que as línguas são estruturadas para maximizar a motivação, então, devemos esperar que categorias estruturadas radialmente sejam prevalecentes, uma vez que elas ajudam o sistema a maximizar a motivação. Assim, a motivação deve ser pensada como um sistema de redundâncias, em que todas as estruturas do sistema conceitual e da gramática devem ser consideradas juntas.

Lakoff assume que as construções são usadas como um todo, como entidades *gestalts*, o que significa dizer que as construções não são uma soma de suas partes. Dessa forma, “quanto mais as propriedades da construção são motivadas, mais funcionam como um *gestalt*”<sup>76</sup> (LAKOFF, 1987, p. 538). O autor ressalta que bons *gestalts* são, cognitivamente, mais simples, mais fáceis de aprender, de lembrar e de usar. Lakoff destaca também que “se A é um bom *gestalt*, e B é uma variação mínima de A, então B é quase tão bom *gestalt* quanto A” (LAKOFF, 1987, p. 538)<sup>77</sup>. Assim, a razão de nosso sistema cognitivo ser organizado em bons *gestalts* e variações mínimas deve-se ao fato de que isso maximiza nossa eficiência cognitiva, haja vista que bons *gestalts* e suas variações mínimas são fáceis de aprender, lembrar e usar.

Para relacionar suas análises, Lakoff (1987) se vale destes quatro modelos cognitivos:

---

<sup>76</sup> “The more a construction’s properties are motivated, the better it functions as a *gestalt*” (LAKOFF, 1987, p. 538).

<sup>77</sup> “If A is a good *gestalt*, and B is a minimal variation of A, then B is almost as good a *gestalt* as A” (LAKOFF, 1987, p. 538).

- Modelos proposicionais: que são aqueles que especificam os elementos, suas propriedades e as relações entre eles. Por exemplo, apresentaram-se as construções e subconstruções dêiticas e existenciais *there*, suas propriedades e como elas estão relacionadas.

- Modelos de imagem-esquemáticos: que são aqueles que mostram as imagens esquemáticas. Por exemplo, nosso esquema sobre os lápis incluem que eles são objetos longos e finos.

- Modelos metafóricos: em que um modelo de imagem-esquemático ou proposicional de um domínio são mapeados para uma estrutura correspondente em outro domínio. Por exemplo, as construções dêiticas perceptuais mapeiam a localização física no espaço de *there* das construções dêiticas como uma localização em um espaço perceptual.

- Modelos metonímicos: nos quais um elemento de um modelo faz referência a outro. Por exemplo, em um modelo que representa parte-todo, deve-se permitir que a parte represente o todo. Assim, nas subconstruções dêiticas de modelo, como mostrado no exemplo (130), aponta-se um jogador que seria considerado o modelo de sua categoria.

Outro autor que teoriza sobre as relações entre as construções e sobre o papel da motivação é Norrick (1981), que será apresentado a seguir. Ao contrário de Lakoff, Norrick apresenta as relações semânticas entre itens lexicais, mas suas conclusões são importantes, porque, assim como Lakoff, as extensões de sentido são baseadas em princípios metafóricos e metonímicos, que são os mecanismos de extensão de sentido mais recorrentes nas relações de herança de nossa análise.

### **2.2.2 Relações semânticas regulares: Norrick (1981)**

Norrick (1981) desenvolve princípios semânticos que demonstram a motivação nas relações conteúdo-expressão e argumenta que esses princípios fazem parte da teoria semântica. Esses princípios mostram, por exemplo, transferências e extensões de significados nas leituras figuradas e nas expressões idiomáticas, que seriam motivadas e ocorreriam por meio do que o autor denomina de *via-rules*.

O autor retira o termo “motivação” de Eco (1976), que define “‘motivação’ como uma propriedade possuída por uma expressão de um signo exibindo uma relação não arbitrária com seu conteúdo”<sup>78</sup> (ECO, 1976 *apud* Norrick, 1981, p. 22). Partindo dos trabalhos de análise semiótica de Eco (1972, 1976) e do trabalho de Peirce (1931-1961), Norrick apresenta os princípios da motivação icônica e os princípios da motivação indexal.

Em relação aos princípios de motivação icônica, o autor nos apresenta duas classes gerais: i) o modelo e o objeto e ii) classes, membros das classes e traços, como se pode ver a seguir.

#### a) Código icônico

- Classe geral: modelo e o objeto.

Princípio:

- ✓ Modelo-objeto: diferem-se por um único traço, apagado de um deles por uma transformação. Por exemplo: o desenho de um prédio e o prédio.

- Classe geral: classes, membros da classe e traços.

Princípios:

- ✓ Genérico-específico: um membro da classe e sua classe são vistos de forma extensional, por exemplo, o cão e todos os cães.
- ✓ Caso-geral: membros da classe e sua classe são vistos intencionalmente, por exemplo, o cão e os traços que definem um cão.
- ✓ Objeto-traço: membros da classe e um traço que distingue sua classe  $x$  de outra classe  $y$  que contém  $x$ , ou qualquer classe  $z$  incompatível com  $x$  e que contém  $y$ , por exemplo, o peixe e o traço de aquático.
- ✓ Membros da classe  $x$  e membro  $y$ : existe um defeito em relação ao critério de validade inferencial, por exemplo, qualquer peixe e qualquer outro peixe.

---

<sup>78</sup> “‘(...)motivation’ as the property possessed by a sign expression exhibiting a non-arbitrary relation with its content” (ECO, 1976 *apud* Norrick, 1981, p. 22).



Seguindo as definições de Eco (1976), Norrick (1981, p. 31) declara que nossa percepção de que existe uma similaridade ou analogia entre as expressões e seus conteúdos é porque reconhecemos as relações estabelecidas pelas transformações codificadas. De acordo com o autor, “estas transformações conectam (nossas percepções de que) objetos compartilham um conjunto único de traços que estão manifestados de diferentes modos”<sup>79</sup> (NORRICK, 1981, p. 31). Por exemplo, podemos reconhecer uma pequena imitação de madeira como o modelo de um edifício grande de concreto e aço, se certas formas e proporções são comuns aos dois.

Quanto ao princípio de motivação indexal, o autor apresenta seis classes gerais: i) causa e efeito, ii) o ator e os principais participantes, iii) a parte e o todo, iv) o contêiner e o conteúdo, v) a experiência e a convenção e vi) o possuidor e o possuído. Esses estão definidos e exemplificados a seguir (NORRICK, 1981, p. 28-29).

#### b) Código indexal

##### ➤ Classe geral: causa e efeito.

###### Princípios:

- ✓ Causa-efeito: fogo e calor;
- ✓ Produtor-artefato: autor e livro;
- ✓ Inato e o produto da fonte natural: galinha e ovo;
- ✓ Instrumento-produto: faca de escultura e a escultura de madeira.

##### ➤ Classe geral: ato e principais participantes.

###### Princípios:

- ✓ Objeto-ato: prego e martelar;
- ✓ Instrumento-ato: caneta e escrever;
- ✓ Agente-ato: padeiro e assar;
- ✓ Agente-instrumento: dirigir e carro.

---

<sup>79</sup> “These transformations connect (our perceptions of) objects sharing a single set of features but manifested in differing médiums” (NORRICK, 1981, p. 31).

➤ Classe geral: parte e todo.

Princípios:

- ✓ Parte-todo: vela e navio;
- ✓ Ato-complexo e ato: cozinhar e suas subpartes (lavar, fatiar, aquecer, colocar em um container na água, adicionar um alimento, esperar, etc.);
- ✓ Fator central e instituição: palco e teatro.

➤ Classe geral: conteúdo e contêiner.

Princípios:

- ✓ Contêiner -conteúdo: caneca de cerveja e cerveja;
- ✓ Localidade-ocupante: cidade e seus residentes;
- ✓ Traje-usuário: uniforme do exército e o soldado do exército.

➤ Classe geral: experiência e convenção.

Princípios:

- ✓ Experiência-convenção: sensação de frio e a leitura da baixa temperatura;
- ✓ Manifestação-definição: o carro se movendo rápido e o carro normalmente ser considerado um veículo de alta velocidade.

➤ Classe geral: possuidor e possuído.

Princípios:

- ✓ Possuidor-possuído: uma pessoa rica e a riqueza;
- ✓ Escritório e dono-escritório: uma pessoa atuando como presidente e o escritório do presidente da instituição.

Norrick (1981, p. 72) defende que a competência semiótica é anterior à competência linguística e, por essa razão, pode-se dizer que a competência linguística está encaixada na competência semiótica. Uma evidência desse encaixamento é o fato de que, em uma comunicação face a face normal, os atos linguísticos são acompanhados de um comportamento significativo. Normalmente, declarações de amor são acompanhadas por expressões faciais e contatos corporais adequados. Além disso, quando há uma contradição entre a informação corporal e a linguística, nós presumimos

que a informação corporal é a correta e que a informação linguística foi usada com a intenção de enganar. Isso mostra que a competência linguística e nosso comportamento estão encaixados e são dependentes de formas gerais de significação.

Dessa forma, o autor propõe que os princípios relacionais semânticos regulares são casos especiais dos princípios semióticos de motivação. Em primeiro lugar, há que se observar que os princípios relacionais semânticos possuem todas as características principais dos princípios de motivação destacados anteriormente, visto que ambos descrevem a relação entre signos. No entanto, segundo Norrick (1981, p. 76), “os princípios relacionais semânticos descrevem relações entre as representações semânticas, que tomam forma nas leituras lexicais das entradas lexicais de palavras e unidades estocadas maiores, e (porções de) interpretações de sentenças”<sup>80</sup>.

Ambos os princípios são produtivos e sistematizáveis e podem ser divididos nas relações de similaridade e contiguidade. Contudo, como as relações semânticas tradicionalmente são divididas em relações metafóricas e metonímicas, Norrick defende uma equivalência entre os princípios metafóricos e os icônicos e entre os princípios metonímicos e os indexais.

Para exemplificar o princípio metafórico 1, Norrick (1981) declara que o verbo “rir” é um predicado, que descreve uma ação e recebe o traço (humano). Para uma sentença como *A cachoeira riu* é necessário retirar o traço (humano) do verbo “rir”. Para esses casos, seria aplicado o princípio metafórico 1, em que “um processo regular de extensão de significado envolve aplicar uma palavra como um predicado quando um de seus traços significantes não se ligam ao contexto” (NORRICK, 1981, p. 81).

No caso do princípio metonímico 1, em que dois itens estão associados por uma relação de causa-efeito, Norrick cita alguns pares de palavras morfologicamente relacionadas, como negro-denegrir, quebrado-quebrar, desagradado-desagradar que estariam associados a esse princípio. Esse princípio também se aplicaria a expressões idiomáticas, como *dispatch to Hades*, significando *matar* ou *take pen in hand*, significando *escrever*.

Para conectar os princípios relacionais regulares às entradas lexicais no léxico, Norrick propõe *via-rules*. Por exemplo, o verbo “wax” está relacionado a “cobrir x com

---

<sup>80</sup> “(...) semantic relational principles describe relations between semantic representations, which take the form of lexical readings in the lexical entries for words and larger stored units, and (portions of ) sentence interpretations” (NORRICK , 1981, p, 76).

cera” por meio de uma *via-rule* que associa esses dois itens ao princípio metonímico 6 (instrumento-ato), da seguinte forma:

Via-rule 2: relacionada ao substantivo *cera* ‘substância produzida pelas abelhas’ via Princípio Metonímico 6 (instrumento-ato). (NORRICK, 1981, p. 164)<sup>81</sup>

Assim, a leitura do verbo é derivada pelo Princípio Metonímico 6 da leitura do substantivo. Dessa forma, depois que o verbo é lexicalizado, a *via-rule 2* gravaria a história dessa derivação e não seria necessário derivar uma nova forma sempre que isso ocorresse.

O trabalho de Norrick é importante, porque, assim como Goldberg (1995) e Lakoff (1987), ele também defende que a motivação é um dos mecanismos linguísticos responsáveis por gerar extensões de sentido. Além disso, ele argumenta que, além dos princípios metafóricos, os princípios metonímicos estariam envolvidos nas relações semânticas regulares. Como se verá no capítulo 4, será proposto que as CSVL’s se relacionam às CSVPsico’s por meio de *links* de extensão metonímica, que é um *link* que não está na proposta de Goldberg.

Na próxima seção, comparar-se-ão a teoria sobre as relações semânticas regulares apresentada por Norrick (1981), o trabalho de Lakoff (1987) e a teoria das relações de herança, desenvolvida por Goldberg (1995). Além disso, será apresentada uma proposta de análise das relações de herança, tomando como base esses autores, o trabalho de Bybee (2006, 2010) e os estudos de Madureira (2000, 2002).

### **2.3 Relações de herança: proposta de análise a partir dos trabalhos de Goldberg (1995), Lakoff (1987) e Norrick (1981)**

É possível fazer uma relação entre a teoria das relações de herança, proposta por Goldberg (1995), as análises do papel da motivação nas construções de *there*, desenvolvidas por Lakoff (1987) e os princípios das relações semânticas regulares,

---

<sup>81</sup> Via-rule: Related to the noun *wax* ‘substance produced by bees’ via Metonymic Principle 6 (instrument-act).

desenvolvidos por Norrick (1981) para que se possa estabelecer uma proposta de análise mais completa das relações de herança.

Goldberg (1995) mostra que as construções estão organizadas em uma rede estruturada e elas estariam relacionadas por meio de *links* de herança. Como se viu, Norrick (1981) defende que o significado de alguns itens lexicais teria sido motivado por outros, como por exemplo, um item como “drama” teria motivado o item “dramaturgo” pelo Princípio Metonímico 2, que estabelece uma relação entre produto-produtor e esses itens estariam conectados no léxico por uma *via-rule*. Convém destacar que Goldberg, partindo da teoria de Lakoff (1987), também defende o conceito de motivação, segundo o qual uma construção A herda todas as propriedades de uma construção B, desde que essas propriedades não entrem em conflito com suas próprias especificações. Essa motivação, segundo a autora, seria capturada por meio de *links* de herança entre as construções. Por exemplo, vimos na seção 2.1.2, que uma construção como “Joe gave Sally the ball” teria motivado uma construção como “Joe promised Bob a car”. Nesse caso, as duas construções apresentam a mesma estrutura sintática, mas há uma pequena diferença de sentido entre elas, visto que, na primeira frase, temos o sentido geral de “X CAUSES Y TO RECEIVE Z”, mas, na segunda frase, para que Bob receba o carro é necessário que as condições de satisfação sejam cumpridas. Portanto, nas duas teorias, temos o conceito de motivação nas relações semânticas, a diferença fundamental entre elas ocorre, porque Norrick (1981) defende que as relações ocorrem entre os itens lexicais e Goldberg argumenta que as relações ocorrem entre as construções. Nesse caso, a proposta de Norrick parece ser menos apropriada, pois, mesmo quando o autor analisa o item lexical dentro uma sentença, os outros elementos da oração não são considerados. Por exemplo, para Norrick (1981, p. 81), o verbo *read* deve ser descrito como um processo mental que envolve interpretação visual de signos linguísticos. Assim, em uma frase como *Al read Sue’s face*, teria sido removido o traço (linguístico) do verbo *read* e o significado desse verbo estaria relacionado ao outro significado de *read* pelo Princípio Metafórico 1<sup>82</sup>, que, por sua vez, abarcaria a Transformação 1<sup>83</sup> (o apagamento de um traço, nesse caso, do traço (linguístico)). Em outra sentença como *Judy reads Braille with her left hand*, o traço (visual) é que teria

---

<sup>82</sup> “Metaphoric Principle 1: x is in regular metaphoric relation to y, if x is conceptualized as specified by  $f_1, f_2 \dots f_n$  and y as  $f_1, f_2 \dots f_m$ , where  $f_m$  was removed from x by a semantic transformation” (NORRICK, 1981, p. 80).

<sup>83</sup> “Semantic Transformation 1: delete a feature  $f_n$  from x in a class A, if  $f_n$  distinguishes A from any class B containing A, or from any class C in B and incompatible with A” (NORRICK, 1981, p. 80).

que ser apagado do verbo *read* nessa proposta de análise. Entretanto, pode-se observar que o verbo *read*, isoladamente, não apresenta uma leitura metafórica. Na sentença *Al read Sue's face*, essa leitura é obtida pela análise composicional de *read Sue's face* e não por causa do verbo *read* exclusivamente. Da mesma forma, a extensão de sentido de *read*, na oração *Judy reads Braille with her left hand*, ocorre pela leitura composicional de *reads Braille with her left hand*. Como se vê, o sentido do verbo parece estar relacionado à construção que ele integra, como defende Goldberg (1995).

Outro ponto que distingue a teoria de Goldberg (1995) e a teoria de Norrick (1981) diz respeito à relação entre os sentidos e as entradas lexicais. Goldberg destaca que os diferentes sentidos de um verbo estão diretamente relacionados às construções que eles integram (cf. seção 2.1), enquanto Norrick acredita que cada sentido de um verbo está relacionado a uma entrada lexical diferente e essas entradas estariam relacionadas por princípios (metafóricos ou metonímicos) e *via-rules*. O trabalho de Norrick é bastante interessante, por apresentar, de forma mais completa e complexa, as relações semânticas, mas é problemático por considerar apenas o item lexical. Por outro lado, Goldberg (1995) não define adequadamente as relações de herança, que começam a ser esclarecidas com os trabalhos de Norrick (1981) e Lakoff (1987). Após a análise do trabalho de Norrick, pode-se dizer que as relações de herança, propostas por Goldberg, são, principalmente, relações sintático-semânticas entre as construções.

Em relação ao trabalho de Lakoff (1987) sobre as construções *there*, vimos que o autor utiliza o termo *construção* e apresenta também um estudo sobre as relações entre as construções. Como se pôde ver na seção 2.2.1, o autor defende que as construções dêiticas *there* motivaram as construções existenciais *there* e que essa motivação ocorre, porque grande parte das propriedades das construções existenciais foram herdadas das primeiras. Em alguns momentos, o autor declara que houve um mapeamento metafórico ou metonímico, mas não esclarece o funcionamento desse mapeamento, nem relaciona, de forma sistemática, o mapeamento semântico com a estrutura sintática das construções envolvidas.

Apoiando-se no estudo de Lakoff (1987), Goldberg (1995) inova, ao mostrar a importância das construções e defender que elas são as unidades básicas da língua e também ao mostrar que as construções estão relacionadas por *links* de herança. Como se viu na seção 2.1.2, Goldberg apresenta quatro *links* de herança e esses *links* mostram como as construções estão organizadas dentro do sistema linguístico.

Neste trabalho, adotaremos a teoria de Goldberg, visto que a autora consegue relacionar adequadamente as estruturas morfossintáticas e semânticas, mostrando a integração entre o item lexical e a construção que ele integra e não apenas relações entre itens lexicais. Há que se destacar que adotaremos o construto de *links* de herança entre as construções de Goldberg (1995), mas acrescentaremos o *link* de extensão metonímica, já que Lakoff propõe os modelos metonímicos (cf. as seções 2.2.1) para explicar as relações de herança entre as construções e Norrick utiliza os princípios metonímicos para relacionar as relações semânticas entre as os itens lexicais (cf. seção 2.2.2). Por exemplo, para a oração *The Milk tipped over*, de acordo com o autor, seria aplicado o Princípio Metonímico 12 que relaciona as representações que identificam os contêineres com seus conteúdos. Por esse princípio, “a leitura lexical de *milk* contendo o traço (Líquido) é regularmente relacionada com a representação caracterizada (Contêiner do líquido) que pressupõe o traço (Sólido) requerido para satisfazer as propriedades seletivas de *tip over*” (NORRICK, 1981, p. 104)<sup>84</sup>. Dessa forma, é possível ter uma leitura apropriada da frase. De forma semelhante, pretende-se propor um *link* de extensão metonímica para relacionar as CSVL’s e as CSVPsico’s (cf. seção 2.1.2.2).

Convém ressaltar, no entanto, que embora os trabalhos desenvolvidos por esses autores se complementem, ainda assim é possível perceber a existência de algumas lacunas no mecanismo de funcionamento das relações de herança. Pelas análises de Norrick (1981), as relações de herança parecem se enquadrar, unicamente, dentro das relações semânticas, porém Lakoff (1987), em vários momentos, sinaliza que a motivação também se relaciona às estruturas sintáticas e Goldberg (1995) destaca que as estruturas sintáticas, normalmente, são herdadas/motivadas e a estrutura conceitual pode sofrer pequenas modificações, quando ocorrem extensões de sentido (*links* de polissemia) ou mapeamentos metafóricos (*links* de extensão metafórica). Convém lembrar que Goldberg, ao analisar as construções de *way* (cf. seção 1.1), apresenta indícios de que a precedência histórica e a frequência de uso também podem estar envolvidas nas relações de herança entre as construções, fatores que são destacados nos trabalhos de Bybee (2006, 2010) e de Madureira (2000, 2002). Dessa forma, além dos princípios desenvolvidos por Goldberg (1995), acrescentaremos estes:

---

<sup>84</sup> “(...)The lexical reading for *Milk* containing the feature (Liquid) is regularly related with a representation characterized as (Container of Liquid) which presupposes the feature (Solid) required to satisfy the selectional properties of *tip over*” (NORRICK, 1981, p. 104).

*I-Princípio da precedência histórica:* uma construção que, historicamente, antecede outra de mesma estrutura sintática e com alguma coerência semântica pode motivá-la, sintática e/ou semanticamente.

*Corolário A:* quando duas construções, que apresentam a mesma estrutura sintática e uma estrutura semântica semelhante, apresentam-se em períodos anteriores da língua, a construção que apresenta uma frequência maior, provavelmente, será a construção motivadora.

*Corolário B:* as considerações do Corolário A são válidas somente se a construção que apresentar maior frequência em um período anterior da língua exibir o sentido etimológico do verbo que a integra<sup>85</sup>.

*Corolário C:* se duas construções que apresentam uma semelhança sintático-semântica apresentam-se em um mesmo período da língua e não é possível reconhecer o sentido etimológico dos verbos que as integram, mas essas construções são integradas pelo mesmo verbo, verificar-se-á a frequência do membro central em cada uma das construções e a construção que apresentar maior frequência do membro central será considerada a construção motivadora.

*II- Princípio da proximidade:* construções que apresentam relações de herança entre si são armazenadas mais próximas.

*Corolário A:* quanto maior a semelhança sintática e semântica, maior a proximidade entre as construções e quanto menor a semelhança sintática e semântica, maior a distância entre elas.

*Corolário B:* a semelhança semântica prevalece sobre a semelhança sintática.

Neste trabalho, estamos analisando alguns verbos que integram CVP's, CVL's, CSVL's e também CSVPsico's, em textos dos séculos XIV, XV e XVI, com o objetivo de verificar as relações de herança entre essas construções. Defender-se-á que as relações de herança, além de serem relações sintático-semânticas são também o resultado de relações históricas.

---

<sup>85</sup> Realizamos todas as análises dentro do modelo construcional, porém, quando se analisam dados pretéritos, apenas os dicionários etimológicos e estudos diacrônicos podem ajudar a estabelecer as relações de herança e esses tratam, de forma quase categórica, dos verbos da língua e não das construções que a língua apresenta.



Vimos, na seção 1.3, que a análise histórica de Madureira (2000, 2002) deu indícios de que as construções causativas dos verbos psicológicos precedem, historicamente, as construções ergativas nessa classe semântica. Além disso, a análise das construções de *way*, realizadas por Goldberg (1995) mostram que as construções de *way* meio precedem, em vários séculos, as construções de *way* modo (cf. seção 1.1). Justifica-se, assim, o princípio de precedência histórica introduzido acima.

A frequência de uso das construções também parece apresentar um papel importante nos mecanismos das relações de herança, pois, de acordo com a teoria dos exemplares proposta por Bybee (2006, 2010), a frequência com que duas ou mais palavras são usadas juntas cria um *chunking* e a frequência de uso dessa construção a deixará forte e mais fácil de acessar do que uma construção pouco frequente<sup>86</sup>. Assim, pode-se argumentar que, se, em um período anterior da língua, duas construções estão presentes, a mais antiga, provavelmente, será a mais frequente. Obviamente, nem sempre a frequência pode ser relacionada às formas mais antigas, por isso se deve unir a análise da frequência à análise da etimologia dos itens envolvidos (na maior parte dos casos, os verbos leves) e/ou estudos sobre a história desses itens ou das construções integradas por eles, o que justifica a presença dos corolários A e B do princípio I. Na seção 1.1, por exemplo, vimos que Goldberg utiliza a frequência, a história da construção, as relações sintáticas e semânticas e a aceitabilidade das construções pelos falantes da língua como fatores de análise das relações de herança das construções *way*.

Não se pode esquecer de que, quando os itens e/ou construções analisadas são muito antigos (como é o caso dos verbos *ser*, *estar* e suas construções) e não integram, no período analisado, as construções em que apresentavam seu sentido etimológico, é necessário observar o papel do membro central da categoria, porque, de acordo com Bybee (2006, 2010), os membros centrais servem de base analógica<sup>87</sup> para a entrada de novos itens lexicais nas construções que eles integram, mas, se esses itens integram duas construções semelhantes, é possível defender que a construção em que esse item é mais frequente serviu de base analógica para a outra construção (é o que se verifica nas relações de herança das construções de descrição permanente e descrição transitória, cf.

<sup>86</sup> Cf. Leslau (1969) Fidelholtz (1975), Bybee (2000), Phillips (2001) e Yue-Hashimoto (1993).

<sup>87</sup> O termo *analogia* utilizado por Bybee (2006, 2010) difere-se do termo utilizado pelos neogramáticos para explicar as mudanças linguísticas. Para estes últimos, as mudanças fonéticas eram regulares e não admitiam exceções. Assim, quando ocorriam aparentes exceções às regras, era porque paradigmas hegemônicos estavam intervindo em uma determinada forma linguística. Esse processo ficou conhecido como analogia (cf. FARACO, 1998, p. 31-35). Observe-se que a analogia, na teoria de Bybee, também pode ser considerada a influência de um paradigma hegemônico sobre outros, porém esse processo não é considerado exceção, pelo contrário, nessa teoria, é a regra.

seção 4.2. 4). Nos termos de Goldberg (1995), a construção em que determinado item é mais frequente pode ter motivado outra construção em que esse item é menos frequente. A própria autora, na análise das construções *way*, notou que, diacronicamente, essas construções ocorriam apenas com o verbo *make*, que pode ser analisado como uma herança das construções de criação que motivaram as construções *way*. Somente quase três séculos depois, essa construção passou a ser integrada por outros verbos, embora o verbo *make* ainda seja utilizado mais do que qualquer outro verbo nessa construção. Isso pode ser considerado um indício de que a análise do membro central da categoria pode ajudar a rastrear a construção motivadora.

O princípio da proximidade se deve também à teoria de Bybee (2006, 2010), visto que, segundo a autora, as construções que compartilham uma semelhança formal e uma coerência semântica são armazenadas próximas umas às outras (cf. seção 2.1.4). O corolário B desse princípio é importante, porque o que distingue duas construções sintaticamente semelhantes são os papéis temáticos (cf. seção 2.1.3.2). Além disso, no capítulo 4, veremos que, mesmo quando duas construções são distintas sintaticamente, podem estar relacionadas por *links* de extensão metonímica, pois algum elemento de uma construção A pode recuperar, metonimicamente, a construção B.

Esses princípios são importantes, porque nortearão a análise dos dados e também as relações de herança propostas.

## **2.4 Considerações finais do capítulo**

Neste capítulo, apresentou-se o referencial teórico utilizado na tese. Como se viu, Goldberg (1995) é o texto base utilizado para a análise das relações de herança. Assim, apresentou-se uma resenha desse texto, em que a autora define construção, relações de herança e os *links* de herança que conectam essas construções. Como as construções são pares de forma-sentido, os papéis temáticos e o conceito de predicação estão vinculados ao próprio conceito de construção. Dessa forma, foram resumidas as propostas de papel temático apresentadas por teóricos que analisaram a questão, como Fillmore (1968, 1971a, 1971b), Jackendoff (1972, 1987), Dowty (1989, 1991), Cançado (2002, 2005) e Perini (2008). Em relação à predicação, optou-se por trabalhar com o

conceito de Perini (ms) e Franchi (2003), cujas propostas podem ser relacionadas à teoria construcional. Também se apresentou, neste capítulo, uma resenha do trabalho de Lakoff (1987), que influenciou diretamente o trabalho de Goldberg (1995), e também uma resenha da pesquisa de Norrick (1981), já que esse autor também trabalha com relações semânticas, mas, nesse caso, entre os itens lexicais. Na seção final do capítulo, apresentamos as lacunas existentes nas propostas de Goldberg (1995), Lakoff (1987) e Norrick (1981) e, tomando como base esses e outros autores, expusemos os princípios que regem a análise. No próximo capítulo, será exibida a metodologia utilizada na tese.

## CAPÍTULO 3

---

### METODOLOGIA

#### 3.1 Introdução

Neste capítulo, apresentaremos as informações básicas sobre os *corpora* utilizados, o volume de dados e o programa para armazená-los, além de apresentarmos os fatores utilizados na análise. Começaremos apresentando os *corpora* utilizados na pesquisa.

#### 3.2 Os *corpora*

Como se viu na seção 2.3, para o estabelecimento das relações de herança entre as construções, três fatores foram considerados: a relação sintático-semântica entre as construções, a frequência e a história da construção, fazendo-se imprescindível, pois, a utilização de textos escritos pretéritos.

Em relação aos *corpora* de língua escrita, foram utilizados alguns dos textos que fizeram parte dos *corpora* de Madureira (2000), já que o objeto de estudo deste trabalho dialoga com a tese defendida pela autora. No presente trabalho, foram analisados estes textos dos séculos XIV ao XVI<sup>88</sup>:

---

<sup>88</sup> As referências completas encontram-se no final da tese na seção intitulada *Referências bibliográficas referentes aos corpora*.

### **Século XIV**

Abreu, G. de V. & viana, A. R. G. Lenda de Barlaão e Josafá (LBJ)

Mattoso, J. (Ed.). Livro de linhagens do conde D. Pedro (LLDP)

Pereira, E. (Ed.). Vida de Santo Aleixo (VSA)

Nunes, J.J. Vida de Santa Pelágia (VSP)

### **Século XV**

Entwistle, W. (Ed.) Crônica d'el Rei Dom Joham (CRDJ)

D. Duarte. Leal conselheiro (LC)

### **Século XVI**

Cortesão, Jaime. A carta de Pero Vaz de Caminha (CPV)

Como nem sempre os dados encontrados remetiam aos usos mais antigos dos verbos e/ou construções que eles integravam no século XIV, também recorreremos ao uso dos dicionários etimológicos de Nascentes (1952-1955) e de Cunha (2010). Ademais, como fontes indiretas, também foram consultados os trabalhos de Mattos e Silva (1992, 2006) para a obtenção de informações sobre o latim e sobre o português arcaico.

Convém destacar que, como se trata de análises sintático-semânticas em uma pesquisa diacrônica, valemo-nos do contexto em que ocorrência se encontrava e do auxílio de dicionários etimológicos para ajudar na compreensão dos dados. Quando houve incompreensão de uma determinada ocorrência por causa da distância temporal, essa foi descartada.

Ressalte-se que, para suprir as lacunas comuns às amostras, em alguns momentos da análise, recorreremos aos dados de nossa intuição.

Na próxima seção, apresentaremos informações sobre a obtenção e o volume de dados analisados.

### 3.3 Os dados

Uma parte dos dados utilizados no trabalho foi retirada de Madureira (2000) e outra parte foi obtida a partir de uma nova coleta realizada nos mesmos textos analisados pela autora. Convém lembrar que a autora analisou os verbos psicológicos e construções relacionadas a esses verbos em textos do século XIV ao século XX e, em nosso trabalho, optamos por pesquisar os mesmos textos de Madureira, mas restringimo-nos aos séculos XIV, XV XVI. Assim, todas as construções integradas pelos verbos psicológicos (CSVPsico's) e as construções de sentimento com verbos leves (CSVL's) estudadas pela autora, nesse período, fazem parte dos nossos *corpora*, que totalizam 662 ocorrências. Os nossos dados também são constituídos pelas demais construções com verbos leves que remetem a *frames* de verbos de outras classes semânticas (CVL's) e pelas construções com verbos plenos (CVP's) integradas pelos mesmos verbos das CSVL's, visto que uma de nossas hipóteses é que as CSVL's estariam, historicamente, relacionadas às CVP's integradas pelos mesmos verbos<sup>89</sup>. Assim, foram coletados mais 1983 dados, de forma que os dados de Madureira somados aos novos dados coletados totalizam 2645 ocorrências. Não obstante, 338 dados foram excluídos desse universo posteriormente, por motivos a serem explicados na análise.

#### 3.3.1 Programa de armazenamento dos dados

Esses dados foram armazenados em um programa criado para tal fim, i. e., solicitou-se a um profissional formado em Sistema de Informação que fizesse um programa de armazenamento e recuperação dos dados armazenados.

Na próxima seção, serão apresentados os fatores utilizados na análise dos dados.

---

<sup>89</sup> Na seção 3.4.1.1, essas construções serão apresentadas com mais detalhe.

### 3.4 Relações de herança: fatores de análise

Realizou-se uma análise descritiva e quantitativa dos dados, pesquisando-se:

I- os tipos de construções que evocam o *frame* dos verbos psicológicos por século (os diferentes tipos de CSVPsico's e de CSVL's);

II- os tipos de construções em que os verbos leves selecionados ocorreram, evocando outros *frames* semânticos por século (CVL's diversas);

III- os tipos de construções com verbos plenos (CVP's) que apresentaram os mesmos verbos das CVL's e CSVL's analisadas em cada século;

IV- a frequência das CSVPsico's, das CSVL's, das CVL's e das CVP's;

IV- as semelhanças sintático-semânticas entre as construções pesquisadas;

V- a história das diferentes construções analisadas;

VI- as relações de herança e as formas de armazenamento dessas construções.

Com o levantamento das construções encontradas nos *corpora*, foi possível estabelecer as relações de herança entre as construções a partir da análise dos seguintes fatores considerados relevantes na seção 2.3: i) as relações sintático-semânticas; ii) a história e iii) a frequência das construções. Esses fatores serão apresentados nas próximas seções.

#### 3.4.1 A análise das relações sintático-semânticas

Em relação a esse fator, verificaram-se as semelhanças sintáticas entre as CSVL's, CVL's e as CVP's integradas pelos mesmos verbos. Em seguida, foram classificados os papéis temáticos das construções que apresentavam a mesma estrutura sintática. Dessa forma, nesta seção, apresentaremos os tipos de construções analisadas e o papel temático licenciado pelas construções.

### 3.4.1.1 Os tipos de construções analisadas

Os *corpora* são constituídos de construções de sentimento com verbo psicológico (CSVPsico's), de construções com verbos leves (CVL's) e também de construções integradas por esses mesmos verbos das CVL's em seu sentido pleno (CVP's).

Vejamos exemplos de cada uma dessas construções:

A) As CSVPsico's são construções integradas por verbos psicológicos, que são verbos que denotam um estado emocional e apresentam, obrigatoriamente, um argumento experienciador (CANÇADO, 1996). As CSVPsico's dividem-se em CSVPsico's causativas, CSVPsico's ergativas, CSVPsico's acusativas não causativas e as CSVPsico's inacusativas (cf. seção 1.3).

➤ As CSVPsico's causativas são construções de dois lugares, que licenciam um sujeito que possui o papel argumento de *causador de experiência* e um objeto cujo papel temático é *experienciador*. De acordo com Bittencourt (1995), a causatividade ocorre em dois momentos: um causador instiga um elemento causado a realizar uma ação, que é praticada em um segundo momento, o que mostra que tanto o causado quanto o causador têm um papel agentivo no processo. A autora observa que, no caso dos verbos psicológicos, a ação do elemento causador sobre o causado provoca neste último uma mudança de estado. Essa construção poderia apresentar como estrutura semântica “X CAUSE Y TO BECOME Z”. Na ocorrência (117), o sujeito *el-Rey* é responsável pelo contentamento do objeto *o*, que apresenta uma mudança de estado, de não contente para contente.

(140) “(...) posto que muyto desprougesse a Gomçallo Mendez pero el-Rey o contentou de tal gryssa em outras merçees que lhe fez que foy todo apacificado.”

(CRDJ, séc. XV, p. 12)

➤ As CSVPsico's ergativas são construções monoargumentais, que apresentam um sujeito *experienciador* e apresentam uma correlação com as CSVPsico's causativas, visto que muitos autores defendem que o sujeito experienciador das



construções ergativas seriam o resultado de um alçamento do objeto experienciador das construções causativas (cf. MADUREIRA, 2000; CIRÍACO, 2007; CARVALHO, 2008; CUNHA, 2010; CANÇADO, AMARAL, 2010). A estrutura conceitual dessa construção seria “Y BECOME”. Na ocorrência (141), o sujeito é o experienciador do contentamento e se pode ver que a ocorrência (140) é a construção causativa correspondente.

(141) “(...) pouco delo se contentam”. (LC, séc. XV, p.26)

➤ As CSVPsico’s acusativas não causativas são construções de dois lugares que apresentam um sujeito *experienciador* e um objeto que recebe o papel temático de *causador de experiência*. Em (142), essa construção está ilustrada e vale lembrar que o verbo *aborrecer* significava *odiar* nesse período. Assim, o *experienciador* é o sujeito *eu* e o *causador de experiência* são *todos os pecados e maldades*.

(142) “Eu, todos estes pecados e maldades agora avorreci e agora avorreço.” (VSP, séc. XIV, p. 125)

➤ As CSVPsico’s inacusativas são construções monoargumentais que apresentam o *experienciador* na posição de sujeito. Permulter (1978) propôs a hipótese inacusativa, segundo a qual a classe dos verbos intransitivos não é homogênea, dividindo-se nos verbos inacusativos e inergativos, de acordo com sua estrutura profunda. Conforme essa hipótese, os verbos inacusativos apresentariam um argumento interno e os verbos inergativos teriam um argumento externo. Além dessa diferença sintática, muitos autores (LEVIN, 1983, MARANTZ, 1984, ROSEN, 1984 *apud* CIRÍACO; CANÇADO, 2006) destacaram que esses verbos também apresentariam uma estrutura semântica distinta, pois os verbos inacusativos atribuiriam o papel temático de *paciente* ou *tema* a seu argumento interno, ao passo que os verbos inergativos atribuiriam o papel temático de *agente* a seu argumento externo. A partir de uma análise intuitiva, Ciríaco e Cançado (2006) mostram que a divisão entre os verbos inacusativos e inergativos deveria ser baseada na noção de prototipicidade, pois a análise das autoras mostrou que existem verbos inergativos e inacusativos mais prototípicos do que outros na língua portuguesa. No nosso trabalho, estamos usando o termo “construções inacusativas” para diferenciá-las das “construções ergativas”, também monoargumentais, mas que apresentam uma

relação com as construções causativas. Dessa sorte, ao contrário das CSVPsico's ergativas, as CSVPsico's inacusativas não apresentam uma correlação com outras construções. Em (143), apresenta-se uma construção integrada por *folgar* que atribui papel temático de *experienciador* ao sujeito. Destaque-se que, nesse período, esse verbo não integrava construções causativas.

(143) “(...) fez-lhe aly andando no chaão muytas voltas ligeiras e salto rreal de que se eles espantauam e rriam e folgauã mujto”. (CPV, séc. XVI, f.16)

B) As CVL's são construções que apresentam um verbo que tem pouco ou nenhum conteúdo semântico, de modo que a atribuição de papéis temáticos nessas sentenças ocorre de forma composicional, i. e., o verbo não é o único elemento envolvido na predicação, mas sim o núcleo predicativo complexo formado por verbo+objeto (cf. seção 1.2). Essas construções se dividem nas CSVL's e nas CVL's.

➤ As CSVL's são construções com verbos leves que remetem ao *frame* dos verbos psicológicos<sup>90</sup>. Neste trabalho, analisamos o verbo presente nessas construções como leves e, por isso estão incluídas nas CVL's. Na ocorrência (144), apresentamos a CSVL *filhar aborrecimento* que remete ao *frame* de ABORRECER e, em (145), apresentamos a CSVL *cair em pecados* que remete ao *frame* de PECAR.

(144) “Em na parte do mal, quando alguma cousa sentimos contrária à nossa consciência, honra, saúde, proveito ou prazer, havemo-lhe ódio, e se dela nos queríamos guardar e vemos que nos segue, filhamos aborrecimento, e se nos bem sentimos, tristeza.” (LC, séc. XV, p. 52)

(145) “E além disso o ligamento na afeição das virtudes e continuada usança [prática] delas faz muito perfeitamente refrear de todo mal e pecados nos quais caem os seguidores das três vontades já declaradas (...)” (LC, séc. XV, p. 50)

---

<sup>90</sup> Nas análises de Madureira (2000, 2002), Carvalho (2008) e Cunha (2010) essas construções eram nomeadas como construções perifrásticas ou analíticas.

- As CVL's são as construções com verbos leves que remetem a outros *frames*, excetuando-se o *frame* dos verbos psicológicos. A seguir, apresentamos algumas ocorrências.

(146) “E porque ele estava mal chagado e entendia em si que a lide nom poderia sofrer, por as grandes chagas que tiinha no corpo, que lhe dera Almoleimar, de que perdia muito sangue, de que lhe enfraqueciam as pernas e os membros, temendo-se de cavalgar, com a fraqueza, o que ele encubria mui bem a todos, (...)” (LLDP, séc. XIV, p. 220)

(147) “(...) mais de três anos continuados fui dele muito sentido, e por especial mercê de Nosso Senhor Deus houve perfeita saúde.” (LC, séc. XV, p. 100)

(148) “E o conde dom Anrique soube-o e chegou ali onde estava e lançou mão del pera lhe dar com ua daga.” (LLDP, séc. XIV, p. 216)

Nos *corpora*, há CVL's como *perder sangue*, ilustrada na ocorrência (146), que remete ao *frame* de SANGRAR, e também CVL's que não remetem ao *frame* de nenhum verbo da língua, mas que, de forma semelhante, pode-se dizer que o verbo atua de forma composicional com o objeto, formando um bloco de sentido, como *haver saúde*, presente na ocorrência (147). Dentro desse grupo de construções, ainda foram consideradas aquelas cujo substantivo/adjetivo do núcleo predicativo não remete ao *frame* de verbos cognatos a ele. Por exemplo, na ocorrência (148), a CVL *lançar mão* remete ao *frame* de APODERAR, que não é cognato do substantivo *mão*, que faz parte do núcleo predicativo.

C) As CVP's são construções que apresentam verbos significativos, que são verbos que possuem funções lexicais, temáticas e simbólicas (cf. seção 1.2), segundo Perini (ms.). Vejamos algumas dessas construções:

(149) “Deranlhes aly de comer pam e pescado cozido.” (CPV, séc. XVI, p. 3)

(150) “Faziam dous carpenteiros huua grande cruz dhuu paa que se omtem pera ysso cortou.” (CPV, séc. XVI, p. 9)

(151) “Ali desarrancarom todos contra eles, e en as primeiras feridas caio dom Gonçalo Meendez do cavalo como aquel que estava ja sem força.” (LLDP, séc. XIV, p. 221)

Na ocorrência (149), o verbo *dar* integra uma construção de *causar-receber* que atribui os papéis temáticos de *fonte*, *tema* e *meta*. Na ocorrência, o SN *pam e pescado cozido* foi transferido para o objeto *lhes* pelo sujeito implícito *eles*. Nesse caso, o sujeito receberia o papel temático de *fonte*, o SN *pam e pescado cozido* receberia o papel de *tema* e o alvo da transferência, o papel de *meta*. Em (150), o verbo *fazer* apresenta o seu sentido pleno de *produzir por meio de uma ação*, visto que integra uma construção resultativa, que atribui os papéis de *agente* e *paciente*. Na ocorrência citada, dois carpinteiros são os agentes da construção de uma cruz, que receberia o papel temático de *paciente*. Na ocorrência (151), temos o verbo *cair*, significando *tombar*. Na sentença, afirma-se que dom Gonçalo, por estar sem força, tombou de seu cavalo, recebendo, pois, o papel temático de *paciente*.

Como se pôde ver, como as construções são unidades constituídas por forma e sentido, os papéis temáticos são indispensáveis na teoria. Dessa forma, na próxima seção, apresentam-se as definições dos papéis temáticos adotados.

### 3.4.1.2 As definições dos papéis temáticos

Nesta seção, apresentaremos as definições dos papéis temáticos utilizados na tese, a saber: *agente*, *paciente*, *tema*, *meta*, *fonte*, *lugar*, *instrumento*, *experenciador*, *causador de experiência*, *localizando*, *estado*, *possuidor*, *possuído*<sup>91</sup>. Na seção 2.1.3.2, vimos que há várias formas de conceituar e definir quantos e quais são os papéis temáticos, mostrando que se trata de um assunto bastante polêmico e complexo, o que obriga o pesquisador a eleger a perspectiva teórica mais adequada à sua pesquisa. Em nosso trabalho, adotamos as considerações apresentadas em Goldberg (1995), já que a teoria da autora constitui a base desse estudo e sua proposta foi combinada à teoria desenvolvida por Perini (2008), pois o autor analisa várias construções trabalhadas na

<sup>91</sup> Optamos por escrever os papéis temáticos em itálico e com letra minúscula.

tese e apresenta uma proposta mais abrangente e que nos parece mais adequada para a análise de dados empíricos.

Como se viu na seção 2.1, Goldberg defende que tanto os verbos como as construções atribuem papel temático. Segundo a autora, os papéis temáticos atribuídos pelo verbo seriam os papéis participantes e os papéis atribuídos pela construção seriam os papéis argumentos, que parecem corresponder aos papéis temáticos propostos por Gruber (1965). Perini (2008) defende que as informações semânticas derivadas do significado do verbo seriam as relações conceptuais temáticas (RCT's), que se distinguiriam das unidades semânticas relevantes gramaticalmente, que seriam os papéis temáticos. Como se vê, parece haver uma correspondência entre as RCT's e os papéis participantes e entre os papéis temáticos e os papéis argumentos, propostos por Perini (2008) e Goldberg (1995), respectivamente.

Entretanto, nenhum dos dois autores conceitua os papéis temáticos adotados, embora Perini (2008) apresente a classificação de várias construções (cf. seção 2.1.3.2). Por essa razão, definiremos os papéis temáticos mais tradicionais utilizados por Perini (2008), seguindo os trabalhos de Fillmore (1968, 1971b) e Jackendoff (1972), e os papéis temáticos propostos pelo autor serão definidos com base nas suas classificações.

Estas são as nossas definições dos papéis temáticos tradicionais utilizados na tese, baseadas em Jackendoff (1972) e Fillmore (1968, 1971b)<sup>92</sup>:

- Agente: entidade responsável por desencadear uma determinada ação.
- Paciente: entidade que é afetada por uma ação, sem sofrer deslocamento.
- Tema: entidade que sofre um deslocamento espacial, geralmente de uma fonte para uma meta.
- Meta: entidade para onde se dirige outra, normalmente, um tema.
- Fonte: entidade de onde se dirige outra, normalmente, um tema.
- Lugar: entidade que expressa uma localização.
- Experienciador: entidade afetada emocionalmente ou mentalmente.
- Instrumento: entidade utilizada como um meio para provocar uma ação.
- Causador de experiência: entidade que provoca uma experiência psicológica ou mental.

---

<sup>92</sup> Na seção 2.1.3.2, exibimos as definições de cada papel temático apresentadas por esses autores.

As definições dos papéis temáticos de *meta*, *fonte* e *lugar* foram importadas de Jackendoff (1972, 1987). Para a definição de *agente* nos apoiamos em Jackendoff (1972) e em Fillmore (1968) e, reduzimos o conceito de *tema* apresentado em Jackendoff (1972), pois optamos por utilizar o papel temático *paciente* para os demais casos em que o objeto é afetado, mas não sofre deslocamento e nos baseamos no conceito desenvolvido por Fillmore (1971b) para definir *experienciador*. Contudo, modificamos o conceito de *instrumento* de Fillmore (1971b), já que ele se confundia com o de *agente* e com o de *causador de experiência*. Além disso, definimos que a entidade responsável por provocar uma experiência psicológica seria o *causador de experiência* (nomenclatura proposta por Perini, 2008) e não o Instrumento, como Fillmore (1971b) sugere.

Além desses papéis que são abordados tradicionalmente na literatura da área, Perini (2008) propõe a existência de outros papéis temáticos. Como se declarou anteriormente, o autor os apresenta, mas não os define, de modo que esses papéis serão utilizados com este conceito<sup>93</sup>:

- Localizando: é a entidade que será localizada em um determinado lugar ou para qual será apontada uma característica.
- Estado<sup>94</sup>: é uma descrição física ou psicológica de uma entidade.
- Possuidor: entidade que tem a posse de um objeto.
- Possuído: objeto que pertence a uma entidade.

Há que se destacar também que, segundo Perini (ms.), alguns papéis temáticos podem aparecer combinados ou não em uma frase (como ocorre, normalmente, com o *agente* e o *paciente*), mas há aqueles que sempre ocorrem de modo emparelhado. Conforme o autor, os papéis temáticos emparelhados “ocorrem necessariamente em dupla, cada um deles ligando um sintagma diferente da oração, mas conectados semanticamente de alguma maneira”. Por exemplo, o papel temático de *localizando* sempre ocorre com o papel temático de *lugar* ou de *estado*; o papel de *possuidor* ocorre junto com o papel de *possuído* e o papel de *experienciador* ocorre emparelhado com o papel de *causador de experiência*.

<sup>93</sup> As definições foram feitas com base nos exemplos apresentados por Perini (2008).

<sup>94</sup> O papel temático de *estado* aparece em Perini (2008) como *qualidade*.

Interessa lembrar que, dos autores mencionados que trabalham com papéis temáticos, apenas Perini (2008, ms.) apresenta considerações sobre o papel temático nas construções com verbos leves. De acordo com o autor, nas construções formadas por VL+objeto, o objeto deveria receber o papel temático de *especificador do evento*, já que é responsável por toda a informação necessária para a reconstrução do evento (cf. seção 2.1.3.1). Embora as considerações apresentadas pelo autor sejam relevantes, os objetos dos verbos leves não receberão o papel temático de *especificador do evento*, pois o papel temático do objeto pode ser evidência de uma relação de herança entre duas construções. Veremos, no próximo capítulo, que o papel temático de *lugar*, em uma construção de lugar transitório, é mapeado como um *estado*, nas construções que denotam uma descrição transitória. Se esses papéis fossem nomeados de *especificador do evento*, não seria possível verificar o mapeamento metafórico de *lugar* como *estado*. Além disso, Perini (ms.) destaca que, em uma sentença como *A Carolina está cansada*, o sintagma *cansada* receberia dois papéis temáticos *especificador do evento* e *qualidade*, o que corrobora nossa análise.

Tentou-se, nesta seção, delimitar os papéis temáticos utilizados na tese, embora estejamos conscientes de que não é possível resolver a complexa questão que envolve a delimitação e a definição (entre outras questões) dos papéis temáticos em apenas uma seção de capítulo. Vimos que pesquisadores renomados de todo o mundo vêm realizando estudos, de diferentes formas e focos, e, às vezes, abandonam completamente o modelo desenvolvido anteriormente. Assim, esclarecemos que esse modelo de análise atende à nossa proposta, mas a questão continua não resolvida. Fechamos a seção com as palavras de Dowty (1991, p. 547) sobre papel temático: “não há talvez nenhum conceito na teoria semântica e sintática moderna que seja tantas vezes envolvido em tão ampla variedade de contextos, mas acerca de cuja natureza e definição haja tão pouco acordo (...)”<sup>95</sup>.

Após essa etapa, passamos para o estabelecimento das relações de herança entre as CSVL's, as CVL's e as CVP's que apresentaram coerência semântica e sintática. Nessa etapa, foi necessário verificar, entre essas construções, a construções motivadora que desencadeou a(s) extensão(ões) de sentido, antes de analisarmos os *links* de

---

<sup>95</sup> “There is perhaps no concept in modern syntactic and semantic theory which is so often involved in so wide a range of contexts, but on which there is so little agreement as to its nature and definition (...)”. (DOWTY, 1991, p. 547)

herança. Para tanto, foram considerados dois fatores que se complementam: a frequência e história das construções.

### 3.4.2 A frequência das construções

O princípio de precedência histórica, normatizado na seção 2.3, determina que, quando duas construções que apresentam coerência semântica e sintática ocorrem no mesmo período, a mais frequente precederá a menos frequente e será considerada a construção motivadora. Convém lembrar que esse princípio é válido apenas quando o verbo presente na construção ilustra seu sentido etimológico, o que sinaliza uma estreita relação entre a frequência e a história da construção. Há que se destacar também que, quando duas construções ocorrem em um mesmo período e não apresentam o sentido etimológico dos verbos que as integram ou esse sentido já não é mais usual no período (como ocorre com *ser*), observou-se a frequência do membro central da categoria dessas construções. Partindo do pressuposto de que os membros centrais servem de base analógica para a entrada de novos itens dentro das construções (BYBEE, 2006, 2010), defendemos que a construção em que esse item é mais frequente serviu de base analógica para a outra construção ou, nos termos da tese, a construção que apresentou maior frequência desse elemento teria motivado a outra construção.

Como se pode ver, os fatores história da construção e frequência estão relacionados e, em muitos casos, coadunam-se, quando as construções mais frequentes são as mais antigas. Não obstante, nem sempre a frequência marca a antiguidade, já que a forma mais antiga pode ter caído em desuso. Nesses casos, a frequência será desconsiderada e será analisada a história da construção.



### 3.4.3 A história das construções

Neste trabalho, defendemos que as relações de herança são também relações historicamente construídas. Assim, para saber qual construção ocorreu anteriormente na língua, verificou-se sempre o sentido etimológico do verbo leve presente na CSVL, já que, em alguns casos, no século XIV, o verbo já não apresentava o seu sentido etimológico<sup>96</sup> ou nossos dados não o ilustraram. Convém lembrar que o sentido mais primitivo do verbo era o desejável para o estabelecimento das relações de herança, pois defendemos que a construção mais antiga motiva a mais nova. Assim, quando a forma mais antiga encontrada nos *corpora* não correspondeu à acepção etimológica do verbo, optou-se por considerar como mais antigo o significado encontrado nos dicionários etimológicos ou nas fontes secundárias pesquisadas. Em outras palavras, a construção em que o verbo apresenta seu sentido etimológico será considerada a construção motivadora.

Definidas as construções motivadoras das CSVL's, CVL's e CVP's que apresentaram coerência sintática e semântica, analisaram-se os *links* de herança entre essas construções. Posteriormente, analisaram-se também os *links* de herança entre as CSVL's e as CSVPsico's. Esses *links* encontram-se resumidos na próxima seção.

### 3.4.2 Análise das relações de herança: os *links* de herança entre as construções

Goldberg (1995) propõe a existência destes quatro *links* de herança: *link* de polissemia, *link* de extensão metafórica, *link* de subpartes e *link* de instância (cf. seção 2.1.2). Como se poderá ver no próximo capítulo, o *link* de instância não foi encontrado nos dados. Além disso, tomando como base os trabalhos de Lakoff (1987) e Norrick (1981), propusemos a existência do *link* de extensão metonímica entre as construções (cf. seção 2.1.2.2). Esses *links* de herança podem ser assim resumidos:

---

<sup>96</sup> Adotou-se a construção como unidade básica da língua, mas, como partimos dos verbos leves que ocorreram nas CSVL's dos *corpora* de Madureira (2000) e, além disso, como não existe uma gramática histórica das construções da língua portuguesa, tivemos que buscar o significado do verbo nos dicionários etimológicos com o objetivo de descobrir a construção mais antiga integrada por ele, tomando como base os verbos analisados.

- *Link* de polissemia ( $I_P$ ) relaciona duas construções sintaticamente idênticas e que apresentam os mesmos papéis argumentos, mas se pode observar uma pequena diferença de sentido entre elas, ou seja, estabelece uma relação de herança entre duas construções A e B em que B herda a estrutura sintática e parte da estrutura semântica de A;
- *Link* de extensão metafórica ( $I_M$ ) relaciona duas construções que apresentam a mesma estrutura sintática, mas que atribuem papéis argumentos diferentes, já que estabelece uma relação de herança entre duas construções A e B em que a construção B herda a estrutura sintática de A e a estrutura semântica de B advém de um mapeamento metafórico da estrutura semântica de A;
- *Link* de subpartes ( $I_S$ ) relaciona duas construções A e B em que B apresenta apenas uma parte da estrutura sintática e semântica de A, mas existe independentemente;
- *Link* de extensão metonímica ( $I_{MET}$ ) relaciona duas construções A e B sintaticamente diferentes, mas um elemento de B retoma parte do conteúdo semântico de A.

Após a análise dos fatores selecionados, foram estabelecidas as relações de herança das construções analisadas e, com base nessas relações, realizou-se uma proposta de armazenamento dos dados linguísticos, tomando como base a teoria de Bybee (2006, 2010), que defende que as construções idênticas são armazenadas juntas e as construções semelhantes são armazenadas mais próximas umas das outras (cf. seção 2.1.4).

### **3.5 Considerações finais do capítulo**

Neste capítulo, foram apresentadas as informações sobre os *corpora* utilizados e sobre os dados da pesquisa, como o volume de construções analisadas e o programa de armazenamento desses dados. Além disso, exibiram-se os fatores utilizados para o estabelecimento das relações de herança. Vimos que a história e a frequência das

construções e as relações sintático-semânticas constituem-se fatores de análise das relações de herança. No próximo capítulo, serão apresentadas a análise quantitativa e qualitativa dos dados, as relações de herança propostas e as formas de armazenamento cognitivo dos dados com base nessas relações.

## CAPÍTULO 4

---

### ANÁLISE DOS DADOS

#### 4.1 Descrição geral dos dados do período

Para análise das relações de herança das construções que remetem ao *frame* dos verbos psicológicos, baseamo-nos nas pesquisas diacrônicas e sincrônicas desenvolvidas por Madureira (2000, 2002) e em seus demais trabalhos como Dogliani (2007, 2011) e nas pesquisas de Carvalho (2008) e Cunha (2010). Esses estudos mostraram que o *frame* dos verbos psicológicos pode ser evocado por construções integradas pelos verbos dessa classe (CSVPsico's) e por construções constituídas por VL+objeto, em que é objeto que remete ao *frame* dos verbos psicológicos (CSVL's).

Nesta pesquisa, pretendemos mostrar que, por meio da análise da frequência de uso, da história do item/construção e da estrutura sintático-semântica, é possível verificar as conexões existentes entre essas construções que estariam relacionadas pelo mesmo *frame* semântico. Além disso, seguindo as intuições de Fillmore (1975), que defende que os *frames semânticos* que compartilham a mesma *cena* ou os dados linguísticos estariam relacionados uns aos outros (cf. seção 0.1), partimos do pressuposto de que as CSVL's possuem relações de herança com as CSVPsico's por partilharem a mesma *cena* e com as CVP's e com outras CVL's integradas pelos mesmos verbos que as integram, por partilharem o mesmo verbo.

Dessa forma, para mostrar a relação entre as CSVPsico's, as CSVL's, as CVL's e as CVP's, retornamos aos *corpora* utilizados por Madureira (2000). Recolhemos as CSVPsico's e as CSVL's que ocorreram nos dados da autora dos séculos XIV ao XVI e, retornando aos seus *corpora*, selecionamos todas as CVL's e as CVP's integradas pelos 27 verbos que ocorreram no período arcaico nessas construções, quais sejam: *achar, andar, cair, causar, dar, deixar, estar, fazer, ficar, filhar, guardar, haver, lançar, levantar, levar, meter, mostrar, padecer, passar, perder, pôr, possuir, sentir, ser, ter,*

*tomar, trazer*. As CVL's e as CVP's coletadas neste estudo e também as CSVPsico's e as CSVL's levantadas por Madureira totalizaram um volume de 2645 dados<sup>97</sup>, constituídos por 156 ocorrências de CSVPsico's, 506 ocorrências de CSVL's, 1030 ocorrências de CVL's diversas e 953 ocorrências de construções com CVP's, conforme se verifica na tabela 7 a seguir.

Tabela 7- Número de ocorrências e porcentagens de construções analisadas nos *corpora*.

<b>Construções analisadas</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
CSVPsico's	156	6
CSVL's	506	19
CVL's	1030	39
CVP's	953	36
<b>Total</b>	<b>2645</b>	<b>100</b>

Em relação ao conjunto de dados, observa-se a importância das construções formadas por verbos leves, pois as construções que remetem ao *frame* dos verbos psicológicos representam 19% dos dados coletados e as demais CVL's representam 39% dos dados, i. e., todas as construções formadas por verbos leves juntas representam mais da metade dos dados dos *corpora* analisados (58%).

Observe-se também, na tabela 8, a importância das CSVL's na representação do *frame* dos verbos psicológicos.

Tabela 8 -Número de ocorrências e porcentagens de construções relacionadas ao *frame* dos verbos psicológicos analisados nos *corpora*.

<b>Frame dos verbos psicológicos</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
CSVPsico's	156	23,6
CSVL's	506	76,4
<b>Total</b>	<b>662</b>	<b>100</b>

<sup>97</sup> Desse total, já foram excluídos os usos dos verbos como auxiliares e construções que foram descartadas posteriormente da análise.

Os dados da tabela 8 mostram a importância das construções formadas por verbos leves na classe dos verbos psicológicos. Pode-se observar que 76,4% da representação do *frame* dos verbos dessa classe ocorrem por meio de construções formadas por verbos leves.

É importante esclarecer que alguns *frames* de verbos psicológicos foram representados, simultaneamente, por CSVPsico's e por CSVL's, outros *frames* foram representados, exclusivamente, por CSVPsico's e outros por apenas CSVL's. Esses três grupos de construções estão ilustrados por meio das ocorrências (152) a (155)<sup>98</sup>.

a) Grupo 1: as CSVPsico's e suas respectivas CSVL's.

(152) “(...) assanhai-vos, e não queirais pecar.” (LC, séc. XV, p. 122)

(153) “A segunda parte é dalguns que, desejando sem discrição haver todas virtudes, disposição delas, e boas manhas, como as melhor vê a cada um, e quando alguma não podem tão perfeitamente cobrar, filham sanha de si, com menosprezo do que recebem desordenada tristeza.” (LC, séc. XV, p. 114)

b) Grupo 2: CSVPsico's.

(154) “Se, em verdade, teu desejo é ser salva e desejas e cobiças ver a mim.” (VSP, séc. XIV, p. 124)

c) Grupo 3: CSVL's que remetem ao *frame* de verbos psicológicos que não integraram CSVPsico's.

(155) “Amdaua hy huu que falaua mujto aos outros que se afastassem mas nõ já que mamy parecese que lhes tijnham acatameto ne medo.” (CPV, XVI, p. 5)

Na ocorrência (152), exibiu-se uma CSVPsico integrada pelo verbo *assanhar* e, na ocorrência (153), observa-se o *frame* desse verbo realizado por meio da CSVL *filhar*

---

<sup>98</sup> Confira Anexo A.

*aborrecimento*. Na ocorrência (154), ilustrou-se uma CSVPsico integrada pelo verbo *cobiçar* e não se verificaram CSVL's relacionadas ao *frame* desse verbo. Na ocorrência (155), observa-se que o *frame* de ACATAR foi realizado por meio da CSVL *ter acatamento*, porém não foram encontradas CSVPsico's integradas por esse verbo no período.

Convém lembrar que, nesta pesquisa, recolheram-se todas as construções integradas pelos verbos leves presentes nas CSVL's, i. e., construções em que esses verbos funcionaram como plenos e construções em que funcionaram como leves, mesmo quando essas não evocaram o *frame* dos verbos psicológicos. Vejamos, então, nas tabelas 9 e 10, a seguir, o volume de CVP's e CVL's encontrado nos *corpora*, excluindo-se os verbos *ser, estar, ficar, ter e haver* sobre os quais serão apresentadas mais informações posteriormente.

Tabela 9 - Número de ocorrências das CVL's e das CVP's integradas pelos verbos analisados, excetuando-se *ser, estar, ficar, ter e haver*.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP's	CVL's	CVP's	CVL's	CVP's	CVL's	
Achar	17	0	29	3	10	0	59
Andar	3	4	9	12	9	24	61
Cair	3	0	3	10	0	0	16
Causar	0	0	0	0	0	1	1
Dar	16	14	33	68	40	7	178
Deixar	4	1	29	3	7	0	44
Fazer	22	42	193	118	26	19	420
Filhar	5	3	11	48	0	0	67
Guardar	3	0	36	2	0	0	41
Lançar	0	1	7	1	15	2	26
Levantar	3	0	6	5	8	0	22
Levar	5	0	10	4	17	0	36
Meter	4	3	2	1	13	0	23
Mostrar	9	1	5	5	4	0	24
Padecer	0	0	3	4	0	0	7
Passar	10	1	20	5	15	0	51
Perder	2	1	10	8	0	0	21
Pôr	7	4	11	30	19	4	75
Possuir	0	0	3	1	0	0	4
Sentir	0	0	48	27	0	0	75
Tomar	6	0	21	4	22	3	55
Trazer	5	0	16	28	39	0	88
<b>Total</b>	<b>124</b>	<b>75</b>	<b>505</b>	<b>387</b>	<b>244</b>	<b>60</b>	<b>1395</b>

Tabela 10 - Porcentagem e número de ocorrências das CVL's e CVP's dos verbos analisados, excetuando-se *ser, estar, ficar, ter e haver*.

Século XIV				Século XV				Século XVI			
CVP's		CVL's		CVP's		CVL's		CVP's		CVL's	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
124	62,3	75	37,7	505	56,6	387	43,4	244	80,3	60	19,7

Os dados das tabelas 9 e 10 nos mostram que há mais ocorrências de CVP's em todos os séculos analisados. Observando-se os dados da tabela 9, pode-se ver que somente as CVL's integradas pelos verbos *andar, fazer e lançar* ultrapassam as CVP's no século XIV. Além disso, analisando-se os dados da tabela 10, pode-se constatar que, no século XIV, obtiveram-se 62,3% de CVP's; no século XV, observam-se 56,6% de CVP's e, no século XVI, 80,3%. Os dados sinalizam, portanto, que as CVP's antecedem, historicamente, as CVL's de mesmos verbos.

Para fazermos uma análise mais detalhada das construções formadas por verbos leves, optamos por analisar os verbos que integraram 7 CVL's ou mais. Dessa forma, foram excluídos da análise estes verbos: *achar, causar, deixar, guardar, lançar, levantar, levar, meter, mostrar, padecer, passar e possuir*. Foram analisados, com a exclusão desses verbos e suas construções, 2307 dados, cuja distribuição geral se vê na tabela a seguir.

Tabela 11 - Número de ocorrências e porcentagens de construções analisadas nos *corpora*, após a exclusão dos verbos que integraram menos de 7CVL's.

Construções analisadas	Nº	%
CSVPSico's	156	6,8
CSVL's	479	20,8
CVL's	1013	43,9
CVP's	659	28,5
<b>Total</b>	<b>2307</b>	<b>100</b>



Vejam, agora, nas tabelas 12 e 13, a distribuição das CVP's e CVL's integradas pelos verbos que apresentaram 7 CVL's<sup>99</sup> ou mais, excluindo-se, os verbos *ser, estar, ficar, ter e haver* que serão analisados separadamente.

Tabela 12- Número de ocorrências das CVL's e das CVP's integradas pelos verbos que apresentaram 7 CVL's ou mais, excetuando-se *ser, estar, ficar, ter e haver*.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP's	CVL's	CVP's	CVL's	CVP's	CVL's	
Andar	3	4	9	12	9	24	61
Cair	3	0	3	10	0	0	16
Dar	16	14	33	68	40	7	178
Fazer	22	42	193	118	26	19	420
Filhar	5	3	11	48	0	0	67
Perder	2	1	10	8	0	0	21
Pôr	7	4	11	30	19	4	75
Sentir	0	0	48	27	0	0	75
Tomar	6	0	21	4	22	3	56
Trazer	5	0	16	28	39	0	88
<b>Total</b>	<b>69</b>	<b>68</b>	<b>355</b>	<b>353</b>	<b>155</b>	<b>57</b>	<b>1057</b>

Tabela 13 - Porcentagem e número de ocorrências das CVL's e das CVP's integradas pelos verbos que apresentaram 7 CVL's ou mais, excetuando-se *ser, estar, ficar, ter e haver*.

Século XIV		Século XV				Século XVI					
CVP's		CVL's		CVP's		CVL's		CVP's		CVL's	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
69	50,4	68	49,6	355	50,1	353	49,9	155	73,1	57	26,9

Os dados das tabelas 12 e 13 nos mostram que há um equilíbrio entre as CVL's e CVP's, nos séculos XIV e XV, pois, no século XIV, foram encontradas 50,4% de CVP's e 49,6% de CVL's e, no século XV, verificaram-se 50,1% de CVP's e 49,9% de

<sup>99</sup> Na tabela 12, as CSVL's estão incluídas nas CVL's. Para saber como essas se distribuem, cf. Anexo B.

CVL's. Já no século XVI, pode-se observar que as CVP's (73,1%) ocorrem muito mais do que as CVL's (26,9%). Como o volume de CVL's e CVP's é muito equilibrado, é necessário analisar melhor essas construções para estabelecer suas relações de herança. Na próxima seção, apresentaremos todas as CVP's e CSVL's integradas por esses verbos que ocorreram nos *corpora*.

#### 4.1.1 As CVP's e as CSVL's integradas pelos verbos da tabela 12

Como se viu na seção 1.2, os verbos que integram as CVP's são verbos significativos, ou seja, apresentam funções lexicais, temáticas e simbólicas. A seguir, apresentamos os diferentes tipos de CVP's integrados pelos verbos da tabela 12 e, entre parênteses, exibem-se os verbos que integram cada construção no período analisado.

I- **Construção inergativa (*andar*)**: é uma construção monoargumental que apresenta um sujeito que recebe o papel temático de *agente*.

(156) “E por quanto a elles era dito que el queria tomar pera amdarem com el e seer de seu comselho alguuns que eram feitura da Raynha e de sua criaçam, os quaaes eram a ell muy sospeitos e a seruiço e homra do regno, e a elles muyto danossos, porque sempre lhes procurariam dano e morte e desomra: (...)” (CRDJ, séc. XV, p. 4)

II- **Construção de queda concreta (*cair*)**: denota o ato de uma entidade tombar e licencia os papéis *paciente* ao sujeito e *lugar* SPrep.

(157) “A qual voz ouvirom todos os que estavam na eglesia e houveram grande espanto e medo e caírom todos em terra sobre suas faces, (...)” (VSA, séc. XIV, p. 127)

III- **Construção de causar-receber (*dar, fazer, trazer*)**: é uma construção de três lugares que representa a transferência de um bem de uma entidade para outra. Essa construção projeta um SN *agente*, um SN *tema* e um SPrep *meta*.

(158) “E des que este dom Martim Sanchez morreo, nunca dom Rodrigo Gomez quis dar o condado a el rei dom Fernando, pero lho muitas vezes enviou pedir, até que o el rei houve a mandar emprazar, e chegou el a Sevilha.” (LLDP, séc. XIV, p. 298-299)

**IV- Construção resultativa (*fazer*):** é uma construção que denota a ação de uma entidade que provoca o surgimento ou a afetação de outra. Essa construção projeta um SN *agente* e um SN *paciente*.

(159) “Faziam dous carpenteiros huua grande cruz dhuu paaio que se ontem pera ysso cortou.” (CPV, séc. XVI, p. 9)

**V- Construção de posse material 1 (*filhar, tomar*):** apresenta uma entidade que tem a posse de um determinado bem material alienável. Nessa construção, temos um SN *possuidor* e um SN *possuído*.

(160) “E quando o vio viir, levantou-se mui toste e filhou uu escudo e ua lança que siia acostado (sic) a uu esteo da tenda u eles siiam, e deu ua tam gram lançada a dom Alvar Perez que lhi passou o escudo e o perponte e a loriga, e achegou na carne.” (LLDP, séc. XIV, p. 298)

**VI- Construção de perda concreta (*perder*):** é uma construção de dois lugares, em que o sujeito fica sem a posse de um objeto. Essa construção licencia os papéis de *experienciador* e *causador de experiência (estado)*.

(161) “E quando põem duma parte a folgança daquele pecado, ou semelhante, e doutra que fará desprazer ao Senhor Deus, perderá os grandes bens do possuir da virtude a ele contrária, e o contentamento que de si por ela continuamente sente, (...)” (LC, séc. XV, p. 78-79)

**VII- Construção de mudança de lugar (*pôr*):** é uma construção de três lugares que apresenta a mudança de lugar espacial de uma determinada entidade, ocasionada por outra. Essa construção projeta um SN *agente*, um SN *tema* e um SPrep *lugar*.

(162) “O qual, depois que ela per eles passou, se tornou e pôs sua face sobre seus gíolhos, chorando muitas lágrimas, que nom o sudairo só que em suas mãos tinha mais todos seus pectos eram cheios de água.” (VSP, séc. XIV, p. 123)

**VIII- Construção de sentimento com causador de experiência objeto material (*sentir*):** denota um estado psicológico de uma entidade que é provocado por outra. Essa construção projeta um SN *experienciador* e um SN *causador de experiência (material)*.

(163) “E aquela medes [mesma] por vista de pessoas, ouvir de palavras, trespassa ao coração como se o feito recente fosse quando ele se lembra e o sentia.” (LC, séc. XV, p. 35)

**IX- Construção de mudança de lugar originada de uma fonte (*trazer*):** é uma construção de três lugares que denota a mudança espacial de um bem material de um lugar para outro. Essa construção licencia um SN *agente*, um SN *tema* e um SPrep *fonte*.

(164) “Alegando que trazia de terra longínqua uma pedra preciosa, mais valiosa que todas as riquezas e só podia ser vista por quem fosse virtuoso.” (LBJ, séc. XIV, p. 119)

**X- Construção de mudança de lugar através de um instrumento (*trazer*):** é uma construção de três lugares que denota o deslocamento de uma entidade por meio de outra. Essa construção licencia um SN *agente*, um SN *tema* e um SPrep *instrumento*.

(165) “Os autos da sua vida trouue sempre so jugo de christãa fee, semdo muy obediente ao alto Pastor da Igreja, avemdo homrada e onesta reueremça aos prellados e ministros della.” (CRDJ, séc. XV, p.2)

Como se pode observar, algumas CVP's são integradas por apenas um dos verbos analisados enquanto outras são integradas por vários verbos, conforme se vê no quadro 1.

Quadro 1- Tipos de CVP's integradas pelos verbos da tabela 12.

CVP	Verbos que integram
Inergativa	Andar
Queda concreta	Cair
Causar-receber	Dar, fazer, trazer
Resultativa	Fazer
Posse material 1	Filhar, tomar
Perda concreta	Perder
Mudança de lugar	Pôr
Sentimento com caus. exp. obj. material	Sentir
Mudança de lugar fonte	Trazer
Mudança de lugar instrumento	Trazer

Estas foram as CSVL's integradas pelos verbos da tabela 12:

I- **Construção descritiva transitória 1 (*andar*)**: apresenta uma descrição física ou uma qualidade que não são permanentes a uma entidade. Essa construção projeta um SN *localizando* e um SPrep *estado*.

(166) “E os que andam em feitos de cavalaria que se ponham a todos perigos e trabalhos que se lhes ofereçam , não havendo resguardo aos que segundo seu estado e poder lhe são razoados”. (LC, séc. XV, p. 37)

II- **Construção descritiva transitória 2 (*andar*)**: apresenta uma descrição física ou uma qualidade que não é permanente a uma entidade. Difere, sintaticamente, da construção descritiva transitória 1, pois projeta um SN *localizando* e um SAdj *estado*.

(167) “E quando foram cercar dom Alvar Perez de Crasto em Paredes, e que el pôs as barreiras de sirgo, a rainha dona Mecia Lopez de Portugal, que fora molher d'el rei dom Sancho Capelo, de que // el entom andava mui namorado, jazia de fora do cerco com essas outras companhas.” (LLDP, séc. XIV, p. 298)

III- **Construção de queda abstrata (*cair*):** denota o estado psicológico que uma entidade apresenta e licencia os papéis de SN *experienciador* e SPrep *causador de experiência (estado)*.

(168) “E assim o cumprimento destas três [vontades] faz seguir e cair em grandes erros e maldades.” (LC, séc. XV, p. 39)

IV- **Construção de mudança de estado do experienciador objeto 1 (*dar, fazer, trazer, pôr*):** é uma construção de três lugares que denota a mudança de estado do experienciador objeto provocada por um sujeito *agente*. Essa construção licencia os papéis de SN *agente*, SN *causador de experiência* e *experienciador* na posição de objeto indireto.

(169) “(...) querendo-lhe gallodoar os seruiços que a nos e aos ditos nossos reynos ha feitas por as razoÆes soso ditas, porque o auemos por prol dos ditos reynos, de cujo regimento auemos emcarego polla dignidade que nos Deus deu, de que foy ajudador a dita çidade: (...)” (CRDJ, séc. XV, p. 8)

V- **Construção de mudança de estado do experienciador objeto 2 (*pôr, trazer*):** é uma construção de três lugares que denota a mudança de estado do experienciador provocada por um sujeito *agente*. Essa construção licencia os papéis de SN *agente*, SPrep *causador de experiência* e um *experienciador* objeto.

(170) “Terceiro, se tão poderosos não formos, espacemo-la, calando-nos ou nos apartando, assim que tirando-nos do azo, mais ligeiramente nos possamos pôr em bom assossego, por não fazer ou dizer cousa errada.” (LC, séc. XV, p. 90-91)

VI- **Construção resultativa abstrata (*fazer*):** é uma construção que denota um estado psicológico de uma entidade, provocado por uma ação desta entidade. Nessa construção, temos um SN *experienciador* e um SN *causador de experiência (estado)*.

(171) “Tu veeste aqui e fezeste gram loucura, ca nos teus paaços poderas filhar esta peendencia.” (LLDP, séc. XIV, p. 209)

VII- **Construção posse abstrata 2 (*filhar, tomar*)**: apresenta uma entidade que tem a posse metafórica de um sentimento e licencia os papéis de SN *experienciador* e SN *causador de experiência*.

(172) “(...) e acabar pesados feitos sem filhar grande cuidado, e haver nome de grado [de generoso] sem fazer tal despesa que lhe alguma minguia ou empacho [obstáculo] fizesse.” (LC, séc. XV, p. 38)

VIII- **Construção de perda abstrata com objeto estado psicológico (*perder*)**: denota o fato de uma entidade deixar de apresentar um determinado estado psicológico e licencia os papéis de SN *experienciador* e SN *causador de experiência (estado psicológico)*.

(173) “(...) por não lhe desprazer [a quem muito ama], ou minguando se perde o amor do que no servo, o qual a olho somente esguarda [atende].” (LC, séc. XV, p. 49)

IX- **Construção de sentimento com causador de experiência objeto estado (*sentir*)**: denota um estado psicológico de uma entidade que é provocado por um estado. Essa construção projeta um SN *experienciador* e um SN *causador de experiência (estado)*.

(174) “E assim os que sentem e seguem em seus corações verdadeira humildade, nunca lhes falece direita razão por que ante Deus se cusem (...)” (LC, séc. XV, p. 77)

X- **Construção de mudança de estado originada de uma fonte (*trazer*)**: é uma construção de três lugares que denota a mudança de estado psicológico de uma entidade que advém de outra. Essa construção licencia um SN *experienciador*, um SN *causador de experiência (estado)* e um SPrep *fonte*.

(175) “(...) e de seus senhores trouxessem bom contentamento do que lhes desse, sabendo que naquestas três partes os mais faleciam.” (LC, séc. XV, p. 42)

Como se pode ver, assim como ocorre nas CVP's, algumas CSVL's são integradas por mais de um verbo, como se pode ver no quadro 2.

Quadro 2- Tipos de CSVL's integradas pelos verbos da tabela 12.

CVP	Verbos que integram
Descritiva transitória 1 e 2	Andar
Queda abstrata	Cair
Mudança de estado do exp. objeto 1	Dar, fazer, trazer, pôr
Mudança de estado do exp. objeto 2	Pôr, trazer
Resultativa abstrata	Fazer
Posse abstrata 2	Filhar, tomar
Perda abstrata com obj. estado psic.	Perder
Sentimento com caus. de exp. obj. estado	Sentir
Mudança de estado originada fonte	Trazer

Veremos, nas próximas seções, que não é uma eventualidade o fato de esses verbos ocorrerem nas mesmas construções. Isso é um sinal de que essas construções mantêm relações de herança. Assim, como se poderá ver, os verbos que se apresentam nas mesmas construções serão analisados em conjunto, como se verifica a seguir:

- Construção de mudança (lugar, posse e estado): *dar, fazer, pôr, trazer*;
- Construção de queda: *cair*;
- Construção de perda: *perder*;
- Construção de sentimento: *sentir*.
- Construção descritiva: *andar*;
- Construção de posse: *filhar e tomar*.

Como se pode ver, as construções de queda, de perda e de sentimento são integradas por apenas um verbo, mas os diferentes tipos de construções de mudança são integrados pelos verbos *dar, fazer, pôr e trazer* e as construções de posse são integradas por *filhar e tomar*.<sup>100</sup> Vimos também que as construções integradas pelos verbos *ser, estar, ficar, haver e ter* não foram analisadas nesta seção junto com os demais, porque apresentam comportamentos idiossincráticos. Assim, as construções integradas por esses verbos serão apresentadas na próxima seção.

<sup>100</sup> Como será apresentado, os verbos *ter* e *haver* também integram as construções de posse e as construções descritivas também são integradas por *ser* e *estar*.



#### 4.1.2 As CVP's e as CSVL's integradas pelos verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *ter* e *haver*

Os verbos da tabela 12 apresentam basicamente dois tipos de construções: CVP's e CVL's, incluindo-se as CSVL's dentro dessas. Já os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *ter* e *haver* são mais complexos, pois podem ser usados como verbos auxiliares e também integram um grande número de construções diferentes, conforme se verá nas análises desses verbos e suas construções. Convém destacar que os verbos *ser* e *estar* apresentam um comportamento ainda mais peculiar, pois, no século XIV, não integram CVP's. Esse comportamento idiossincrático obrigou-nos a apresentar esses cinco verbos separadamente.

Para verificarmos as CVP's de *haver*, *ter* e *ficar*, foi necessário recorrer a dicionários etimológicos e aos estudos diacrônicos de Mattos e Silva (2006). De acordo com a autora, *haver* era o verbo básico para expressar a posse no latim, significando *ter em sua posse* e *ter* apresentava como sentido básico *ter na mão*. Com base nessas informações, optamos por eleger a construção de posse material a CVP desses verbos. Já a CVP de *ficar* foi obtida pela consulta do significado do verbo em dicionários etimológicos. Conforme Cunha (2010), esse verbo significa *permanecer* no século XIII, de modo que elegemos a construção locativa como sua CVP. Assim, em relação a esses verbos, estas foram as CVP's encontradas<sup>101</sup>:

I- **Construção de posse material 1 (*ter*, *haver*, *filhar*, *tomar*):** apresenta uma entidade que tem a posse de um determinado bem material alienável. Nessa construção, temos um SN *possuidor* e um SN *possuído*.

(176) “Uma [maneira de sentir inveja] por ver as cousas de vantagem a outro haver, de que lhe não praz. A outra por ele não ter bem assim como queria.” (LC, séc. XV, pág. 83)

II- **Construção de posse material 2 (*ter*, *haver*):** é uma construção de três lugares que licencia os papéis de *meta* ao SN sujeito, de *possuído* ao SN objeto e de *fonte* ao SPrep. Essa construção denota a transferência de um bem de uma entidade para outra.

---

<sup>101</sup> Observe-se que os verbos que as integram estão entre parênteses.

(177) “E teve del dom Rodrigo Gomez de Trastamar o condado de Trastamar, que el tiinha d'el rei em teença em toda a sa vida.” (LLDP, séc. XIV, pág. 298)

III- **Construção locativa (*ficar*)**: exhibe a localização permanente de uma entidade e licencia o papel de um SN *localizando* e o papel de SPrep *lugar*.

(178) “Ali, morrerom quatro filhos e tres filhas d'Alboazer Alboçadam, e todos os mouros e mouras que estavam no curral, e nom ficou em essa vila de Gaia pedra com pedra, que todo nom fosse em terra.” (LLDP, séc. XIV, p. 220)

Essas construções também podem ser integradas por diferentes verbos, como se vê no quadro 3.

Quadro 3- Tipos de CVP's integradas pelos verbos *ficar*, *haver* e *ter* e demais verbos que integram essas construções.

CVP's	Verbos que integram
Posse material 1	Haver, ter, filhar, tomar
Posse material 2	Haver, ter
Locativa	Ficar

Como se mencionou, os verbos *ser* e *estar* não apresentam CVP's no período analisado, embora Mattos e Silva (2006) afirme que esses verbos podiam se realizar como verbos significativos no período arcaico. De acordo com a autora, “no período arcaico esses verbos seguidos de gerúndio podem ocorrer semanticamente plenos, com o significado etimológico: *ser* (lat. *sedere*) ‘estar sentado’; *estar* (lat. *stare*) ‘estar de pé’ (...)” (p. 141). Dessa forma, é possível defender que esses verbos possuam CVL's.

Estas são as CSVL's integradas pelos verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *ter* e *haver*<sup>102</sup>:

I- **Construção descritiva transitória 1 (*ser*, *estar*, *andar*)**: apresenta uma descrição física ou uma qualidade que não são permanentes a uma entidade. Essa construção projeta um SN *localizando* e um SPrep *estado*.

<sup>102</sup> Os verbos que integram as construções estão entre parênteses.

(179) “Ali desarrancarom todos contra eles, e en as primeiras feridas caio dom Gonçalo Meendez do cavalo como aquel que estava ja sem força.” (LLDP, séc. XIV, p. 221)

II- **Construção descritiva transitória 2** (*ser, estar, andar*): apresenta uma descrição física ou uma qualidade que não é permanente a uma entidade. Essa construção projeta um SN *localizando* e um SAdj *estado*.

(180) “E estando em este homezio, morreo o dom Gonçalo Rodriguiz, e o Martim Fernandez, porque estava manzelado das suas herdades, que lhi tiinha forçadas dona Sancha Martiiz, fazia-lhi todo nojo que podia.” (LLDP, séc. XIV, p. 394)

III- **Construção descritiva permanente** (*ser*): apresenta uma descrição física ou uma qualidade inerentes a uma entidade. Essa construção projeta um SN *localizando* e um SAdj *estado*.

(181) “(...) a sua alma era toda esplandecente com bons costumes e com muitas virtudes e comprido de todos bens; e assi era de grande entendimento e muy sutil.” (LBJ, séc. XIV, p. 117)

IV- **Construção de mudança de estado** (*ser, ficar*): apresenta a mudança de estado por que passou uma entidade. Projeta os papéis argumentos de SN *localizando* e SAdj *estado*.

(182) “E quem serve por amor, o desejo e o amor ficam livres para se juntar a outra cousa, e crescendo muito farão passar a força do temor.” (LC, séc. XV, p. 49-50)

V- **Construção de posse abstrata 2** (*ter, haver, filhar, tomar*): apresenta uma entidade que tem a posse metafórica de um sentimento e licencia os papéis de SN *experenciador* e SN *causador de experiência*.

(183) “E el repomdeo que lhe prazia muyto e que nom ouesse nenhum reço.” (CRDJ, séc. XV, p. 15)

**VI- Construção de posse abstrata 3 (*ter, haver*):** é uma construção de três lugares que licencia os papéis de SN *experenciador*, SN *causador de experiência (estado)* e SPrep *fonte*. Essa construção representa a entidade que tem a posse metafórica de um sentimento, que advém de outra entidade.

(184) “E a cabo de tempo, andando este dom Vaasco, donzel muito aposto e de bÆas condiçÆes, em casa d'el rei dom Afonso, o terceiro, havia i dous donzees irmãos, que eram do linhagem dos Marinhos, e haviam-lhi enveja; e, estando na paaço, houverom palavras com este dom Vaasco, dizendo-lhe que era manzelado, porque fora feito em tempo de dom Gonçalo Rodriguiz.” (LLDP, séc. XIV, p. 394-395)

**VI- Construção de posse abstrata 5 (*haver*):** apresenta uma entidade que tem a posse metafórica de um sentimento e licencia os papéis de SN *experenciador* e um SPrep *causador de experiência*.

(185) “E oolharom por as chagas que tiinha e houverom por gram maravilha de lhe tanto poder durar a força, ca elas eram grandes e estavam em logares mortaes.” (LLDP, séc. XIV, p. 222)

Como se pode notar, as CSVL's apresentadas acima também podem ser integradas por mais de um verbo. Vimos que as construções descritivas transitórias 1 e 2 são integradas pelos verbos *ser*, *estar* e *andar*, as construções de posse abstrata 2 podem ser integradas pelos verbos *ter*, *haver*, *filhar* e *tomar* e as construções de posse abstrata 3 podem ser integradas por *ter* e *haver*.

Quadro 4- Tipos de CSVL's integradas pelos verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *ter* e *haver* e demais verbos que integram essas construções.

CSVL's	Verbos que integram
Descritiva transitória 1 e 2	Andar, estar, ser
Descritiva permanente	Ser
Mudança de estado	Ficar, ser
Posse abstrata 2	Ter, haver, filhar, tomar
Posse abstrata 3	Ter, haver
Posse abstrata 5	Haver

Considerando-se as CVP's e as CVL's dos verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *ter* e *haver*, obteve-se este volume de construções<sup>103</sup>:

Tabela 14 - Número de ocorrências das CVL's e das CVP's integradas pelos verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *ter* e *haver*.

	CVP's	CVL's
Estar	-	97
Ser	-	644
Ficar	27	7
Haver	10	170
Ter	43	96
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>1014</b>

Como já se mencionou, para analisar as relações de herança estabelecidas pelas construções integradas por esses verbos, optou-se por organizar a análise a partir das construções integradas pelos mesmos verbos, o que evidenciou estes agrupamentos:

- Construções descritivas e locativas: *estar*, *ser*, *andar*;
- Construções de mudança de estado e descritivas: *ser*, *ficar*;
- Construções de posse: *ter*, *haver*, *filhar*, *tomar*;
- Construções de mudança (lugar, posse e estado): *dar*, *pôr*, *fazer*, *trazer*;
- Construções de queda: *cair*;
- Construções de perda: *perder*;
- Construções de sentimento: *sentir*.

<sup>103</sup> Nem todas as construções que serão apresentadas nas seções correspondentes às análises de cada verbo e suas construções foram computadas na tabela 14. Nas análises correspondentes aos verbos *ser*, *haver* e *ter*, outros tipos de construções apareceram, mas não foram analisadas na tese (por motivos que serão esclarecidos oportunamente nas seções correspondentes) e, por essa razão foram excluímos da tabela 14 esses dados. Quanto ao verbo *ser*, foram computadas, nessa tabela, as construções de descrição permanente, as construções de descrição transitória, as construções de mudança de estado, as locativas transitórias e as construções de posse abstrata (cf. seção 4.2.2). Em relação aos verbos *haver* e *ter*, foram computadas apenas as construções de posse material, como CVP's, e posse abstrata, como CVL's (cf. seções 4.4.1 e 4.4.2).

Nas próximas seções, as relações de herança de cada um desses agrupamentos de construções serão analisadas, levando-se em conta as relações sintático-semânticas, a frequência e a história das construções, conforme se determinou nas seções 2.3 e 3.4.

## 4.2 Construções descritivas e locativas: *estar*, *ser*, *andar*

Nesta seção, serão apresentadas as construções descritivas e locativas e suas relações de herança. Para isso, em primeiro lugar, serão realizadas as análises das construções dos verbos *estar*, *andar* e *ser* e as relações de herança dessas construções com os *frames* dos verbos psicológicos. Como esses verbos integram as construções locativas e descritivas, as relações de herança dessas construções emergirão das análises realizadas.

### 4.2.1 O verbo *estar*

O verbo *estar*, nos *corpora* analisados, ocorre em duas construções diferentes, a saber: construções descritivas transitórias e as construções locativas transitórias. Vejamos algumas ocorrências dessas construções:

#### a) Construções descritivas transitórias:

(186) “Ali desarrancarom todos contra eles, e en as primeiras feridas caio dom Gonçalo Meendez do cavalo como aquel que estava ja sem força.” (LLDP, séc. XIV, p. 221)

(187) “E estando em este homezio, morreo o dom Gonçalo Rodriguiz, e o Martim Fernandez, porque estava manzelado das suas herdades, que lhi tiinha forçadas dona Sancha Martiiz, fazia-lhi todo nojo que podia.” (LLDP, séc. XIV, p. 394)

(188) “E apareceu-lhe em visom Jesu Cristo e mostrou-lhe tôdalas coitas e cuidados em que estava o infante Josafate.” (LBJ, séc. XIV, p. 119)

(189) “E daí avante guarde-se muito de estar só, mas sempre acompanhado de boas, discretas e devotas pessoas (...) arredando quanto mais puder todo cuidado daquelas cousas pasadas, presentes e por vir, donde tal tristeza tem seu principal fundamento.” (LC, XV, p. 117)

(190) “Mas ño tamtos comaas outras uezes e traziã ja mutio poucos arcos e esteuerã asy huu pouco afastados denos.” (CPV, séc. XVI, p. 8)

(191) “Esta dona Isabel seve casada com dom Joham Afonso, o Boo, d'Albuquerque, e fez em ela dom Martinho.” (LLDP, séc. XIV, p. 217)

(192) “Aly era com ocapitam abandeira de xpos com que sayo debem [saiu de Belém] a qual senpre esteue alta aaparte do auamjelho.” (CPV, séc. XVI, p. 5)

b) Construções locativas transitórias:

(193) “A qual voz ouvirom todos os que estavam na eglesia e houveram grande espanto e medo e caírom todos em terra sobre suas faces, (...)” (VSA, séc. XIV, p. 127)

Na ocorrência (186), temos uma construção descritiva transitória 1, em que o sintagma *sem força* caracteriza *dom Gonçalo Meendez* e remete ao *frame* de ENFRAQUECER. Em (187), verifica-se uma construção descritiva transitória 2, na qual o SAdj *mazelado* caracteriza o sujeito *Martim Fernandes* e remete ao *frame* de MAZELAR. A ocorrência (188) também é uma construção descritiva transitória 1, porque o SPrep *em coitas e cuidados* que caracteriza o estado em que está o infante Josafate e remete aos *frames* de CUIDAR e de COITAR. Há que se destacar a diferença sintática entre as ocorrências (186) e (188) e a ocorrência (187). Em (186) e (188), temos a construção SN+V+SPrep e, em (187), encontramos SN+V+SAdj. Essa diferença sintática indica que são duas construções diferentes, apesar de relacionadas pelo sentido e, por isso essas construções foram divididas em descritivas transitórias 1 e 2.

O verbo *estar* também integrou construções descritivas transitórias 2 que remetiam ao *frame* de verbos de outras classes semânticas, como se pode ver nas ocorrências (189), (190) e (191) em que as construções sublinhadas remetem, respectivamente, aos *frames* dos verbos ACOMPANHAR, AFASTAR e CASAR. Também se pôde observar o uso de uma construção descritiva que não remete ao *frame* de nenhum verbo cognato do substantivo/adjetivo que faz parte do núcleo predicativo da CVL, como se pode ver na ocorrência (192), em que a construção *estar alta* não remete ao *frame* de nenhum verbo da língua, mas ainda assim se trata de uma construção descritiva transitória. Na ocorrência (193), pode-se perceber que o verbo *estar* apresenta outro sentido, integrando uma construção locativa transitória, já que a expressão *na igreja* designa o lugar onde todos estavam.

Observemos a tabela 15, que mostra o número de ocorrências e a porcentagem do verbo *estar* em cada período analisado. Convém lembrar que os usos do verbo *estar* como auxiliar foram desconsiderados nesta pesquisa, visto que, como se viu na seção 1.2.2, os verbos auxiliares se diferenciam dos verbos leves e plenos. Saliente-se que Mattos e Silva (2006) deixa claro, em seu texto, que o verbo *estar* também já foi pleno, o que autoriza nossa leitura desse verbo como VL. De acordo com a autora, o verbo *estar* apresenta seu sentido pleno de *estar de pé* (significado lexical etimológico) ainda no período arcaico, em construções em que está seguido de gerúndio (cf. seção 1.2.3.2). Como essas construções são ambíguas para o leitor atual (ainda segundo a autora), já que o verbo *estar* pode ser interpretado, como pleno ou como auxiliar, não estão representadas na tabela 15.

Tabela 15 - Porcentagem e número de ocorrências do verbo *estar* por século.

Estar	Século XIV		Século XV		Século XVI	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Descritivo transitório	11	32,4	24	61,5	14	58
Locativo transitório	23	67,6	15	38,5	10	42
<b>Total</b>	<b>34</b>	<b>100</b>	<b>39</b>	<b>100</b>	<b>24</b>	<b>100</b>



Observa-se que esse verbo era mais usado para designar um lugar transitório no século XIV, pois foram computadas 67,6% das ocorrências com esse uso. Nos séculos XV e XVI, o uso desse verbo como descritivo ultrapassou seu uso como locativo transitório, visto que foram encontradas 61,5% e 58% das ocorrências do verbo *estar* nos séculos XV e XVI, respectivamente, nessa construção. Dessa forma, considerando o fator frequência e também as relações semânticas de cada construção (Princípio de precedência histórica, Corolário A, cf. seção 2.3), pode-se propor que as construções locativas transitórias se relacionam por um *link* de extensão metafórica (*link-I<sub>M</sub>*) com as construções de descrição transitória 1, visto que ambas as construções apresentam a mesma estrutura sintática e aquelas construções parecem ser o uso preferencial desse verbo no período. As figuras 15 e 16 explicitam os *links* de herança.

Sem	LUGAR TRANSITÓRIO	< localizando	lugar	>
R: means				
	ESTAR+SPrep	<		>
	↓	↓	↓	
Syn	VL+SPrep	SUBJ	OBL <sub>PP</sub>	

Figura15- Construção locativa transitória (“A qual voz ouvimos todos os que estavam na igreja(...)”)

↓  
I<sub>P</sub>: Lugar transitório para uma descrição transitória 1.

Sem	DESCRIÇÃO TRANSITÓRIA 1	< localizando	estado	>
R: means				
	ESTAR +SPrep	<		>
	↓	↓	↓	
Syn	VL+SPrep	SUBJ	OBL <sub>PP</sub>	

Figura 16- Construção de descrição transitória 1 (“(...) caio dom Gonçalo Meendez do cavalo como aquel que estava ja sem força.”)

Essas construções possuem a mesma estrutura sintática, i. e., todas elas apresentam um SN+VL+SPrep, mas a configuração semântica é diferente, já que, nas construções locativas transitórias, há um SN que recebe o papel temático de *localizando* e um SPrep que recebe o papel temático de *lugar* e, nas construções descritivas transitórias 1, também se verifica um SN sujeito *localizando*, mas o SPrep recebe o papel temático de estado *estado*. Observa-se, assim, um *link* de extensão metafórica entre a construção de lugar transitório e a construção de descrição transitória 1, porque o papel argumento de *lugar* passa a ser mapeado como um *estado*, na construção de descrição transitória 1. Essa configuração foi proposta, porque o verbo *estar* é o membro central da categoria (cf. seção 2.1.4) nas construções locativas transitórias e nas construções descritivas 1 no século XIV, ou seja, é o verbo mais usado nessas construções. Além disso, como há um número maior de construções locativas no século XIV, pode-se pensar que as construções locativas transitórias motivaram as construções descritivas transitórias.

A pesquisa de Mattos e Silva (1992) corrobora nossas conclusões (cf. seção 1.2.3.2), pois, de acordo com a autora, na segunda metade do século XIV, o verbo *estar* predominava nas estruturas locativas transitórias e o verbo *ser* predominava nas descritivas em geral. Por essa razão, Mattos e Silva defendia que o verbo *estar* se firmou nas locativas para depois se estabilizar nas construções descritivas. Isso também pode ser um indício de que as construções locativas transitórias motivaram as construções descritivas transitórias 1, como se propõe.

Sabemos, no entanto, que as construções descritivas transitórias 2, formadas por SN *localizando*+VL+SAdj *estado*, não foram motivadas pelas construções locativas transitórias, porque essas construções são sintaticamente e semanticamente diferentes. Na seção 4.1.2, vimos que as construções descritivas transitórias 2 podem ser integradas pelos verbos *estar*, *ser* e *andar*. Assim, para descobrirmos as relações de herança dessa construção recorreremos à análise da frequência do membro central da categoria e a relação da construção descritiva transitória 2 com as outras construções integradas por esse elemento.

Na seção 1.1, vimos que, ao analisar as construções de *way*, Goldberg (1995) observa que o verbo *make* foi o único verbo usado nessas construções durante quase três séculos e somente, posteriormente, essa construção passou a ser integrada por outros verbos. A autora percebeu que não era coincidência o fato de *make* ser usado nas construções de *way*, i. e., esse verbo que significa *criar* também era usado nas

construções de criação, que eram sintaticamente e semanticamente semelhantes às construções de *way*. Goldberg propõe, então, a partir da análise da frequência do membro central das construções *way* (o verbo *make*) que essa construção foi motivada pela construção de criação e pela construção de moção, a qual também estava vinculada sintática e semanticamente.

Da mesma forma, para determinarmos a construção motivadora da construção descritiva transitória 2, verificamos a frequência do seu membro central (cf. na seção 2.3, o Princípio de precedência histórica, Corolário C). Como será visto na seção 4.2.4, observou-se que o verbo *ser* é o membro central da categoria nas construções descritivas transitórias 2<sup>104</sup> e, analisando as demais construções integradas por esse verbo, verificamos que ele é mais frequente também nas descritivas permanentes, que podem apresentar a mesma configuração sintática e semântica daquelas construções. Propusemos, então, que as construções descritivas transitórias 2 são motivadas pelas construções descritivas permanentes e se relacionam com estas por *links* de polissemia, como se propõe a seguir.

---

<sup>104</sup> Chegou-se a esse resultado depois de uma análise qualitativa dos dados.

Sem	DESCRIÇÃO PERMANENTE	<localizando	estado>
R: means			
	SER+SAdj	<	>
	↓	↓	↓
Syn	VL+SAdj	SUBJ	SAdj

Figura 17- Construção de descrição permanente “(...)e só podia ser vista por quem fosse virtuoso.”)

↓ I<sub>p</sub>: Descrição permanente para uma descrição transitória2.

Sem	DESCRIÇÃO TRANSITÓRIA2	< localizando	estado >
R: means			
	ESTAR/SER + SAdj	<	>
	↓	↓	↓
Syn	VL+ SAdj	SUBJ	SAdj

Figura 18- Construção de descrição transitória 2 (“(...) e o Martim Fernandez, porque estava manzelado das suas herdades (...)”)

As figuras 17 e 18 mostram que a construção descritiva transitória 2 é uma extensão de sentido da construção descritiva permanente. Pode-se considerar essa análise, já que as duas construções apresentam a mesma estrutura sintática e semântica, porque ambas apresentam um SN que recebe o papel temático de *localizando* como sujeito e um SAdj que recebe o papel temático de *estado*, mas se pode verificar uma pequena alteração de sentido entre elas, pois o SAdj pode ser interpretado como uma descrição inerente ao sujeito, na figura 17, e como uma característica transitória, na figura 18. Assim, pode-se pensar que as construções descritivas transitórias 2 herdaram a estrutura sintática e parte da estrutura semântica das construções descritivas permanentes, visto que essas últimas são muito mais frequentes do que as descritivas transitórias 2 (cf. tabelas 14 e 15). No caso dessas construções, a relação de herança, então, está baseada em dois pilares, a estrutura sintático-semântica e a frequência. Não é possível propor que as relações de herança se relacionam à história das formas, porque o

verbo *ser*, desde a sua origem, apresenta os traços de permanência e de transitoriedade. De acordo com Mattos e Silva (2006, p. 152), o verbo

*ser* tem uma história complexa de convergência dos verbos latinos *sedere* ‘estar sentado’ – nessa acepção, ainda em uso, pelo menos, até fins do século XIV – e, *esse* ‘ser’. Esse fato permite inferir que o traço [+transitório] é o próprio, desde sua origem, a *estar*, enquanto em *ser* confluem o [+transitório] de *sedere* e o [+permanente] de *esse*.

#### 4.2.2 O verbo *ser*

O verbo *ser* foi encontrado nas construções de descrição permanente e transitória, de mudança de estado, nas locativas transitórias, nas construções que designam existência, acontecimento, posse abstrata e funcionando também como auxiliar na formação da passiva. Serão exibidas algumas ocorrências de cada construção com esse verbo, a seguir.

##### a) Construção de descrição permanente:

(194) “(...) e que mais somos certos que o havemos de ver e de contemplar sua face, a qual querubim nom é ousado olhar (...)”. (VSP, séc. XIV, p. 123)

(195) “Alegando que trazia de terra longínqua uma pedra preciosa, mais valiosa que todas as riquezas e só podia ser vista por quem fosse virtuoso .” (LBJ, séc. XIV, p. 119)

(196) “E o santo homem Barlaão decendeu do ermo e mudou sua vistidura e vistiu-se em panos segrais e entrou e muma nave que vinha pêra terra d’Índia, fingindo-se que era mercador (...)” (LBJ, séc. XIV, p. 119)

##### b) Construção de descrição transitória:

(197) “(...) os castigue com tal sofreada [correção] que os faça contentar de muito menos onde dos quais não podiam ser contentes.” (LC, séc. XV, p. 68)

(198) “E se longamente rijo nos tivermos em este propósito, com sua mercê semos fora de todo empacho deste malicioso pecado.” (LC, séc. XV, p. 85)

(199) “E tu, filho, nunca cuides que som vivos aqueles que som mortos às boas obras e vivem em pecados e nos deleitos (...)” (LBJ, séc. XIV, p. 120)

c) Construção de mudança de estado:

(200) “E o infante Josafate, estando assi ençarrado até que foi mancebo (...)” (VSP, séc. XIV, p.117)

(201) “E este teu Deus, em o qual querubim e serafim nom som ousados olhar, foi contento de morar e participar com os pecadores (...)” (VSP, séc. XIV, p. 124)

d) Construção locativa transitória:

(202) “E depois que chegou ao dito lugar, todos os bens que consigo levava e os panos de seu vistir, deu a pobres e vistiu-se de panos vis e começou de ser com os outros pobres em no adro de um egllesia Sancta Maria.” (VSA, séc. XIV, p. 126)

e) Construção de existência:

(203) “Nom és pera viver nem pera nada se te nom vingas.” (LLDP, séc. XIV, p. 209)

f) Construção de acontecimento:

(204) “E assy foy que per acordo de todos mandou laurar moeda de reeaes de ley de hum dinheiro que vallya cada hum dez soldos.” (CRDJ, séc. XV, p. 10)

g) Construção de posse abstrata:

(205) “E, por esta gram força, acendia-se cada vez mais e mais, como aqueles que eram de gram coraçom.” (LLDP, séc. XIV, p. 221)

## h) Construção de passiva:

(206) “E sabendo ele e entendendo que o tempo da sua vida era cumprido e acabado, e parando mentes à fim de seu trabalho, demandou àquele sergente, que lhe fora dado, uma escrivaniinha e papel.” (VSA, séc. XV, p. 127)

Na ocorrência (194), o querubim é descrito como não ousado, isto é, apresenta-se uma característica estável do SN *querubim*, tratando-se, portanto, de uma descrição permanente. Nesse caso, a construção *é ousado* remete ao *frame* de OUSAR. Em (195), também se apresenta uma característica inerente ao sujeito, porém a construção *fosse virtuoso*, não remete ao *frame* de nenhum verbo cognato ao adjetivo pertencente ao núcleo predicativo da CSVL. Na ocorrência (196), apresenta-se uma profissão e não uma característica do sujeito, como ocorreu em (194). Já em (197), a personagem declara que, naquele momento, eles não poderiam *estar contentes*, ou seja, trata-se de uma construção descritiva transitória, que remete ao *frame* de CONTENTAR. Em (198), *empacho* é um substantivo abstrato e *ser fora de todo empacho*, então, poderia significar estar longe, temporariamente, desse estado. Dessa forma, tanto na ocorrência (197) como na ocorrência (198), apresenta-se uma descrição transitória. Em (199), temos outra ocorrência de descrição transitória, pois, no contexto, *ser vivo* ou *ser morto* aos pecados é uma característica que marca um momento da vida da pessoa. Nesse caso, as construções *ser vivo* e *ser morto* remetem, respectivamente, aos *frames* VIVER e MORRER. Na ocorrência (200), o menino ficou preso na torre até se tornar mancebo, ou seja, verifica-se uma mudança de estado do garoto. Em (201), marca-se também uma mudança de estado do Deus, que ficou contente depois de participar com os pecadores. Observa-se, assim, a remissão ao *frame* de CONTENTAR. Em (202), após doar suas roupas, o personagem permanece no adro com os pobres. Dessa forma, o verbo *ser* denota um lugar transitório. Na ocorrência (203), pode-se entender que o ser humano só existe se puder se vingar. Trata-se, portanto, de uma construção existencial. Em (204), o verbo *ser* denota fatos que ocorreram na narrativa, a saber: ele mandou lavar moedas que valiam dez soldos cada uma. Em (205), pode-se entender e parafrasear que as pessoas citadas possuíam grande coração, o que configura uma construção de posse abstrata, já que a posse ocorre no sentido metafórico. Na ocorrência (206), temos um

sujeito *paciente* que recebe uma escrivania e papel e o verbo *ser* funciona como auxiliar em uma construção de passiva, cujo verbo principal *dar* está no particípio.

Na tabela 16, a seguir, podem-se encontrar as porcentagens e número de ocorrências do verbo *ser* nas construções que pode integrar.

Tabela 16 -Porcentagem e número de ocorrências do verbo *ser* por século.

Ser	Século XIV		Século XV		Século XVI	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Descritivo permanente	116	61,7	349	53,8	64	72
Descritivo transitório	14	7,5	56	8,6	5	5,6
Mudança de estado	8	4,3	8	1,2	2	2,2
Locativo transitório	5	2,7	7	1,1	5	5,6
Acontecimento	0	0	5	0,8	0	0
Existência	3	1,4	23	3,5	0	0
Passiva	37	19,7	201	31	13	14,6
Posse abstrata	5	2,7	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>188</b>	<b>100</b>	<b>649</b>	<b>100</b>	<b>89</b>	<b>100</b>



Como se pode ver, o verbo *ser*, no século XIV, apresenta-se, majoritariamente, nos contextos de descrição permanente (61,7%) e passiva (19,7%). Nos séculos XV e XVI, essas continuam a ser as construções mais usuais que esse verbo integra, totalizando 53,8% nas construções de descrição permanente, no século XV, e 72%, no século XVI, e 31% e 14,6% nas construções de passivas nos séculos XV e XVI, respectivamente. No século XV, observa-se que o verbo *ser* já não ocorre nas construções de posse abstrata e, no século XVI, esse verbo se especializa mais, realizando-se, exclusivamente, nas construções de descrição permanente, descrição transitória, mudança de estado, locativas transitórias e passivas.

Convém destacar que, de acordo com Mattos e Silva (2006), o verbo *ser*, assim como o verbo *estar*, também era usado em seu sentido pleno no período arcaico quando estava acompanhado de gerúndio. Nesse caso, conforme a autora, o sentido pleno do verbo era *estar sentado*, que corresponde a seu significado etimológico e, seguido de gerúndio, esse verbo sempre possuía esse sentido nessa época, ao contrário do que acontecia com o verbo *estar*, que era ambíguo nessas estruturas. É justamente o significado pleno desse verbo, apontado por Mattos e Silva, que nos permite defender que, nas demais construções, excetuando-se as construções passivas em que o verbo é um auxiliar, o verbo *ser* pode ser considerado leve.

Pode-se notar que o verbo *ser* leve compartilha as construções em que são usados os verbos *haver* e *ter*, como as construções que indicam acontecimento, existência e posse abstrata (cf. as seções 4.4.1 e 4.4.2); também integra construções usadas com o verbo *estar*, como as construções de descrição transitória e locativas transitórias e também ocorre em construções usadas com o verbo *ficar*, como as que indicam mudança de estado. Como se verá, o uso desses verbos nessas construções comuns não é algo aleatório, os mesmos verbos são usados em construções que se relacionam por *links* de herança. Vejamos o que Mattos e Silva (1992) argumenta sobre isso:

Essas últimas referências [a expansão atual de *ter* para as construções existenciais, ocupando o lugar do verbo *haver* também nessa acepção] são um chamado para o fato de que, na história do português, *haver*, *ter*, *ser*, *estar* estão interligados nas estruturas possessivas, atributivas e existenciais. (MATTOS E SILVA, 1992, pág. 92)

A própria autora, como se viu, percebeu uma relação histórica nas estruturas possessivas, atributivas e existenciais entre esses verbos. Nesta pesquisa, essa relação está sendo tratada como relações de herança. Já mostramos, anteriormente, as relações de herança entre as construções locativas transitórias e as descritivas transitórias 1. Essa relação se reapresenta na figura 12, pois o verbo *ser* também integra essas duas construções.

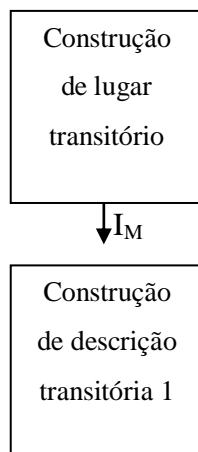


Figura 12 - Rede de construções que motivou as construções descritivas transitórias 1

Essas construções possuíam a mesma estrutura sintática, i. e., elas apresentavam SN+VL+SPrep. Em relação à estrutura semântica, na construção de lugar transitório, há um SN *localizando* e um SPrep *lugar* e, na construção de descrição transitória 1, há um SN *localizando* e um SPrep *estado*. Dessa forma, pode-se propor que há um *link* de extensão metafórica entre a construção de lugar transitório e a construção de descrição transitória 1, porque estas construções herdariam a sintaxe daquelas e parte da estrutura semântica, pois o papel argumento de *localizando* permaneceria, mas o papel argumento de *lugar* passaria a ser mapeado como um *estado*. Essa configuração foi proposta também, porque, observando-se a frequência, verificamos que o verbo *estar* é o membro central da categoria nas construções locativas transitórias e nas construções descritivas transitórias 1 no século XIV. Como há um número maior de construções locativas, pode-se pensar que essas construções motivaram as construções descritivas 1 (cf. na seção 2.3, o Princípio de precedência histórica, Corolário C). Vimos que o verbo *ser* também integra essas construções, mas foi encontrada apenas uma construção descritiva transitória 1 integrada pelo verbo *ser* e as locativas transitórias também não são a

especialidade desse verbo. Assim, é possível manter as relações de herança entre essas construções propostas na seção anterior.

As construções descritivas transitórias, como se viu na seção 4.2.1.1, apresentam uma subdivisão, há aquelas formadas por um SN+VL+S<sub>Prep</sub>, as construções descritivas transitórias 1, e também aquelas formadas por SN+VL+S<sub>Adj</sub>, as construções descritivas transitórias 2. Para as construções formadas por SN+VL+S<sub>Adj</sub>, propôs-se que as construções descritivas transitórias 2 se relacionavam por um *link* de polissemia com as construções descritivas permanentes, pois a análise da frequência mostrou que o verbo *ser* é o membro central da categoria, tanto nas construções descritivas transitórias 2 quanto das descritivas permanentes. Como esse verbo, em relação a essas duas construções, é mais frequente nas descritivas permanentes, pressupõe-se que as construções descritivas permanentes motivaram as descritivas transitórias 2 (cf. na seção 2.3, o Princípio de precedência histórica, Corolário C), como se verifica a seguir. Nesse caso, propõe-se que as construções descritivas transitórias 2 herdem as estruturas sintáticas e semânticas das construções descritivas permanentes, mas são uma extensão de sentido destas construções, já que as construções descritivas permanentes apresentam uma característica inerente ao sujeito e as descritivas transitórias apresentam uma característica que pode ser observada no sujeito em uma dado momento.

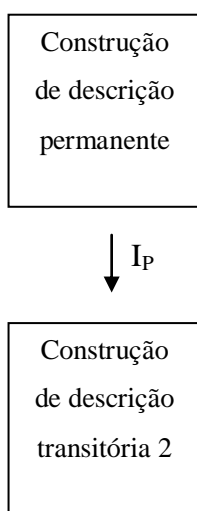


Figura 13- Rede de construções que motivou as construções descritivas transitórias 2

Vimos também que o verbo *ser* integra as construções de mudança de estado. Essas construções também apresentam duas estruturas sintáticas, i. e., podem ser formadas por SN+VL+SAdj e SN+VL+SN. A estrutura mais comum é formada por SN+VL+SAdj, a estrutura SN+VL+SN ocorreu apenas uma vez com o verbo *ficar* e duas vezes com o verbo *ser* nos dados. Há que se destacar também que as construções formadas por SN+VL+SN não apresentam relações com o *frame* dos verbos psicológicos, por isso não serão tratadas aqui. Para as construções formadas por SN+VL+SAdj, propõe-se esta relação de herança entre essas construções:

Sem	DESCRIÇÃO PERMANENTE	<localizando	estado>
R: means			
	SER+SAdj	<	>
	↓	↓	↓
Syn	VL+SAdj	SUBJ	SAdj

Figura 14- Construção de descrição permanente (“(...) e só podia ser vista por quem fosse virtuoso.”)

↓  
 I<sub>P</sub>: Descrição permanente como uma mudança de estado.

Sem	MUDANÇA ESTADO	< localizando	estado >
R: means			
	FICAR /SER+ SAdj	<	>
	↓	↓	↓
Syn	VL+ SAdj	SUBJ	SAdj

Figura 15- Construção de mudança de estado (“E o infante Josafate, estando assim ençarrado até que foi mancebo (...)”)

Nesse caso, observa-se que as construções de mudança de estado se relacionam por *links* de polissemia com as construções de descrição permanente. Isso ocorre, porque o verbo *ser* apresenta mais construções de mudança de estado do que o verbo

*ficar* e aquele verbo apresenta-se majoritariamente em construções de descrição permanente, que têm a mesma configuração sintática e semântica das construções de mudança de estado (cf. seção 2.3, Princípio de precedência histórica, Corolário C). Observa-se, portanto, uma extensão de sentido entre as duas construções. Dessa forma, propôs-se que as construções de descrição permanente motivaram as construções de mudança de estado por um *link-IP*, porque essas construções são semelhantes sintática e semanticamente, mas as construções de descrição permanente apresentam o traço de permanência e as de mudança de estado indicam que o sujeito adquiriu uma qualidade que não possuía anteriormente. Para estabelecer as relações de herança entre essas construções foram utilizados como critérios: a estrutura sintática, a estrutura semântica e a frequência. Ressalte-se que Mattos e Silva não trata do uso do verbo *ser* nas construções de mudança de estado, mas nossos dados mostraram que há mais construções com verbo *ser* no século XIV do que com o verbo *ficar*.

Vimos, na tabela 16, que o verbo *ser*, assim como *haver* e *ter*, ocorre nas construções existenciais e nas construções de posse abstrata. Entretanto, essas construções não remetem ao *frame* dos verbos psicológicos cognatos aos substantivos/adjetivos do núcleo predicativo das CSVL's. Vimos, por exemplo, a ocorrência (205), em que a construção *ser de grande coração* não remete ao *frame* de um verbo psicológico cognato ao substantivo *coração*. Além disso, as construções de posse abstrata integradas pelo verbo *ser* são pouco numerosas, o que dificulta uma generalização. Dessa forma, essas construções não foram analisadas.

As construções passivas também não foram estudadas, pois, conforme observaram Butt e Lahiri (2013), os verbos leves diferenciam-se dos verbos auxiliares (cf. seção 1.2.2) e, como nosso foco são às CVL's, esses verbos não serão analisados nesta tese.

#### 4.2.3 O verbo *andar*

O verbo *andar* integrou as construções locativas transitórias e as construções descritivas transitórias, podendo significar *deslocar-se com os pés*, como na ocorrência (207); pode estar em uma construção descritiva transitória, como na ocorrência (208) e

(210) e pode ser ambíguo (significando *deslocar-se com os pés* ou *estar em companhia de*), como na ocorrência (209).

(207) “EE el-rei, quando esto ouviu, ficou mui triste; pero, por nom anojár seu filho, mandou trazer muitos cavalos bem guarnidos e mandou que andasse per u ele quisesse.” (LBJ, séc. XIV, p. 118)

(208) “E os que andam em feitos de cavalaria que se ponham a todos perigos e trabalhos que se lhes ofereçam , não havendo resguardo aos que segundo seu estado e poder lhe são razoados”. (LC, séc. XV, p. 37)

(209) “E aqueles que com ele andavam nom o puderam tanto guardar que, um dia, nom visse um homem cego e outro gafo.” (LBJ, séc. XIV, p. 118)

(210) “E quando foram cercar dom Alvar Perez de Crasto em Paredes, e que el pôs as barreiras de sirgo, a rainha dona Mecia Lopez de Portugal, que fora molher d'el rei dom Sancho Capelo, de que // el entom andava mui namorado, jazia de fora do cerco com essas outras companhas.” (LLDP, séc. XIV, p. 298)

Nas ocorrências em que *andar* denota *deslocar-se com os pés*, esse verbo foi classificado como verbo pleno, visto que, conforme Mattos e Silva (2006), esse é o seu significado lexical etimológico do verbo e, nas ocorrências em que figura como descritivo, seja acompanhado por SPrep que indica companhia ou por um SAdj, foi classificado como leve, já que é necessária uma análise composicional para se chegar ao seu significado. Destaque-se também que as construções em que esse verbo aparece como auxiliar não foram computadas nem analisadas, visto que analisar os verbos auxiliares não é nosso objetivo nesta pesquisa.

É interessante observar que o verbo *andar* apresenta praticamente as mesmas construções do verbo *estar*, já que esse pode ocorrer em construções locativas e descritivas, que também são integradas pelo verbo *ser*. Dessa forma, as relações de herança das construções em que esse verbo está presente são as mesmas que se apresentaram anteriormente, i.e., as construções locativas transitórias teriam motivado as construções descritivas transitórias 1, estabelecendo-se entre elas um *link* de extensão metafórica e as construções descritivas permanentes teriam motivado as construções

descritivas transitórias 2, estabelecendo-se entre elas um *link* de polissemia. As relações entre as construções integradas por esses verbos estão resumidas na próxima seção.

#### 4.2.4 Resumo das relações de herança verificadas entre as construções descritivas e locativas integradas pelos verbos *estar*, *ser* e *andar*

Propôs-se que existe uma relação de herança, comprovada historicamente, entre as construções integradas pelos verbos *estar*, *ser* e *andar*<sup>105</sup>, partindo-se da teoria da Gramática de Construções de Goldberg (1995) e da teoria da Gramática Baseada no Uso de Bybee (2010). Essas relações de herança foram atestadas pela antiguidade das formas (tomando como base os estudos de Mattos e Silva, 1992 e 2006), pela estrutura sintática e semântica e pela frequência, identificados nos *corpora* desta pesquisa.

Como se viu em 2.1.4, Bybee (2010) defende que as construções são formadas por partes fixas e partes mais esquemáticas. Nas partes mais esquemáticas das construções, segundo a autora, os itens mais frequentes funcionariam como membros centrais da categoria. Nesse caso, teríamos o verbo *estar* como membro central da categoria nas construções locativas transitórias, pelo menos nos séculos XIV e XV. Nas construções descritivas transitórias 2 dos séculos XIV e XV, o verbo *ser* seria o membro central da categoria, visto que é o verbo mais frequente nessas construções. Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 17 - Número de ocorrências dos verbos *estar*, *ser* e *andar* nas construções locativas transitórias e descritivas transitórias nos séculos XIV, XV e XVI.

	Locativo transitório			Descritivo transitório		
	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
Ser	5	7	5	14	56	5
Estar	23	15	10	11	24	14
Andar	3	9	9	4	13	24
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>31</b>	<b>24</b>	<b>29</b>	<b>93</b>	<b>43</b>

<sup>105</sup> Para obter mais informações sintáticas sobre esses verbos, confira Carvalho (2013).

Confira também algumas ocorrências desses verbos nessas construções:

a) Construções locativas transitórias:

(211) “Ali, morrerom quatro filhos e tres filhas d'Alboazer Alboçadam, e todos os mouros e mouras que estavam no curral, e nom ficou em essa vila de Gaia pedra com pedra, que todo nom fosse em terra.” (LLDP, séc. XIV, p. 220)

(212) “E depois que chegou ao dito lugar, todos os bens que consigo levava e os panos de seu vestir, deu a pobres e vistiu-se de panos vis e começou de ser com os outros pobres em no adro de um eglesia Sancta Maria.” (VSA, séc. XIV, p. 126)

(213) “Em quanto andauamos neesa mata acortar lenha atrauesauam alguus papagayos per esas aruores (...)” (CPV, séc. XVI, p. 9)

b) Construções descritivas transitórias 1:

(214) “E disserom emtom os de Lixboa que por quanto os moradores da dita cidade o amauom mais que outros nenhuuns do sseu senhoryo, e per sseu consselho e azoo o posera Deus em aquell estado em que era; e que seendo consselhado pellos moradores della, que sempre Deus encamjnharya sseu(s) feitos de bem em melhor, como ata ally foram;(...)” (CRDJ, séc. XV, p. 5)

(215) “E no consentimento dela está o pecado e a virtude.” (LC, séc. XV, p. 54)

(216) E os que andam em feitos de cavalaria que se ponham a todos perigos e trabalhos que se lhes ofereçam , não havendo resguardo aos que segundo seu estado e poder lhe são razoados. (LC, séc. XV, p. 37)

(217) “E porém é de prover em qualquer caso que a tristeza venha, se o corpo é em boa disposição e saúde, porque ainda que por aquele azo não venha, a tristeza mesma traz desordenança do corpo, a qual sempre emenda, porque a faz acrescentar”. (LC, séc. XV, p. 124)



(218) “E estam açerqua disso com tamt jnocemçia como teem em mostrar orrostro.”  
(CPV, séc. XVI, p.2)

(219) “E sábado do xiiij do dito mês amtre as biiij e ix oras nos achamos mais perto da gram canarea e aly amdamos todo dia em calma vista (...)” (CPV, séc. XVI, p. 1)

Nas ocorrências (211), (212) e (213), os verbos *estar*, *ser* e *andar* indicam um lugar transitório e são acompanhados por um SPrep, a saber: *no curral*, *no adro de um igreja Sancta Maria* e *nessa mata*, respectivamente. Nas construções descritivas transitórias, ilustradas em (214), (215), (216), (217), (218) e (219), em que figuram os verbos *ser*, *estar* e *andar* também se pode encontrar um SPrep, mas esse indica um estado transitório. Na ocorrência (214), o SPrep que indica estado é *em aquell estado* e em (216), temos o SPrep *em feitos de cavalaria*. Nesses casos, é possível observar que os substantivos *estado* e *cavalaria* não remetem ao *frame* de nenhum verbo da língua, embora denotem um estado psicológico, podendo, por isso, integrar CSVL's. Em (215), é possível pensar que o SPrep *no consentimento* remete ao *frame* de CONSENTIR; em (217), nota-se o SPrep *em boa disposição e saúde* que caracteriza o sujeito *o corpo* se relaciona ao *frame* de DISPOR; na ocorrência (218), temos o SPrep *com tanta inocência*, que está ligado ao *frame* de INOCENTAR e, em (219), nota-se o *frame* de ACALMAR, representado pela construção VL+SPrep *amdamos em calma vista*. Nesses casos, observa-se a remissão ao *frame* dos verbos psicológicos, embora não seja possível parafrasear a ocorrência, transformando a construção VL+SPrep nos verbos correspondentes.

Observa-se, assim, que é possível propor que, nas ocorrências (215), (217), (218) e (219) os substantivos do núcleo predicativo das CSVL's, metonimicamente, recuperam parte do *frame* dos verbos psicológicos cognatos a eles. Apesar disso, pode-se notar que essas CSVL's não se relacionam diretamente, por meio de *links* de herança, com as construções em que os verbos psicológicos ocorrem. Esta seria a relação estabelecida entre as construções de descrição transitória 1 e os *frames* dos verbos psicológicos:

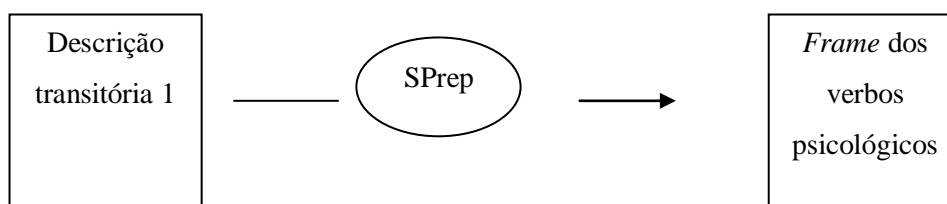


Figura 16- Relação entre as construções de descrição transitória 1 e o *frame* dos verbos psicológicos.

Pode-se pensar nessa relação entre as construções de descrição transitória 1 e o *frame* dos verbos, porque, em primeiro lugar, os estudos de Madureira (2000) indicam que muitos desses verbos não existiam no período analisado (cf. seção 1.3), embora se pode pensar que muitos dos sentimentos humanos fossem os mesmos. Assim, os *frames* dos verbos psicológicos deveriam ser atualizados por outros mecanismos. Propomos, então, que os substantivos de muitas dessas construções, metonimicamente, conseguem recuperar parte do *frame* dos verbos dessa classe. Por exemplo, para aludir ao *frame* de INOCENTAR precisaríamos de um experienciador, da “inocência” para provocar a experiência no sujeito e, se estivermos diante de uma construção causativa, de um alguém que ajudasse o experienciador a obter sua inocência. Assim, na ocorrência (218), temos dois dos elementos mencionados anteriormente, a saber, o experienciador, que está implícito, e a “inocência”. Na figura 16, então, observa-se que essa relação da CSVL de descrição transitória 1 com o *frame* dos verbos psicológicos se daria por meio do SPrep da CSVL que remete ao *frame*.

Além de se relacionarem metonimicamente com os *frames* dos verbos psicológicos, pode-se propor que as CSVL’s das ocorrências de (214) a (219) se relacionem por *links* de extensão metafórica com as construções locativas transitórias, como se viu nas seções 4.2.1, 4.2.2 e 4.2.3 e se repete a seguir.

Sem	LUGAR TRANSITÓRIO	< localizando	lugar	>
R: means				
	ESTAR, SER, ANDAR+ SPrep	<		>
	↓	↓	↓	
Syn	VL+SPrep	SUBJ	OBL <sub>PP</sub>	

Figura 17- Construção locativa transitória

I<sub>M</sub>: Lugar transitório para um estado transitório.

Sem	DESCRIÇÃO TRANSITÓRIA 1	< localizando	estado	>
R: means				
	ESTAR, SER, ANDAR + SPrep	<		>
	↓	↓	↓	
Syn	VL+SPrep	SUBJ	OBL <sub>PP</sub>	

Figura 18- Construção de descrição transitória 1

As construções locativas transitórias e as descritivas transitórias 1 apresentam a mesma estrutura sintática e os mesmo verbos podem integrá-las, mas elas se diferem semanticamente, visto que, embora o sujeito das duas construções receba o papel temático de *localizando*, o SPrep recebe o papel temático de *lugar*, na construção locativa transitória, e de *estado*, na descritiva transitória 1. Analisando o fator frequência, verificou-se que o verbo *estar* é o membro central da categoria nas duas construções, apresentando frequência maior nas construções locativas transitórias do que descritivas transitórias 1 (cf. tabela 15); propusemos, então, que as primeiras motivaram as últimas. Nesse caso, essas construções estariam relacionadas por um *link* de extensão metafórica, pois o papel temático de *lugar* da construção locativa transitória é mapeado como um *estado* na construção descritiva transitória 1, mas a estrutura sintática e parte da estrutura semântica (no caso, o papel argumento de *localizando*) seriam herdados da construção locativa transitória. Dessa forma, para se estabelecer as

relações de herança entre essas construções, observou-se a estrutura sintática que é idêntica nas duas construções e, em relação à estrutura semântica, verificamos que uma parte da estrutura é motivada e a outra parte recebe um novo mapeamento. Foi observado também o papel da frequência, uma vez que não foi possível descobrir qual construção surgiu primeiro na língua e a frequência pode ser um indício de que a construção já estava estabilizada (cf. Princípio de precedência histórica, Corolário C, na seção 2.3).

As construções descritivas transitórias 2 são construções formadas por SN+VL+SAdj, em que se verificam dois tipos de papel temático, um *localizando* na posição de sujeito e um *estado* na posição pós-verbal. A análise das ocorrências mostrou que os verbos *ser*, *estar* e *andar* também podem ocorrer nessas construções, como se verifica nas ocorrências a seguir.

(220) “E os fidalgos, que eram muito seus amigos e estremados em bondades, quando viram seu caudel, desejando sa vida sobre totalas cousas, faziam cada vez melhor, crescendo-lhes as forças como aqueles que eram mazelados da perda de tal amigo, que tiinham que ja o nom podiam vingar se ali o nom vingavam.” (LLDP, séc. XIV, p. 221)

(221) ““E estando em este homezio, morreo o dom Gonçalo Rodriguiz, e o Martim Fernandez, porque estava manzelado das suas herdades, que lhi tiinha forçadas dona Sancha Martiiz, fazia-lhi todo nojo que podia.” (LLDP, séc. XIV, p. 394)

(222) “E quando fõrom cercar dom Alvar Perez de Crasto em Paredes, e que el pôs as barreiras de sirgo, a rainha dona Mecia Lopez de Portugal, que fora molher d'el rei dom Sancho Capelo, de que // el entom andava mui namorado, jazia de fora do cerco com essas outras companhas.” (LLDP, séc. XIV, p. 298)

Nas ocorrências (220), (221) e (222), encontram-se as construções descritivas transitórias 2, ilustradas pelos verbos *ser*, *estar* e *andar*, acompanhados destes SAdj's, respectivamente: *mazelado*, *mazelado* e *namorado*.

Nas construções descritivas transitórias 1, formadas por SN+VL+SPrep, encontrou-se apenas uma ocorrência do verbo *ser*, mas, nas construções formadas por SN+VL+ SAdj, esse verbo é o mais recorrente, é o membro central da categoria no século XIV, o que nos faz pensar que essa construção é uma extensão de sentido das

construções descritivas permanentes, já que ambas as construções são integradas pelo verbo *ser* e, na construção descritiva permanente, o verbo *ser* também é o mais frequente. Propôs-se, nas seções 4.2.1 e 4.2.2, que as construções descritivas transitórias 2 estão relacionadas às construções descritivas permanentes por *links* de polissemia ( $I_P$ ), que capturam as relações de sentido entre uma construção e suas extensões de sentido. Nesse caso, observa-se uma pequena diferença de sentido entre elas, pois as descritivas permanentes descrevem uma característica inerente ao sujeito e as descritivas transitórias 2 indicam que uma determinada característica pode ser observada em um determinado espaço de tempo. Assim, pode-se dizer que as estruturas sintáticas e semânticas da construção descritiva transitória 2 foram motivadas pela construção de descrição permanente. Além de se levar em consideração a estrutura sintático-semântica, observamos também o papel da frequência do membro central da categoria (cf. Princípio de precedência histórica, Corolário C, na seção 2.3). Como foi dito, o verbo *ser* é o membro central das duas construções, e, como a história pregressa desse verbo mostra seu surgimento como um verbo misto, apresentando traços de permanência e transitoriedade, o único elemento capaz de mostrar uma estabilidade da forma utilizada, o que, por sua vez, pode sinalizar uma precedência histórica, é a frequência de uso. Na tabela 16., vimos também que 61,7% das construções integradas pelo verbo *ser* são construções de descrição permanente e apenas 7,5% são de descrição transitória.

Vejamos, a seguir, as relações de herança entre essas construções.

Sem	DESCRIÇÃO PERMANENTE	<localizando	estado>
R: means			
	SER+SAdj	<	>
	↓	↓	↓
Syn	VL+SAdj	SUBJ	SAdj

Figura 19- Construção de descrição permanente

↓  
 I<sub>P</sub>: Descrição permanente como uma descrição transitória.

Sem	DESCRIÇÃO TRANSITÓRIA 2	< localizando	estado >
R: means			
	ESTAR,SER, ANDAR+ SAdj <		>
	↓	↓	↓
Syn	VL+ SAdj	SUBJ	SAdj

Figura 20- Construção de descrição transitória 2

As figuras 19 e 20 mostram que a construção descritiva transitória 2 é uma extensão de sentido da construção descritiva permanente. Pode-se propor essa análise, já que as duas construções apresentam a mesma estrutura sintático-semântica e há uma pequena alteração de sentido entre elas, pois o SAdj pode ser interpretado como uma descrição permanente do sujeito, na figura 19, e como uma descrição transitória, na figura 20. Dessa forma, propusemos que a CSVL de descrição transitória 2 herdou a estrutura sintática e semântica da CSVL de descrição permanente, apenas o traço de inerência da característica não se manteve.

Outro fato que corrobora nossa análise é o estudo de outras CVL's integradas pelos verbos *ser* e *andar* que remetem ao *frame* de verbos de outras classes semânticas ou que não remetem ao *frame* de verbos cognatos aos substantivo/adjetivos do núcleo predicativo das CVL's. Vejamos alguns exemplos dessas construções:

## a) Construções descritivas transitórias 1:

(223) “E os que andam em feitos de cavalaria que se ponham a todos perigos e trabalhos que se lhes ofereçam , não havendo resguardo aos que segundo seu estado e poder lhe são razoados.” (LC, séc. XV, p. 37)

(224) “A repartição suso escrita do entendimento me parece bem de sabermos para conhecer, nós e os outros, em quais partes somos por graça de Nosso Senhor Deus razoadamente abondados [repletos], e em quais falidos, ca por míngua de tal conhecimento muitos se julgam por bem entendidos que o não são, porque falecem no que lhes mais cumpre, ainda que doutras partes sejam em bom estado.” (LC, séc. XV, p. 58)

## b) Construções descritivas transitórias 2:

(225) “Aly era com ocapitam abandeira de xpos com que sayo debem [saiu de Belém] a qual senpre esteue alta aaparte do auamjelho.” (CPV, séc. XVI, p. 5)

(226) “(...) outrossy ella com seus moradores e naturaes, vemdo como todollos que auiam emcarego de os defemder se desamparauom dello e eram em ajuda de nosso emmigos, como aquella que he leal e verdadeira, se trabalhou sempre de ajudar estes regnos e se apos a os defemder com seus moradores e naturaes, poemdo seus corpos em auentuira, espargendo muyto do seu sangue e despendendo muytos dos seus aueres, leixamdo danar muytos dos seus beens por homra e defemssam destes reynos (...)” (CRDJ, séc. XIV, p. 7)

As ocorrências (223) e (224) apresentam a mesma estrutura sintática e semântica das CSVL's estudadas anteriormente, visto que apresentam a construção de SN+VL+SPrep e esse núcleo predicativo atribui os papéis temáticos de *localizando* ao sujeito e de *estado* ao elemento pós-verbal. Na ocorrência (223), o SPrep *em feitos de cavalaria* refere-se ao sujeito e, na ocorrência (224), o Prep *em bom estado* se refere àqueles que se julgam entendidos, mas não são. Assim, pode-se propor que essas construções também tenham sido motivadas pelas construções de lugar transitório. Nesse caso, a sintaxe e o papel temático de *localizando* seriam herdados das construções

de lugar transitório, mas o papel temático de *lugar* dessas construções seria mapeado como um *estado* nas construções descritivas transitórias 1. Essas construções, então, estariam relacionadas por um *link* de extensão metafórica.

O mesmo se verifica nas ocorrências (225) e (226), pois essas também apresentam a mesma estrutura sintática e semântica das CSVL's descritivas transitórias 2 analisadas anteriormente, apesar de a construção *estar alta*, em (225), não remeter à classe dos verbos psicológicos e a construção *ser verdadeira* não remeter a um verbo psicológico cognato ao adjetivo do núcleo predicativo da CVL. As duas ocorrências são formadas por SN+VL+SAdj e esse núcleo predicativo atribui papel temático de *localizando* ao sujeito e o SAdj recebe o papel temático de *estado*. Por serem semelhantes sintática e semanticamente, é possível propor as mesmas relações de herança estabelecidas para as CSVL's descritivas transitórias 2, i.e., a sintaxe e a semântica são herdadas das construções descritivas permanentes, excluindo-se o traço de permanência dessas últimas construções. Como a diferença entre as construções é de apenas um traço (o traço de permanente é substituído pelo de transitório), pode-se propor que exista um *link* de polissemia entre essas construções.

Nas próximas seções, serão analisadas as relações de herança das construções de mudança de estado.

### **4.3 Construções de mudança de estado e descritivas: *ser* e *ficar***

Nesta seção, serão apresentadas as relações de herança verificadas entre as construções de mudança de estado e as construções descritivas, integradas pelos verbos *ficar* e *ser* e suas relações com o *frame* dos verbos psicológicos.

#### **4.3.1 O verbo *ficar***

O verbo *ficar* ocorre em construções locativas, significando *permanecer*, e em construções de mudança de estado. Essas duas construções estão ilustradas nas ocorrências a seguir.



## a) Construção locativa:

(227) “Ali, morrerom quatro filhos e tres filhas d'Alboazer Alboçadam, e todos os mouros e mouras que estavam no curral, e nom ficou em essa vila de Gaia pedra com pedra, que todo nom fosse em terra.” (LLDP, séc. XIV, p. 220)

## b) Construção de mudança de estado:

(228) “E quem serve por amor, o desejo e o amor ficam livres para se juntar a outra cousa, e crescendo muito farão passar a força do temor.” (LC, séc. XV, p. 49-50)

Na ocorrência (227), o verbo *ficar* é seguido pelo locativo *em essa vila de Gaia*, por essa razão, o sujeito *pedra com pedra* recebe o papel temático de *localizando* e o locativo de *lugar*. Na ocorrência (228), *ficar* designa a mudança de estado pela qual passa quem serve por amor. Nesse caso, após servir por amor, segundo o autor, o amor e o desejo se tornariam livres. Assim, o sujeito *o desejo e o amor* recebem o papel temático de *localizando* e o SAdj *livres* recebe o papel de *estado*.

Observemos, também, a frequência desse verbo em cada construção.

Tabela 18 - Porcentagem e número de ocorrências do verbo *ficar* por século.

Ficar	Século XIV		Século XV		Século XVI	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Locativa (CVP)	3	75	8	67	16	89
Mudança de estado (CVL)	1	15	4	33	2	11
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>100</b>	<b>12</b>	<b>100</b>	<b>18</b>	<b>100</b>

Os dados da tabela 18 mostram que o verbo *ficar* não é muito usual no período analisado, pois foram encontradas somente 34 ocorrências desse verbo. É interessante observar também que o uso desse verbo nas construções locativas é superior ao seu uso

nas construções de mudança de estado em todos os séculos. Convém destacar que os dicionários etimológicos de Nascentes (1952-1955) e de Cunha (2010), apresentam apenas o significado de *ficar* como *permanecer* ou *fixar*, como se vê nos verbetes retirados desses autores.

Ficar – Do lat. *figcare*, frequentativo de *figerei*, fixar (A. Coelho, C. Michaëlis de Vasconcelos, de Glos. De Canc. Da Ajuda, M. Lübke, Gram. II, 658, REW, 3290); esp. ant. *ficar*, *fincar*, mod. *Hincar* (*fincar*), it. *Ficare*, fr. *Fichen*. Pretrocchi dá os dois étimos de Diez (Dic, 139): *figcare* ou *fixicare* (NASCENTES, 1952-1955, p. 214)

Ficar – vb. ‘permanecer’ XIII. Do lat. vulg. *\*figicare* // *ficada* sf. ‘permanência’ XIII. Cp. FINCAR. (CUNHA, 2010, p. 291)

A partir da frequência do verbo, apresentada na tabela 18, e do significado, apresentado nos verbetes de dicionário acima, pode-se pensar que o verbo *ficar* pleno é aquele que significa *permanecer*. Dessa forma, nas construções de mudança de estado, o verbo *ficar* funciona como leve, pois esse sentido somente é alcançado quando se analisa, composicionalmente, a estrutura verbo+objeto.

Embora o verbo *ficar* atue nas duas construções, essas construções não apresentam relações de herança entre si, haja vista que a estrutura sintática dessas construções é bastante diferente, porque a locativa é formada por SN+VP+S<sub>Prep</sub> e a construção de mudança de estado é constituída por SN+VL+S<sub>Adj</sub>. Propusemos, então, com base na análise da frequência, da estrutura sintática e da estrutura semântica que as construções de mudança de estado mantêm relações de herança com as construções descritivas permanentes. Nas figuras 21 e 22, pode-se ver as relações de herança entre essas construções.

Sem	DESCRIÇÃO PERMANENTE	<localizando	estado>
R: means			
	SER+SAdj	<	>
	↓	↓	↓
Syn	VL+SAdj	SUBJ	SAdj

Figura 21- Construção de descrição permanente (“(...) e só podia ser vista por quem fosse virtuoso.”)

↓  
I<sub>P</sub>: Descrição permanente para uma mudança de estado.

Sem	MUDANÇA ESTADO	< localizando	estado	>
R: means				
	FICAR + SAdj	<	>	>
	↓	↓	↓	
Syn	VL+ SAdj	SUBJ	SAdj	

Figura 22- Construção de mudança de estado (“E quem serve por amor, o desejo e o amor ficam livres para se juntar a outra cousa, (...)”)

Como se pode notar, as construções de mudança de estado apresentam a mesma configuração sintática e semântica das construções de descrição permanente, já que ambas licenciam os papéis argumentos de *localizando* e *estado* e são formadas pela construção SN+VL+SAdj. Entretanto, como o verbo *ser* integra mais construções de mudança de estado do que o verbo *ficar* no século XIV (cf. as tabelas 16 e 17), pode-se pensar que essas construções se relacionam com outras integradas pelo verbo *ser*. Nesse caso, como o uso majoritário do verbo *ser* ocorre nas descritivas permanentes, que têm a mesma configuração sintática e semântica das construções de mudança de estado (cf. Princípio de precedência histórica, Corolário C, na seção 2.3), é possível propor que essas construções estão relacionadas por um *link-I<sub>P</sub>*, pois diferem muito pouco uma da outra, i.e., as construções de descrição permanente indicam uma característica inerente ao sujeito e as construções de mudança de estado denotam que o sujeito adquiriu uma característica que não possuía. Em outras palavras, as construções de descrição

permanente teriam motivado a estrutura sintática e semântica das construções de mudança de estado, porém o traço de permanência de um estado/característica teria sido substituído pelo traço de mudança de estado.

Ressalte-se ainda que o adjetivo *livre* da CSVL da ocorrência (228) pode retomar, metonimicamente, o *frame* do verbo psicológico LIBERTAR. No entanto, ao contrário do que ocorre com os substantivos que recuperam metonimicamente apenas os *frames* dos verbos psicológicos das construções descritivas transitórias 1 (cf. seção 4.2.4), parece existir uma relação de herança entre as construções de mudança de estado e as CSVPsico's ergativas integradas pelo verbo *libertar* que aludem ao *frame* de LIBERTAR, já que a ocorrência (228), rerepresentada como (229) pode ser parafraseada, como se vê a seguir.

(229) “E quem serve por amor, o desejo e o amor ficam livres para se juntar a outra coisa, e crescendo muito farão passar a força do temor.” (LC, séc. XV, p. 49-50)

(230) E quem serve por amor, o desejo e o amor libertam-se para se juntarem a outra coisa e crescendo muito farão passar a força do temor<sup>106</sup>.

As sentenças sublinhadas em (229) e (230) apresentam parte dos elementos que remetem ao *frame* de LIBERTAR, visto que esse *frame* evoca: um *experienciador*, a “liberdade” e um libertador, responsável pela experiência do SN objeto. Na construção de mudança de estado, em (229), o *experienciador* é o sujeito e a “liberdade” está representada pelo adjetivo *livre*. Há que se destacar que a “liberdade” está no próprio conceito do verbo *libertar*, em (230), que atribui o papel temático de *experienciador* ao sujeito da sentença. Propõe-se, assim, que existe um *link* de extensão metonímica entre as CSVPsico's ergativas e a CSVL de mudança de estado, como se propõe na figura 30.

---

<sup>106</sup> Sentença criada a partir da nossa intuição.

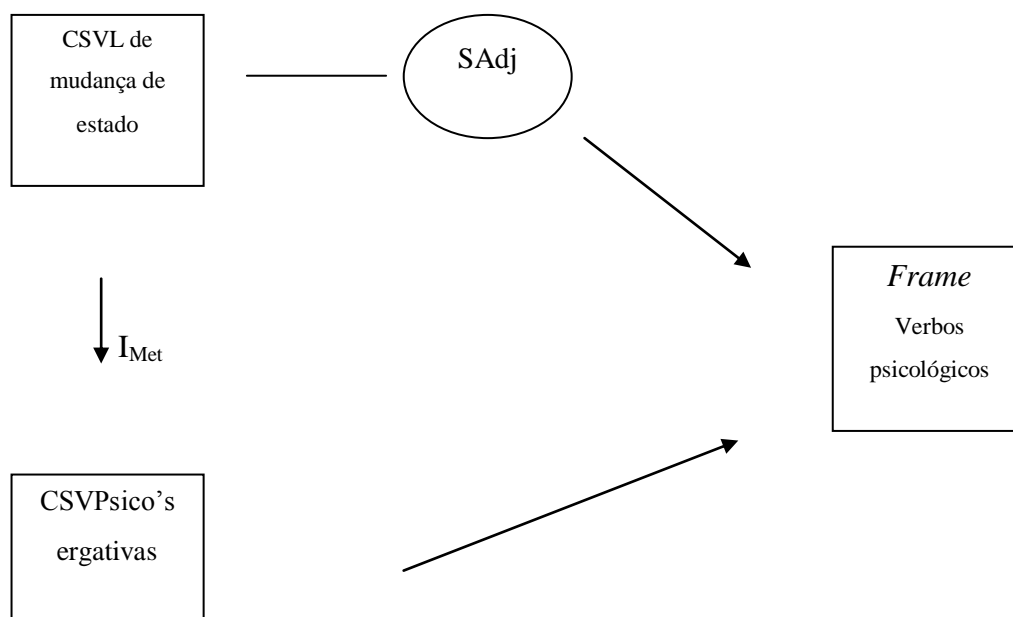


Figura 23- Relação entre as CSVL's de mudança de estado e as CSVPsico's ergativas.

Nesse caso, pode-se considerar a existência de um *link* de extensão metonímica entre as duas construções, pois o adjetivo *livre* recupera, metonimicamente, o *frame* de LIBERTAR e a construção *ficar livre* remete ao sentido do verbo *libertar*.

É importante salientar que o verbo *ficar* leve integrou uma CVL que remete ao *frame* de um verbo de outra classe semântica e, mesmo assim, as relações de herança apresentadas anteriormente puderam ser mantidas. Vejamos a ocorrência a seguir.

(231) “(...)fazia tintura muito vermelha daque eles amdauam tintos e quanto se mais molhavã tanto mais vermelhos ficauam.” (CPV, séc. XVI, p. 8)

Na ocorrência (231), pode-se ver a CVL *ficar vermelho*. Essa construção apresenta a mesma estrutura das CSVL's de mudança de estado, apresentadas anteriormente, i. e., essa CVL também é formada por SN+VL+SAdj. A estrutura semântica também é semelhante, já que o SN sujeito recebe o papel temático de *localizando* e o SAdj pós-verbal receberia o papel temático de *estado* (nesse caso, de estado físico). Dessa forma, também se pode propor que essa construção esteja relacionada por um *link* de polissemia às construções descritivas permanentes como

propusemos para as CSVL's de mudança de estado. Além disso, como se pode ver, o SAdj *vermelho* remete ao *frame* de AVERMELHAR e a construção *ficar vermelho* retoma o sentido do verbo *avermelhar*<sup>107</sup>. Por essa razão, também é possível verificar um *link* de extensão metonímica entre a CVL de mudança de estado e a construção ergativa integrada pelo verbo *avermelhar*.

#### 4.4 Construções de posse: *haver, ter, filhar e tomar*

Nesta seção, serão apresentadas as relações de herança das construções de posse, integradas pelos verbos *haver, ter, filhar e tomar*. Ressalte-se que serão apresentadas as análises das construções de cada um dos verbos e, na seção final, essas análises serão comparadas para o estabelecimento das relações de herança das construções de posse e suas relações com o *frame* dos verbos psicológicos.

##### 4.4.1 O verbo *haver*

O verbo *haver*<sup>108</sup> ocorreu em seis contextos diferentes nos *corpora* analisados, designando acontecimento, existência, obrigação, posse abstrata, posse material e funcionando como auxiliar na formação de tempos compostos. Há que se destacar, contudo, que esse verbo, de acordo com Mattos e Silva (1992), seguindo Gaffioto (1934), tem como acepção primeira *ter em sua posse*, como se verifica nesta citação:

---

<sup>107</sup> É possível, inclusive, parafrasear a ocorrência (231), substituindo-se a construção *ficar vermelho* por *avermelhar*.

<sup>108</sup> Para maiores informações sobre as construções integradas pelo verbo *haver*, confira Carvalho (2014).

A história semântica pregressa dessas formas sugere o curso dessa mudança. No latim, o verbo básico para a expressão da posse é **habere** e, segundo Gaffiot (1934, s.v. **habere**), a sua acepção primeira é “ter em sua posse”, “guardar” e, subsequentemente, entre os usos figurados, “ter na mão”; enquanto **ter** (Gaffiot, 1934, s.v. **tenere**) tem como acepção básica “ter na mão”, “obter”, sendo que outras acepções secundárias são “manter”, “reter”, etc. (MATTOS E SILVA, 1992, p. 92)

Dessa forma, pode-se propor que o sentido de posse material é o sentido básico e/ou primeiro desse verbo e, portanto, as construções de posse material serão consideradas CVP’s.

Vejamos algumas ocorrências das construções em que o verbo *haver* integrou:

a) Acontecimento:

(232) “E preguntou se eram sabudos e certos aqueles a quem tais cousas aconticiam, ou se avinham ora a uns, ora a outros.” (LBJ, séc. XIV, p. 118)

b) Existência:

(233) “Há antrele mujtas palmas deque colhemos mujtos e boos palmjtos.” (CPV, séc. XVI, f. 11)

c) Obrigação:

(234) “E nós, que havemos nosso padre eternal nos céus, pêra sempre duradoiro e esposo que nom há-de morrer (...)”. (VSP, séc. XIV, p.123)

d) Posse abstrata:

(235) “E em nesto filharás vingança de mim, e teus filhos e parentes haveram prazer, e a minha alma será salva.” (LLDP, séc. XIV, p. 208)

e) Posse material:

(236) “E Alboazer Alboçadam jurou-lhe por sa lei de Mafomede que lha nom daria por todo o reino que ele havia, ca a tiinha esposada com el rei de Marrocos.” (LLDP, séc. XIV, p. 205)

f) Auxiliar na formação de tempos compostos:

(237) “Havia todavia pensado porque o ençarrara assi seu padre.” (LBJ, séc. XIV, p. 117)

Na ocorrência (232), o verbo *haver* sinaliza que algumas coisas podem acontecer também com aqueles que eram sabidos e certos. Na ocorrência (233), esse verbo mostra a existência de palmeiras de onde se retiravam os palmitos. Em (234), o verbo *haver* indica a não necessidade da morte. Na ocorrência (235), como *prazer* é um substantivo abstrato, o verbo *haver* indica a posse dessa sensação pelos *filhos e parentes*. O verbo *haver*, em (236), integra uma CVP, que denota a posse material do reino por Alboazer Alboçadam. Na ocorrência (237), *haver* funciona como verbo auxiliar do verbo principal *pensar*.

Observemos, na tabela 19, como se deu a frequência dessas construções nos dados da pesquisa.



Tabela 19 - Porcentagem e número de ocorrências do verbo *haver* por século.

<b>Haver</b>	<b>Século XIV</b>		<b>Século XV</b>		<b>Século XVI</b>	
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Acontecimento	2	2	4	1	0	0
Existência	13	17	44	19	13	42
Obrigação	22	28	41	18	8	26
Posse abstrata (CVL)	34	44	126	54	10	32
Posse material (CVP)	3	4	7	3	0	0
Auxiliar na formação de tempos compostos	4	5	11	5	0	0
<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>100</b>	<b>233</b>	<b>100</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

Os dados da tabela 19 mostram que o verbo *haver*, no século XIV, é mais usado para denotar a posse abstrata, já que 44% das ocorrências do período são com esse uso. Esse verbo também era muito usado para indicar obrigação (28%) e existência (17%). No século XV, essas três construções continuam sendo as mais usuais para o verbo *haver*, porque se observa que 54% das ocorrências são de posse abstrata, em 19% dos dados, o verbo indica existência e, em 18%, obrigação. Ressalte-se que, no século XVI, nas demais construções, o verbo *haver* deixa de ocorrer, realizando-se exclusivamente nas construções em que era mais frequente, ou seja, para denotar existência (42%), obrigação (26%) e posse abstrata (32%). Deve-se observar que esse verbo torna-se mais

frequente para indicar existência e obrigação e torna-se menos frequente nas construções de posse abstrata. A diminuição do uso de *haver* nas construções de posse abstrata se relaciona diretamente ao uso do verbo *ter* nessa construção, como se poderá ver na tabela 20. Ademais, os dados de Mattos e Silva (1992) indicam que, no século XIV, o verbo *haver* predomina nas estruturas de posse abstrata, porém, no século XV, o verbo *ter* predomina nessas estruturas (cf. seção 1.2.3.2). É importante observar também que o verbo *haver* é pouco frequente nas construções de posse material (sua forma plena) desde o século XIV, e, no século XVI, esse uso não é mais encontrado nos dados, mas essa construção é bastante frequente com o verbo *ter*, como se verá.

Convém lembrar que os usos de *haver* como obrigação e como auxiliar na formação de tempos compostos não são interessantes para esta pesquisa, visto que os verbos auxiliares não são o foco do nosso trabalho. Nosso interesse é exclusivamente pelas construções com verbos leves e suas relações com as construções com verbos plenos e com as CSVPsico's. Dessa forma, essas construções não serão analisadas no presente estudo. Em relação às construções que indicam acontecimento e existência, é importante lembrar que não se constatou uma relação entre essas construções e CSVPsico's ou com o *frame* dos verbos psicológicos. Por essa razão, essas construções também não serão analisadas. Assim, serão analisadas somente as relações entre as construções de posse material e posse abstrata, porque essas apresentam relações de herança entre si, com o *frame* dos verbos psicológicos e com as CSVPsico's. Acrescentaremos, a seguir, algumas ocorrências dessas construções e as propostas de relações de herança entre elas.

a) Construções de posse material:

(238) “E Alboazer Alboçadam jurou-lhe por sa lei de Mafomede que lha nom daria por todo o reino que ele havia, ca a tiinha esposada com el rei de Marrocos.” (LLDP, séc. XIV, p. 205)

(239) “Qual de vós outros haverá cuidado deste homem? E plazerá ao meu Senhor o farei livre. E receberá e haverá de minha casa toda cousa que lhe for compridoira.” (VSA, séc. XIV, p. 126)

b) Construções de posse abstrata:

(240) “Este rei leixou exempro pera os reis haverem boos conselheiros, leaes e entendudos e leterados, de boa conciencia e sem prazenteo.” (LLDP, séc. XIV, p. 216)

(241) “E não se deve falar com muitos, ainda que os hajais por amigos, mas com aquele ou aqueles que para tal caso escolherdes por melhores e mais chegados à geral boa tenção, e, se puder ser, com os que já daquele caso houveram experiência por grande usança e são em bom estado retornados, ou que contra ele sempre se bem governaram.” (LC, séc. XV, p. 126)

c) Outras construções de posse abstrata:

(242) “E a cabo de tempo, andando este dom Vaasco, donzel muito aposto e de bÆas condiçÆes, em casa d'el rei dom Afonso, o terceiro, havia i dous donzees irmãos, que eram do linhagem dos Marinhos, e haviam-lhi enveja; e, estando na paaço, houverom palavras com este dom Vaasco, dizendo-lhe que era manzelado, porque fora feito em tempo de dom Gonçalo Rodriguiz.” (LLDP, séc. XIV, p. 394-395)

(243) “E el repomdeo que lhe prazia muyto e que nom ouuesse nenhuum reço.” (CRDJ, séc. XV, p. 15)

(244) “E oolharom por as chagas que tiinha e houverom por gram maravilha de lhe tanto poder durar a força, ca elas eram grandes e estavam em logares mortaes.” (LLDP, séc. XIV, p. 222)

Como se pode ver, as construções de posse material se subdividem nas construções de dois e três lugares. As construções de dois lugares, denominadas construções de posse material 1, como a ocorrência (238), são formadas por SN+VP+SN, em que o SN sujeito recebe o papel temático de *possuidor* e o SN objeto de *possuído*. As construções de três lugares, denominadas construções de posse material 2, como a ocorrência (239), são formadas por SN+VP+SPrep+SN, em que o sujeito

recebe o papel temático de *meta*, o SPrep recebe o papel de *fonte* e o SN objeto de *tema*. Na ocorrência (239), o SPrep *de minha casa* é a *fonte*, pois é a origem do bem material que será transferido; o SN sujeito implícito é a *meta*, já que ele receberá o bem e o SN *toda coisa* pode ser considerado *possuído*.

As construções de posse abstrata também podem ser de dois e de três lugares. A construção de posse abstrata 1 é uma construção de dois lugares, que não denota a posse de um bem, mas uma determinada relação ou hierarquia entre duas pessoas. Nesse caso, para obtermos essa interpretação, faz-se necessária uma leitura composicional e metafórica do verbo+objeto, por isso se pode dizer que o verbo dessa construção é leve. A construção (240), por exemplo, é constituída por um SN sujeito que recebe o papel temático de *possuidor*, ainda que a posse seja metafórica, e um SN objeto que recebe o papel de *possuído*, também no sentido metafórico, de acordo com o contexto. Na ocorrência (241), temos uma construção de posse abstrata 4, que é semanticamente semelhante à construção anterior, pois também é uma construção que denota uma relação entre duas pessoas, mais especificamente uma relação de amizade, porém a construção de posse abstrata 4 é, sintaticamente, diferente da anterior, já que é formada por SN+VL+SPrep. Já as construções de posse abstrata 2 e 3 indicam a posse de um sentimento. Nesse caso, para se conseguir essa interpretação também é necessário fazer uma leitura composicional e metafórica da construção verbo+objeto. Assim, o verbo *haver*, nessas construções, pode ser considerado leve. Ressalte-se que também foram encontradas CSVL's de dois lugares, denominadas construções de posse abstrata 2, e de três lugares, denominadas construções de posse abstrata 3, integradas pelo verbo *haver*. As construções de três lugares são formadas por um SN+VL+SPrep+SN. Nesse caso, o SN sujeito, na ocorrência (242), recebe o papel temático de *experienciador*, já que vai ter a sensação da *inveja*, o SPrep *lhe* recebe o papel de *fonte*, pois é a origem desse sentimento e o SN *enveja* é um *estado* e, nesse caso, também um *causador de experiência*, visto que é a causa da experiência do sujeito. A ocorrência (243) é uma construção de dois lugares, constituída por um SN+VL+SN. Nesse caso, o SN sujeito recebe o papel temático de *experienciador* da sensação do receio e o SN *nenhum receio* recebe o papel de *causador de experiência (estado)*. Na ocorrência (244), temos a mesma configuração semântica da ocorrência (243), porém a configuração sintática é diferente, porque essa construção é formada por um SN+VL+SPrep.

Pode-se constatar uma relação entre as construções integradas pelo verbo *haver*, já que tanto as construções de posse material, como as construções de posse abstrata,

ilustram construções de dois lugares e três lugares. Além disso, convém lembrar que o verbo *haver* atua em construções de posse material desde o latim, por isso é possível pensar que as construções de posse material motivaram as construções de posse abstrata. Dessa sorte, o fator frequência não pôde ser usado para o estabelecimento das relações de herança, pois os dados da tabela 19 mostram que o verbo *haver* é mais usual nas construções de posse abstrata, porém seu uso primeiro ocorre para designar posse material. Portanto, propusemos estas relações de herança para as construções de três lugares:

Sem	POSSE MATERIAL 2	< meta	fonte	possuído >
R: means				
	H AVER	< possuidor	fonte	possuído >
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBL	OBJ

Figura 24- Construção de posse material 2 (“(...) e haverá de minha casa toda coisa”)

↓  
 I<sub>M</sub>: Construção posse material 2 para construção de posse abstrata 3.

Sem	POSSE ABSTRATA 3	< exp	fonte	causador exp (estado)>
R: means				
	H AVER INVEJA	< possuidor	fonte	possuído >
	↓	↓	↓	↓
Syn	VL+SN+SPrep	SUBJ	OBL	OBJ

Figura 25- Construção de posse abstrata 3 (“(...) e havam-lhi inveja (...)”)

Vemos, nas figuras 24 e 25, que existe, entre as construções de posse material 2 e as construções de posse abstrata 3, um *link* de extensão metafórica, visto que o papéis argumentos *meta* e *possuído* da construção de posse material 2 são mapeados como

*experienciador* e como *causador de experiência* na construção de posse abstrata 3. Por exemplo, na ocorrência (239), a *fonte* dos bens do sujeito é o SPrep *de minha casa*, o objeto *possuído* é o SN *toda cousa* e o sujeito da oração receberia o papel de *meta*, pois seria o beneficiário ou alvo da ação. Esses papéis recebem um novo mapeamento nas construções de posse abstrata 3, pois se pode considerar o sentimento uma posse metafórica que sairia do SPrep para o SN sujeito, porém, como se trata de um sentimento, esse provocará uma experiência no sujeito. A existência de um novo mapeamento semântico indica que há entre as construções um *link* de extensão metafórica.

Para as construções de dois lugares, propusemos as seguintes relações de herança.

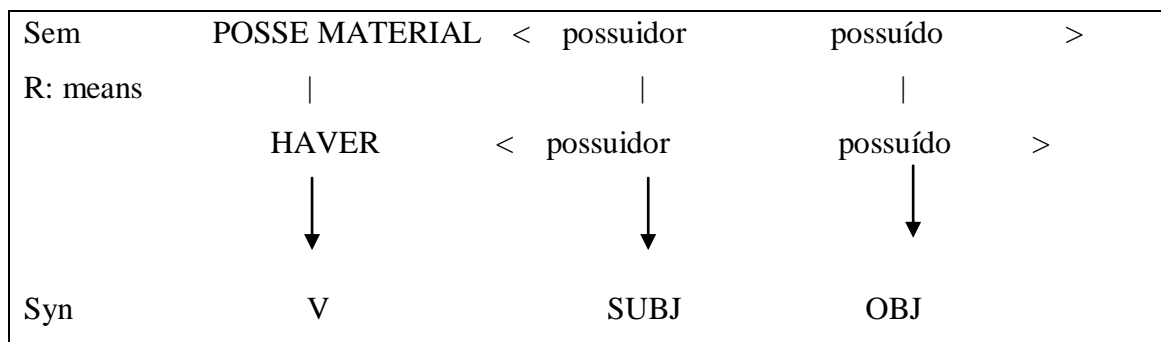


Figura 26- Construção de posse material (“(...) nom daria por todo o reino que ele havia(...)”)



I<sub>p</sub>: Construção de posse material para uma construção de posse abstrata 1.

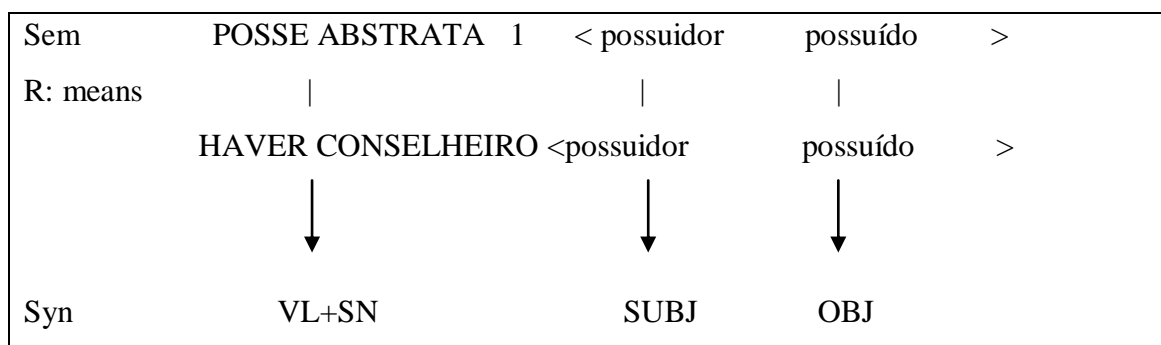


Figura 27- Construção de posse abstrata 1 (“(...) pera os reis haverem boos conselheiros (...)”)



I<sub>M</sub>: Construção de posse abstrata 1 para uma construção de posse abstrata 2.

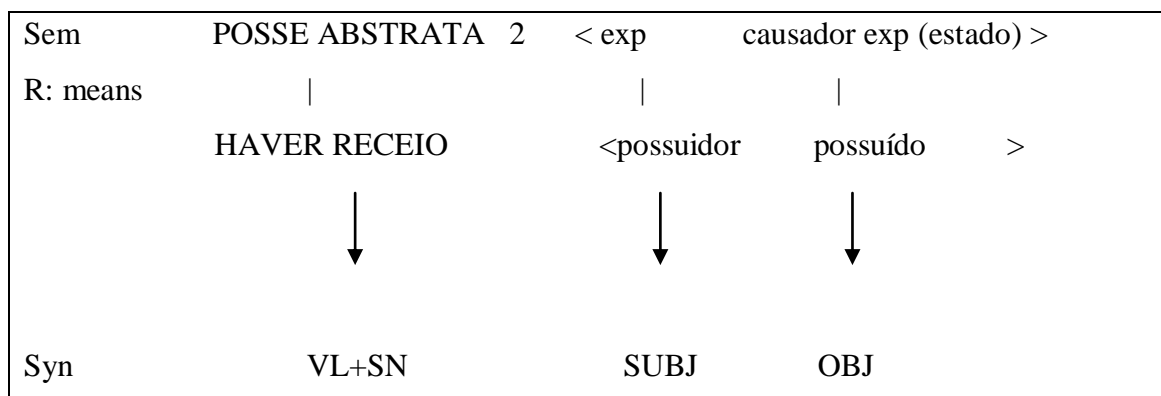


Figura 28- Construção de posse abstrata 2 (“(...)nom ouesse nenhuum reço.”)

A figura 26 representa a ocorrência (238) e a figura 27 representa a ocorrência (240). Como se pode ver, propõe-se que exista, entre essas construções, um *link* de polissemia, já que elas apresentam os mesmos papéis participantes, que são os papéis licenciados pelo verbo, e os mesmos papéis argumentos, que são projetados pela construção. A diferença entre elas é que, no primeiro caso, ocorre a posse efetiva de um objeto e, no segundo caso, a posse é abstrata, já que se trata de uma pessoa nas construções de posse abstrata 1. Também se mostrou, por meio das figuras 27 e 28, que há um *link* de extensão metafórica entre as construções de posse abstrata 1 e 2 (ocorrências (240) e (243), respectivamente), visto que a configuração semântica é diferente. Nesse caso, o papel argumento *possuidor* é mapeado como um *experenciador* e o *possuído* como um *causador de experiência (estado)*, na figura 28, pois, ao ter a posse de um sentimento, o sujeito torna-se um experenciador.

As construções de dois lugares, formadas por SN+VL+SPrep (ocorrências (241) e (244)), também apresentam relações de herança, como se propõe a seguir.



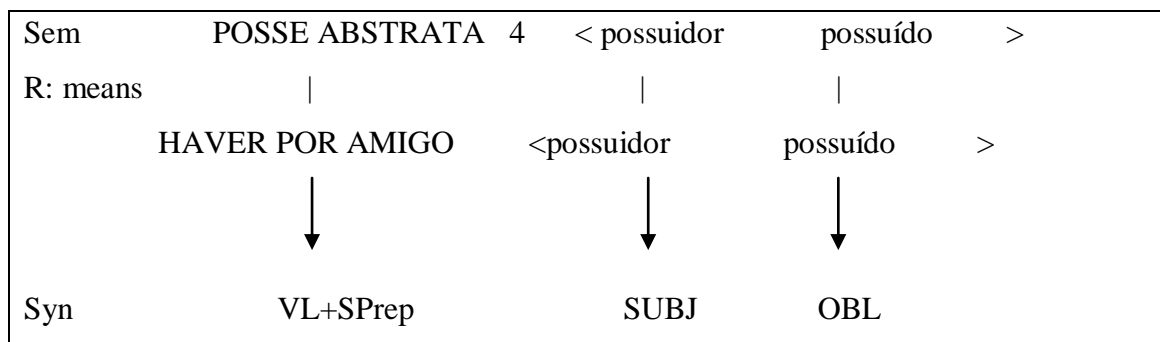


Figura 29- Construção de posse abstrata 4 (“(...)ainda que os hajais por amigos(...)”)

↓  
I<sub>M</sub>: Construção de posse abstrata 4 para uma construção de posse abstrata 5.

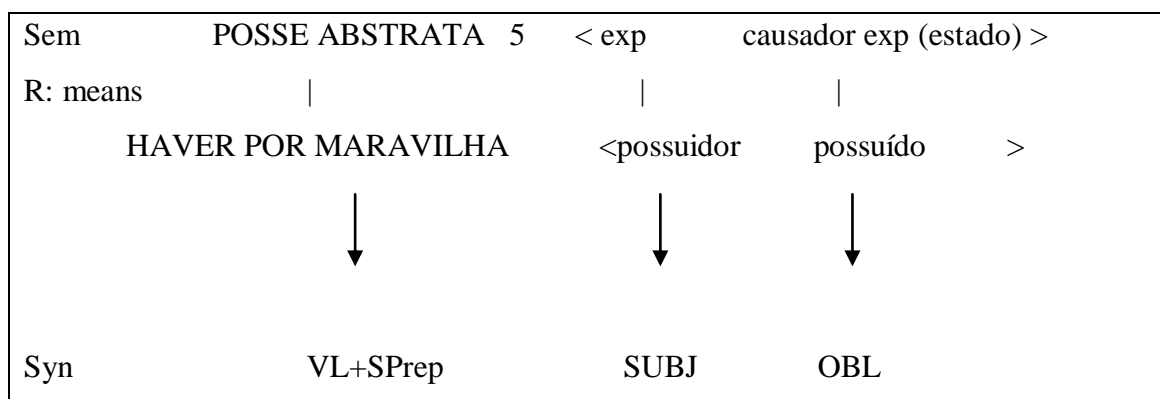


Figura 30- Construção de posse abstrata 5 (“(...)e houverom por gram maravilha de lhe tanto poder durar a força (...)”)

Observe-se que as relações de herança propostas são as mesmas que se propôs, anteriormente, para as construções de posse abstrata 1 e 2, isto é, a estrutura sintática da construção de posse abstrata 5 é herdada da construção de posse abstrata 4, mas o papel de *possuidor* é mapeado como um *experienciador* e o papel temático de *possuído* é mapeado como um *causador de experiência (estado)*. Como houve um novo mapeamento semântico, defende-se que exista entre as construções um *link* de extensão metafórica.

Além das relações de herança apresentadas, em que se pode observar uma relação entre CSVL e a CVP, também se podem propor relações de herança das CSVL’s com as CSVPsico’s, pois os substantivos do núcleo predicativo das CSVL’s retomam, metonimicamente, o *frame* dos verbos psicológicos cognatos a eles e, por sua vez, a construção VL+SN retoma o próprio conceito denotado pela CSVPsico. Por exemplo,

na ocorrência (242), na construção *haviam-lhi inveja*, estão envolvidos a *inveja* e o *experienciador* desse sentimento. Parafraçando a construção, temos *invejar-lhe*, que evoca os mesmos elementos da construção anterior. Por essa razão, propomos estes *links* de herança entre as CSVL's de posse abstrata 2 e 3 e as CSVPsico's acusativas não causativas<sup>109</sup>:

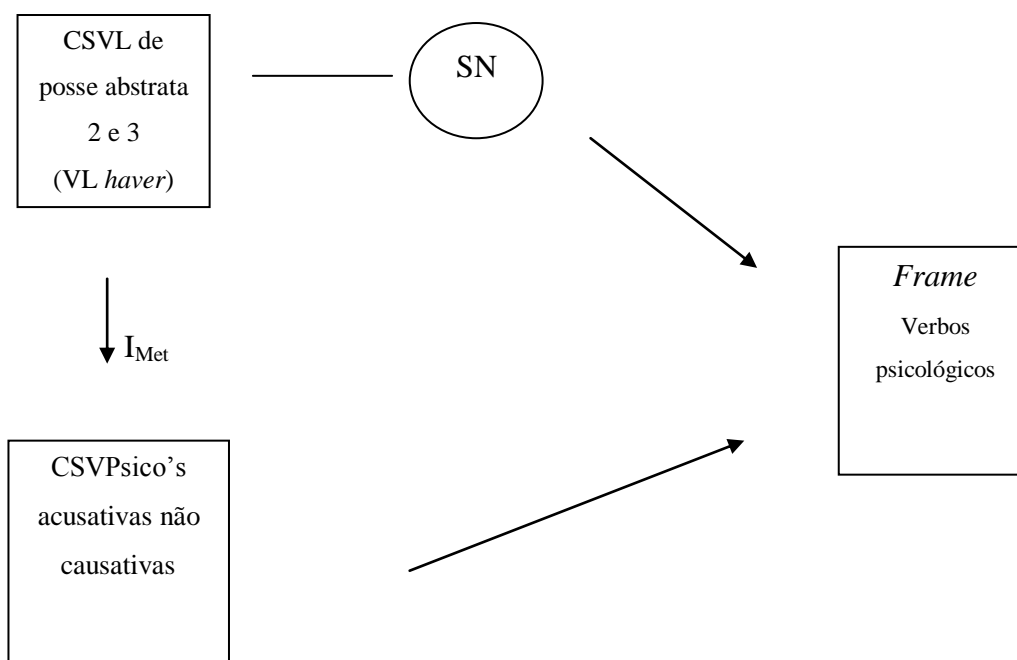


Figura 31- *Link* de extensão metonímica entre as CSVL's de posse abstrata 2 integradas pelo verbo *haver* e as CSVPsico's acusativas não causativas.

Outro fato que contribui para corroborar nossas conclusões é a análise das outras CVL's também integradas pelo verbo *haver*. Vejamos algumas construções:

(245) “Juntados assi os ditos bispos, o bispo da cidade mandou que tomassem e houvessem hospício e pousada na igreja do bem-aventurado mártir São Gião.” (VSP, séc. XIV, p. 122)

<sup>109</sup> Nos *corpora*, ocorreram construções, como *haver desprazer*, *haver espanto* e *haver esperança*, que recuperam, metonimicamente, CSVPsico's ergativas (cf. na seção 4.4.5, em que se resumem as relações de herança das construções de posse, essas construções estarão incluídas).

(246)” “E forom nesta pelleja, segumdo fama, mortos das gallees bem duzentos e cimquenta, afora muytos feridos, e dos nauios ambos morerom quatro e alguuns outros oueram feridas.” (CRDJ, séc. XIV, p. 12)

Na ocorrência (245), temos a construção *haver pousada* que evoca o *frame* do verbo *pousar* e, em (246), pode-se ver a construção *haver feridas* que remete ao *frame* de FERIR. Nesses dois casos, nós encontramos a mesma estrutura sintática e semântica das construções de posse abstrata 1 e 2, as construções são formadas por SN+VL+SN, sendo que o sujeito recebe o papel argumento de *possuidor*, no sentido metafórico, já que, em (245), ele vai apenas descansar nesse local que, de fato, não lhe pertence e, em (246), as feridas estão em seu corpo, mas não se trata da posse de um bem. Assim, pode-se perceber que essas construções se assemelham às construções de posse abstrata 1, e, portanto, pode-se propor que essas construções também estejam relacionadas por *links* de polissemia às construções de posse material.

É interessante observar também que, mesmo nesses casos, é possível ver que o substantivo do núcleo predicativo da CVL retoma, metonimicamente, o *frame* do verbo cognato ao substantivo e, conseqüentemente, a sequência VL+objeto retoma o conceito do verbo cognato do substantivo pertencente núcleo predicativo da CVL. Pode-se propor, então, que exista um *link* de extensão metonímica entre a CVL de posse abstrata 1 e a construção com o verbo cognato do substantivo do núcleo predicativo da CVL. Por exemplo, em (245), é possível substituir a construção *haver pousada* pelo verbo *pousar* e, na ocorrência (246), pode-se substituir a construção *haver feridas* por *ferir*, como se verifica a seguir<sup>110</sup>.

(247) “Juntados assi os ditos bispos, o bispo da cidade mandou que tomassem e houvessem hospício e pouassem na igreja do bem-aventurado mártir São Gião.” (VSP, séc. XIV, p. 122)

(248)” “E forom nesta pelleja, segumdo fama, mortos das gallees bem duzentos e cimquenta, afora muytos feridos, e dos nauios ambos morerom quatro e alguuns outros se feriram.” (CRDJ, séc. XV, p. 12)

---

<sup>110</sup> Sentenças criadas a partir da nossa intuição.

Vejam, na próxima seção, a análise das construções integradas pelo verbo *ter*. Como se verá, as construções apresentadas por esse verbo praticamente são as mesmas que se verificaram com o verbo *haver* e, por conseguinte, as mesmas relações de herança foram constatadas.

#### 4.4.2 O verbo *ter*

O verbo *ter*<sup>111</sup> ocorreu nas construções de posse abstrata, posse material, acontecimento, obrigação e se realizou como auxiliar na formação de tempos compostos. Observem-se algumas ocorrências das construções mencionadas:

a) Posse abstrata:

(249) “E isto medês [mesmo] faz nos cuidados dalgumas obras que lhe parecerem boas e virtuosas que se dispõem a eles assim destemperadamente, que não têm cuidado de comer, dormir, nem nem da folgança ordenada (...)” (LC, séc. XV, p. 38)

b) Posse material:

(250) “Uma [maneira de sentir inveja] por ver as cousas de vantagem a outro haver, de que lhe não praz. A outra por ele não ter bem assim como queria.” (LC, séc. XV, p. 83)

c) Acontecimento:

(251) “E esto nom foi maravilha por assi teerem, ca i houve golpes que derom per cima dos // ombros que fenderom meetade dos corpos e as selas em que iam e gram parte dos cavalos, e outros talhavam per meio, (...)” (LLDP, séc. XIV, p. 221-222)

---

<sup>111</sup> Para maiores informações sobre as construções integradas pelo verbo *ter*, confira Carvalho (2014).

## d) Obrigação:

(252) “E sobre tais fundamentos não têm de obrar para dar a execução, nem meter em proveitosa ordenança.” (LLDP, séc. XIV, p. 72)

## e) Auxiliar na formação de tempos compostos:

(253) “Ca, segundo tenho praticado, esta é a mais certa maneira da arte memorativa, ainda que bem sei como a outra muitas vezes presta em tempo de necessidade aos que a bem sabem, se têm razoadamente a natural.” (LC, séc. XV, p. 36)

Na ocorrência (249), o verbo *ter* integra uma CVL, que sinaliza a posse do estado *cuidado*, ao passo que, na ocorrência (250), esse verbo integra uma CVP, que denota a posse material de um *bem*. Já em (251), os verbos *ter* e *haver* presentes denotam uma sucessão de fatos, como os golpes que dividiram os corpos de algumas pessoas e de cavalos. Na ocorrência (252), observa-se uma conjectura sobre a obrigatoriedade de obrar nesse contexto. E, em (253), o verbo *ter* funciona como auxiliar na conjugação do verbo *praticar*.

Vejamos também a frequência de uso de cada uma das construções integradas pelo verbo *ter* na tabela 20.

Tabela 20 - Porcentagem e número de ocorrências do verbo *ter* por século.

Ter	Século XIV		Século XV		Século XVI	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Obrigação	0	0	1	1	1	4
Posse abstrata (CVL)	11	44	75	64	10	48
Posse material (CVP)	11	44	23	20	9	43
Auxiliar na formação de tempos compostos	3	12	18	15	1	5
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>117</b>	<b>100</b>	<b>21</b>	<b>100</b>

Observe-se que, no século XIV, o verbo *ter* apresenta-se, preferencialmente, em construções de posse abstrata (44%) e em construções de posse material (44%) e, em 12% das ocorrências, funciona como auxiliar na formação de tempos compostos. No século XV, a construção de posse abstrata passa a ser mais produtiva, totalizando 64% das ocorrências do período, sendo seguida pela construção de posse material, encontrada em 20% dos dados e pela construção em que o verbo exerce a função de auxiliar na formação de tempos compostos, contexto que apresentou 15% das ocorrências. Nesse século, o verbo *ter* também foi encontrado significando obrigação (1%). Já no século XVI, esse verbo é mais frequente nas construções de posse abstrata e posse material, apresentando-se em 48% e 43% dos dados, respectivamente. É necessário destacar que ocorre, no mesmo período, uma diminuição do uso do verbo *haver* nas construções de posse abstrata e o seu completo desaparecimento nas construções de posse material (cf. seção 4.4.1).

Ao analisarmos as tabelas 19 e 20, vemos que os verbos *haver* e *ter* ocorrem praticamente nas mesmas construções no período analisado. Por essa razão, pode-se

pensar que existem relações de herança relacionadas às construções em que eles ocorrem.

Como se viu no início da seção anterior, de acordo Mattos e Silva (2006), que toma como base Gaffioto (1934), o verbo *ter* tem seu sentido básico de *ter na mão*, no latim. Esse sentido também é confirmado por Nascentes (1952-1955, p. 491), como se vê no verbete reproduzido a seguir:

Ter – Do lat. *tenere*, segurar; esp. *tener*, it. *tenere* (segurar), fr. *Tenir* (idem). O que se segura, possui-se; daí a sua mudança de sentido em port. E em esp., como a obliteração em *haver* e *haber* (cfr. it. *avere* e fr. *avoir*).

Levando-se em conta o primeiro sentido desse verbo, apenas o verbo *ter* das construções de posse material será considerado pleno e, nas construções de posse abstrata, será considerado leve, já que é necessária, nesse caso, uma leitura composicional e metafórica para se obter esse sentido. Analisando-se os dados da tabela 20, observa-se que o fator frequência para a análise das construções integradas por esse verbo não poderá ser considerado, já que os dados sinalizam que as construções de posse abstrata são tão mais frequentes quanto as de posse material, mas o significado etimológico do verbo é de posse material, como atestam os dicionários, por isso o verbo *ter*, presente nessas construções, será considerado pleno e naquelas será considerado leve.

Essas duas construções serão foco de análise desta seção, visto que, como já se observou nas construções integradas pelo verbo *haver*, as CVP's mantêm relações de herança com CSVL's e essas mantêm relações de herança com as CSVPsico's. Como o verbo *ter* funciona como auxiliar nas construções que denotam obrigação e nas construções em que atua para formar os tempos compostos, essas construções não constituirão nosso objeto de estudo. Em relação às construções que indicam acontecimento, há que se destacar que não se verificaram relações de herança entre elas e as construções que evocam o *frame* dos verbos psicológicos. Logo, elas tampouco serão estudadas.

Analisemos, então, as construções de posse material e de posse abstrata integradas pelo verbo *ter* no período analisado.

## a) Construções de posse material:

(254) “E teve del dom Rodrigo Gomez de Trastamar o condado de Trastamar, que el tiinha d'el rei em teença em toda a sa vida.” (LLDP, séc. XIV, pág. 298)

(255) “Uma [maneira de sentir inveja] por ver as cousas de vantagem a outro haver, de que lhe não praz. A outra por ele não ter bem assim como queria.” (LC, séc. XV, pág. 83)

## b) Construção de posse abstrata:

(256) “ ‘De maa ventura é o homem que se fia per nem ua molher. Esta é sa molher lidima, e tem ifantes e ifantas dele, e quer sa morte desonrada! Eu nom hei por que dela fii. Eu alonga-la-ei de mim’ .” (LLDP, séc. XIV, pág. 209)

## c) Outras construções de posse abstrata:

(257) “O qual nom achauom menos no logar, por quanto se fazia quatro ou cinco dyas que nom saia fora de casa, e quando sahia andaua soo com huum cachado na mão; e este geito fez muyto de ssegurar Ayras Gomez a nom teer delle nenhuma sospeita.” (CRDJ, séc. XV, pág. 21)

(258) “E porque ao presente de sua mercê tem esta virtude outorgada em estes Reinos entre senhores e servidores (...)” (LC, séc. XV, pág. 24)

(259) “E a semelhante tempo presta muito ter-se cada um em tal conta, que não é para se vencer com a mercê de Deus nas tentações que os outros vencem.” (LLDP, séc. XIV, pág. 79.)

As ocorrências (254) e (255) ilustram uma construção de posse material de três e dois lugares, respectivamente. A construção de três lugares, a ocorrência (254), é formada por SN+VP+SPrep+SN, em que o SN sujeito recebe o papel argumento de *meta*, já que é o sujeito que receberá o bem, nesse caso, o condado; o SPrep *del dom*



*Rodrigo Gomez de Trastamar* recebe o papel argumento de *fonte*, já que é o dono do condado ou a origem da transferência do bem e o SN *o condado de Trastamar* é o *possuído*, pois é o objeto possuído. A ocorrência (255) é uma construção de dois lugares, constituída por um SN sujeito que recebe o papel temático de *possuidor*, um verbo pleno e um SN que recebe o papel temático de *possuído*. As construções de posse abstrata 1, ilustrada pela ocorrência (256), são construções que não denotam uma posse concreta de um bem, mas uma hierarquia entre duas pessoas, nesse caso, a relação entre pais e filhos. Nessa ocorrência, o SN sujeito recebe o papel temático de *possuidor* e o SN objeto de *possuído*, mas esses papéis, ao contrário do que ocorre em (255), receberiam uma leitura metafórica, pois não há a posse de um bem material e o verbo, nessa construção, seria considerado leve, já que, para se obter essa interpretação, é necessário fazer uma leitura composicional. Outras construções de posse abstrata estão ilustradas em (257), (258) e (259), que denotam a posse de substantivos abstratos, normalmente de sentimentos. Na ocorrência (257), temos uma CSVL de posse abstrata 2, em que o SN sujeito é um *experienciador*, pois tem a experiência de sentir suspeita; o SPrep *delle*, a *fonte*, pois é a origem da suspeita do sujeito e o SN *nenhum sospeita* é o *estado*, que provoca a experiência no sujeito, por isso será classificado de *causador de experiência (estado)*. Em (258), o verbo está em uma construção de posse abstrata 2, que é formada por SN+VL+SN, na qual o sujeito é o *experienciador*, que declara que vai ter a experiência da *virtude* e o objeto é o estado *esta virtude*, responsável por provocar essa experiência no sujeito, recebendo, assim, o papel temático de *causador de experiência (estado)*. Em (259), pode-se observar a mesma configuração semântica de (257) e (258), mas a estrutura sintática é diferente, pois o papel argumento de *causador de experiência (estado)* é um SPrep.

Observando-se as ocorrências de (254) a (259) e pensando que o verbo *ter* ocorreu primeiro com a acepção de *ter na mão* (cf. Princípio de precedência histórica, Corolário B, na seção 2.3), é possível propor que as construções de posse material motivaram as CSVL's de posse abstrata. Portanto, é possível estabelecer estas configurações:

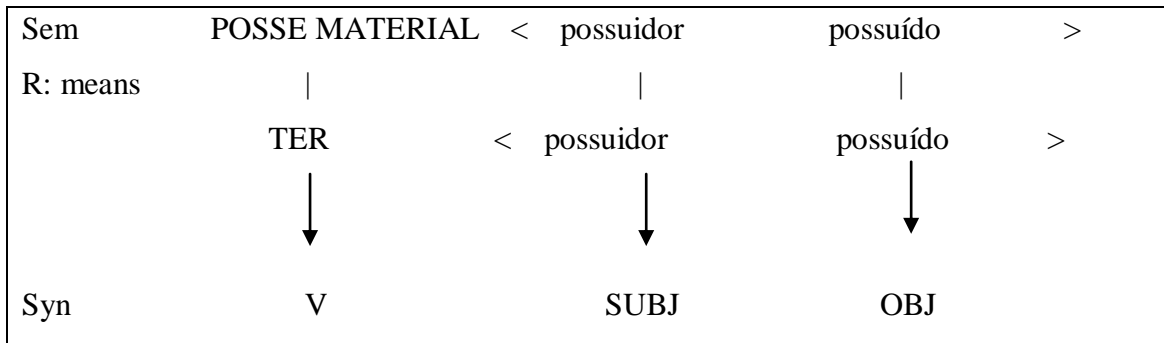


Figura 32- Construção de posse material (“(...)ele não ter bem assim como queria (...)”)

I<sub>p</sub>: Construção de posse material para uma construção de posse abstrata 1.

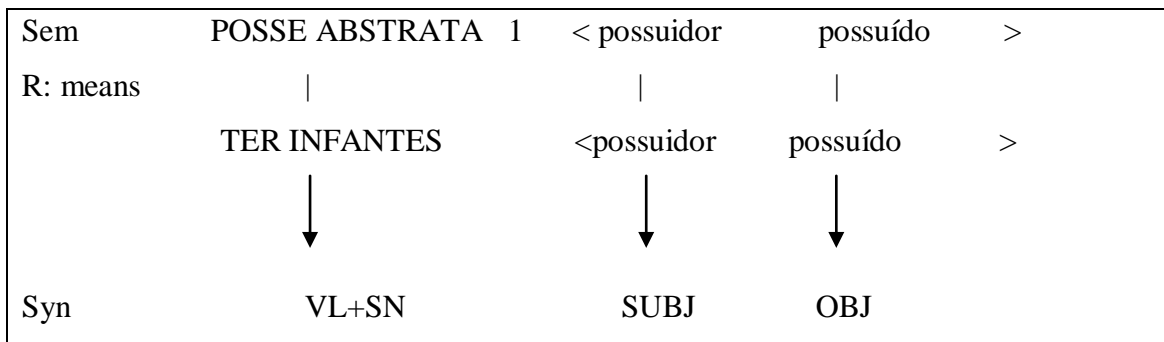


Figura 33- Construção de posse abstrata 1 (“(...)e tem infantes e ifantas dele, e (...)”)

I<sub>M</sub>: Construção de posse abstrata 1 para uma construção de posse abstrata 2.

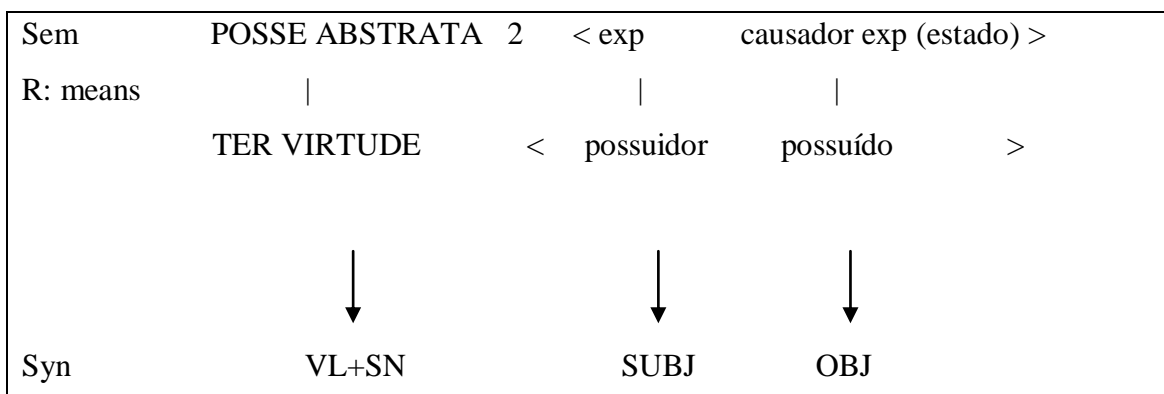


Figura 34- Construção de posse abstrata 2 (“(...)tem esta virtude outorgada em estes Reinos (...)”)

A figura 32 representa a ocorrência (255) e a figura 33 representa a ocorrência (256). Como se pode ver, propõe-se que exista, entre essas construções, um *link* de polissemia, já que elas apresentam os mesmos papéis participantes, que são os papéis licenciados pelo verbo, e os mesmos papéis argumentos, que são projetados pela construção. A diferença entre elas é que, no primeiro caso, ocorre a posse efetiva de um objeto e, no segundo caso, a posse é abstrata, nas construções de posse abstrata 1. Também se mostrou, por meio das figuras 33 e 34, que há um *link* de extensão metafórica entre as construções de posse abstrata 1 e 2 (ocorrências (256) e (258)). Nesse caso, o papel argumento *possuidor* é mapeado como um *experienciador*, pois, nesse caso, o sujeito terá a experiência de possuir virtude, e o *possuído* é, na verdade, *um causador de experiência (estado)*, visto que o sentimento *virtude* provoca uma experiência no sujeito, na figura 34.

As ocorrências mencionadas acima também ilustram uma construção de três lugares com o verbo *ter* tanto no sentido de posse material, representada pela ocorrência (254), como no sentido de posse abstrata, por meio da ocorrência (257).

Sem	POSSE MATERIAL 2	< meta	fonte	possuído>
R: means				
	TER	< possuidor	fonte	possuído >
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 35- Construção de posse material 2 (“E teve del dom Rodrigo Gomez de Trastamar o condado de Trastamar (...)”)

↓  
I<sub>M</sub>: Construção posse material 2 para construção de posse abstrata 3.

Sem	POSSE ABSTRATA 3	< exp	fonte	causador exp (estado) >
R: means				
	TER SUSPEITA	< possuidor	fonte	possuído >
	↓	↓	↓	↓
Syn	VL+SN+SPrep	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 36- Construção de posse abstrata 3 (“(...) fez muyto de ssegurar Ayras Gomez a nom teer delle nenhuma sospeita.”)

Vemos, nas figuras 35 e 36, que existe, entre as construções de posse material 2 e as CSVL’s de posse abstrata 3, um *link* de extensão metafórica, porque o papéis argumentos *meta* e *possuído* da construção de posse material 2 são mapeados como *experienciador* e como *causador de experiência*, na construção de posse abstrata 3. Por exemplo, na ocorrência (254), a *fonte* dos bens do sujeito é o SPrep *de minha casa*, o objeto *possuído* é o SN *toda cousa* e o sujeito da oração receberia o papel de *meta*, pois seria o alvo da ação. Na ocorrência (257), o sujeito continuará sendo o alvo, mas, nesse caso, receberá *suspeita*, por isso ele recebe o papel de *experienciador*, o SN *nenhuma suspeita* receberá o papel de *causador de experiência (estado)*, já que provoca uma experiência no sujeito e o SN *delle* continuará a ser a origem da suspeita, recebendo, então, o papel argumento de *fonte*.

Além das relações de herança entre as CSVL’s e as CVP’s, também se podem propor relações de herança entre as CSVL’s e as CSVPsico’s. Por exemplo, a CSVL da

ocorrência (257), reapresentada como (260a) poderia ser parafraseada por um verbo psicológico, como se vê a seguir.

(260) a) “O qual nom achauom menos no logar, por quanto se fazia quatro ou cinco dyas que nom saia fora de casa, e quando sahia andaua soo com hum cachado na mão; e este geito fez muyto de ssegurar Ayras Gomez a nom teer delle nenhuma sospeita.” (CRDJ, séc. XV, p. 21)

b) O qual nom achauom menos no logar, por quanto se fazia quatro ou cinco dyas que nom saia fora de casa, e quando sahia andaua soo com hum cachado na mão; e este geito fez muyto de ssegurar Ayras Gomez a nom suspeitar dele<sup>112</sup>.

Nesse caso, pode-se perceber mais claramente que o substantivo *suspeita* retoma, metonimicamente, o *frame* de SUSPEITAR e a construção VL+SN retoma o conceito desse verbo, uma vez que o verbo *suspeitar* atribui os papéis temáticos de *experenciador* e *causador de experiência* e a construção *ter suspeita*, atuando de forma composicional, também. Por essa razão, propõe-se que exista um *link* de extensão metonímica entre as CSVL's de posse abstrata 2 e 3 e as CSVPsico's acusativas não causativas<sup>113</sup>.

---

<sup>112</sup> Sentença criada a partir da nossa intuição.

<sup>113</sup> Também ocorreram, nos *corpora*, construções como *ter aborrecimento*, que recuperam, metonimicamente, o *frame* de CSVPsico's ergativas. Essas construções estarão incluídas na seção 4.4.5, em que se resumem as relações de herança das construções de posse.

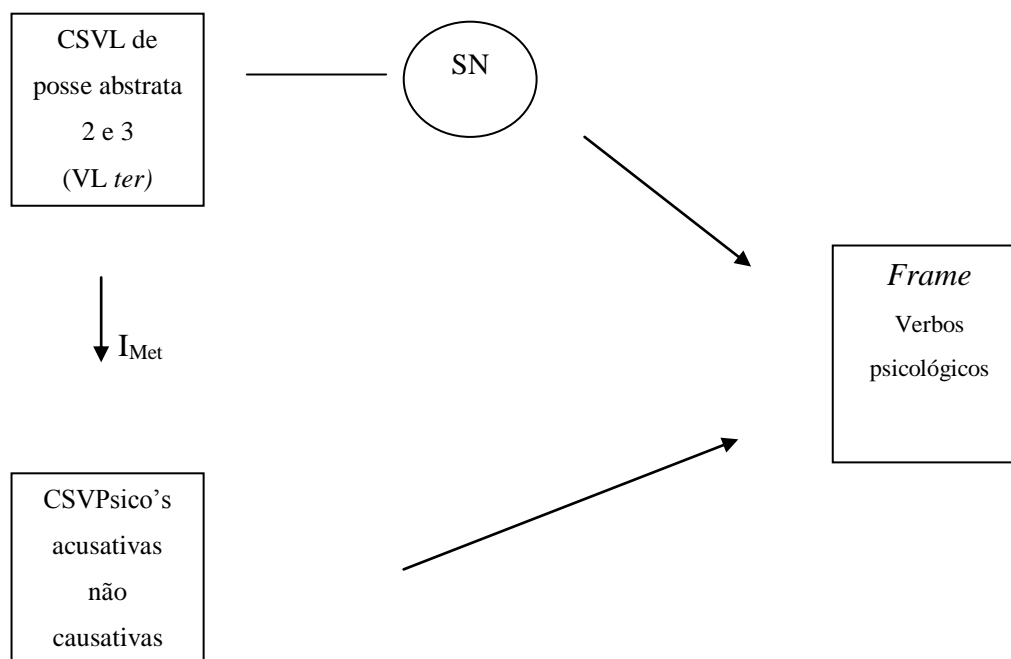


Figura 37- *Link* de extensão metonímica entre as CSVL's de posse abstrata 2 e 3 integradas pelo verbo *ter* e as CSVPsico's acusativas não causativas.

Na ocorrência (258), não é possível estabelecer tal vínculo com as CSVPsico's acusativas não causativas, porque o verbo, referente ao substantivo *virtude*, ainda não foi criado. O mesmo ocorre com a ocorrência (259), em que temos a construção *ter-se em conta*, pois, nesse caso, é difícil fazer uma paráfrase dessa construção para esse contexto, mas como se viu nas sentenças (260a) e (260b), paráfrases de CSVL's, integradas pelo verbo *ter*, são aceitáveis. A seguir, inserimos outras ocorrências em que a paráfrase é possível<sup>114</sup>.

(261) a) “Amdaua hy huu que falaua mujto aos outros que se afastasem mas nõ já que mamy parecese que lhes tijnham acatameto ne medo”. (CPV, séc. XVI, p. 5)

b) Amdaua hy huu que falaua mujto aos outros que se afastasem mas nõ já que mamy parecese que lhes tijnham acatameto ne temiam.

<sup>114</sup> As paráfrases foram criadas a partir da nossa intuição.

(262) a) “(...) e suas vergonhas tam altas e tã çaradinhas [refere-se às índias] e tam limpas das cabeleiras que de a nos mujto bem olharmos ã tijnhamos nhuua vergonha (...)”. (CPV, séc. XVI, p. 4)

b) E suas vergonhas tam altas e tã çaradinhas [refere-se às índias] e tam limpas das cabeleiras que de a nos mujto bem olharmos ã nos envergonhávamos.

(263) a) “(...) porque tais leituras aos que de semelhantes ão têm bom conhecimento, mais ão para serem ensinados, que para despender tempo ou se desenfadadas, como livro de histórias, sem que o entendimento pouco trabalha por o entender ou se lembrar”. (LC, séc. XV, p. 24)

b) Porque tais leituras aos que de semelhantes ão conhecem bem, mais ão para serem ensinados, que para despender tempo ou se desenfadadas, como livro de histórias, sem que o entendimento pouco trabalha por o entender ou se lembrar.

Nas frases (261b), (262b) e (263b), fizemos uma paráfrase das CSVL’s encontradas nas ocorrências (261a), (262a) e (263a), respectivamente. Nesses casos, também é possível ver que o substantivo abstrato retoma, metonimicamente, o *frame* do verbo psicológico correspondente e, por sua vez, a construção VL+SN retoma o próprio verbo, o que nos permite propor um *link* de extensão metonímica entre essas construções. Observe-se que, no caso da ocorrência (262), a construção VL+SN retoma a CSVPsico ergativa e, nas outras ocorrências, essa construção retoma CSVPsico acusativa ão causativa.

Convém lembrar que outras CVL’s integradas pelo verbo *ter* que ão retomam o *frame* dos verbos psicológicos auxiliam a corroborar a análise de relações de herança estabelecidas para as construções integradas por esse verbo. É interessante observar que essas construções, apesar de retomarem o *frame* de outros verbos, apresentam a mesma estrutura sintática e semântica das construções de posse abstrata 1. Algumas delas estão ilustradas a seguir.

(264) “E porém [por isso] tudo à parte desejador deve ser apropriado, porque dali tem seu nascimento.” (LC, séc. XV, p. 52)

(265) “Quando eu era de XXII anos, El-Rei, (...) cuja alma Deus haja, dispendo-se para filhar a cidade de Ceuta, mandou-me que tivesse cargo do conselho, justiça e da fazenda que em sua corte se tratava, porque tanto haveria de trabalhar nos feitos que pertenciam para sua ida (...).” (LC, séc. XV, p. 210)

(266) “E quanto à razão lhes parece que é bem convidar seus amigos e lhes ter companhia, (...).” (LC, séc. XV, p. 126)

As CVL's sublinhadas nas ocorrências (264) a (266) apresentam a estrutura sintática SN+VL+SN, em que o SN sujeito recebe o papel temático de *possuidor*, ainda que metafórico, e o SN objeto recebe o papel de *possuído*. Nesse caso, pode-se observar que essas construções são semelhantes às construções de posse abstrata 1. Assim, também é possível propor que elas possuem relações de herança com as construções de posse material, estando conectadas a essas construções por *links* de polissemia, visto que apresentam a mesma estrutura sintática e semântica, excluindo-se o traço de bem material do SN objeto.

Na próxima seção, analisar-se-ão as construções integradas pelo verbo *filhar* e suas relações de herança. Como será possível ver, esse verbo também integra construções de posse material e posse abstrata, assim como os verbos *ter* e *haver*.

#### 4.4.3 O verbo *filhar*

O verbo *filhar* não é mais usado, mas era comum nos séculos XIV e XV, ocorrendo, portanto, nos *corpora* analisados. Nesse período, funcionava como VP, significando *apoderar-se de*, *roubar*, *ter a posse de*, *obter* e também poderia, como VP, significar *considerar*. Esse verbo foi analisado como pleno com esses sentidos por causa da frequência nos dados (cf. tabela 21) e também por causa da definição encontrada no dicionário etimológico de Cunha (2010), como se pode ver neste verbete:



Filhar – vb. ‘conquistar, pilhar’ ‘tomar, obter’ | XIII, fillar XIII | Do lat. \*piliare (cláss. Pilare), com provável interferência de *filho*. O voc. *filhar*, de acepção idêntica ou muito semelhante, parece ser mera variante despalatalizada de *filhar* || **filhante** XIV. O voc. *filante* será mera variante despalatalizada de *filhante*.

Além disso, o verbo *filhar* também funcionava como VL, atuando de forma composicional e metafórica com o substantivo abstrato que o seguia nas CSVL’s. Vejamos algumas ocorrências desse verbo no período.

(267) “Prazer-me-ia que os ledores deste trabalho tivessem a maneira da abelha que, passando por ramos e folhas, nas flores mais costuma de pousar, e dali filham parte de seu mantimento.” (LC, séc. XV, p. 25)

(268) “E filhou rei Ramiro sa mulher com sas donas e donzelas e quanto haver achou, e mete-o nas galees.” (LLDP, séc. XIV, p. 210)

(269) “Isto filho por o que a experiência me demonstra que dalgumas cousas tristes havemos lembramento que não recebemos algum sentido (...)” (LC, séc. XV, p. 35)

(270) “(...) e acabar pesados feitos sem filhar grande cuidado, e haver nome de grado [de generoso] sem fazer tal despesa que lhe alguma míngua ou empacho [obstáculo] fizesse.” (LC, séc. XV, p. 38)

Na ocorrência (267), *filhar* significa *obter*, nesse caso, participa de uma construção de posse material, formada de SN+VP+SN, que atribui papel temático de *possuidor* ao SN sujeito *as abelhas* e de *possuído* ao SN objeto *parte de seu mantimento*. Na ocorrência (268), o verbo *filhar* significa *apoderar-se de, roubar*. Na história, o rei Ramiro havia roubado a irmã do rei Alboazer Alboçadam e esse, para se vingar, roubou a mulher do rei Ramiro e suas damas de companhia. Então, o rei Ramiro foi no lugar em que seu inimigo estava e se apoderou de sua mulher e damas de companhia. Nessa construção de posse abstrata 1, a atribuição de papéis temáticos ocorre de forma composicional e metafórica, visto que, na construção, não há a posse de um bem material, mas a construção denota que essas pessoas estavam sob seu poder. Assim, a construção VL+objeto atribui os papéis temáticos de *possuidor* ao SN sujeito

*rei Ramiro* e de *possuído* ao SN objeto *sa molher com sas donas e donzelas*. Na ocorrência (269), o verbo *filhar* apresenta seu sentido pleno de *considerar* e pode ser analisado como um verbo epistêmico. Em (270), pode-se ver que o verbo *filhar* recebe uma leitura metafórica e composicional de *ter a posse de um estado*, funcionando, nesse caso, como VL e apresentando-se em uma CSVL de posse abstrata 2. Nessa construção, formada por SN+VL+SN, o SN sujeito recebe o papel temático de *experenciador*, porque tem a experiência de obter cuidados e o SN objeto *grande cuidado* recebe o papel temático de *causador de experiência (estado)*, visto que é responsável por causar a experiência no sujeito.

Observemos também os dados referentes ao verbo *filhar* nesse período.

Tabela 21 - Número de ocorrências do verbo *filhar* nos séculos analisados.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP	CVL	CVP	CVL	CVP	CVL	
Filhar	5	3	11	48	0	0	67

Como se pode ver na tabela 21, o verbo *filhar* integra mais CVP's no século XIV, mas, no século XV, o número de CVL's aumentou consideravelmente e, no século XVI, não foram encontradas ocorrências desse verbo.

Levando-se em conta as relações de herança estabelecidas entre as CSVL's de posse abstrata 1 e 2 e as CVP's, integradas pelos verbos *haver* e *ter*, tomando como base a definição apresentada pelo dicionário etimológico e, analisando o fator frequência na tabela 21, em que o número de ocorrências de CVP's supera o de CVL's no século XIV (cf. Princípio de precedência histórica, Corolários A e B, na seção 2.3), podem-se propor estas relações de herança para as construções integradas pelo verbo *filhar*.

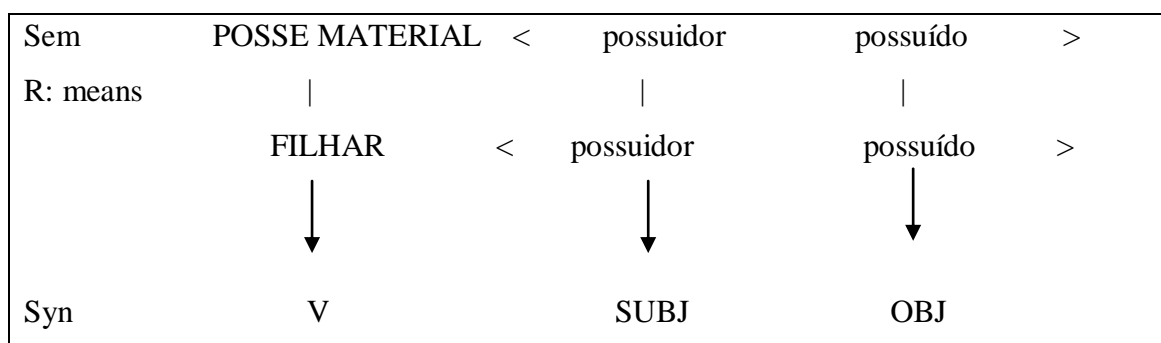


Figura 38- Construção de posse material (“(...)e dali filham parte de seu mantimento.”)



I<sub>P</sub>: Construção de posse material para uma construção de posse abstrata 1.

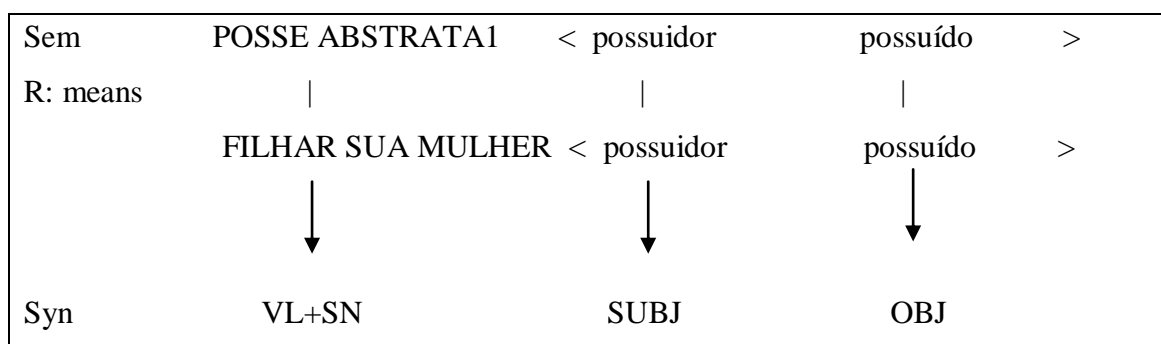


Figura 39- Construção de posse abstrata 1 (“E filhou rei Ramiro sa molher com sas donas e donzelas (...)”)



I<sub>M</sub>: Construção de posse abstrata 1 para uma construção de posse abstrata 2.

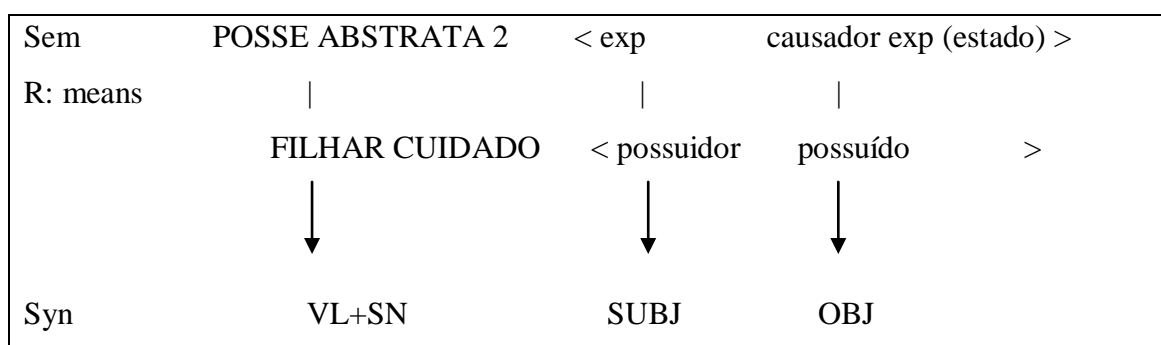


Figura 40- Construção de posse abstrata 2 (“(...) e acabar pesados feitos sem filhar grande cuidado (...)”)

As figuras 38 e 39 mostram as relações de herança entre as construções de posse material e as construções de posse abstrata 1, que são representadas pelas ocorrências (267) e (268), respectivamente. Pode-se observar que as construções são sintaticamente

iguais e os papéis temáticos também são iguais, embora haja uma pequena diferença de sentido entre elas, pois, na construção de posse material, o objeto é uma entidade material que pode ser possuída, mas, na construção de posse abstrata 1, o objeto é uma pessoa. Isso nos permite propor que a construção de posse abstrata 1 é uma extensão de sentido da construção de posse material. Além disso, como a interpretação de posse abstrata, na ocorrência (268) só pode obtida a partir da leitura composicional do verbo+objeto, pode-se pensar que o verbo *filhar*, nessa construção, é leve. Em relação às figuras 39 e 40, verifica-se que o papel argumento de *possuidor*, na figura 39, é mapeado como um *experienciador* na construção de posse abstrata 2, e o papel argumento de *possuído* passa a ser mapeado como um *causador de experiência (estado)* na figura 40. Apesar disso, pode-se perceber que o verbo *filhar*, nas construções de posse abstrata 2, não perdeu completamente o sentido de posse, mas, ao denotar a posse de um estado, o sujeito possuidor, automaticamente, transforma-se em um experienciador daquele estado. Como ocorreu um novo mapeamento semântico, propôs-se a existência de um *link* de extensão metafórica entre essas construções.

É interessante observar também que a construção *filhar cuidado*, na ocorrência (270) remete, metonimicamente, ao *frame* de CUIDAR, apesar de, nesse contexto, não ser possível a paráfrase com esse verbo. Entretanto, em outros contextos, a paráfrase é possível, como se verifica a seguir<sup>115</sup>.

(271) a) “Em na parte do mal, quando alguma cousa sentimos contrária à nossa consciência, honra, saúde, proveito ou prazer, havemo-lhe ódio, e se dela nos queríamos guardar e vemos que nos segue, filhamos aborrecimento, e se nos bem sentimos, tristeza”. (LC, séc. XV, p. 52)

b) Em na parte do mal, quando alguma cousa sentimos contrária à nossa consciência, honra, saúde, proveito ou prazer, havemo-lhe ódio, e se dela nos queríamos guardar e vemos que nos segue, aborrecemos<sup>116</sup>, e se nos bem sentimos, tristeza.

(272) a) “E do prazer que o não perca de coração, nem filhe tristeza ou nojo, salvo por tal cousa por que haja esperança de Nosso Senhor Deus que cobrará cento por

<sup>115</sup> As paráfrases foram criadas a partir da nossa intuição.

<sup>116</sup> Nesse período, o verbo *aborrecer* era acusativo não causativo, significando *odiar*.

um no presente, e na fim vida perdurável, segundo que no Evangelho por ele foi prometido.” (LC, séc. XV, p. 68)

b) E do prazer que o não perca de coração, nem não se entristeça ou filhe nojo, salvo por tal cousa por que haja esperança de Nosso Senhor Deus que cobrará cento por um no presente, e na fim vida perdurável, segundo que no Evangelho por ele foi prometido.

c) E do prazer que o não perca de coração, nem não filhe tristeza ou se anoje, salvo por tal cousa por que haja esperança de Nosso Senhor Deus que cobrará cento por um no presente, e na fim vida perdurável, segundo que no Evangelho por ele foi prometido.

(273) a) “Terceira, dos males e pecados que já fez, usa ou é disposto para obrar, comendo, bebendo muito sobejo, e dormindo com mulheres, (...) e outras obras revessadas [más] fazendo, de que muitos filham assaz folgança desordenada (...)” (LC, séc. XV, p. 70)

b) “Terceira, dos males e pecados que já fez, usa ou é disposto para obrar, comendo, bebendo muito sobejo, e dormindo com mulheres, (...) e outras obras revessadas [más] fazendo, de que muitos folgam assaz desordenadamente.

Em (271a), (272a) e (273a), as construções VL+SN sublinhadas atribuem os papéis temáticos de *experienciador* ao sujeito e de causador de *experiência (estado)* ao objeto, sendo que os substantivos abstratos *aborrecimento*, *tristeza*, *nojo* e *folgança*, que provocam a experiência nos sujeitos, remetem, metonimicamente, aos *frames* de ABORRECER, ENTRISTECER, ANOJAR e FOLGAR, respectivamente, e, além disso, remetem também ao conteúdo semântico dos próprios verbos correspondentes, parafraseados nas sentenças (271b), (272b), (272c) e (273b), uma vez que esses também atribuem papel temático de *experienciador* ao sujeito. Assim, propomos que exista, entre essas construções, um *link* de extensão metonímica, como se verifica a seguir.

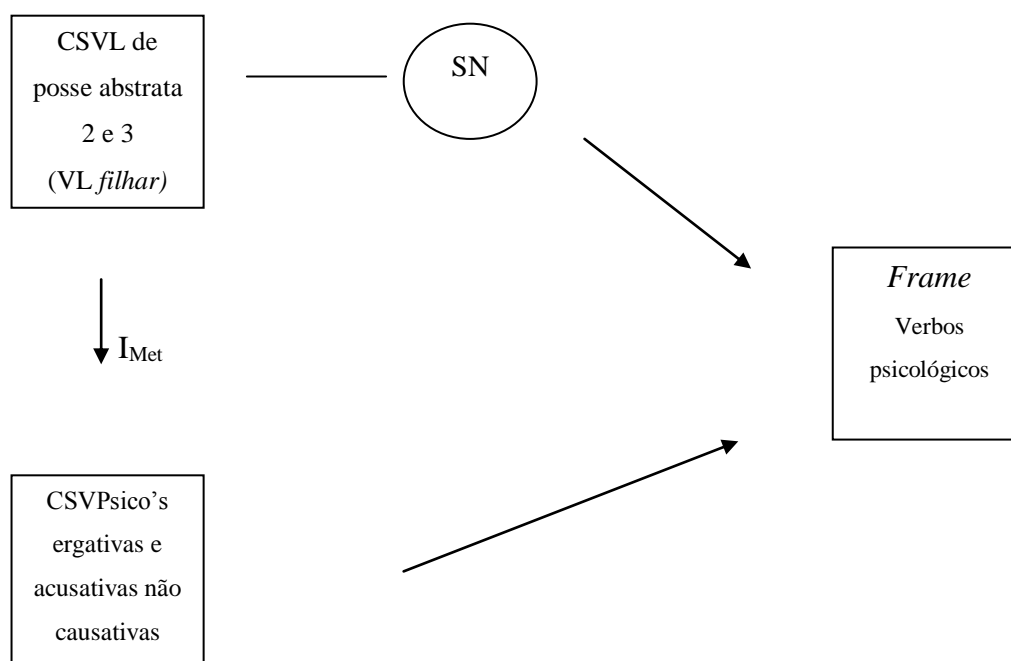


Figura 41- *Link* de extensão metonímica entre as CSVL's de posse abstrata 2 integradas pelo verbo *filhar* e as CSVPsico's ergativas e acusativas não causativas.

Convém lembrar que o verbo *filhar* também integrou outras CVL's que remetem ao *frame* de verbos de outras classes semânticas. Vejamos algumas dessas construções e suas relações de herança.

(274) “(...) filhando em isto exemplo daquele autor do Livro do Amante que certas histórias em ele escreveu de que se filham grandes bons conselhos e avisamentos.” (LC, séc. XV, p. 28)

(275) “E filhava por elo em mim espaço com menos afrontamento.” (LC, séc. XV, p. 110)

Nas ocorrências (274) e (275), temos a CVL formada por VL *filhar*+objeto. Essa construção atribui papel temático de *possuidor*, ainda que metafórico, ao SN sujeito e de *possuído* ao SN objeto. Assim, apresentam a mesma estrutura sintática e semântica das construções de posse abstrata 1 integradas pelo verbo *filhar*. Portanto, também se pode propor que apresentam relações de herança com as construções de posse material, estando relacionadas a elas por um *link* de polissemia, visto que apresentam a mesma

estrutura sintática e semântica, diferindo-se, basicamente, porque elas não denotam a posse de um bem material e, também, porque, para se chegar ao seu significado, é necessário fazer uma leitura composicional e metafórica.

Há que se destacar que o substantivo do núcleo predicativo da CVL da ocorrência (274) recupera, metonimicamente, o *frame* de AVISAR. Entretanto, não é possível recuperar a construção integrada pelo verbo *avisar*, pois esse verbo evoca um *agente* da ação de avisar e a pessoa que receberá o aviso, mas *filhar avisamento*, pelo contexto, parece se relacionar à ação de receber avisos. Dessa forma, pode-se dizer apenas que o substantivo do núcleo da CVL recupera metonimicamente o *frame* de AVISAR, mas não a construção integrada por esse verbo, como se mostra na figura 42.

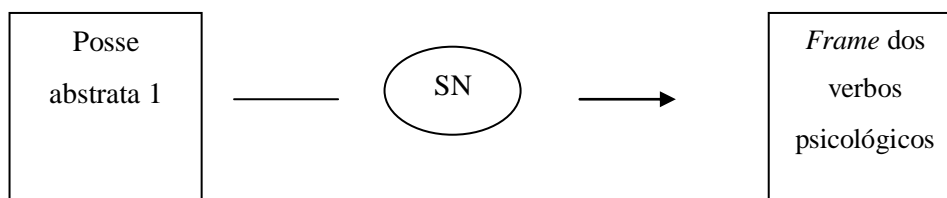


Figura 42 -Relação entre as construções de posse abstrata 1 e o frame dos verbos psicológicos.

Já na ocorrência (275), a construção *filhar espaço* é uma CVL, já que, para se obter o sentido de posse abstrata, é preciso fazer uma leitura composicional da construção verbo+objeto, mas, nesse caso, o substantivo do núcleo predicativo não retoma o *frame* de nenhum verbo da língua.

Vejamos, agora, a análise das construções integradas por *tomar*.

#### 4.4.4 O verbo *tomar*

Consideremos este verbete do dicionário etimológico de Cunha (2010, p. 638):

**Tomar** vb. ‘pegar, segurar ‘arrancar, tirar’ século XIII. De origem incerta || **Retomar** XIII || **tomADA** sf. ‘ato ou efeito de tomar’ XIII. Substantivação do f. do adj. tomado || **tomADOR** XIII || **tomAMENTO** XIV.

Como se pode ver, conforme Cunha, o primeiro sentido do verbo *tomar* é *pegar, segurar, arrancar, tirar*. Além disso, os dados dos *corpora* mostram que esse verbo ocorre, no século XIV, apenas com esse sentido, de modo que se pode defender que esse é o sentido pleno de *tomar*. Vejamos, agora, os dados referentes às CVP’s e às CVL’s integradas por *tomar*.

Tabela 22 - Número de ocorrências do verbo *tomar* nos séculos analisados.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP	CVL	CVP	CVL	CVP	CVL	
Tomar	6	0	21	4	22	3	55

Os resultados encontrados para os outros verbos se mantiveram, isto é, observa-se que o verbo *tomar* primeiro ocorre em um CVP para depois, nos séculos XV e XVI, apresentar-se em uma CVL, o que pode ser um indício de que estas construções foram motivadas por CVP’s.

Algumas ocorrências com o verbo *tomar* pleno e leve estão ilustradas a seguir:

(276) “Porem os da villa nom tomarom armas, mas folgarom muito de seer assy feito.”  
(CRDJ, séc. XV, p. 22)



(277) “(...) e nos tomarom por seu Rey e Senhor - a qual defemssom se se a dita çidade nom aposera, todo o reyno se perdera per o poderio do dito Rey e ajuda dos maaos portugueses: (...)” (CRDJ, séc. XV, p. 7)

(278) “E elle tornou em sseu louuor as suas deuotas horas em linguagem, apropiando as pallauras dellas aa Virgem Maria e seu bento Filho, de guissa que muytos tomarom deuaçam de as rezar que amte dellas nom auiam renembrança.” (CRDJ, séc. XV, p. 2)

O verbo *tomar* significa *apossar-se de* ou *empunhar* na ocorrência (276). Nesse caso, está integrando um construção de posse material 1, que atribui papel temático de *possuidor* ao SN sujeito e de *possuído* ao SN objeto. Na ocorrência (277), *tomar* apresenta um sentido mais metafórico, significando *escolher como representante* e esse sentido é obtido a partir da composição do verbo+SPrep, por isso o verbo é leve. Entretanto, a ideia de posse, ainda que metafórica, mantém-se e, por isso a construção atribui papel temático de *possuidor* ao sujeito e *possuído* ao SPrep objeto. Já em (278), *tomar* é um verbo leve, atuando de forma composicional com o SN *deuaçam* na atribuição de papéis temáticos. A construção *tomar deuaçam* atribui papel temático de *experienciador* da devoção ao sujeito e o SN *deuaçam* recebe o papel de *causador de experiência (estado)*, já que será o responsável pela experiência do sujeito.

A construção em que *tomar* funciona como pleno parece relacionar-se com a construção em que se realiza como leve por um *link* de extensão metafórica, como se propõe a seguir.

Sem	POSSE MATERIAL1	< possuidor	possuído>
R: means			
	TOMAR	< possuidor	possuído>
	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ

Figura 43- Construção de posse material 1 (“Porem os da villa nom tomarom armas (...)”)

I<sub>M</sub>: Construção posse material 1 para uma construção de posse abstrata 2.

Sem	POSSE ABSTRATA 2	< exp	causador de exp (estado) >
R: means			
	TOMAR DEVOÇÃO	< possuidor	possuído >
	↓	↓	↓
Syn	VL+SN	SUBJ	OBJ

Figura 44- Construção de posse abstrata 2 (“(...) muytos tomarom deuaçam de as rezar (...)”)

A partir das figuras 43 e 44 e, considerando-se o Princípio de precedência histórica, proposto na seção 2.3, pode-se pensar na existência de um *link* de extensão metafórica entre a construção de posse material 1 e a construção de posse abstrata 2, porque os papéis argumentos *possuidor* e *possuído*, na figura 43, são mapeados, na figura 44, como *experienciador* e *causador experiência (estado)*, porque o SN sujeito não tem mais a posse de um objeto, mas uma determinada experiência emocional.

Em relação à ocorrência (277), não foram encontradas construções semelhantes integradas pelo verbo *tomar*, mas convém destacar que uma construção ilustrada pela ocorrência (244), integrada pelo verbo *haver* pode estar relacionada a essa. Para facilitar a visualização, a ocorrência citada será repetida como (279).

(279) “E oolharom por as chagas que tiinha e houverom por gram maravilha de lhe tanto poder durar a força, ca elas eram grandes e estavam em logares mortaes.” (LLDP, séc. XIV, p. 222)

Observe-se que, na ocorrência (279), o verbo *haver* integra uma construção de posse abstrata constituída por SN+VL+SPrep. O verbo *haver* é leve, porque atua de forma composicional com o SPrep *por maravilha* na atribuição de papéis temáticos e essa construção retoma o *frame* de MARAVILHAR. Já na ocorrência (277), o verbo *tomar* atua em uma construção de posse abstrata, formada por SN+VL+SPrep. Propomos, então, que essas duas construções estão relacionadas por um *link* de extensão metafórica, conforme se pode ver a seguir.

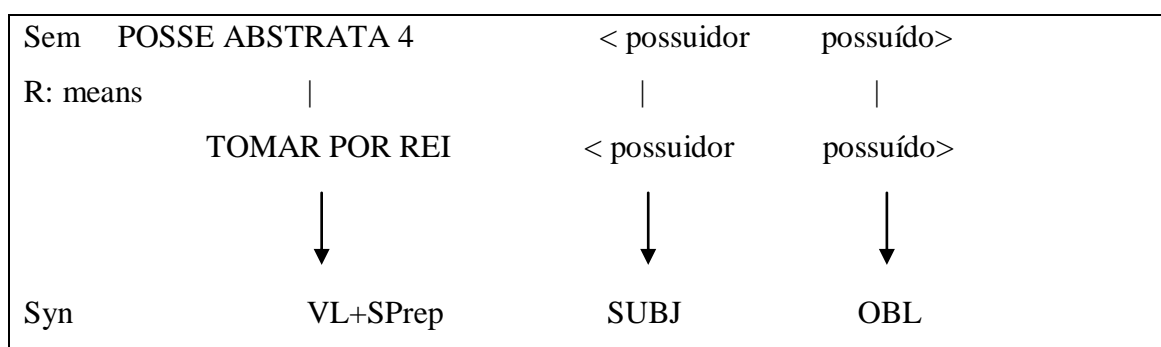


Figura 45- Construção de posse abstrata 4 (“(...) e nos tomarom por seu Rey e Senhor (...)”)

I<sub>M</sub>: Construção de posse abstrata 4 para uma construção de posse abstrata 5.

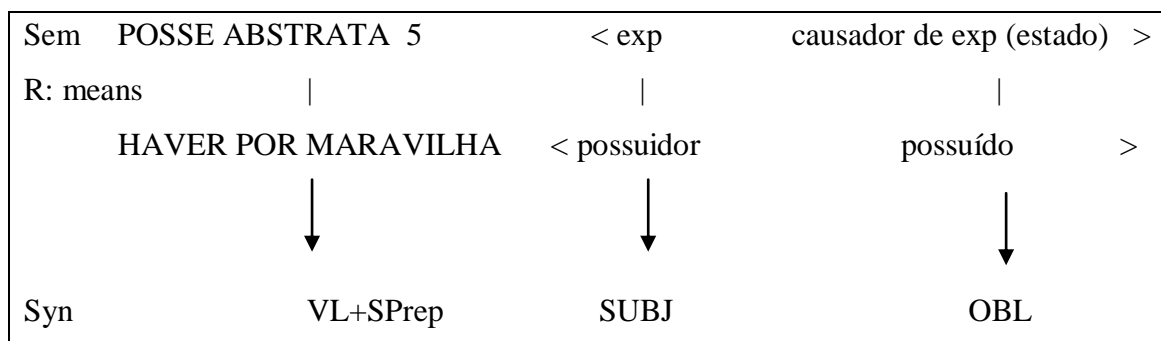


Figura 46- Construção de posse abstrata 5 (“(...)e houverom por gram maravilha (...)”)

As CSVL's integradas por *tomar* também apresentam relações de herança com as CSVPsico's cujos verbos são cognatos aos substantivos pertencentes aos núcleos predicativos das CSLV's. Por exemplo, a construção *tomar devaçam* retoma, via extensão metonímica, o *frame* DEVOTAR e também a CSVPsico acusativa não causativa integrada pelo verbo *devotar*, pois tanto a construção formada por VL+SN como o verbo *devotar* atribuem papel temático de *experienciador* da devoção ao SN sujeito. Dessa forma, estas seriam as relações de herança propostas para essas construções<sup>117</sup>:

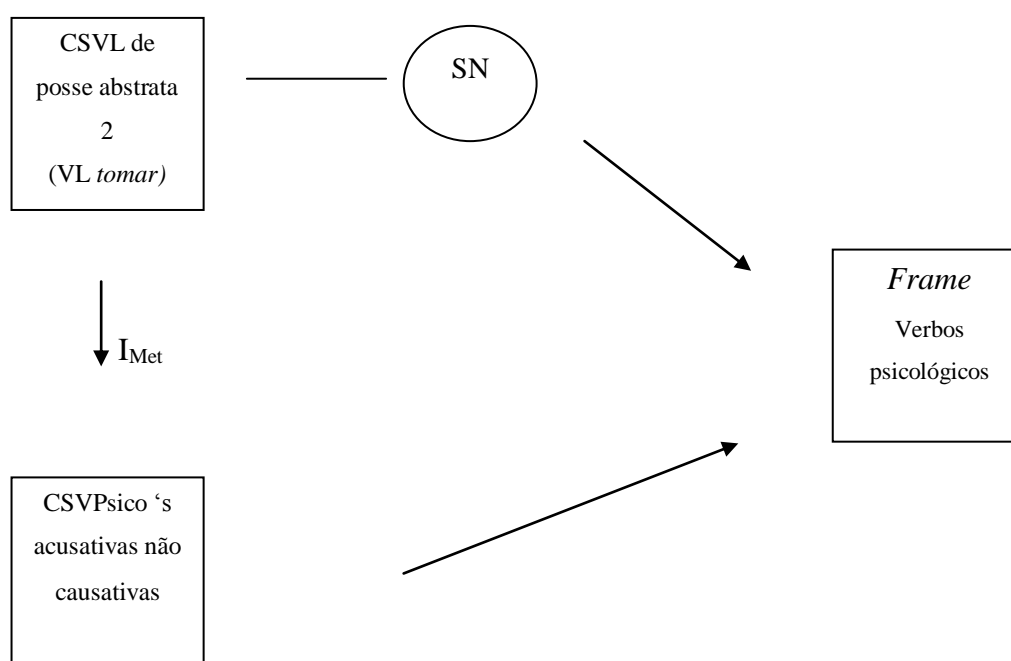


Figura 47- Link de extensão metonímica entre as CSVL's de posse abstrata 2 integradas pelo verbo *tomar* e as CSVPsico's acusativas não causativas.

Analisando-se outras CVL's integradas por *tomar*, podem-se notar as mesmas relações de herança propostas anteriormente para as CSVL's. A construção *tomar casamento*, por exemplo, representada na ocorrência (280), também parece manter

<sup>117</sup> Nos *corpora*, também se verificou a construção *tomar prazer*, que retoma, metonimicamente, a CSVPsico ergativa. Na seção 4.4.5, em que se resumem as relações de herança das construções de posse, essas construções estarão incluídas.

relações de herança com as construções de posse material 1. Ademais, essa construção retoma o frame de CASAR e também a CVP integrada pelo verbo *casar*.

(280) “(...) e elles desto forom priuados per el-Rey dom Fernando seu jrmaão, fazendo as cousas que pertemçiam a estado do regno como lhe prazia, de que se seguïrom muytos malles, como era notorio a todos: que lhe pediam por merçee que nom fizesse paz nem guera sem seu acordo, nem tomasse casamento.” (CRDJ, séc. XV, p. 6)

Vejamos, na próxima seção, um resumo das relações de herança das construções integradas pelos verbos *haver*, *ter*, *filhar* e *tomar* que integram construções de posse material e abstrata.

#### **4.4.5 Resumo das relações de herança das construções de posse integradas pelos verbos *haver*, *ter*, *filhar* e *tomar***

Como se viu nas seções anteriores, as CVP's integradas pelos verbos *haver*, *ter*, *filhar* e *tomar* mantêm relações de herança com as construções de posse abstrata desses mesmos verbos. Para se chegar ao sentido pleno dos verbos *haver* e *ter* tivemos que recorrer a dicionários etimológicos e estudos históricos sobre esses verbos (Mattos e Silva, 2006), porque o estudo da frequência desses verbos, no século XIV, levava-nos à conclusão equivocada de que as construções de posse abstrata poderiam ser CVP's, o que viria na contramão do estudo dos demais verbos leves, visto que, como se verá nas próximas seções, a maior parte das construções com verbos leves estudadas foi motivada por construções com verbos plenos. Assim, o fator frequência para as construções integradas por esses verbos teve que ser abandonado. Já os verbos *filhar* e *tomar* integraram, desde o século XIV, mais construções de posse material, sentido que também foi encontrado no dicionário etimológico de Cunha (2010) e, por isso se definiu que esse era o sentido pleno desses verbos.

A análise das construções integradas por esses verbos sinalizou uma pequena diferença entre eles, já que os verbos *ter* e *haver* apresentaram construções de dois e de

três lugares e os verbos *filhar* e *tomar* apresentaram somente construções de dois lugares.

Quanto às construções de dois lugares, ilustradas pelos quatro verbos, estabelecemos estas relações de herança:

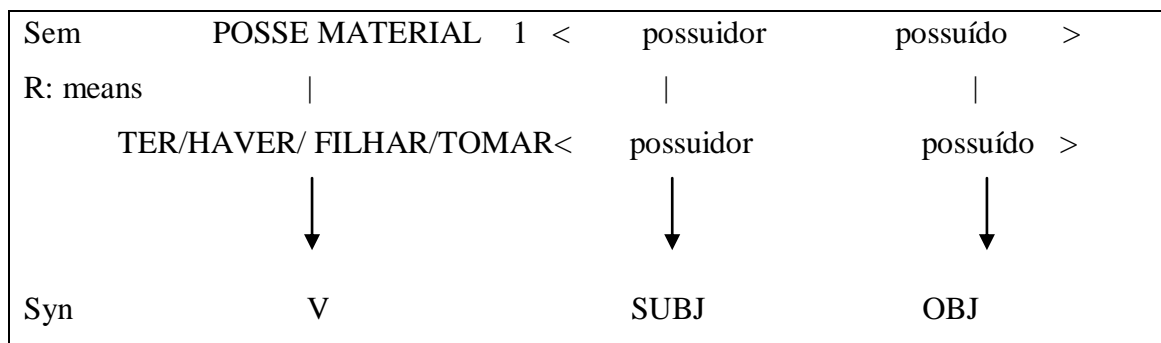


Figura 48- Construção de posse material

I<sub>P</sub>: Construção de posse material 1 para uma construção de posse abstrata 1.

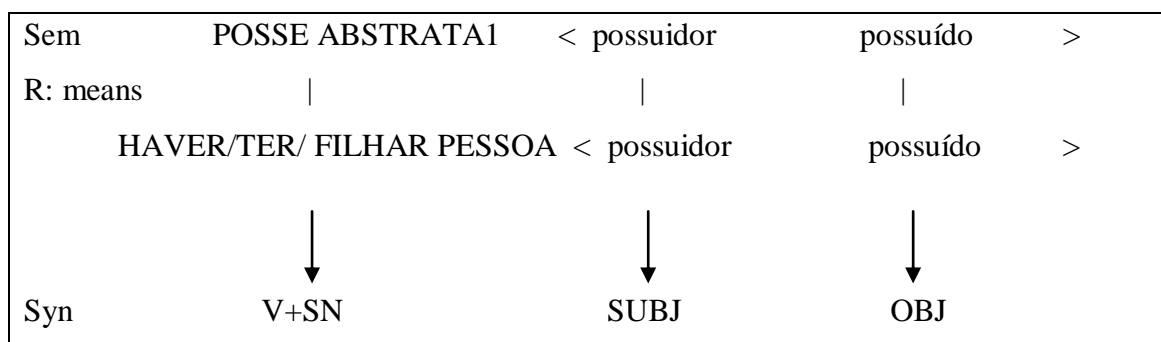


Figura 49- Construção de posse abstrata 1

I<sub>M</sub>: Construção de posse abstrata 1 para uma construção de posse abstrata 2.

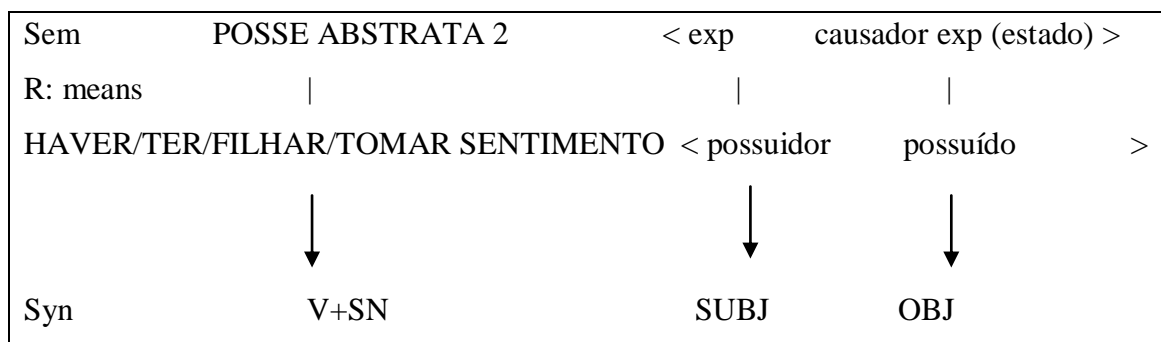


Figura 50- Construção de posse abstrata 2

Propôs-se que as construções de posse abstrata 1 são uma extensão de sentido das construções de posse material 1, já que ambas apresentam a mesma estrutura sintática e semântica, diferenciando-se apenas, porque, enquanto nas construções de posse material 1 existe a posse de um objeto, nas construções de posse abstrata 1, não se verifica exatamente uma posse, mas uma relação entre duas pessoas, nesse caso, uma relação hierárquica. Além disso, como se viu, os verbos que integram as construções de posse material são plenos, pois tanto *haver* como *ter* apresentaram como acepção primeira o sentido de *ter em sua posse* e *ter na mão*, respectivamente; o verbo *filhar*, como se viu, apresenta, desde o século XIV, mais construções com o sentido pleno de *apoderar-se* e o verbo *tomar*, no século XIV, possui o sentido de *segurar*. Contudo, para se obter a interpretação de posse abstrata 1, é necessário fazer uma leitura composicional e metafórica da construção formada pelo verbo+objeto, o que mostra que os verbos *haver*, *ter* e *filhar* são leves nessa construção. Na construção de posse abstrata 2, que denota a posse de um sentimento, os verbos também são leves, visto que também é preciso fazer uma leitura composicional do verbo+objeto para se obter esse sentido. Entretanto, ao denotar a posse de um sentimento, o sujeito deixa de ser *possuidor* e passa a ser considerado *experenciador* do sentimento expresso pelo substantivo abstrato que segue o verbo leve. Nesse caso, como houve um novo mapeamento, propôs-se que exista entre as CVL's de posse abstrata 1 e as CSVL's de posse abstrata 2 um *link* de extensão metafórica. Deve-se observar que as CVL's de posse abstrata 1 funcionam como uma forma intermediária entre a construção de posse material 1 e a construção de posse abstrata 2, já que apresenta elementos da primeira construção, como a sintaxe e semântica (com exceção do traço posse de um bem) e elementos da construção de posse abstrata 2, visto que, nas construções de posse abstrata 1, é necessário fazer uma leitura composicional e metafórica da construção VL+SN, assim como ocorre nas CSVL's de posse abstrata 2. Esse tipo de relação de herança, em que se observa uma construção intermediária, não foi proposto por Goldberg (1995)<sup>118</sup>. Entretanto, defendemos que essa relação possa ser representada como segue.

---

<sup>118</sup> Não foram encontradas construções de posse abstrata 1 integradas pelo verbo *tomar* nos *corpora* analisados.

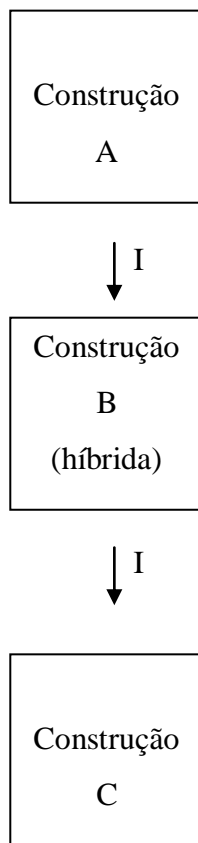


Figura 51- Relação de herança indireta.

Observe-se, na figura 51, que temos uma construção A que motiva uma construção B que motiva uma construção C. Como se vê, a construção B é híbrida, pois apresenta a sintaxe e os mesmos papéis temáticos de A, mas a sua forma de atribuição de papéis temáticos (atribuição de forma composicional e leitura metafórica do verbo) ocorre da mesma forma que na construção C. Essa, por sua vez, herda a sintaxe e a forma de atribuição de papéis temáticos de B, mas os mapeia de forma diferente.

Também foram encontrados outros tipos construções de dois lugares, integradas pelos verbos *haver* e *tomar*, formadas por SN+VL+SPrep. Essas construções, embora diferentes sintaticamente das construções de posse abstrata 1 e 2, apresentam as mesmas relações semânticas dessas construções, já que, na construção de posse abstrata 4, integrada por *haver*, observa-se uma relação entre duas pessoas e, na construção de posse abstrata 5, integrada por *haver* e *tomar*, verifica-se a posse metafórica de um sentimento. Assim, também se defendeu a existência de um *link* de extensão metafórica entre essas construções, como se vê a seguir.



Sem	POSSE ABSTRATA 4	< possuidor	possuído>
R: means			
	Haver/TOMAR POR PESSOA	< possuidor	possuído>
	↓	↓	↓
Syn	V+SPrep	SUBJ	OBL

Figura 52- Construção de posse abstrata 4

I<sub>M</sub>: Construção posse abstrata 4 para uma construção de posse abstrata 5.

Sem	POSSE ABSTRATA 5	< exp	causador de exp (estado)	>
R: means				
	Haver POR MARAVILHA	< possuidor	possuído	>
	↓	↓	↓	
Syn	V+SPrep	SUBJ	OBL	

Figura 53- Construção de posse abstrata 5

Em relação às construções de três lugares, integradas pelos verbos *haver* e *ter*, verificou-se uma relação direta (não foi observada uma construção intermediária) entre as construções de posse material 2 e as construções de posse abstrata 3, como se vê a seguir.

Sem	POSSE MATERIAL 2	< meta	fonte	possuído>
R: means				
	HAVER/TER	< possuidor	fonte	possuído >
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBL	OBJ

Figura 54- Construção de posse material 2

I<sub>M</sub>: Construção posse material 2 para construção de posse abstrata 3.

Sem	POSSE ABSTRATA 3	< exp	fonte	causador exp (estado) >
R: means				
	HAVER /TER SENTIMENTO	< possuidor	fonte	possuído >
	↓	↓	↓	↓
Syn	V+SN+SPrep	SUBJ	OBL	OBJ

Figura 55- Construção de posse abstrata 3

Vemos que as construções de posse material 2, em que os verbos *haver* e *ter* têm sentidos plenos, motivaram as construções de posse abstrata 3, que apresentam os mesmos verbos na sua versão leve, visto que, nessa construção, para se obter a leitura de uma posse metafórica de um sentimento, faz-se necessário entender a atuação composicional do verbo+objeto na atribuição de papéis temáticos. Propôs-se a existência um *link* de extensão metafórica entre as duas construções, visto que a CSVL de posse abstrata 3 herda a estrutura sintática da CVP de posse material 2, ou seja, a estrutura SN+V+SPrep+SN, mas ocorre um novo mapeamento na atribuição de papéis temáticos, porque os papéis de *meta* e *possuído* das CVP's de posse material 2 são mapeados como *experienciador* e *causador de experiência (estado)* nas CSVL's das construções de posse abstrata 3, pois, ao ter a posse de um sentimento, o sujeito sente a experiência provocada por ele. Nesse caso, teríamos a herança direta entre duas construções, como propõe Goldberg (1995).

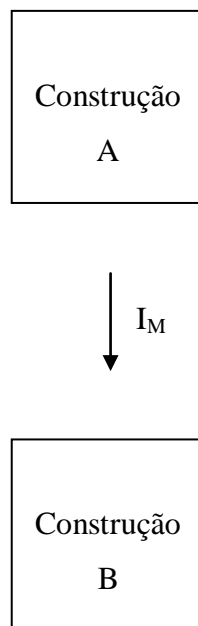


Figura 56- Relação de herança direta por meio de um *link* de extensão metafórica.

Na figura 56, representa-se a relação de herança direta, como a que foi verificada entre a CVP de posse material 2 e a CSVL de posse abstrata 3. Nesse caso, temos uma construção A que motiva uma construção B, que por sua vez, herda a sintaxe de A, mas, como ocorre um novo mapeamento semântico, B difere-se, parcialmente, de A.

Além das relações de herança entre as CVP's e as CSVL's também se verificaram relações de herança entre as CSVL's e as CSVPsico's acusativas não causativas e ergativas. Propusemos, nas seções anteriores, tomando como base a teoria de Norrick (1981) e Lakoff (1987), que os substantivos abstratos das CSVL's recuperam, metonimicamente, os *frames* dos verbos psicológicos e também estabelecem relações de herança com CSVPsico's desses verbos. Por exemplo, em construções como *haver medo*, *ter medo* e *filhar medo*, o substantivo abstrato *medo* remete, metonimicamente, ao *frame* de TEMER, visto que, nesse *frame*, estariam envolvidos: alguém que sente o medo, o próprio medo e algo que causa o medo. Vê-se, pois, que o substantivo abstrato *medo* faz parte do *frame*. Além disso, há que se destacar que a construção VL+SN apresenta o mesmo conceito do verbo psicológico *temer*, porque esse verbo atribui o papel temático de *experienciador* do sentimento medo ao sujeito e a construção VL+SN, composicionalmente, também atribui o papel temático de *experienciador* do medo ao sujeito. Nas construções de posse abstrata 5, observou-se

que o SPrep é que retoma, via *link* de extensão metonímica, o *frame* do verbo psicológico e também a CSPsico ergativa. Por exemplo, na construção *haver por maravilha*, o SPrep *por maravilha* retoma o *frame* de MARAVILHAR e também a CSVPsico integrada pelo verbo *maravilhar*, já que tanto a construção mencionada como o verbo atribuem papel temático de *experienciador* de uma maravilha ao sujeito. Propôs-se, portanto, esta configuração:

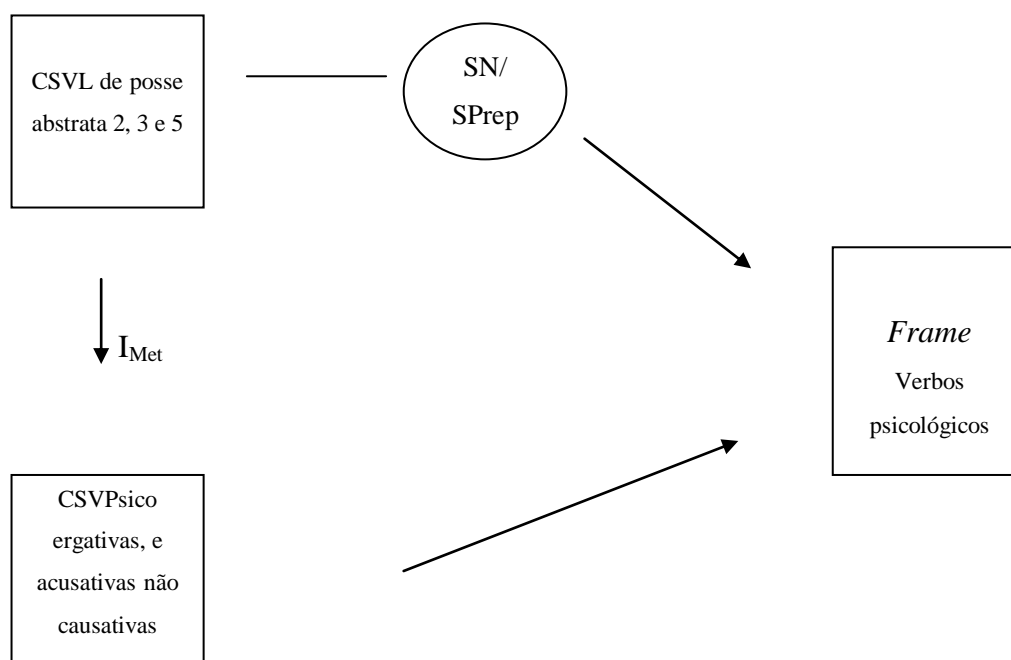


Figura 57- Relações de herança entre as CSVL's de posse abstrata e as CSVPsico's ergativas e acusativas não causativas.

Na figura 57, representaram-se as relações de herança entre as CSVL's de posse abstrata 2, 3 e 5 e as CSVPsico's ergativas e acusativas não causativas. Nesse caso, observe-se que o SN/SPrep da CSVL remete ao *frame* dos verbos psicológicos e a construção CSVL estabelece relações de herança com essas CSVPsico's por meio de um *link* de extensão metonímica.

Também é possível propor que as CSVPsico's ergativas mantêm relações de herança com as CSPsico's causativas. Goldberg (1995) defende que existem quatro tipos de *links* de herança, entre eles estaria o *link* de subpartes, que ocorre quando uma construção apresenta somente uma subparte de outra construção, mas existe

independentemente daquela. A autora exemplifica esse *link*, afirmando que existe um *link* de subparte entre a construção de moção intransitiva e a construção de moção causada (cf. seção 2.1.2). Da mesma forma, é possível propor que existe um *link* de subpartes entre as CSVPsico's ergativas e as CSVPsico's causativas quando o verbo pode integrar essas duas construções. Por exemplo, uma construção como *Maria (se) alegra* teria sido motivada por uma construção como *José alegra Maria*.

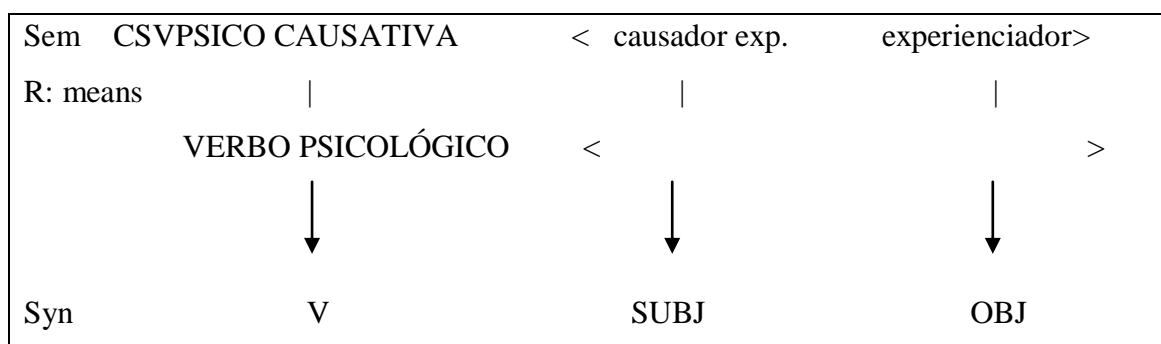


Figura 58- CSVPsico causativa

↓  
I<sub>S</sub>: CSVPsico causativa para  
CSPsico ergativa.

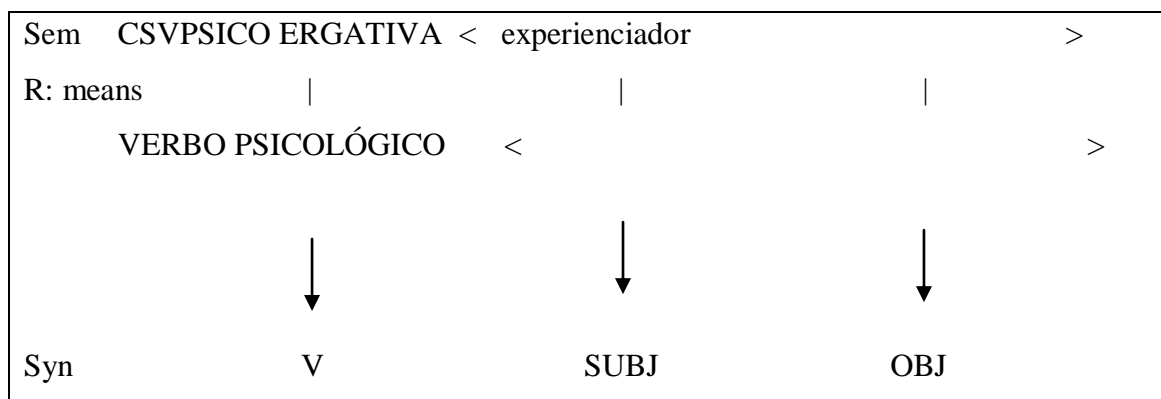


Figura 59- CSVPsico ergativa

Nesse caso, seguindo os pressupostos de Goldberg (1995), pode-se pensar que as CSVPsico's causativas motivaram as CSVPsico's ergativas, por meio de um *link* de subpartes, em que as construções ergativas herdariam parte da sintaxe e da semântica das construções causativas. A partir da análise da frequência dessas construções, pode-

se defender que as construções causativas motivaram as ergativas. Esse *link* de herança será analisado com mais detalhe na seção 4.7.

Para mostrar que essas relações de herança não se restringiam à classe dos verbos psicológicos, selecionaram-se outras CVL's integradas por *haver*, *ter*, *filhar* e *tomar* e verificou-se que relações semelhantes poderiam ser estabelecidas também para essas construções. A seguir, serão reapresentadas as ocorrências (246), (266), (274) e (280), como as ocorrências (281), (282), (283) e (284).

(281) "E forom nesta pelleja, segumdo fama, mortos das gallees bem duzentos e cimquenta, afora muytos feridos, e dos nauios ambos morerom quatro e alguuns outros ouueram feridas." (CRDJ, séc. XV, p. 12)

(282) "Quando eu era de XXII anos, El-Rei, (...) cuja alma Deus haja, dispondo-se para filhar a cidade de Ceuta, mandou-me que tivesse cargo do conselho, justiça e da fazenda que em sua corte se tratava, porque tanto haveria de trabalhar nos feitos que pertenciam para sua ida (...)." (LC, séc. XV, p. 101)

(283) "(...) filhando em isto exemplo daquele autor do Livro do Amante que certas histórias em ele escreveu de que se filham grandes bons conselhos e avisamentos." (LC, séc. XV, p. 28)

(284) "(...) e elles desto forom priuados per el-Rey dom Fernando seu jrmaão, fazendo as cousas que pertemçiam a estado do regno como lhe prazia, de que se seguiron muytos malles, como era notorio a todos: que lhe pediam por merçee que nom fizesse paz nem guera sem seu acordo, nem tomasse casamento." (CRDJ, séc. XV, p. 6)

Nessas ocorrências, as construções integradas pelos verbos *haver*, *ter*, *filhar* e *tomar* evocam o *frame* de verbos de outras classes semânticas, mas, mesmo assim, pode-se dizer que essas construções se assemelham às construções de posse abstrata 1, porque os verbos não denotam a posse de um bem material, mas a posse abstrata do SN que os segue e, como a obtenção desse sentido se dá de forma composicional, pode-se dizer que esses verbos são leves nessas construções. Dessa forma, assim como propusemos para as construções de posse abstrata 1, essas construções também estariam relacionadas por *links* de herança com as construções de posse material 1, herdando a

sintaxe e parcialmente a semântica dessas construções, já que a atribuição de papéis temáticos ocorre de forma composicional e o traço de posse material de um bem seria substituído pela posse abstrata.

Na próxima seção, serão estabelecidas as relações de herança entre as diferentes construções de mudança encontradas nos *corpora*.

#### 4.5 Construções de mudança (lugar, posse, estado): *dar, pôr, fazer e trazer*

Nesta seção, serão apresentadas as relações de herança das construções de mudança de lugar, mudança de posse (intituladas de causar-receber) e as construções de mudança de estado integradas pelos verbos *dar, pôr, fazer e trazer*. Para apresentar a relação entre essas construções, exibiremos as construções integradas por cada verbo e, ao final, veremos como essas construções estão conectadas entre si e como se relacionam ao *frame* dos verbos psicológicos.

##### 4.5.1 O verbo *dar*

Estes são os dados referentes ao verbo *dar*:

Tabela 23 - Número de ocorrências do verbo *dar* nos séculos analisados.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP	CVL	CVP	CVL	CVP	CVL	
Dar	16	14	33	68	40	7	178

Os dados da tabela 23 mostram que há um equilíbrio, no século XIV, entre as CVP's e as CVL's. Entretanto, no século XV, as CVL's são majoritárias e, no século XVI, o número de CVP's é superior ao de CVL's. Vejamos algumas ocorrências desse verbo integrando CVP's e CVL's:

(285) “E des que este dom Martim Sanchez morreo, nunca dom Rodrigo Gomez quis dar o condado a el rei dom Fernando, pero lho muitas vezes enviou pedir, até que o el rei houve a mandar emprazar, e chegou el a Sevilha.” (LLDP, séc. XIV, p. 298-299)

(286) “Des i er olheou em como estava no paaço u el rei estava, que se i tornasse mão que lhi seria logo estranhado por el rei, e houve-se de poer em ventura do receo d'el rei, e disse-lhis que mentiam, e deu a uu deles tam gram punhada que lhi britou logo uu olho; e com o outro se foi abraçar, e foi queer com el per ua feestra a fundo do paaço.” (LLDP, séc. XIV, p. 395)

(287) “(...) querendo-lhe gallodoar os seruiços que a nos e aos ditos nossos reynos ha feitas por as razoÆes soso ditas, porque o auemos por prol dos ditos reynos, de cujo regimento auemos emcarego polla dignidade que nos Deus deu, de que foy ajudador a dita çidade: (...)” (CRDJ, séc. XV, p. 8)

Na ocorrência (285), o verbo *dar* integra uma construção de causar-receber, em que o SN *Dom Gomez* é o sujeito *agente* que não quer oferecer o *condado* (*tema*) ao *rei Dom Fernando* (*meta*). Em (286), também é possível verificar uma construção de causar-receber, mas, nesse caso, o verbo *dar* é leve, já que a construção *dar-lhe uma punhada* não significa que o sujeito ofertou uma punhada a alguém, mas sim que *apunhalou, deferiu um golpe* contra alguém. Assim, o verbo *dar*, na construção de causar-receber em (286), tem que receber uma leitura metafórica e composicional e, portanto, essa ocorrência é uma CVL. E em (287), observa-se uma construção de mudança de estado, em que o sujeito *Deus* oferece *dignidade* ao objeto *nos*. Nesse caso, *Deus* é o *agente*, o SN *dignidade* receberia o papel argumento de *causador de experiência* (*estado*) e o SN *nos*, o papel de *experienciador*. Também nesse caso, é necessário realizar uma leitura metafórica e composicional, visto que não se trata da transferência de posse de um objeto, mas de um sentimento, a *dignidade*. Ao receber a dignidade, o objeto não será apenas um alvo, pois, como se trata de um sentimento a ser adquirido, que despertará uma experiência, o SN objeto será considerado um *experienciador*. Além disso, a construção *dar dignidade* remete ao *frame* do verbo psicológico DIGNIFICAR, que evoca um sujeito responsável por provocar a dignidade em alguém, o sentimento da dignidade e também um *experienciador* desse sentimento.



No caso da ocorrência (287), *Deus* é o SN *agente* responsável por provocar essa sensação, a *dignidade* aparece explícita como um SN pós-verbal e o objeto *nos* será o experienciador desse sentimento.

Pelo exposto no parágrafo anterior, pode-se perceber que consideramos o verbo *dar* pleno como aquele que ocorre em uma construção de transferência de posse, análise que vai ao encontro dos estudos de Scher (2003)<sup>119</sup>. Assim, para definir em quais construções *dar* estaria integrando uma CVP ou uma CVL nos guiamos pelos conceitos de verbo pleno e verbo leve, desenvolvidos na seção 1.2, pelas análises realizadas sobre esse verbo e pelo sentido mais antigo de *dar*, retirado de Cunha (2010). De acordo com o autor,

**Dar** vb. ‘doar, fazer presente de’ ‘produzir, soar, noticiar, abranger’ XIII. Do lat. *dare*. // **dação** 1873. Do lat. *datio –onis* // **dádiva** XIII. Do lat. med. *Dativa*, fem. Substantivado de *dativus*, com deslocamento do acento, possivelmente por influência de palavras como *dívida* // **dadivoso** XVI // **dado** 1813. Do lat. *datus*, part. pass. de *dare* // **dador** adj. ‘liberal’ XIV. Do lat. *dator –oris* // **dativo**<sup>1</sup> sm. ‘(Gram.) caso latino que indica o objeto indireto’ XVI. Do lat. *dativus (casus)* // **dativo**<sup>2</sup> adj. ‘nomeado por magistrado e não por lei’ XV. Do lat. *dativus* ‘que é dado’. (CUNHA, 2010, p. 199)

Dessa forma, considerando-se o princípio da precedência histórica, analisaram-se a frequência apresentada na tabela 23, as acepções apresentadas no dicionário etimológico e a estrutura sintático-semântica das ocorrências (285) a (287), para se propor estes *links* de herança entre essas construções.

---

<sup>119</sup> Confira seção 1.2.3.1.

Sem	CAUSAR-RECEBER	< ag	tema	meta >
R: means				
	DAR	< doador	dado	recededor>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 60- Construção causar-receber (“(...) nunca dom Rodrigo Gomez quis dar o condado a el rei dom Fernando,(...)”)

↓  
I<sub>P</sub>: Construção causar-receber para uma construção causar-receber abstrata 1.

Sem	CAUSAR-RECEBER ABST1	< ag	tema	meta >
R: means				
	DAR PUNHADA	< doador	dado	recededor>
	↓	↓	↓	↓
Syn	VL+SN	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 61- Construção causar-receber abstrata 1 (“(...) e deu a uu deles tam gram punhada (...)”)

↓  
I<sub>M</sub>: Construção causar-receber abstrata 1 para uma construção de mudança de estado do experienciador objeto 1.

Sem	MUDANÇA ESTADO EXP OBJ 1	< ag	causador exp(estado)	exp>
R: means				
	DAR DIGNIDADE	< doador	dado	recededor>
	↓	↓	↓	↓
Syn	VL+SN	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 62- Construção de mudança de estado do experienciador objeto 1 (“(...) de cujo regimento auemos emcarego polla dignidade que nos Deus deu, (...)”)

A construção causar-receber abstrata 1 pode estar relacionada à construção causar-receber por um *link* de polissemia, pois o verbo *dar*, na construção causar-receber, tem um sentido concreto e funciona como verbo pleno, mas, na construção causar-receber abstrata 1, que apresenta a mesma estrutura sintática e os mesmos papéis argumentos da construção causar-receber, esse mesmo verbo é mapeado de forma metafórica e recebe uma leitura composicional com o papel argumento *tema*. Como existe essa pequena diferença de sentido entre essas construções, pode-se propor que a construção causar-receber abstrata 1 é uma extensão de sentido da construção causar-receber. Propõe-se também que a construção de mudança de estado do experienciador objeto 1 esteja relacionada por um *link* de extensão metafórica com a construção causar-receber abstrata 1, já que o verbo *dar*, nessa construção, também apresenta uma leitura metafórica e composicional com o objeto, porém esse objeto, que era mapeado com o papel argumento de *tema*, passa a ser mapeado como um *causador experiência (estado)*, ou seja, o objeto também passa a receber uma leitura metafórica e ele, juntamente com o verbo, provoca um estado de experiência no sujeito.

Convém lembrar que também se podem propor relações de herança entre CSVL de mudança de estado do experienciador objeto e a CSVPsico causativa, porque, como foi dito, nesta construção, o verbo psicológico evoca um *agente* responsável por provocar uma sensação ao SN objeto *experienciador* e, na CSVL de mudança de estado do experienciador objeto, o SN do núcleo predicativo da CSVL, metonimicamente, recupera o *frame* do verbo psicológico cognato a ele e remete à CSVPsico causativa. Tomemos como exemplo a sentença (288), que é uma paráfrase da ocorrência (287)<sup>120</sup>.

(288) (...) querendo-lhe gallodoar os seruiços que a nos e aos ditos nossos reynos ha feitas por as razoÆes soso ditas, porque o auemos por prol dos ditos reynos, de cujo regimento auemos emcarego porque Deus nos dignificou, de que foy ajudador a dita çidade: (...) (CRDJ, séc. XV, p. 8)

O verbo *dignificar* de (288) atribui papel temático de *experienciador* ao objeto *nos* e de *agente* ao SN *Deus*. A construção *dar dignidade* da ocorrência (287) apresenta esses mesmos elementos, o SN *Deus* continua sendo o *agente*, o objeto o

<sup>120</sup> As paráfrases foram criadas a partir da nossa intuição.

*experienciador*, mas o *causador da experiência* será a própria sensação, no caso, a *dignidade*. Por essa razão, pode-se defender que essas construções estão relacionadas por *links* de extensão metonímica, conforme se verifica na figura 70.

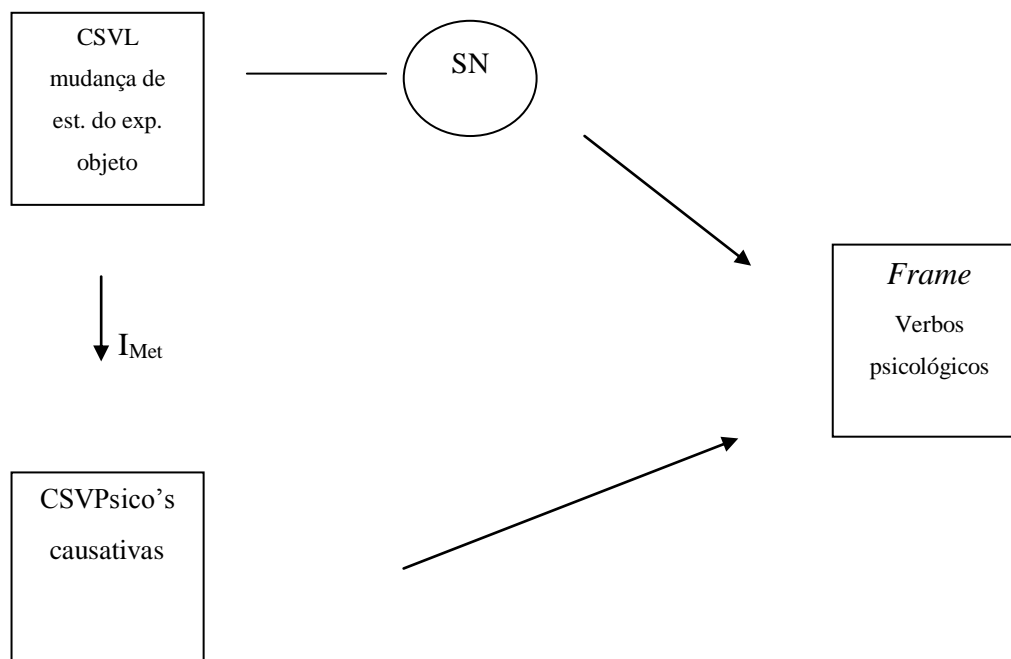


Figura 63- Relações de herança entre as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto e as CSVPsico's causativas.

Vejamos outras ocorrências em que *dar* integra CVL's, embora não remetam ao *frame* de verbos psicológicos.

(289) “Conselho para vós sobejo [demasiado] me parece escrever, porque a vossa grande bondade e discrição me faz não saber que avisamento vos possa dar, por que vós não sejais avisado.” (LC, séc. XV, p. 121)

(290) “E aqeste pensamento me deu esforço a pelejar com tal cuidado, como faria contra qualquer cousa contrária, ou tentação que me viesse.” (LC, séc. XV, p. 104-105)

(291) “Porende sobre tão forte padecimento outra cura ou remédio não saberia dar, senão que a Deus se encomende mui devotamente, (...)” (LC, séc. XV, p. 116)

As ocorrências de (289) a (291) são exemplos de CVL's integradas pelo verbo *dar*, haja vista que o verbo *dar* atua de forma composicional com o SN na atribuição de papéis temáticos e, além disso, é possível substituir a construção verbo dar+SN por um verbo cognato ao SN que compõe o núcleo predicativo. Por exemplo, o núcleo predicativo das CVL's presentes em (289), (290) e (291) poderiam ser substituídos por *avisar*, *forçar* e *curar*, respectivamente. Em todos esses casos, o verbo *dar* integra uma construção causar-receber abstrata, pois não se está transferindo um objeto, mas um elemento abstrato. Pode-se propor que essas construções apresentam as mesmas relações de herança da ocorrência (286), i. e., são uma extensão de sentido da construção causar-receber, visto que a atribuição de papéis temáticos ocorre de forma composicional e, ademais, não denotam uma transferência de um objeto, mas a transferência desse elemento abstrato. Também é possível defender que essas construções apresentam *links* de extensão metonímica com as CVP's integradas pelos verbos cognatos aos substantivos pertencentes ao núcleo predicativo das CVL's. Nas construções (289), (290) e (291), por exemplo, os SN's *avisamento*, *esforço* e *cura*, respectivamente, retomam os *frames* de AVISAR, FORÇAR e CURAR e também as CVP's integradas por esses verbos. O verbo *curar*, por exemplo, atribui o papel temático de *agente* da cura ao sujeito e de *paciente* ou *afetado* pela cura ao objeto e a construção *dar cura* atribui os papéis de *agente* da cura ao sujeito e de *paciente* ou *afetado* pela cura ao objeto (ainda que esse não esteja explícito na ocorrência (291)).

Na próxima seção, serão apresentadas as relações de herança das construções integradas pelo verbo *pôr*.

#### 4.5.2 O verbo *pôr*

O verbo *pôr*, no período analisado, integrou construções de mudança de lugar e construções de mudança de estado do experienciador objeto. Consideramos o verbo *pôr* em seu sentido pleno quando esse integrou construções de mudança de lugar, porque, conforme Cunha (2010, p. 511), desde o século XIII, o verbo significava “colocar, depor, impelir”, o que pode sinalizar que esse é sentido mais antigo do verbo. Além

disso, nas construções de mudança de estado do experienciador objeto, a atribuição de papéis temáticos se dá de forma composicional nas construções formadas por *pôr*+SN, o que nos leva a crer que o verbo, nessas construções, é leve. Outro indício de que, nas construções de mudança de lugar, o verbo *pôr* é pleno, é a análise do fator frequência, já que, nessas construções, ele é mais frequente desde o século XIV, conforme se vê na tabela 24.

Tabela 24 - Número de ocorrências do verbo *pôr* nos séculos analisados.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP	CVL	CVP	CVL	CVP	CVL	
Pôr	7	4	11	30	19	4	75

Como se pode notar, as CVP's superam as CVL's nos séculos XIV e XVI. Entretanto, no século XV, há quase três vezes mais construções formadas por verbo leve+SN. Dessa forma, o fator frequência pode indicar que as construções de mudança de lugar, integradas por *pôr* pleno, motivaram as construções de mudança de estado do experienciador objeto, integradas por *pôr* leve, seguindo as normativas do Princípio de precedência histórica (cf. seção 2.3). Estas são algumas das construções encontradas no período:

(292) “O qual, depois que ela per eles passou, se tornou e pôs sua face sobre seus gíolhos, chorando muitas lágrimas, que nom o sudairo só que em suas mãos tinha mais todos seus pectos eram cheios de água.” (VSP, séc. XIV, p. 123)

(293) “E quando forom cercar dom Alvar Perez de Crasto em Paredes, e que el pôs as barreiras de sirgo, a rainha dona Mecia Lopez de Portugal, que fora molher d'el rei dom Sancho Capelo, de que // el entom andava mui namorado, jazia de fora do cerco com essas outras companhas.” (LLDP, séc. XIV, p. 298)

(294) “El era d'idade de noventa e cinco annos, e ali lhe poserom nome o Boo Velho Lidador, como quer que o ja ante chamassem haviam gram tempo Lidador.” (LLDP, séc. XIV, p. 222)

(295) “(...) pode percalçar [alcançar] para pôr tal obra assim brevemente em escrito, porque algumas cousas se podem bem razoar que não são tais para escrever”. (LC, séc. XV, p. 23)

(296) “Mas ueo-nos aa memoria o dito de Fau(o)ryno fillosofo que nos pos tam gram medo que nom ousamos de o fazer (...)” (CRDJ, séc. XV, p. 1)

(297) “Terceiro, se tão poderosos não formos, espacemo-la, calando-nos ou nos apartando, assim que tirando-nos do azo, mais ligeiramente nos possamos pôr em bom assossego, por não fazer ou dizer cousa errada.” (LC, séc. XV, p. 90-91)

Na ocorrência (292), verifica-se o sentido mais concreto do verbo *pôr*, que denota *colocar alguma coisa em um lugar*. Nessa ocorrência, temos uma construção formada por SN+VP+SN+SPrep em que o SN *sua face* é o *tema* e oSPrep *sobre seus giolhos* receberia o papel argumento de *lugar*. Em (293), o verbo continua com parte de seu significado de *colocar em um lugar*, mas, nessa ocorrência, o SN *as barreiras de sirgo* complementam o sentido do verbo, que funciona como um verbo leve, já que *pôr barreiras* poderia ser substituído por *embarreirar*. Por essa razão, essas construções foram nomeadas de construções de mudança de lugar com verbo leve. Há que se destacar que, embora o papel argumento *lugar* não esteja preenchido na ocorrência (293), subentende-se que as barreiras foram afixadas em um determinado espaço físico. Assim, essa construção, sintaticamente, é formada por SN+VL+SN+ (SPrep). Já na ocorrência (294), verifica-se a mesma estrutura sintática das construções anteriores e, assim como ocorreu em (293), o verbo também é leve, pois a atribuição de papéis temáticos ocorre de forma composicional e, nesse caso, metafórica, em que o núcleo predicativo, formado por VL+SN atribui papel temático e pode ser substituído pelo verbo *nomear*. Nessa construção, o sujeito recebe o papel de *agente*, o SN *nome de tema*, visto que se pode pensar, metaforicamente, que o *nome* saiu do sujeito para o SPrep, e o SPrep de *meta*, pois é o alvo da ação de nomear. Essas construções foram nomeadas como construções de mudança de lugar abstratas 1. A ocorrência (295) também é uma construção de mudança de lugar abstrata, porém, nessa sentença, o núcleo predicativo é formado por VL+SPrep, que pode ser substituído, nesse contexto, por *escrever*. Nessa sentença, estão envolvidos os papéis temáticos *agente*, *tema* e *meta*.

Nesse caso, o alvo da ação de *escrever* é o SN *tal obra*, que recebe o papel temático de *meta* e o SPrep *em escrito* poderia receber o papel de *tema*, pois, metaforicamente, é possível defender que a escrita saiu do sujeito para o alvo. Em (296), o verbo *pôr* é leve, tendo seu sentido completado pelo SN *medo*, mas, nesse caso, o verbo recebe não só uma leitura composicional, mas também metafórica, já que a entidade que recebe o papel temático de *tema* não é mais um objeto, mas um *causador de experiência (estado)*. Sintaticamente, essa construção também apresenta um SN+VL+SN+(SPrep). Em (297), temos a mesma estrutura sintática de (296), SN+VL+SN+SPrep, porém o núcleo predicativo é formado pela construção VL+SPrep, já que *pôr em assossego* remete ao *frame* de SOSSEGAR. Além disso, nesse caso, o SPrep *em assossego* recebe o papel temático de *causador de experiência (estado)* e o objeto *nos* recebe o papel de *experienciador*. Propõe-se, portanto, as seguintes relações de herança para as construções integradas por esse verbo:



Sem	MUDANÇA LUGAR	< ag	tema	lugar >
R: means				
	PÔR	< quem pôe	o que é posto	lugar>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 64- Construção de mudança de lugar (“(...)se tornou e pôs sua face sobre seus gíolhos, (...)”)

I<sub>p</sub>: Construção de mudança de lugar para uma construção de mudança de lugar com VL

Sem	MUDANÇA LUGAR VL	< ag	tema	(lugar) >
R: means				
	PÔR BARREIRA	< quem pôe	o que é posto	lugar>
	↓	↓	↓	↓
Syn	VL+SN	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 65- Construção de mudança de lugar com verbo leve (“(...)“E quando foram cercar dom Alvar Perez de Crasto em Paredes, e que el pôs as barreiras de sirgo, (...)”)

I<sub>M</sub>: Construção de mudança de lugar com VL para construção de causar-receber abstrata 1.

Sem	CAUSAR-RECEBER ABST 1	< ag	tema	meta >
R: means				
	PÔR NOME	< quem pôe	o que é posto	lugar>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 66 - Construção de causar-receber abstrata 1 (“(...)e ali lhe poserom nome o Boo Velho Lidador,(...)”)

I<sub>p</sub>: Construção de causar-receber abstrata 1 para causar-receber abstrata 2.

Sem	CAUSAR-RECEBER ABST 2	< ag	tema	meta >
R: means				
	PÔR EM ESCRITO	< quem pôe	o que é posto	lugar>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBL	OBJ

Figura 67 - Construção de causar-receber abstrata 2 (“(...) pode percalçar [alcançar] para pôr tal obra assim brevemente em escrito, (...)”)

Propõe-se, nas figuras 64 e 65, que as construções de mudança de lugar teriam motivado as construções de mudança de lugar com VL. Pode-se observar, por exemplo, que as duas construções apresentam a mesma estrutura sintática e, semanticamente, diferem-se quanto à atribuição de papéis temáticos, já que, nas construções de mudança de lugar com VL, essa se dá de forma composicional por meio da construção VL+SN, o que não ocorre nas construções de mudança de lugar. Como a alteração de sentido é mínima entre as construções, defende-se que há entre elas um *link* de polissemia. As construções de mudança de lugar com VL, por sua vez, estariam relacionadas por um *link* de extensão metafórica às construções de mudança de lugar abstratas 1, porque o papel temático de *lugar* passa a ser mapeado como uma *meta*, papel que poderia ser pensado como um *lugar* metafórico. Já as construções de causar-receber abstratas 1 possuem relações de herança com as construções de causar-receber abstratas 2 por meio de um *link*- Ip, pois, nessas construções, a atribuição de papéis temáticos também se dá de forma composicional e metafórica, já que as construções *pôr nome* e *pôr em escrito* não envolvem uma mudança de lugar de um objeto, mas é possível considerar o SN *nome* e o SPrep *em escrito* temas metafóricos, pois se pode pensar que são elementos que saíram do sujeito para o objeto. Essas construções mantêm relações de herança, pois apresentam os mesmos papéis argumentos e a mesma estrutura sintática SN+VL+SN+SPrep, porém a ligação entre os papéis semânticos e as funções sintáticas ocorre de forma diferente. Nas construções de causar-receber 1, o sujeito recebe o papel de *agente*, o SN objeto de *tema* e o SPrep de *meta* e, nas construções de causar-receber abstratas 2, o sujeito recebe o papel de *agente*, o SPrep *tema* e o SN de *meta*. Já as

construções de causar-receber 1 e 2 estão relacionadas às construções de mudança de estado do experienciador objeto, conforme se vê abaixo.

Sem	CAUSAR-RECEBER ABST 1	< ag	tema	meta >
R: means				
	PÔR NOME	< quem pôe	o que é posto	lugar >
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 68- Construção causar-receber abstrata 1 (“(...)e ali lhe poserom nome o Boo Velho Lidador,(...)”)

↓  
 I<sub>M</sub>: Construção de causar-receber abstrata 1 para construção de mudança de estado do exp. objeto 1

Sem	MUDANÇA ESTADO EXP OBJ 1	< ag	causador exp /estado (exp)>
R: means			
	PÔR MEDO	< quem pôe	o que é posto
	↓	↓	↓
Syn	V+SN	SUBJ	OBJ

Figura 69- Construção de mudança de estado do experienciador objeto 1 (“(...)o dito de Fau(o)ryno fillosofo que nos pos tam gram medo que nom ousamos de o fazer (...)”)

Sem	CAUSAR-RECEBER ABST 2	< ag	tema	meta >
R: means				
	PÔR EM ESCRITO	< quem pôe	o que é posto	lugar >
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBL	OBJ

Figura 70- Construção de causar-receber abstrata 2 (“(...)“(...) pode percalçar [alcançar] para pôr tal obra assim brevemente em escrito (...)”)

↓ I<sub>M</sub>: Construção de causar-receber abstrata 2 para construção de mudança de estado do exp. objeto 2

Sem	MUDANÇA ESTADO EXP OBJ 2	< ag	causador exp /estado	(exp) >
R: means				
	PÔR EM ASSOSSEGO	< quem pôe	o que é posto	lugar >
	↓	↓	↓	↓
Syn	V+SPrep	SUBJ	OBL	OBJ

Figura 71- Construção de mudança de estado do experienciador objeto 2 (“(...)calando-nos ou nos apartando, assim que tirando-nos do azo, mais ligeiramente nos podemos pôr em bom assossego, (...)”)

Propôs-se que as construções de causar-receber abstratas 1 motivaram as construções de mudança de estado do experienciador objeto 1 por um *link-I<sub>M</sub>*, pois ambas apresentam a mesma estrutura sintática de SN+V+(SPrep), mas ocorre um novo mapeamento semântico, porque os papéis argumentos de *tema* e de *meta* da construção de causar-receber abstratas 1 passam a ser mapeados como *causador de experiência (estado)* e *experienciador*, respectivamente, nas construções de mudança de estado do experienciador objeto 1, conforme se vê nas figuras 68 e 69. Semanticamente, pode-se pensar que, na ocorrência (296), representada na figura 69, a entidade *medo* estaria relacionada ao papel argumento *tema*, porque, metaforicamente, o medo sai do *agente* e se transporta para o *experienciador*, esse que também não deixa de ser uma *meta*, se

pensarmos de forma metafórica. Ao provocar o sentimento de medo no sujeito, ele não pode ser considerado apenas um alvo ou um lugar, mas é, principalmente, uma entidade afetada pela experiência do medo, ou seja, um *experienciador*. O mesmo se pode dizer das construções representadas nas figuras 70 e 71, que se diferenciam das anteriores, quanto à ligação entre papéis temáticos e funções sintáticas. Como se vê, estão envolvidos os mesmos papéis argumentos e os mesmos elementos sintáticos das figuras 68 e 69, porém o *tema* e o *causador de experiência (estado)* são SPrep's e a *meta* e o *experienciador* são SN's.

Como se pôde ver, para estabelecermos as relações de herança dessas construções, analisaram-se a frequência, a etimologia do verbo *pôr*, as estruturas sintáticas e semânticas.

Convém observar que, na CSVL de mudança de estado do experienciador objeto1, o SN *medo*, metonimicamente, evoca o *frame* de AMEDRONTAR e a construção *pôr medo* recupera a CSVPsico causativa integrada pelo verbo *amedrontar*. Sabemos que tanto o *frame* de AMEDRONTRAR quanto a construção *pôr medo* evocam um causador da experiência do medo, a sensação do medo e alguém que experiencia o medo. Já a CSVL *pôr medo* e a CSVPsico causativa *amedrontar* se diferenciam, porque, na CSVL, a entidade *medo* aparece explicitamente e forma um núcleo predicativo junto com o VL e, na CSVPsico causativa, a entidade *medo* é inferida pelo significado do verbo. Destaque-se que as construções de mudança de estado do experienciador objeto 2, integradas pelo núcleo predicativo *pôr*+SPrep, diferenciam-se das anteriores somente, porque, nesse caso, é o SPrep que retomará o *frame* dos verbos psicológicos metonimicamente. Podem-se propor, então, estas relações de herança<sup>121</sup>:

---

<sup>121</sup> Ocorreu, nos *corpora*, a construção *pôr em suspeita*, que retoma, metonimicamente, a CSVPsico acusativa não causativa, mas, como foi o único caso, ele não foi contemplado na figura 72 a seguir.

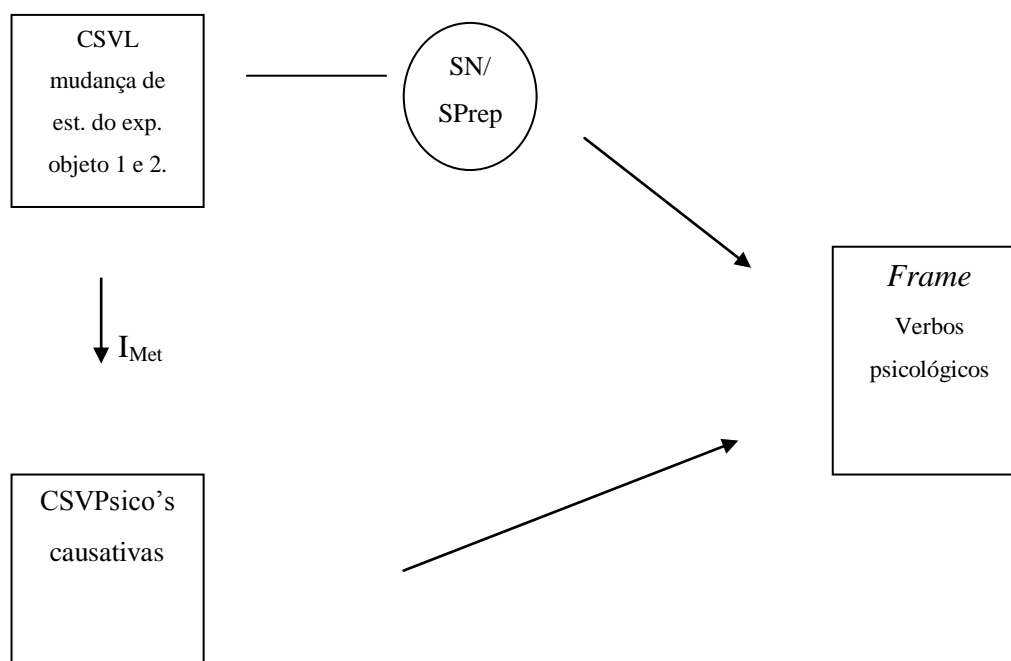


Figura 72- Relações de herança entre as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 1 e 2 e as CSVPsico's causativas.

Na figura 72, defende-se que o SN/SPrep do núcleo predicativo da CSVL de mudança de estado do experienciador objeto retoma, metonimicamente, o *frame* dos verbos psicológicos e, além disso, propõe-se que há um *link* de extensão metonímica entre essas CSVL's e as CSVPsico's causativas.

Vimos que as CVP's integradas pelo verbo *pôr* estão relacionadas histórica-sintática-semântica às CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto e essas relações de herança são intermediadas pelas outras CVL's integradas pelo verbo *pôr*. É importante lembrar que essas últimas também estão relacionadas, metonimicamente, aos verbos cognatos pelos SN's/SPrep's dos seus núcleos predicativos. Assim, também é possível propor que as CVL's de causar-receber abstratas e as CVL's de mudança de lugar estariam relacionadas por um *link* de extensão metonímica às CVP's integradas pelos verbos cognatos aos SN's/SPrep's pertencentes ao núcleo predicativo das CVL's. Por exemplo, na ocorrência (294), a construção *pôr nome* remete ao *frame* de NOMEAR e também à construção integrada pelo verbo *nomear*, já que, nessa construção, estão envolvidos um *agente* responsável por nomear e uma *meta* que receberá um nome e, na construção de causar-receber

abstrata, também há um sujeito *agente* e uma *meta* que será o alvo da ação do sujeito. As construções se diferenciam, porque, na construção causar-receber abstrata, o elemento *nome* está explícito e faz parte do núcleo predicativo da CVL, mas, na outra construção, infere-se esse elemento do significado do verbo. Isso é um sinal de que as relações de herança estabelecidas para os verbos psicológicos, ou parte dessas relações, também ocorrem em outras classes semânticas.

Vejam, na próxima seção, as relações de herança das construções integradas pelo verbo *fazer*.

#### 4.5.3 O verbo *fazer*

Nesta seção, apresentaremos as relações de herança do verbo *fazer*. De acordo com Cunha (2010, p. 287), *fazer* vem do latim *facere*, surge no século XIII, significando *executar, realizar, fabricar*. Por essa razão, propomos que esse seja o sentido pleno de *fazer* ainda que, de acordo com o fator frequência (cf. tabela 25), o verbo tenha apresentado mais ocorrências com o sentido que nós consideramos leve. Nossa análise pode ser corroborada também pela pesquisa de MachadoVieira (2003), pois, de acordo com a autora, o verbo *fazer* pleno precisa de dois argumentos, uma entidade controladora (um sujeito animado) e uma entidade controlada que mudará de estado ou passará a existir depois da ação do sujeito. Ainda de acordo com a autora, essa é a acepção mais comum citada, em primeiro lugar, por lexicógrafos e estudiosos. Convém destacar que o verbo *fazer* também pode funcionar como um auxiliar, como defende MachadoVieira (2003), sendo utilizado para marcar a causação. Lembramos que os verbos auxiliares não serão estudados neste trabalho, logo essas construções serão apresentadas, mas não serão analisadas. Vejam os dados desse verbo na tabela 25.

Tabela 25 - Número de ocorrências do verbo *fazer* nos séculos analisados.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP	CVL	CVP	CVL	CVP	CVL	
Fazer	22	42	193	118	26	19	420

Estas são algumas ocorrências que podem ilustrar os dados do período:

(298) “Faziam dous carpenteiros huua grande cruz dhuu paaq que se omtem pera yssó cortou.” (CPV, séc. XVI, p. 9)

(299) “(...) e fezerom-no viver com grandes pecados, filhando muitas molheres, que lhe foi maa estança, e matou muitos e boos d'alto linhagem, antre os quaes matou o ifante dom Fernando e o ifante dom Joham, (...)” (LLDP, séc. XIV, p. 214)

(300) “E mandou-lhe fazer um leito em na sala, em um canto à entrada (...)” (VSA, séc. XIV, p. 126)

(301) “Fiz trasladar em alguns certos capítulos doutros livros, por me parecer que faziam declaração e ajuda no que escrevia.” (LC, séc. XV, p. 27)

(302) “E faziam-lhe muitas enjúrias” (VSA, séc. XIV, p. 127)

(303) “Tu veeste aqui e fezeste gram loucura, ca nos teus paaços poderas filhar esta peendenza.” (LLDP, séc. XIV, p. 209)

(304) “Nunca por ligeira cousa moueo guera comtra seus emmigos; mas vemdo como a paz he humma asessegada liberdade, muyto trabalhaua sempre por seer dacordo com elles, castigamdo os seus com tal descriçom que lhes nom fizessem nenhuum nojo per que se leuantasse amtrellles desuairo.” (CRDJ, séc. XV, p. 2)

Dois tipos de construções com o verbo *fazer* no seu sentido pleno foram encontradas, a saber: *fazer*, na construção resultativa, em (298), acompanhado por um SN sujeito *agente* e um SN *paciente* e *fazer*, na construção causar-receber, em (300),



na qual está acompanhado por um SN *tema* e um oblíquo que recebe o papel temático de *meta*. Na ocorrência (299), *fazer* está seguido por um sujeito de infinitivo e funciona como auxiliar, servindo para marcar a causatividade do evento. Nas ocorrências (301), (302), (303) e (304), esse verbo funciona como verbo leve, já que é necessária, em todos os casos, uma leitura composicional de *fazer*+SN. Em (301) e (303), temos construções resultativas abstratas, já que o sujeito *agente* não produz um objeto, mas *declaração* e *loucura*, respectivamente. Assim, na ocorrência (301), a construção *fazer declaração* remete ao *frame* de DECLARAR e atribui papel temático de *agente* ao sujeito e de *tema*, ao SN *declaração*, visto que se pode pensar que, metaforicamente, o *tema* saiu do sujeito para um alvo, ainda que este não esteja expresso na sentença. Já na ocorrência (303), a construção *fazer loucura* atribui papel temático de *experenciador* ao SN sujeito e de *causador de experiência (estado)* ao SN objeto. Em (302) e (304), encontramos construções de mudança de estado do experienciador objeto, visto que, em (302), por exemplo, um sujeito *agente* profere ou cria *injúrias*, que receberia o papel temático de *causador de experiência (estado)*, e a construção *fazer injúrias* provoca uma experiência no objeto que, por isso, é considerado um *experenciador*. Observem-se, a seguir, os *links* de herança propostos para essas construções.

Sem	RESULTATIVA	< ag	paciente	>
R: means				
	FAZER	< fazedor	feito	>
	↓	↓	↓	
Syn	V	SUBJ	OBJ	

Figura 73- Construção resultativa (“Faziam dous carpenteiros huua grande cruz dhuu paa (...)”)

↓ I<sub>M</sub>: Construção resultativa para construção resultativa abstrata.

Sem	RESULTATIVA ABSTRATA	< exp	causador exp (estado)	>
R: means				
	FAZER LOUCURA	< fazedor	feito	>
	↓	↓	↓	
Syn	VL+SN	SUBJ	OBJ	

Figura 74- Construção resultativa abstrata (“Tu veeste aqui e fezeste gram loucura, (...)”)

As figuras 73 e 74 mostram as relações de herança entre as construções resultativas e as construções resultativas abstratas, tomando-se por base o Princípio de precedência histórica, Corolário B, já que, como se viu na tabela 25, a construção mais frequente não apresenta o verbo em seu sentido etimológico. Assim, considerando-se o sentido etimológico do verbo e a semelhança sintático-semântica, propôs-se, entre essas construções, um *link* de extensão metafórica, pois o SN *paciente* da construção resultativa passa a ser mapeado como um *causador de experiência (estado)* nas construções resultativas abstratas e o sujeito que era considerado *agente* passa a ser um *experienciador* da ação de *fazer loucura*.

O verbo *fazer* também integra construções de três lugares, cujas relações de herança são ilustradas a seguir.

Sem	CAUSAR-RECEBER	< ag	tema	meta	>
R: means					
	FAZER	< fazedor	feito		>
	↓	↓	↓	↓	
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBL	

Figura 75- Construção causar-receber (“E mandou-lhe fazer um leito em na sala (...)”)

↓  
 I<sub>p</sub>: Construção causar-receber para construção a construção causar-receber abstrata 1.

Sem	CAUSAR-RECEBER ABST 1	< ag	tema	meta	>
R: means					
	FAZER DECLARAÇÃO	< fazedor	feito		>
	↓	↓	↓	↓	
Syn	VL+SN	SUBJ	OBJ	OBL	

Figura 76- Construção causar-receber abstrata 1 (“(...) por me parecer que faziam declaração e ajuda no que escrevia.”)

↓  
 I<sub>M</sub>: Construção causar-receber abstrata 1 para construção de mudança de estado do experienciador objeto 1.

Sem	MUDANÇA DE ESTADO EXP OBJ 1	< ag	causador exp(estado)	exp	>
R: means					
	FAZER INJÚRIA	< fazedor	feito		>
	↓	↓	↓	↓	
Syn	VL+SN	SUBJ	OBJ	OBL	

Figura 77- Construção de mudança de estado do experienciador objeto 1 (“E faziam-lhe muitas enjúrias”)

Propõe-se, a partir das figuras 75 e 76, que a construção de causar-receber esteja relacionada por um *link* de polissemia à construção de causar-receber abstrata 1. Como se pode ver, essas construções apresentam os mesmos papéis argumentos e a mesma estrutura sintática, porém se diferenciam quanto à forma de atribuição de papéis temáticos, pois, na construção causar-receber abstrata 1, essa atribuição ocorre de forma composicional e metafórica, já que o alvo da ação não receberá um objeto, mas um elemento abstrato, no caso, uma declaração. Nas figuras 76 e 77, apresentaram-se as relações de herança entre as construções de causar-receber abstrata 1 e as construções de mudança de estado do experienciador objeto 1. Nesse caso, observa-se que o papel argumento *tema* seria mapeado como um *causador de experiência (estado)* e o papel argumento *meta* passaria a ser mapeado como um *experienciador*. Na sentença (301), dizemos que *uma declaração é o tema*. Normalmente, o *tema* é a entidade que sofre uma mudança de lugar, nesse caso, pode-se dizer que houve um deslocamento metafórico, em que a declaração saiu do sujeito para o objeto. Assim, o papel argumento *tema* foi mapeado como um *causador de experiência (estado)*, uma vez que se pode pensar, também metaforicamente, que a entidade *enjuria* saiu de uma pessoa para outra, porém esse sentimento provocará uma experiência no sujeito, sendo, então, o *causador de experiência (estado)*. Além disso, a entidade que recebe a declaração deixa de ser uma *meta* e é mapeada como um *experienciador*, pois adquire uma experiência.

Como se pode ver, estamos partindo do pressuposto de que as construções que têm um sentido mais concreto originaram as construções que apresentam um sentido mais abstrato, embora, na tabela 25, o número de construções com verbos leves integradas pelo verbo *fazer* tenha sido superior ao número de construções com verbos plenos. Escolheu-se esse pressuposto, já que esse caminho é seguido por quase todos os verbos apresentados na tabela 12, também por causa da etimologia do verbo e da análise da estrutura sintática e semântica das construções que integra (Princípio de precedência histórica, Corolário B). Além disso, há que se destacar que o verbo *fazer* é o verbo mais frequente dessa tabela, o que pode significar que as CVL's integradas por esse verbo tenham surgido em períodos anteriores da língua.

Convém ressaltar que, assim como ocorre com os demais verbos, as CSVL's integradas pelo verbo *fazer* também remetem ao *frame* dos verbos psicológicos, por meio do SN que compõe o núcleo predicativo junto com o verbo leve. Por exemplo, o SN *injúria* remete ao *frame* de INJURIAR e a construção *fazer injúria* recupera a CSVLPsico causativa integrada pelo verbo *injuriar*, pois esse verbo atribui papel

temático de *agente* ao sujeito e de *experienciador* ao objeto e a construção *fazer injúria* atribui papel temático de *agente* ao sujeito, de *experienciador* ao objeto indireto e de *causador de experiência (estado)* ao SN *injúria*. Assim, pode-se dizer que essas construções estão relacionadas por um *link* de extensão metonímica. É interessante observar que as CSVL's integradas pelo verbo *fazer* também estão ligadas por um *link* de extensão metonímica às CSVPsico's ergativas, já que, nas construções resultativas abstratas, como se viu na ocorrência (303), o SN *loucura* remete ao *frame* de ENLOUQUECER e a construção *fazer loucura* remete ao conceito de *enlouquecer*. Ilustramos essas relações a seguir.

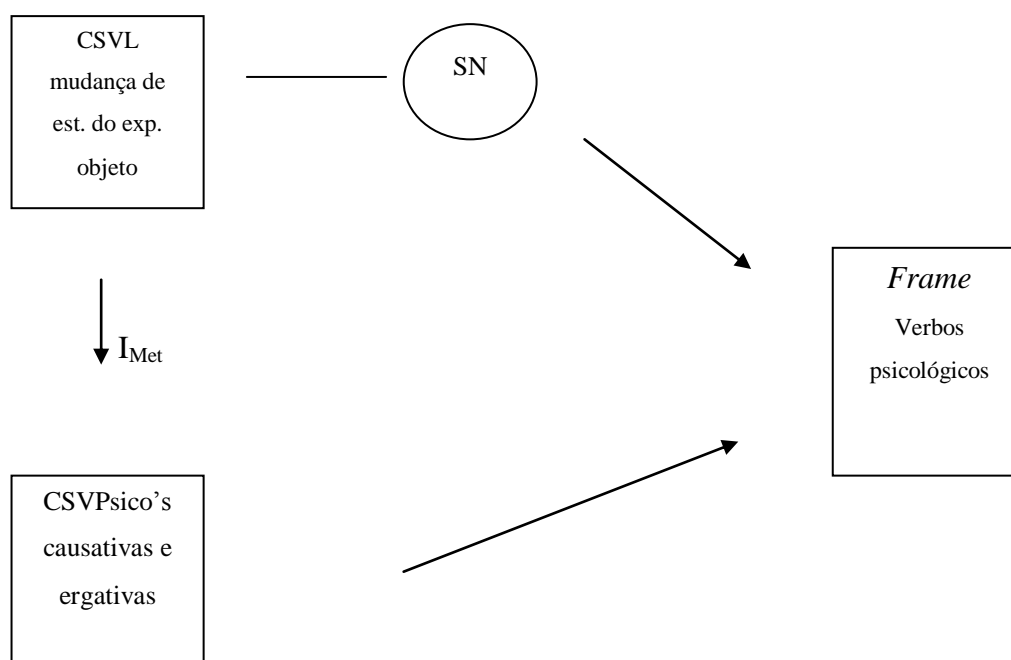


Figura 78 - Relações de herança entre as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto e as CSVPsico's causativas e ergativas.

Há que se destacar que as relações de herança estabelecidas entre as CSVL's e construções que evocam o *frame* dos verbos psicológicos podem ser consideradas para outras classes semânticas, uma vez que foram encontradas construções como *fazer declaração* em que o SN *declaração* remete ao *frame* de DECLARAR e a construção *fazer declaração* evoca a CVP integrada por esse verbo.

Na próxima seção, trataremos das construções integradas pelo verbo *trazer*.

#### 4.5.4 O verbo *trazer*

De acordo com Cunha (2010, p. 648), o verbo *trazer* vem da forma latina *trahere* e aparece na língua portuguesa como *trager*, no século XIII, e como *trazer* no século XV, significando “conduzir ou transportar para cá”. Por essa razão e como os dados da tabela 26 atestam, considerou-se que verbo *trazer* pleno apresentava esse significado. Vejamos os dados desse verbo:

Tabela 26 - Número de ocorrências do verbo *trazer* nos séculos analisados.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP	CVL	CVP	CVL	CVP	CVL	
Tomar	5	0	16	28	39	0	88

Os dados da tabela 26 permitem ver que o verbo *trazer* não integra CVL's no século XIV ou no século XVI, mas, no século XV, as CVL's superam as CVP's. Estas são algumas ocorrências desse verbo:

(305) “E el-rei, quando esto ouviu, ficou mui triste; pero, por nom anotar seu filho, mandou trazer muitos cavalos bem guarnidos e mandou que andasse per u ele quisesse.” (LBJ, séc. XIV, p. 118)

(306) “Alegando que trazia de terra longínqua uma pedra preciosa, mais valiosa que todas as riquezas e só podia ser vista por quem fosse virtuoso.” (LBJ, séc. XIV, p. 119)

(307) “Os autos da sua vida trouue sempre so jugo de christãa fee, semdo muy obediente ao alto Pastor da Igreja, avendo homrada e onesta reuerença aos prellados e ministros della.” (CRDJ, séc. XV, p. 2)

(308) “E que a muitos por chã ou alguma cousa escura não praza, poderá ser que alguns por os ensinos e avisamentos que, Deus querendo, em este tratado serão escritos, de mal fazer se refrearem, e para viver virtuosamente serão induzidos, a qual esperança não

pouco me acrescenta bom desejo de o trazer a proveitosa perfeição.” (LC, séc. XV, p. 27)

(309) “(...) e de seus senhores trouxessem bom contentamento do que lhes desse, sabendo que naquestas três partes os mais faleciam.” (LC, séc. XV, p. 42)

(310) “(...) e com a graça do Senhor traz seu coração em bom sossego, porque em ele são estes três poderes.” (LC, séc. XV, p. 122)

Na ocorrência (305), o verbo *trazer* está em uma construção de causar-receber, em que o SN *muitos cavalos bem guarnidos* receberia o papel argumento de *tema*, já que sofreram um deslocamento, e subentende-se que esses cavalos foram trazidos para alguém ou para o próprio enunciador, mas o papel argumento *meta* não está explícito. Em (306), observa-se uma construção de mudança de lugar, em que temos o verbo *trazer* pleno, seguido do SPrep *de terra longínqua* que recebe o papel argumento de *fonte*, já que é a origem do SN *uma pedra preciosa*, cujo papel argumento é *tema*. Na ocorrência (307), o verbo *trazer* está em uma construção de mudança de lugar que deve ser entendida no sentido metafórico. Nesse caso, é seguido pelo SN *os autos da vida* que também pode ser entendido como um *tema*, pois, metaforicamente, *os autos da vida* sofreram um deslocamento e o SPrep *so jugo de christãa fee* poderia receber o papel argumento de *instrumento*, pois poderia ser a ferramenta usada por alguém para trazer esses autos. Nas ocorrências (308), (309) e (310), o verbo *trazer* é leve e deve receber uma leitura metafórica e composicional. Em (308), o verbo está em uma construção de mudança de estado do experienciador objeto, em que SN *a proveitosa perfeição* receberia o papel argumento de *tema*, pois se pode pensar, metaforicamente, que a perfeição saiu de um sujeito para o outro, mas como provocou uma experiência no sujeito, seu papel deve ser de *causador de experiência (estado)* e o objeto *o* é o *experienciador* dessa ação. Na ocorrência (309), o verbo *trazer* está em uma construção de mudança de estado, na qual se verificam os papéis temáticos de *fonte*, representado pelo SPrep *de seus senhores* e *causador de experiência (estado)*, representado por *bom contentamento*, que vai gerar uma experiência no sujeito. Em (310), observa-se o verbo *trazer* em uma construção de mudança de estado do experienciador objeto. Nessa construção, é seguido pelo SN *seu coração* que poderia receber o papel argumento de *experienciador* (que, nesse caso é compartilhado com o sujeito da oração, uma vez que

*o coração* pertence ao sujeito) e o SPrep *em bom sossego* receberia o papel argumento de *causador da experiência (estado)*, porque *trazer em bom sossego o coração* provoca uma experiência no sujeito.

As relações de herança dessas construções, exibidas a seguir, baseiam-se no Princípio de precedência histórica (cf. seção 2.3), pois vimos que a CVP antecede, historicamente, as CVL's e/ou as CSVL's. Em primeiro lugar, apresenta-se a relação de herança entre as construções de causar-receber e a construção de mudança de estado do experienciador objeto 1.

Sem	CAUSAR-RECEBER	< ag	tema	meta >
R: means				
	TRAZER	< quem traz	trazido	>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 79- Construção causar-receber (“(...) por nom anojár seu filho, mandou trazer muitos cavalos bem guarnidos (...)”)

I<sub>M</sub>: Construção causar-receber para uma construção de mudança de estado de experienciador objeto 1.

Sem	MUDANÇA ESTADO EXP OBJ 1	< ag	causador exp (estado)	exp >
R: means				
	TRAZER PERFEIÇÃO	< quem traz	trazido	>
	↓	↓	↓	↓
Syn	VL+SN	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 80-Construção de mudança de estado de experienciador objeto 1 (“(...) a qual esperança não pouco me acrescenta bom desejo de o trazer a proveitosa perfeição.”)



Nas figuras 79 e 80, representou-se a relação de herança, por meio de um *link* de extensão metafórica, existente entre as construções de causar-receber e a construção de mudança de estado de experienciador objeto 1. Como se pode ver, o papel temático *tema* é mapeado como um *causador experiência (estado)*, na figura 80, uma vez que se pode pensar que *a perfeição*, metaforicamente, saiu de um sujeito para o outro e o papel de *meta* é mapeado como *experienciador* e não somente como aquele que recebe um objeto ou entidade, mas como uma pessoa que tem uma experiência.

Sem	MUDANÇA LUGAR FONTE	< ag	tema	fonte>
R: means				
	TRAZER	< quem traz	trazido	>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 81- Construção de mudança de lugar originada de uma fonte (“Alegando que trazia de terra longínqua uma pedra preciosa, (...)”)

↓  
 I<sub>M</sub>: Construção de mudança de lugar originada de uma fonte para construção de mudança de estado originada de uma fonte.

Sem	MUDANÇA ESTADO FONTE	< exp	causador exp (estado)	fonte	>
R: means					
	TRAZER CONTENTAMENTO	< quem traz	trazido		>
	↓	↓	↓	↓	
Syn	VL+SN	SUBJ	OBJ	OBL	

Figura 82- Construção de mudança de estado originada de uma fonte (“(...) e de seus senhores trouxessem bom contentamento (...)”)

As figuras 81 e 82, que representam as ocorrências (306) e (309) respectivamente, ilustram um *link* de extensão metafórica entre as construções de mudança de lugar originada de uma fonte e de mudança de estado originada de uma

fonte. Nesse caso, o papel argumento *tema* da construção de mudança de lugar originada de uma fonte é mapeado como um *causador de experiência (estado)* na figura 82 e o papel argumento de *agente* passa a ser o *experienciador* do contentamento trazido.

Sem	MUDANÇA LUGAR INST	< ag	tema	instrumento>
R: means				
	TRAZER	< quem traz	trazido	>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 83- Construção de mudança de lugar através de um instrumento (“Os autos da sua vida trouue sempre so jugo de christãa fee, semdo muy obediente ao alto Pastor da Igreja (...)”)

↓  
 I<sub>M</sub>: Construção de mudança de lugar através de um instrumento para uma construção de mudança de estado do experienciador objeto 2.

Sem	MUDANÇA ESTADO EXP OBJ 2	< ag/exp	exp causador	exp(estado) >
R: means				
	TRAZER EM ASSOSSEGO	< quem traz	trazido	>
	↓	↓	↓	↓
Syn	VL+SPrep	SUBJ	OBJ	OBL

Figura 84- Construção de mudança de estado do experienciador objeto 2 (“(...) e com a graça do Senhor traz seu coração em bom sossego, porque em ele são estes três poderes.”)

Nessa construção, que não é muito recorrente nos dados, o SPrep que pode ser considerado um *instrumento*, na figura 83, é mapeado como um *causador de experiência (estado)*, na figura 84, e o *tema* passa a ser mapeado como um

*experienciador*. Nesse caso, assim como na ocorrência (307), *so jugo de christaa fee* eram um instrumento para se conseguir levar os autos, na ocorrência (310), pode-se pensar que, para se chegar até ali, era necessário ter como instrumento o *sossego*, que, no caso, é o responsável por provocar uma experiência no sujeito. Observamos também que o *tema* da ocorrência (307) passa a ser mapeado como um *experienciador* na ocorrência (310), mas esse *experienciador* partilha a experiência com o sujeito, uma vez que o SN *seu coração* é uma parte do sujeito. Assim, poder-se-ia pensar que essas construções estão relacionadas por um *link* de extensão metafórica.

Deve-se observar também que as CSVL's integradas por *trazer* relacionam-se com as CSVPsico's causativas, pois, na ocorrência (308), o SN *perfeição* remete ao *frame* APERFEIÇOAR e a construção *trazer perfeição* remete à construção integrada pelo verbo *aperfeiçoar*. O *frame* APERFEIÇOAR evoca a entidade perfeição, alguém que provoca o estado de perfeição e alguém ou coisa que será aperfeiçoado. A CSVPsico, integrada por *aperfeiçoar*, evoca um sujeito que provoca a experiência e alguém que passa pela experiência do aperfeiçoamento, que recebe o papel temático de *experienciador*. A construção *trazer perfeição* também atribui esses papéis. Então, pode-se dizer que essas construções estão relacionadas por um *link* de extensão metonímica, como se vê na figura 85.

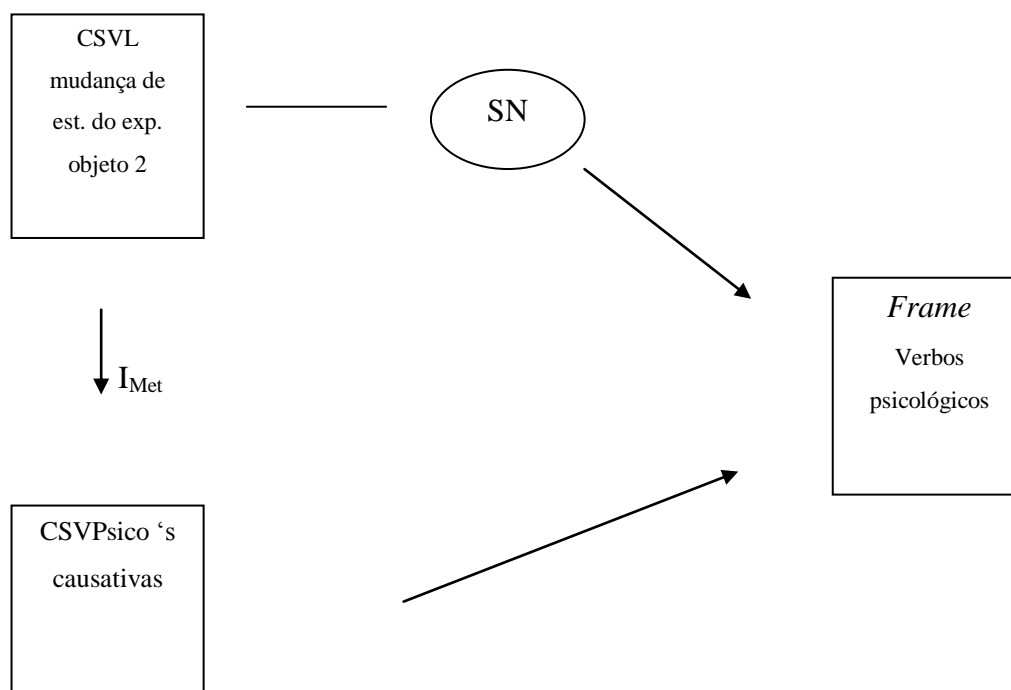


Figura 85- Relações de herança entre as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 2 e as CSVPsico's causativas.

O verbo *trazer* não integrou CVP's que remetesse ao *frame* de verbos de outras classes semânticas, de modo que não foi possível verificar se as relações de herança estabelecidas para as construções integradas por esse verbo poderiam servir para outras classes.

#### 4.5.5 Resumo das relações de herança verificadas entre as construções de mudança integradas pelos verbos *dar*, *pôr*, *fazer* e *trazer*

Nas seções anteriores, vimos que as construções de mudança de estado do experienciador objeto 1 foram motivadas por diferentes construções, a saber: causar-receber e suas extensões de sentido; construção de mudança de lugar e suas extensões de sentido e construções resultativas. As construções de mudança de estado do experienciador objeto 2 foram motivadas pelas construções de mudança de lugar através de um instrumento e pelas construções de causar-receber abstratas 2.

Na figura 86, apresentada a seguir, faremos um resumo das relações de herança das construções de mudança de estado do experienciador objeto 1 e 2, que foram as construções de três lugares apresentadas pelos verbos *dar*, *pôr*, *fazer* e *trazer*.

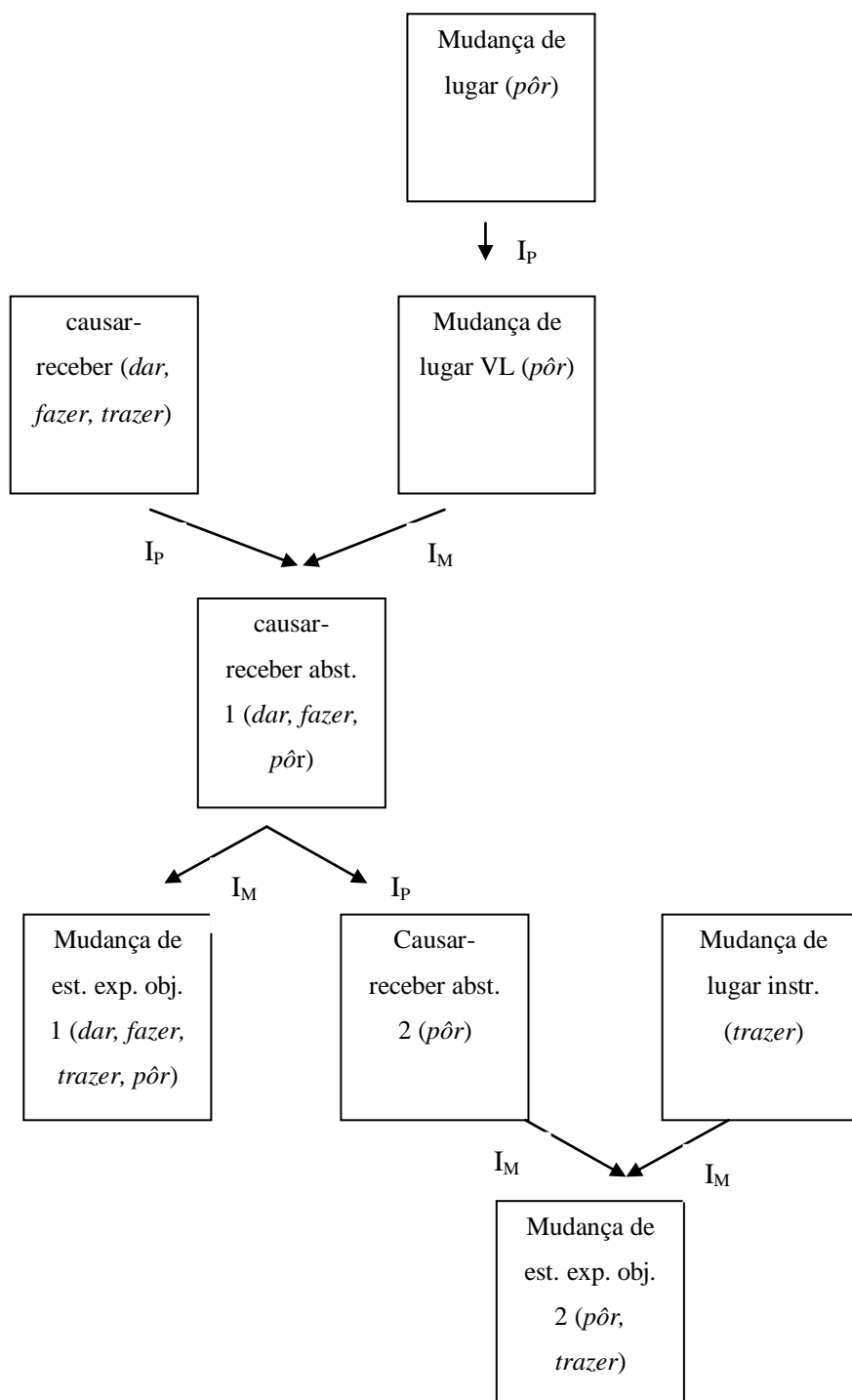


Figura 86- Rede de construções que motivou as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 1 e 2.

Como se pode ver na figura 86, as construções de mudança de estado do experienciador objeto 1 e 2 apresentam relações de herança múltiplas, que ocorrem quando duas ou mais construções, que existem independentemente uma da outra, podem motivar uma terceira (cf. seção 2.1.1.1). No caso mencionado, verifica-se que as construções de mudança de estado do experienciador objeto 1 foram motivadas pelas construções de causar-receber e suas extensões de sentido e também pelas construções de mudança de lugar e suas extensões de sentido. As construções de mudança de estado do experienciador objeto 2 foram motivadas pelas construções de mudança de lugar e suas extensões de sentido e pelas construções de mudança de lugar através de um instrumento. Convém destacar que, assim como ocorreu com as construções de posse, integradas por *haver*, *ter* e *filhar*, as construções de causar-receber e as construções de mudança de estado do experienciador objeto têm relações de herança indiretas, visto que apresentaram construções intermediárias ou híbridas. As construções de mudança de lugar com VL, por exemplo, apresentam a mesma estrutura sintática e os mesmos papéis argumentos das construções de mudança de lugar, porém a atribuição de papéis temáticos ocorre de forma composicional, característica presente nas construções de causar-receber abstratas<sup>1</sup> que são motivadas por elas. Nas construções de causar-receber abstratas 1, a atribuição de papéis temáticos ocorre de forma composicional e metafórica, característica das construções de mudança de estado do experienciador objeto 1.

Observe-se também que as construções de causar-receber abstratas 1 também motivam as construções de causar-receber abstratas 2, que apresentam os mesmos papéis semânticos e as mesmas funções sintáticas daquelas construções, mas a ligação entre os papéis semânticos e as funções sintáticas ocorre de forma diferente, como se viu na seção 4.5.2.

Na figura 86, também estão representadas as relações de herança das construções de mudança de estado do experienciador objeto 2. É possível observar que essas construções são motivadas pelas construções de causar-receber abstratas 2 e também pelas construções de mudança de lugar através de um instrumento.

Há que se destacar que o verbo *fazer* também integrou as construções resultativas que motivaram as construções resultativas abstratas, que são construções de dois lugares e que não foram integradas pelos demais verbos estudados nesta seção. Vejamos as relações de herança propostas para essas construções:

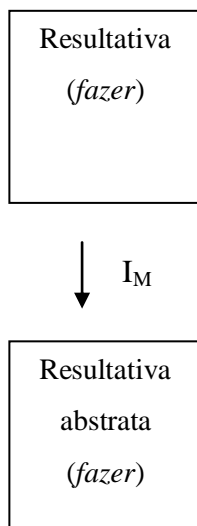


Figura 87- Rede de construções que motivou as construções resultativas abstratas.

Na figura 87, pode-se ver que as construções resultativas abstratas apresentam relações de herança diretas com as construções resultativas, visto que não se observam construções híbridas entre as duas.

Outra construção integrada por apenas um dos verbos estudados nesta seção é a construção de três lugares de mudança de lugar originada de uma fonte, integrada pelo verbo *trazer*, que motiva a construção de mudança de estado originada de uma fonte. Nesse caso, tampouco se observaram construções híbridas entre as duas, conforme se rerepresenta a seguir.



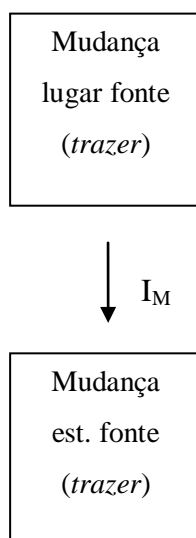


Figura 88- Rede de construções que motivou as construções mudança de estado originada de uma fonte.

Além das relações de herança apresentadas, vimos que as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 1, integradas por *dar*, *pôr* e *trazer*, apresentam *links* de extensão metonímica com as construções CSVPsico's causativas e as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 1, integradas pelo verbo *fazer*, apresentam *links* de extensão metonímica com as CSVPsico's causativas e as ergativas. Nesse caso, o SN presente no núcleo predicativo da CSVL retoma o *frame* do verbo psicológico cognato a esse SN e, ao mesmo tempo, a construção VL+SN retoma a CSVPsico integrada pelo verbo psicológico cognato ao SN do núcleo predicativo. Convém lembrar que, nas construções de mudança de estado do experienciador objeto 2, é o SPrep (e não o SN) do núcleo predicativo da CSVL integrada pelos verbos *trazer* e *pôr* que retoma, metonimicamente, o *frame* do verbo psicológico cognato a ele e a construção VL+SPrep pode, metonimicamente, retomar a CSVPsico integrada pelo verbo psicológico cognato ao SPrep do núcleo predicativo. Essas relações estão expressas na figura abaixo.

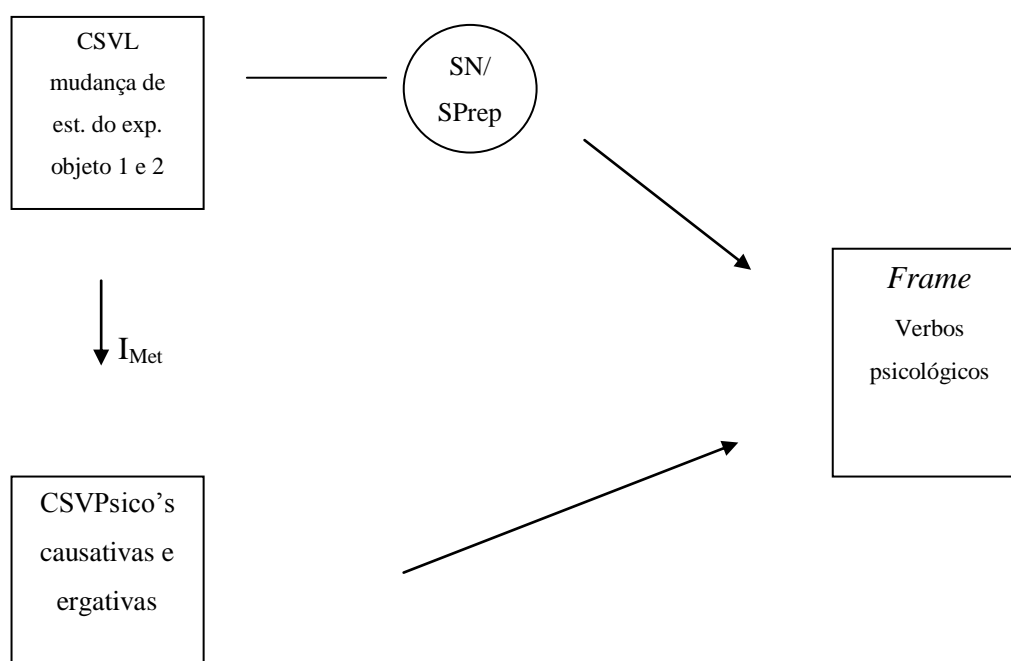


Figura 89- Relações de herança entre as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 1 e 2 e as CSVPsico's causativas e ergativas.

Como se viu, os *links* de extensão metonímica não se restringem às CSVL's. Eles também se aplicam às demais CVL's integradas por esses verbos. Verificou-se esse comportamento com as CVL's integradas por *dar*, *fazer* e *pôr*. Apenas com o verbo *trazer* não foi possível verificar essa relação, já que não se encontraram CVL's que remetem ao *frame* de verbos de outras classes semânticas integradas pelo verbo *trazer* nos *corpora* analisados.

Convém destacar, como se viu na seção 4.4.5, que é possível propor a existência de *link* de subpartes entre as CSVPsico's causativas e as CSVPsico's ergativas. De acordo com Goldberg (1995), o *link* de subpartes ocorre quando uma construção apresenta uma parte da outra, mas existe independentemente. No caso apresentado, as CSVPsico's causativas atribuem os papéis temáticos de *causador de experiência* ao SN sujeito e *experienciador* ao objeto e as CSVPsico's ergativas atribuem apenas o papel temático de *experienciador* ao sujeito. Assim, com base na frequência dessas construções em nossos *corpora*, pode-se defender que as construções causativas motivaram as construções ergativas, como se verá na seção 4.7.

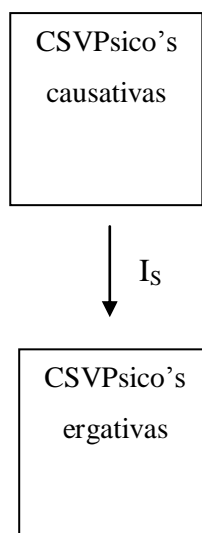


Figura 90- Relações de herança entre as CSVPsico's causativas e as CSVPsico's ergativas.

Na próxima seção, analisar-se-ão as relações de herança das construções de queda, de perda e de sentimento e suas relações com o *frame* dos verbos psicológicos.

#### 4.6 Construções de queda, de perda e de sentimento: *cair*, *perder* e *sentir*

Nesta seção, serão apresentadas as relações de herança das construções de queda, integradas pelo verbo *cair*, das construções de perda, integradas por *perder* e das construções de sentimento, integradas pelo verbo *sentir*. Essas construções não apresentam relações de herança entre si, mas, como cada construção analisada nesta seção foi integrada por apenas um verbo analisado, optamos por apresentá-las juntas.

##### 4.6.1 O verbo *cair*

O verbo *cair* vem da forma latina *cadere* e, no século XIV, apresenta o significado de *corresponder a, tocar a, ir ao chão* (CUNHA, 2010, p. 112). Dessa

forma, observando-se o significado etimológico do verbo e sua frequência nos dados dos *corpora*, registrada na tabela 27, defendemos que esse é o sentido pleno de *cair*. Vejamos os dados referentes ao verbo *cair*.

Tabela 27 - Número de ocorrências do verbo *cair* nos séculos analisados.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP	CVL	CVP	CVL	CVP	CVL	
Cair	3	0	3	10	0	0	16

O verbo *cair*, no século XIV, segundo os dados da tabela 27, apresenta-se exclusivamente em CVP's. No século XV, esse verbo figura nos dados majoritariamente integrando CVL's e, no século XVI, não houve ocorrências do verbo. Observem-se algumas ocorrências de CVP's e CVL's integradas por *cair*.

(311) “A qual voz ouvirom todos os que estavam na eglesia e houveram grande espanto e medo e caírom todos em terra sobre suas faces, (...)” (VSA, séc. XIV, p. 127)

(312) “E assim o cumprimento destas três [vontades] faz seguir e cair em grandes erros e maldades.” (LC, séc. XV, p. 39)

(313) “Etmom se começaram de ferir aas spadas de uomtade, e chegando os de cauallo ja açerca, voltou o escudeiro o rostro por veer quem eram; e Afomssso Louremço lhe deu huum tall golpe, de que logo cayo morto.” (CRDJ, séc. XV, p. 22)

A ocorrência (311) ilustra uma CVP integrada por *cair*, que é acompanhado por um SPrep que recebe o papel argumento de *lugar* e um SN sujeito que recebe o papel de *paciente*. Na ocorrência (312), temos a CVL formada pelo verbo *cair* e um SPrep que remete ao *frame* do verbo ERRAR. Nesse caso, o papel temático do SN sujeito é *experenciador* dos erros cometidos. Em (313), temos a construção *cair morto* que remete ao *frame* de MORRER e atribui papel temático de *paciente* ao SN sujeito. As relações de herança dessa construção serão estudadas apenas parcialmente, já que essa foi a única ocorrência em que o núcleo predicativo da CVL é formada por VL+SAdj.

A etimologia do verbo, a análise do fator frequência, da sintaxe e da semântica, normativas do Princípio de precedência histórica (cf. seção 2.3), permitem propor que a construção de queda abstrata, formada por *cair*+SPrep, que remete ao *frame* de um verbo psicológico, é motivada pela construção de queda concreta, formada por *cair*+SPrep, em que o SPrep tem papel argumento de *lugar*<sup>122</sup>. Observe-se a relação de herança proposta para essas construções:

Sem	QUEDA CONCRETA	< paciente	lugar	>
R: means	CAIR			
	↓	< quem cai	lugar	>
		↓	↓	
Syn	V	SUBJ	OBL	

Figura 91-Construção de queda concreta (“ (...) e caírom todos em terra sobre suas faces, (...)”)

↓  
I<sub>M</sub>: Queda concreta para uma construção de queda abstrata.

Sem	QUEDA ABSTRATA	< exp	causador exp (estado)	>
R: means	CAIR EM ERRO			
	↓	< quem cai	lugar	>
		↓	↓	
Syn	VL+SPrep	SUBJ	OBL	

Figura 92- Construção de queda abstrata (“(...) e cair em grandes erros e maldades.”)

Os papéis argumentos de *paciente* e *lugar*, na construção de queda concreta, são mapeados como um *experienciador* e *causador experiência (estado)*, respectivamente, na figura 92, já que *cair em erro* provoca uma experiência no sujeito. Como houve um

<sup>122</sup> Não se pretende, neste trabalho, distinguir adjuntos de argumentos.

novo mapeamento semântico, propôs-se que haja entre as construções um *link* de extensão metafórica.

É interessante observar que também para as CSVL's integradas por *cair* é possível observar a existência de um *link* de extensão metonímica entre essa construção e a CSVPsico. O SPrep *em erros* da ocorrência (312) retoma o *frame* de ERRAR e a construção *cair em erros* retoma a estrutura semântica do verbo *errar*, pois tanto o verbo como a construção atribuem papel temático de *experenciador* de um erro ao sujeito. Como já se mencionou, a diferença entre as construções ocorre, porque o elemento *erro* aparece explicitamente na CSVL e é inferido na CSVPsico integrada pelo verbo *errar*, como se pode ver a seguir.

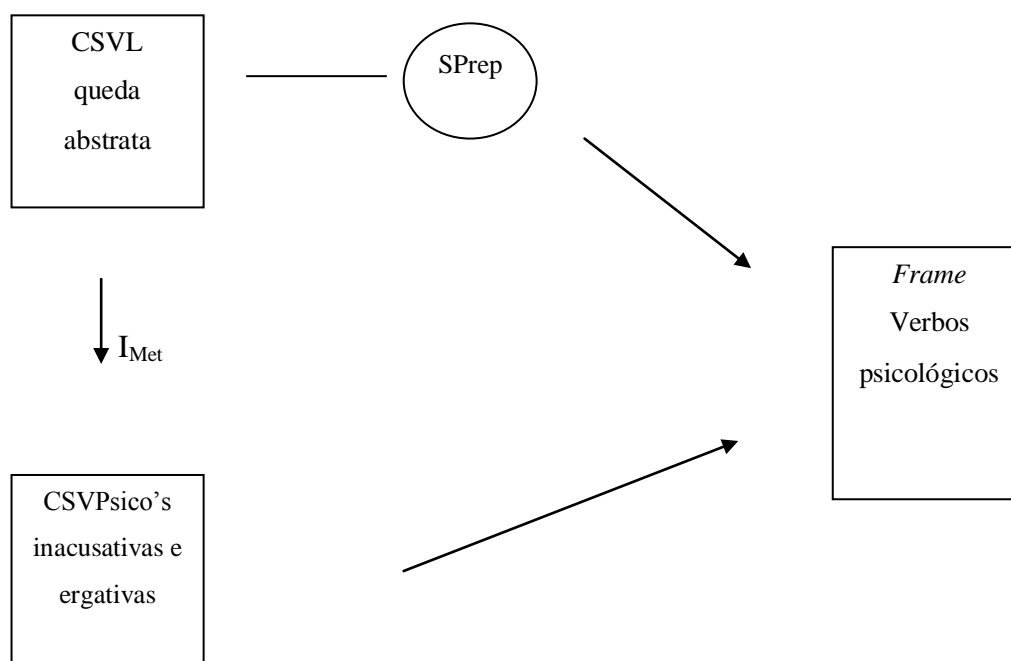


Figura 93- Relações de herança entre as CSVL's de queda abstrata e as CSVPsico's inacusativas e ergativas

Observe-se que, na figura 93, a CSVL de queda abstrata pode retomar, via *link* de extensão metonímica, as CSVPsico's ergativas. Representamos dessa maneira, porque ocorreram no *corpus* construções como *cair em tristeza* e *cair em sandice*, que retomam CSVPsico's ergativas. Já a construção *cair em erros* retoma uma CSVPsico inacusativa representada por *X erra*.

Mesmo quando a CVL não retoma o *frame* dos verbos psicológicos é possível verificar a relação de herança, via *link* de extensão metonímica, entre a CVL e a CVP. Por exemplo, na construção *cair morto*, o adjetivo *morto* retoma o *frame* MORRER e a construção retoma, metonimicamente, a estrutura semântica do verbo *morrer*, visto que, nos dois casos, tanto o verbo como a construção atribuem o papel temático de *paciente/afetado* pela morte ao sujeito.

Vejam, na próxima seção, as relações de herança das construções integradas por *perder*.

#### 4.6.2 O verbo *perder*

Conforme Cunha (2010, p. 488), o verbo *perder* vem da forma latina *perdere* e significa, no século XIII, *ser privado de, cessar de ter*. É importante destacar que esse verbo adquiriu vários sentidos com o decorrer do tempo, apresentando vinte acepções diferentes, de acordo com o dicionário Houaiss (2009). Dentre esses significados, outro que também aparece nos dados dos corpora é *confundir-se, atrapalhar-se*. Nesses dois casos, consideraremos que o verbo *perder* apresenta o seu sentido pleno, pois o sentido de *ser privado de, cessar de ter* é o sentido mais remoto e, significando *confundir-se, atrapalhar-se*, o verbo não atribui papel temático de forma composicional, por isso também será considerado pleno. Entretanto, essa segunda acepção será considerada uma extensão de sentido da primeira, como se verá. Vejamos, em primeiro lugar, o número de ocorrências de CVP's e de CVL's integradas por *perder* encontrado nos corpora.

Tabela 28 - Número de ocorrências do verbo *perder* nos séculos analisados.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP	CVL	CVP	CVL	CVP	CVL	
Perder	2	1	10	8	0	0	21

Os dados da tabela 28 mostram que há um uso equilibrado das CVP's e das CVL's integradas por *perder*, embora tenham sido encontradas poucas ocorrências desse verbo no período analisado. Estas são algumas das ocorrências encontradas:

(314) “E quando põem duma parte a folgança daquele pecado, ou semelhante, e doutra que fará desprazer ao Senhor Deus, perderá os grandes bens do possuir da virtude a ele contrária, e o contentamento que de si por ela continuamente sente, (...)” (LC, séc. XV, p. 78-79)

(315) “(...) se o homem vive segundo cada uma das três vontades primeiras, não se governando nem regendo por razão ou entender senão somente por o que elas desejam, convém necessariamente que [o homem] se perca da alma ou do corpo, porque uma demanda cousas tão vis (...)” (LC, séc. XV, p. 39)

(316) “E eles lhe disserom que nom a todos, mais àqueles que perdem a saúde pela sobigidõe do muito comer e do muito beber [beber] e dos humores.” (LBJ, séc. XIV, p. 118)

(317) “E anoute segujnte aasegda feira lhe amanheceo se perdeo da frota vaasco datayde com a sua naao sem hy auer tempo forte ne contrairo pera poder seer.” (CPV, séc. XVI, p. 1)

(318) “(...) por não lhe desprazer [a quem muito ama], ou minguando se perde o amor do que no servo, o qual a olho somente esguarda [atende].” (LC, séc. XV, p. 49)

Na ocorrência (314), verifica-se o sentido mais concreto do verbo, i.e., *ficar sem a posse de um objeto*. Nesse caso, a CVP atribui papel temático de *experienciador* ao sujeito e *causador de experiência* ao SN objeto. Em (315), o verbo já perdeu o seu sentido mais concreto, já que, de acordo com a frase, o homem se desvia de seus objetivos. Ainda assim, o verbo *perder* é pleno e se pode dizer que pertence à classe dos verbos psicológicos, essa CVP licencia o papel de *experienciador* ao sujeito. Na ocorrência (316), embora o verbo continue significando *ficar sem a posse de*, observa-se uma leitura composicional e metafórica do VL+SN, pois o SN *saúde*, já não é um objeto. Nesse caso, o sujeito recebe o papel temático de *experienciador* e o SN objeto



de *causador de experiência (estado)*. Em (317), encontramos outra CVP integrada por *perder*, denotando *confundir-se, atrapalhar-se*. Na ocorrência (318), faz-se necessária uma leitura composicional e metafórica do verbo com o objeto, que não remete mais ao *frame* de PERDER, mas sim ao de DESAMAR. Nessa ocorrência, o verbo *perder* é leve e a construção *perder amor* atribui papel temático de *experienciador* ao sujeito.

Levando-se em conta a etimologia do verbo, a estrutura sintática e semântica das construções que integra (como determina o Princípio de precedência histórica), considerando o comportamento dos demais verbos analisados e o fato de o verbo *perder* pleno ter apresentado mais ocorrências desde o século XIV, pode-se dizer que há uma relação de herança entre as construções de perda concreta e perda abstrata, como se observa a seguir.

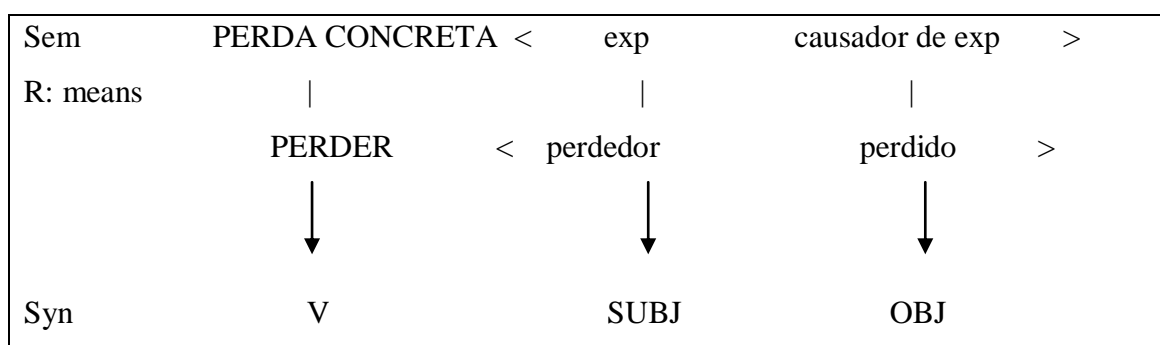


Figura 94- Construção de perda concreta (“(…) perderá os grandes bens do possuir da virtude a ele contrária, (...)”)

↓  
 Ip: Construção de perda concreta para uma construção de perda abstrata com objeto estado físico.

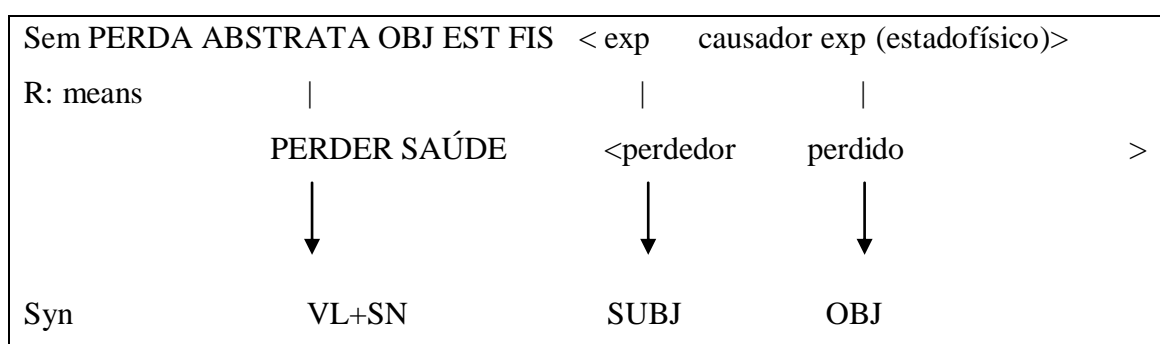


Figura 95- Construção de perda abstrata com objeto estado físico (“E eles lhe disserom que nom a todos, mais àqueles que perdem a saúde (...)”)

↓  
 Ip: Construção de perda abstrata com objeto estado físico para construção de perda abstrata com objeto estado psicológico.

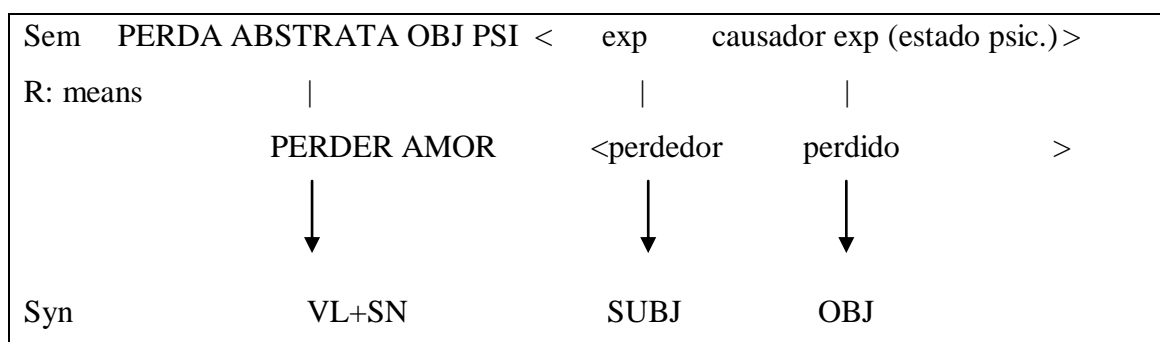


Figura 96- Construção de perda abstrata com objeto estado psicológico (“(…)por não lhe desprazer [a quem muito ama], ou mingando se perde o amor (...)”)

As figuras 94 e 95 mostram um *link* de polissemia entre as construções de perda concreta e a construção de perda abstrata com objeto estado físico, já que o SN objeto apresenta uma pequena alteração de sentido entre essas construções, i.e., o papel argumento de *causador de experiência*, que aparece como uma entidade do mundo real na ocorrência (314), seria mapeado como um *causador de experiência (estado físico)* (normalmente a saúde se relaciona à parte física) na figura 95. Nesse caso, representado pela ocorrência (316), observa-se que o verbo recebe uma leitura metafórica, mas o sentido primeiro do verbo que é *ficar sem a posse* ainda permanece, porém não se tem mais um objeto na posição pós-verbal, mas um estado. E essa construção intermediária, motiva a construção de perda abstrata com objeto estado psicológico por meio de um *link* de polissemia, porque o papel temático de *causador de experiência (estado físico)* passa a ser mapeado como um *causador de experiência (estado psicológico)*.

Convém destacar que a construção de perda concreta, considerando-se o princípio de precedência histórica, Corolário B (cf. seção 2.3), além de motivar a construção de perda abstrata com objeto estado físico, também vai motivar a construção de perder caminho, que, por sua vez, motivará a CSVPsico integrada pelo verbo psicológico *perder*. Observem-se as relações de herança propostas.

Sem	PERDA CONCRETA	< exp	causador de exp	>
R: means				
	PERDER	< perdedor	perdido	>
	↓	↓	↓	
Syn	V	SUBJ	OBJ	

Figura 97- Construção de perda concreta (“(…) perderá os grandes bens do possuir da virtude a ele contrária, (...)”)



Ip: Construção de perda concreta para uma construção de perder caminho.

Sem	PERDER CAMINHO	< exp	causador de exp	>
R: means				
	PERDER	<perdedor	perdido	>
	↓	↓	↓	
Syn	V	SUBJ	OBJ	

Figura 98- Construção de perder caminho (“se perdeo da frota vaasco datayde com a sua naao sem hy auer tempo forte ne contrairo pera poder seer.”)



Ip: Construção de perder caminho para a CSVPsico acusativa não causativa.

Sem	CSPSICO ACUSAT. NÃO CAUSAT.	< exp	causador exp	>
R: means				
	PERDER	<perdedor	perdido	>
	↓	↓	↓	
Syn	V	SUBJ	OBJ	

Figura 99- CSVPsico acusativa não causativa (“(…)convém necessariamente que [o homem] se perca da alma ou do corpo, porque uma demanda cousas tão vis (...)”)

Pode-se observar, nas figuras acima, que se propõe que a construção de perda concreta tenha motivado a construção de perder caminho, representada pela ocorrência (317). Defende-se que há entre as duas construções um *link* de polissemia, já que ambas apresentam a mesma estrutura sintática e os mesmos papéis argumentos, mas se diferenciam, porque, na construção de perda concreta, o experienciador sujeito perde a posse de um objeto e, na construção de perder caminho, ele não sabe onde se encontra ou, como na ocorrência (317), onde os outros se encontram. Assim, pode-se pensar, a partir de uma leitura metafórica, que o experienciador sujeito perde a si mesmo, de modo que o pronome *se* seria responsável pela experiência do sujeito, o que equivale a dizer que o sujeito é o responsável pela sua experiência de perda. Na figura 99, representou-se a ocorrência (315). Propôs-se que essa construção é motivada pela construção de perder caminho por um *link* de polissemia, já que a estrutura sintática é mantida e também os papéis argumentos. As construções se diferenciam, porque, na CSVPsico acusativa não causativa, o verbo denota um estado emocional do experienciador e, nos demais casos, ele tem apenas uma experiência, não necessariamente emocional.

Podem ser assim resumidas as relações de herança das construções integradas por *perder*.

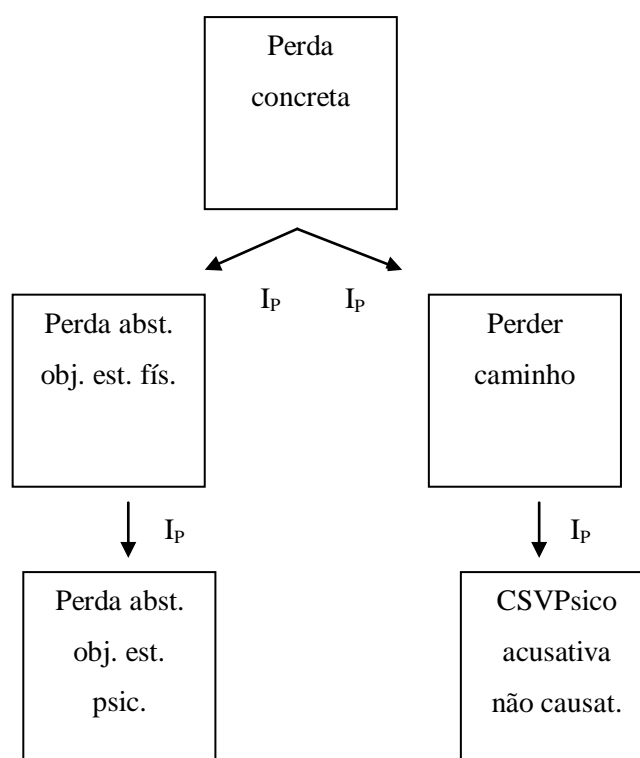


Figura 100- Relações de herança das construções integradas pelo verbo perder.

Destaque-se que a construção *perder amor* da ocorrência (318) remete ao *frame* de DESAMAR e também à CSVPsico acusativa não causativa integrada por *desamar*, pois esse verbo atribui papel temático de *experienciador* do desamor ao sujeito e a construção mencionada também atribui papel temático de *experienciador* desse sentimento ao sujeito. A configuração das relações de herança propostas está representada a seguir.

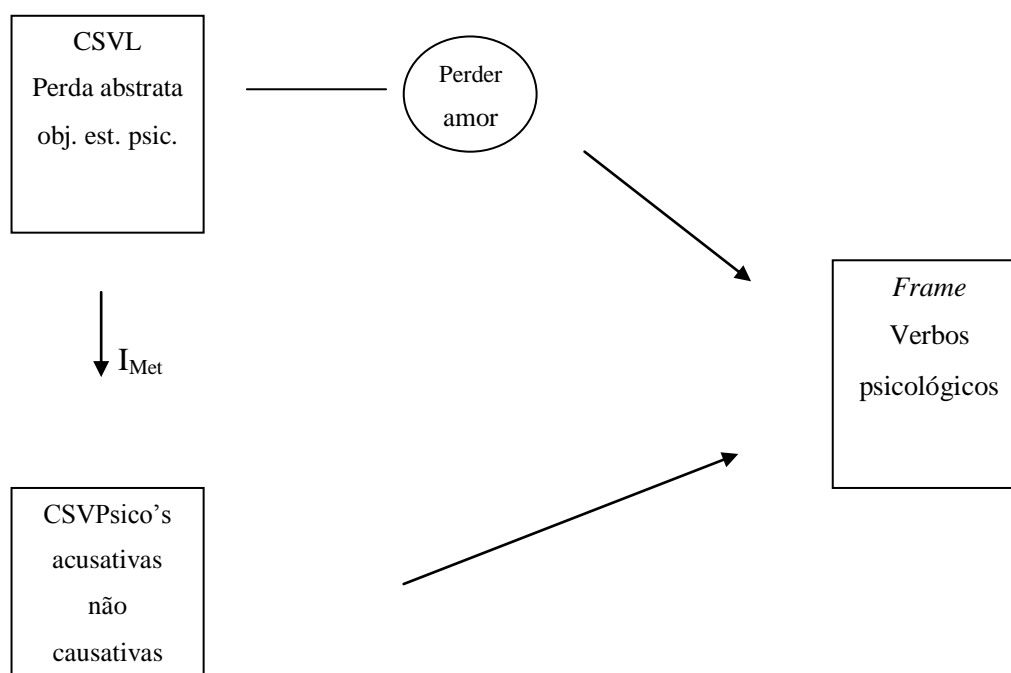


Figura 101- Relações de herança entre as CSVL's de queda abstrata e as CSVPsico's acusativas não causativas.

Nos *corpora* analisados, verificou-se uma ocorrência CVL integrada por *perder* que não remete ao *frame* de verbos psicológicos, que se ilustra a seguir.

(319) “E porque ele estava mal chagado e entendia em si que a lide nom poderia sofrer, por as grandes chagas que tiinha no corpo, que lhe dera Almoleimar, de que perdia muito sangue, de que lhe enfraqueciam as pernas e os membros, temendo-se de cavalgar, com a fraqueza, o que ele encubria mui bem a todos, (...)” (LLDP, séc. XIV, p. 220)

Na ocorrência (319), temos uma construção de perda abstrata com objeto estado físico, pois denota a perda de um elemento físico, o sangue, e, nesse caso, ao contrário do que ocorre na ocorrência (316), o SN da construção *perder sangue* remete ao *frame* SANGRAR e o núcleo predicativo, formado por VL+SN, remete, via *link* de extensão metonímica, à CVP integrada por *sangrar*, porque esse verbo atribui papel temático de *paciente* ao SN sujeito e a construção *perder sangue* também. A diferença, como já se apontou anteriormente, ocorre, pois, na CVL, o elemento *sangue* está explícito, ao passo que, na CVP, ele é inferido do significado do verbo.

Na próxima seção, observemos as relações de herança das construções integradas pelo verbo *sentir*.

#### 4.6.3 O verbo *sentir*

De acordo com Cunha (2010, p. 590), o verbo *sentir*, no século XIII, significava *experimental*, *pressentir*, *conjeturar*. Ainda segundo o autor, esse vocábulo vem da forma latina *sentire*. Assim, considerou-se que *sentir* pleno apresentava esse significado, fato que é corroborado pela frequência do verbo com esse sentido no século XV. Na tabela 29, apresentam-se os dados referentes ao verbo *sentir*.

Tabela 29 - Número de ocorrências do verbo *sentir* nos séculos analisados.

	Século XIV		Século XV		Século XVI		Total
	CVP	CVL	CVP	CVL	CVP	CVL	
Sentir	0	0	48	27	0	0	75

Como se pode notar, o verbo *sentir* só foi encontrado no século XV. Nesse século, o verbo apresenta-se majoritariamente em CVP's. Vejamos algumas construções presentes nos *corpora* analisados:

(320) “E aquela medes [mesma] por vista de pessoas, ouvir de palavras, trespassa ao coração como se o feito recente fosse quando ele se lembra e o sentia.” (LC, séc. XV, p. 35)

(321) “E assim os que sentem e seguem em seus corações verdadeira humildade, nunca lhes falece direita razão por que ante Deus se cusem (...)” (LC, séc. XV, p. 77)

(322) “E para o sentir grande ledice em o beber, com as falas e outras cerimónias que acostumam os que em esta gulodice filham folgança de a fazer, e falarem em ela.” (LC, séc. XV, p. 125)

Na ocorrência (320), o verbo *sentir* significa *ter a percepção de, perceber*, acepção encontrada no dicionário etimológico, o que contribui para caracterizar esse verbo como pleno. Nessa ocorrência, o SN sujeito *ele* recebe o papel temático de *experienciador* e SN *o feito* de *causador de experiência (estado)*. Nas ocorrências (321) e (322), os SN's *humildade* e *ledice*, respectivamente, parecem completar o sentido do verbo *sentir*, remetendo aos *frames* de HUMILDAR e ALEGRAR, respectivamente. Como a atribuição de papéis temáticos ocorre de forma composicional, pode-se dizer que *sentir*, nessas construções, é leve. Além disso, as construções *sentir humildade* e *sentir ledice* remetem ao *frame* de verbos pertencentes à classe dos psicológicos, de modo que essas construção são CSVL's. Vejamos as relações de herança que foram propostas para essas construções, a partir do Princípio de precedência histórica, pois, como se viu na tabela 12, as CVP's são mais frequentes do que as CVL's, tomando-se como base o mesmo período.



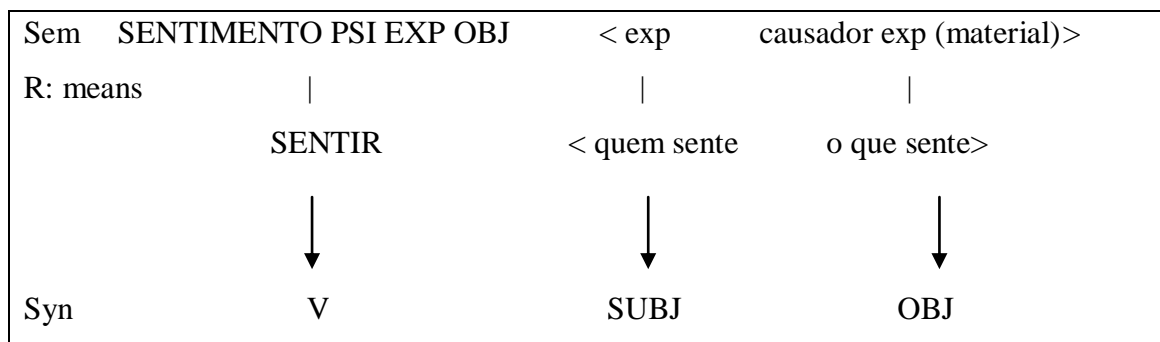


Figura 102- Construção de sentimento com causador de experiência objeto material (“(...)como se o feito recente fosse quando ele se lembra e o sentia.”)

Ip: Construção de sentimento com causador de experiência objeto material para construção de sentimento com causador de experiência objeto estado.

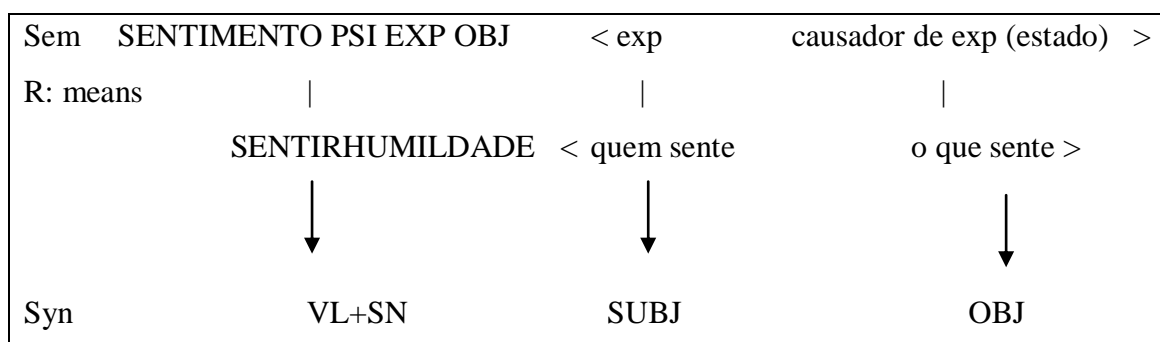


Figura 103- Construção de sentimento com causador de experiência objeto estado (“(...) os que sentem e seguem em seus corações verdadeira humildade (...)”)

Defende-se que a construção de sentimento com causador de experiência objeto material, representada pela figura 102, relaciona-se, por um *link* de polissemia, com a construção que denota um sentimento com causador de experiência objeto estado. Em ambos os casos, temos a mesma estrutura sintática e os mesmos papéis argumentos, mas há uma pequena diferença de sentido entre as construções, já que, na figura 103, o *causador da experiência* do sujeito é mapeado como um *estado*, no caso, *a verdadeira humildade*, ao passo que, na figura 102, uma entidade do mundo real é a responsável por provocar uma experiência no sujeito.

É importante destacar que o SN do núcleo predicativo da CSVL, no caso, *humildade* e *ledice*, remetem aos *frames* de HUMILDAR e ALEGRAR,

respectivamente, e as construções *sentir humildade* e *sentir ledice*, via *link* de extensão metonímica, remetem às CSVPsico's integradas pelos verbos cognatos aos substantivos pertencentes ao núcleo dessas CSVL's, como se propõe abaixo<sup>123</sup>.

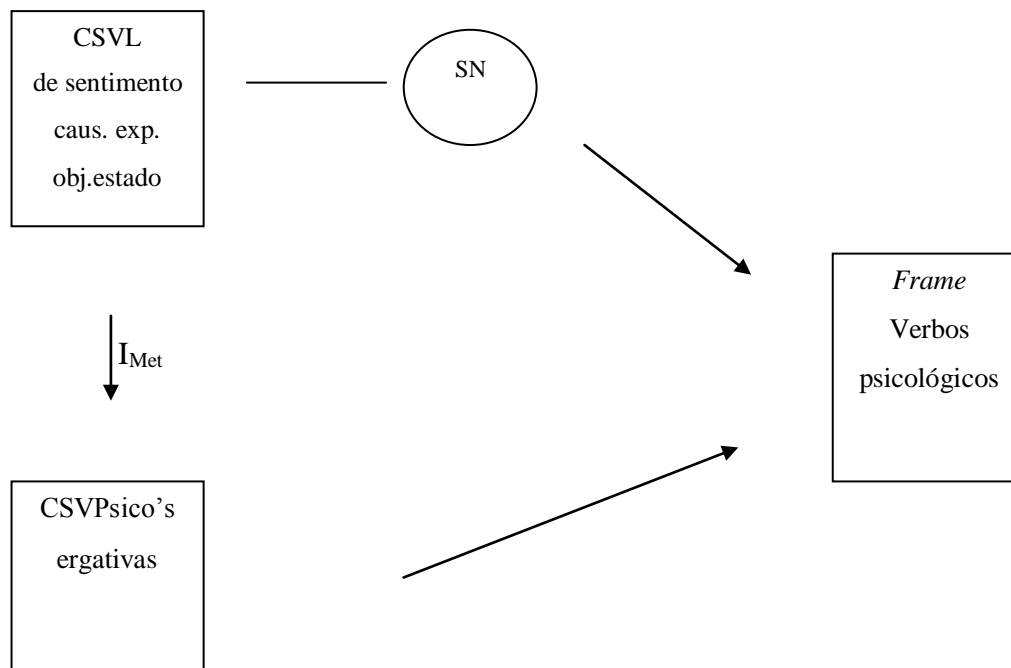


Figura 104- Relações de herança entre as CSVL's de sentimento com causador de experiência objeto estado e as CSVPsico's ergativas.

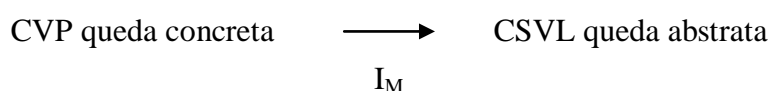
Ressalte-se que não foram encontradas CVL's, integradas por *sentir*, referentes ao *frame* de verbos de outras classes semânticas.

<sup>123</sup> Ocorreu, nos *corpora*, a construção *sentir proveito*, que retoma o *frame* de uma CSVPsico acusativa não causativa, porém, como foi o único caso, não foi representado na figura 104.

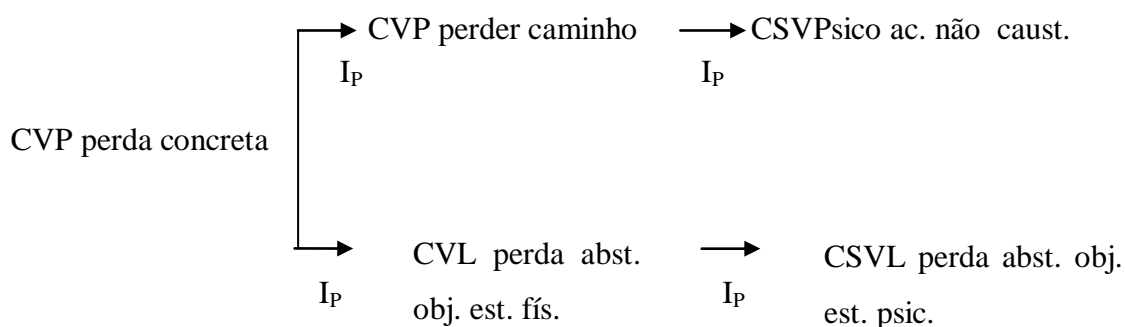
#### 4.6.4 Resumo das relações de herança das construções de queda, de perda e de sentimento

Como se viu, as CVP's integradas pelos verbos *cair*, *perder* e *sentir* apresentam relações de herança com as CSVL's integradas por esses mesmos verbos. Essas foram as relações de herança encontradas:

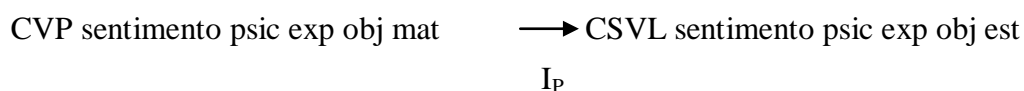
a) Construções de queda:



b) Construções de perda:



c) Construções de sentimento:



Como se viu, as construções de queda concreta estão relacionadas às construções de queda abstrata por um *link* de extensão metafórica; as construções de perda concreta motivaram, simultaneamente, as construções de perder caminho e de perda abstrata com objeto estado físico e essas construções motivaram, respectivamente, as CSVPsico's acusativas não causativas e as construções de perda abstrata com objeto estado psicológico e as construções de sentimento com causador de experiência objeto material

estão relacionadas às construções de sentimento com causador de experiência objeto estado por um *link* de polissemia.

Vimos também que os SN's das CSVL's de queda abstrata e de sentimento com causador de experiência objeto estado retomam o *frame* dos verbos psicológicos cognatos aos substantivos do núcleo predicativo e essas CSVL's retomam as CSVPsico's inacusativas e ergativas, como se reapresenta a seguir.

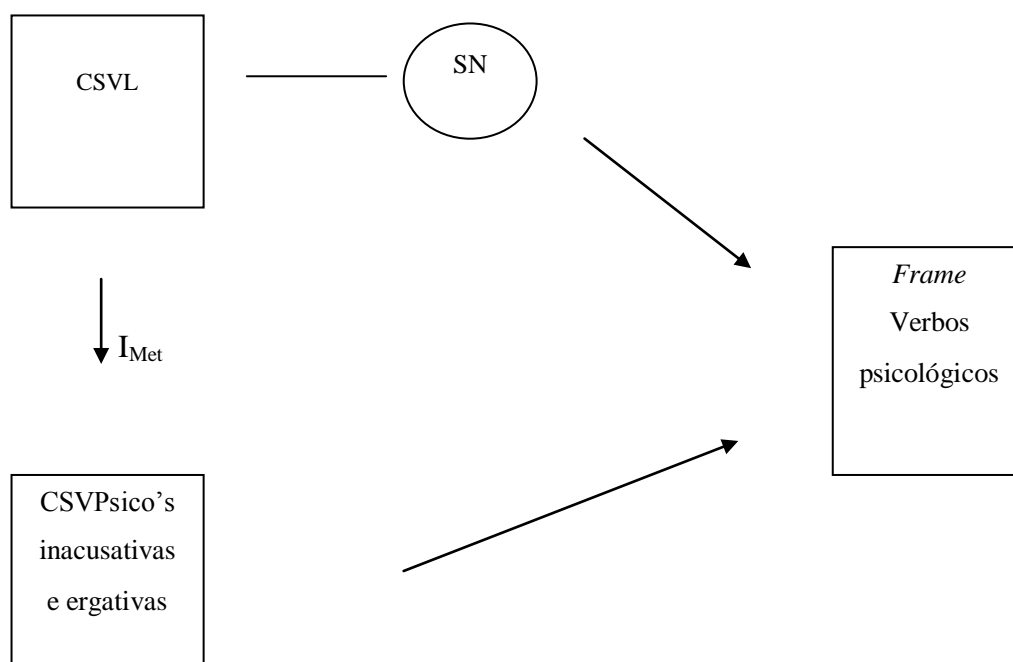


Figura 105-Relações de herança entre as CSVL's e as CSVPsico's inacusativas/ergativas.

Quanto às CSVL's de perda abstrata objeto estado psicológico, é o núcleo predicativo que retoma o *frame* do verbo psicológico cognato ao substantivo do núcleo e a CSVL retoma, via extensão metonímica às CSVPsico's acusativas não causativas (cf. a figura 101).

Deve-se destacar que outras CVL's, integradas pelos verbos *cair* e *perder* que remetem ao *frame* de verbos de outras classes semânticas apresentaram relações de herança semelhantes às propostas para a classe dos verbos psicológicos. Por exemplo, nos *corpora* analisados, vimos que a construção *cair morto* também remete, via extensão metonímica, à CVP integrada por *morrer* e a construção *perder sangue* remete à CVP integrada por *sangrar*. Além disso, essa construção é um exemplo de construção

de perda abstrata com objeto estado físico, por isso também se pode dizer que ela foi motivada por um CVP de perda concreta.

Convém destacar também, como já se apresentou nas seções 4.4.5 e 4.5.5 e se apresentará com mais detalhes na seção 4.7, que as CSVPsico's causativas parecem ter relações de herança com as CSVPsico's ergativas, se observado o fator frequência. Além disso, pode-se defender que essas construções estão relacionadas por um *link* de subpartes, já que a construção ergativa apresenta uma parte da construção causativa, mas existe de forma independente, como se apresenta na figura 106.

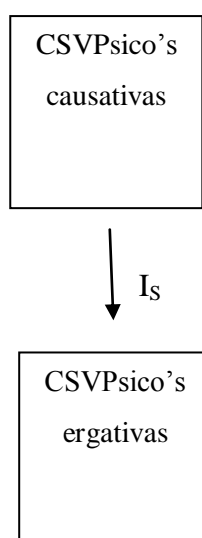


Figura 106- Relações de herança entre as CSVPsico's causativas e as CSVPsico's ergativas.

Na próxima seção, será apresentado um resumo das relações de herança existentes entre as CSVL's, as CSVPsico ergativas e causativas.

#### **4.7 A relação entre as CSVL's, as CSVPsico's ergativas e as CSVPsico's causativas**

Conforme se viu nas seções 4.4.5, 4.5.5 e 4.6.4, as CSVL's, em muitos casos, podem estar relacionadas, por um *link* de extensão metonímica, às CSVPsico's ergativas, causativas, inacusativas e acusativas não causativas. Vimos que os SN's

pertencentes aos núcleos predicativos das CSVL's de posse abstrata 2 e 3, das CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 1 e das CSVL's de sentimento com causador de experiência objeto estado recuperam o *frame* dos verbos psicológicos cognatos a eles e, via extensão metonímica, algumas CSVL's retomam as CSVPsico's ergativas com verbos cognatos aos substantivos pertencentes ao núcleo predicativo dessas CSVL's. O SPrep cumpre esse papel nas CSVL's de posse abstrata 5, nas CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 2 e nas CSVL's de queda abstrata, que remetem às CSVPsico's ergativas. Também vimos que as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 1, integradas pelos verbos *dar*, *pôr* e *trazer*, retomam, também por um *link* de extensão metonímica, as CSVPsico's causativas cujos verbos são cognatos aos substantivos desses SN's. Ademais, o SN do núcleo predicativo das construções de posse abstrata 2 e 3 podem recuperar o *frame* das construções acusativas não causativas e o SPrep do núcleo predicativo das construções de queda abstrata podem recuperar o *frame* das construções inacusativas. Além disso, o SAdj das CSVL's de mudança de estado integradas pelo verbo *ficar* retoma, metonimicamente, o *frame* dos verbos psicológicos cognatos aos adjetivos dos SAdj's e a CSVL de mudança de estado recupera, via extensão metonímica, as CSVPsico's ergativas com verbos cognatos ao adjetivo do núcleo predicativo. Isso permite propor a seguinte configuração:

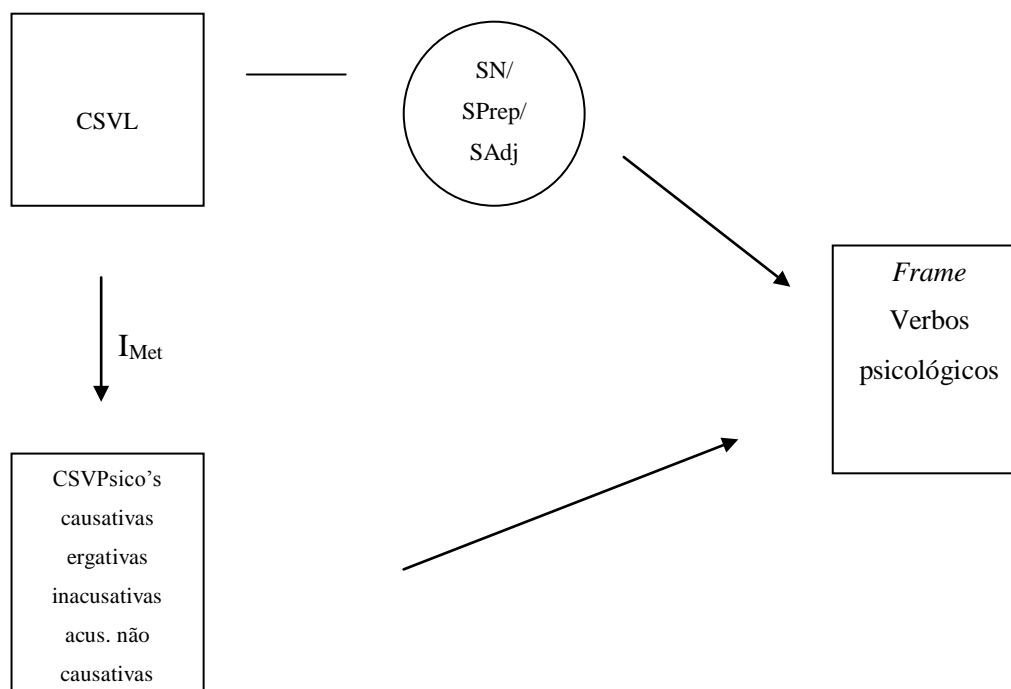


Figura 107- Relações de herança entre as CSVL's e as CSVPsico's causativas, ergativas, inacusativas e acusativas não causativas.

Vimos também que, no caso das CSVL's de perda abstrata com objeto estado psicológico, o SN do núcleo predicativo não é capaz de recuperar sozinho o *frame* dos verbos psicológicos. Por exemplo, verificamos que, na construção *perder amor*, o SN *amor* recupera o *frame* de AMAR, porém a construção *perder amor* evoca o *frame* de DESAMAR. Por essa razão, para essa construção, esta relação foi proposta:

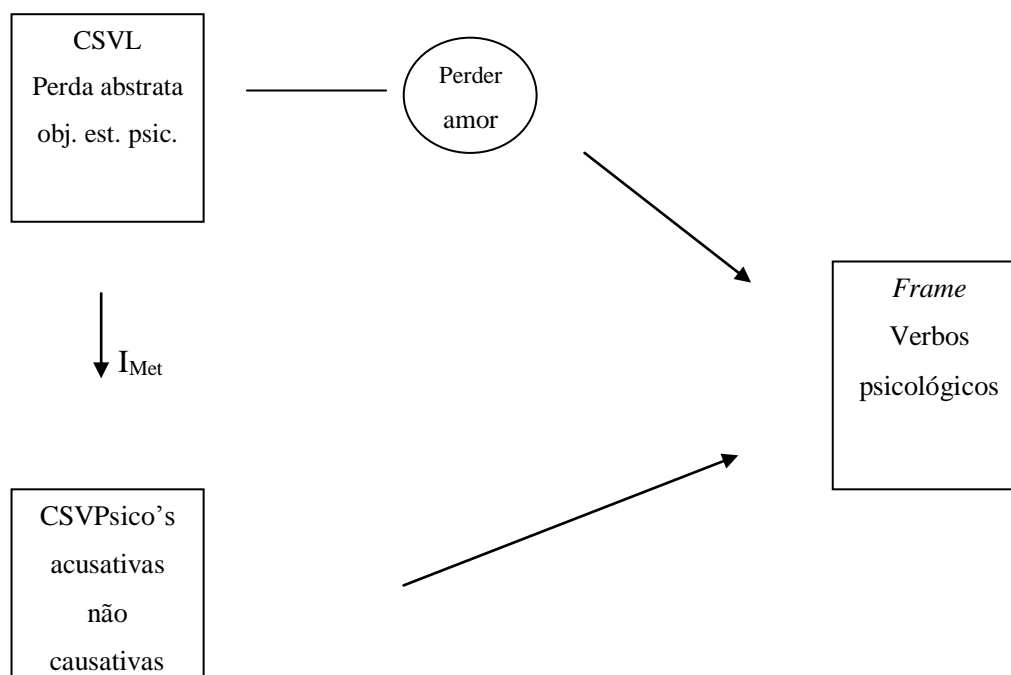


Figura 108- Relações de herança entre as CSVL's de queda abstrata e as CSVPsico's acusativas não causativas.

Também se pôde notar, nas CSVL's descritivas transitórias 1, que a construção não retoma as CSVPsico's. Nessas construções, verificou-se apenas que os substantivos dos SPrep's dos núcleos predicativos retomavam o *frame* dos verbos psicológicos, como se rerepresenta a seguir. Por exemplo, na seção 4.2.4, vimos que, na construção *estar com inocência*, o SPrep retoma o *frame* de INOCENTAR, pois, em ambos casos, a entidade *inocência* está envolvida, porém, na construção descritiva transitória 1, atribuiu-se o papel argumento de *localizando* ao SN sujeito e de *estado* ao SPrep *com inocência* e, na CSVPsico integrada por *inocentar*, o verbo atribui papel temático de *causador de experiência* ao SN sujeito e de *experienciador* ao SN objeto, em uma construção causativa, e de *experienciador* ao SN sujeito, em um construção ergativa. Dessa forma, para essas construções, esta relação se verifica:



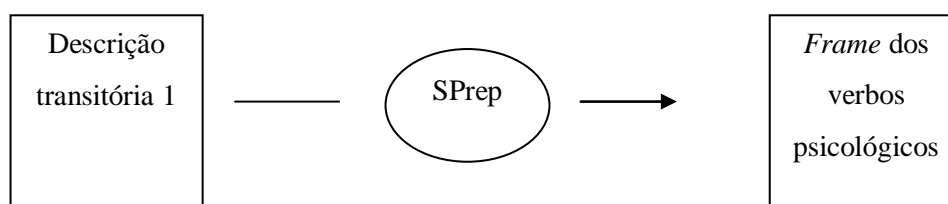


Figura 109- Relação entre as construções de descrição transitória 1 e o *frame* dos verbos psicológicos.

Como se viu nas seções 4.4.5, 4.5.5 e 4.6.4, também é possível notar uma relação de herança entre as CSVPsico's causativas e as CSVPsico's ergativas. Para estabelecer as relações de herança entre essas construções, observamos a sua frequência nos dados dos *corpora* e a estrutura sintática e semântica.

Analisando-se a frequência dessas construções nos dados, observamos que 44 verbos apresentaram-se em CSVPsico's, sendo que 25 desses verbos são não causativos e os outros 19 podem realizar a alternância causativo-ergativa. Dentre os verbos causativo-ergativos, 11 verbos integraram mais CSVPsico's causativas do que ergativas, 4 verbos integraram mais CSVPsico's ergativas do que causativas e 4 verbos apresentaram o mesmo número de ocorrências de CSVPsico's causativas e CSVPsico's ergativas. Analisando-se o número de ocorrências e a porcentagem dessas construções por século, também se observaram mais construções causativas do que ergativas, como se apresenta na tabela 30.

Tabela 30 - Número de ocorrências e porcentagem de CSVPsico's causativas e CSVPsico's ergativas por século.

	CSVPsico's causativas		CSVPsico's ergativas		Total
	Nº	%	Nº	%	
Século XIV	21	65,6	11	34,4	32
Século XV	22	84,6	4	15,4	26
Século XVI	2	50	2	50	4
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>72,6</b>	<b>17</b>	<b>27,4</b>	<b>62</b>

A partir da análise do fator frequência, principalmente dos séculos XIV e XV, é possível concluir que as CSVPsico's causativas motivaram as CSVPsico's ergativas. Nossa análise é corroborada pela pesquisa de Madureira (2000), pois a autora constatou um volume muito maior de construções causativas em todas as subclasses dos verbos psicológicos causativo-ergativos no século XIV e, nos demais séculos, foram encontradas mais construções causativas do que ergativas nas subclasses 3 e 4 (cf. seção 1.3). Apenas a subclasse 2 apresentou, nos dados da autora, mais construções ergativas entre os séculos XV a XX.

A conclusão de que as CSVPsico's causativas motivaram as ergativas se fortalece também pela análise da estrutura sintática e semântica dessas construções, pois as CSVPsico's causativas apresentam um SN *causador de experiência* na posição de sujeito e um *experienciador* na posição de objeto e as CSVPsico's ergativas possuem apenas um SN *experienciador* na posição de sujeito, o que parece sinalizar que as CSVPsico's ergativas podem ser analisadas como uma parte das CSVPsico's causativas. Convém lembrar que Goldberg (1995) defende que duas construções estão relacionadas por um *link* de subpartes quando uma construção apresenta apenas uma subparte de outra, mas existe independentemente daquela. É essa relação que parece existir entre as CSVPsico's causativas e ergativas, como se propõe a seguir.

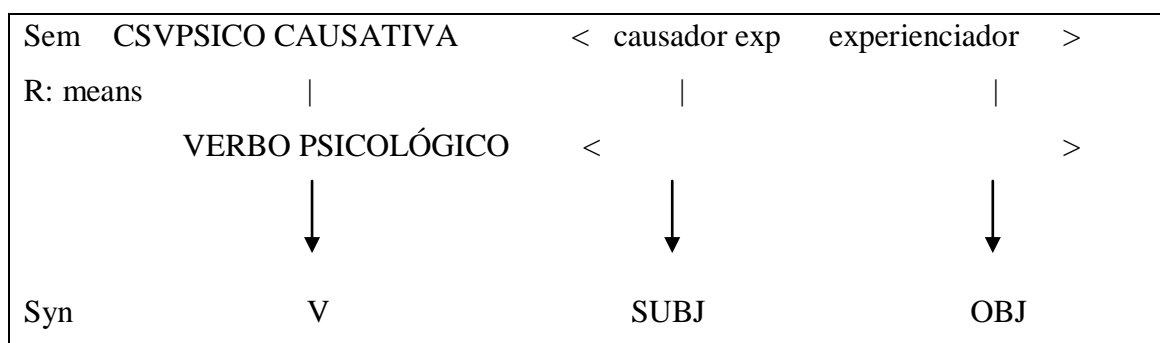


Figura 110- CSVPsico causativa

↓ I<sub>5</sub>: CSVPsico causativa para CSPsico ergativa.

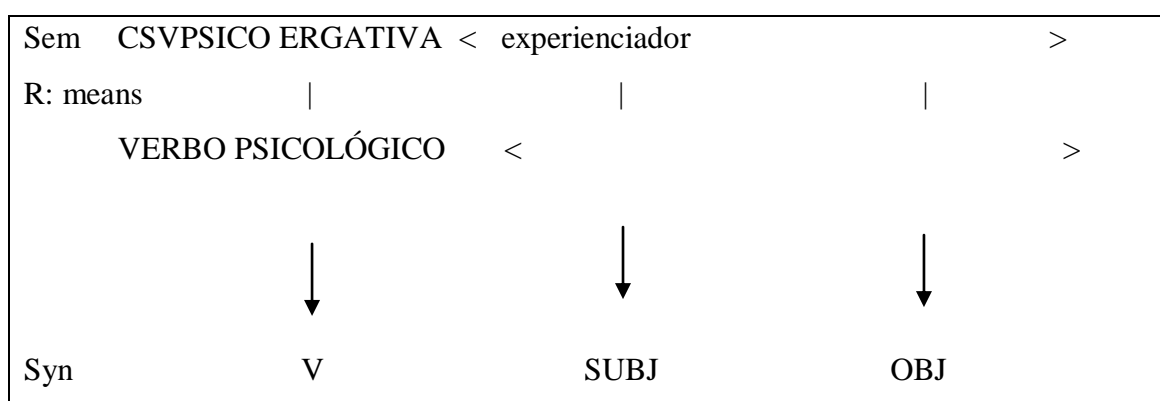


Figura 111- CSVPsico ergativa

Na próxima seção, será proposto um modelo de armazenamento de todas as construções estudadas, tomando como base Bybee (2010).

#### 4.8 O impacto das relações de herança no armazenamento das construções

Segundo Bybee (2010, p. 2), a linguagem é um sistema adaptativo complexo e, como tal, segue os processos de domínio geral. Um desses processos é o *chunking*, que é responsável pela formação de unidades complexas (cf. seção 2.1.4). Para a autora, quando sequências são usadas sempre juntas, formam unidades. Isso ocorre, por exemplo, com as expressões formulaicas e esse construto pode ser estendido às construções com verbos leves. É possível pensar, portanto, que a frequência de uso

dessas construções crie um *chunking* e faz com que o verbo sofra uma perda de seu conteúdo semântico e a unidade VL+objeto se torne a leitura preferencial. Dessa forma, é possível dizer que essas construções, após esse processo, tornem-se CSVL's.

De acordo com Bybee (2010), a representação sintática e semântica comum das construções faz com que elas criem *clusters de exemplos*. No caso das CSVL's, esses *clusters*, muitas vezes, vão apresentar partes esquemáticas tanto em relação ao verbo, já que vários verbos leves podem atuar nessas construções, quanto nas partes correspondentes ao objeto.

Além disso, a autora destaca também que os *tokens* de experiência são organizados em uma rede, na qual os *tokens* idênticos são armazenados juntos e os *tokens* similares são armazenados próximos a esses. Para Bybee (2010), o mesmo ocorre com as construções. Dessa forma, pode-se dizer que as CSVL's são armazenadas juntas, e quanto maior for a coerência semântica e sintática existente entre elas, mais próximas serão armazenadas. Convém ressaltar também que cada *token* repetido dessas construções fortalece o modelo existente, conforme a autora. Contudo, como o verbo leve presente nas CSVL's ainda licencia papéis participantes e esses possibilitam a recuperação de um pouco de conteúdo semântico do verbo, pode-se dizer que essas construções também são armazenadas próximas àquelas construções de onde surgiram. Por exemplo, as CSVL's, em que atua o verbo *pôr*, estão armazenadas próximas à construção de mudança de lugar e suas extensões de sentido e as CSVL's integradas pelo verbo *fazer* estão próximas às construções de causar-receber e suas extensões de sentido.

Dessa forma, analisando-se as relações de herança estabelecidas anteriormente, que se formaram a partir dos *links* de herança e também do processo de *chunking*, defender-se-á que várias construções, aparentemente diferentes, são armazenadas em um mesmo lugar e estão próximas das construções de origem e também das outras CSVL's.

Iniciando pelas construções de três lugares, vimos que as construções de mudança de lugar e suas extensões de sentido, integradas pelo verbo *pôr*, e as construções de causar-receber e suas extensões de sentido, integradas pelos verbos *dar*, *fazer* e *trazer* motivaram as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 1. Vimos também que as construções de mudança de lugar através de um instrumento motivaram as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 2. Observe-se que essas CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto 1 apresentam uma

estrutura sintática de SN+VL+SN+SPrep, sendo que o SN sujeito recebe o papel argumento de *agente*, o SN objeto recebe o papel de *causador de experiência (estado)* e SPrep de *experenciador* e as CSVL's de mudança de estado do experenciador objeto 2 apresentam um SN sujeito *agente*, um SPrep *causador de experiência (estado)* e um SN objeto *experenciador*. Assim, ignorando-se os verbos que integram essas construções e baseando-se apenas na configuração sintática e semântica, pode-se propor que as CSVL's de mudança de estado do experenciador objeto 1 são as CSVL's 1 e as CSVL's de mudança de estado do experenciador objeto 2 são as CSVL's 2, como se observa na figura 112.

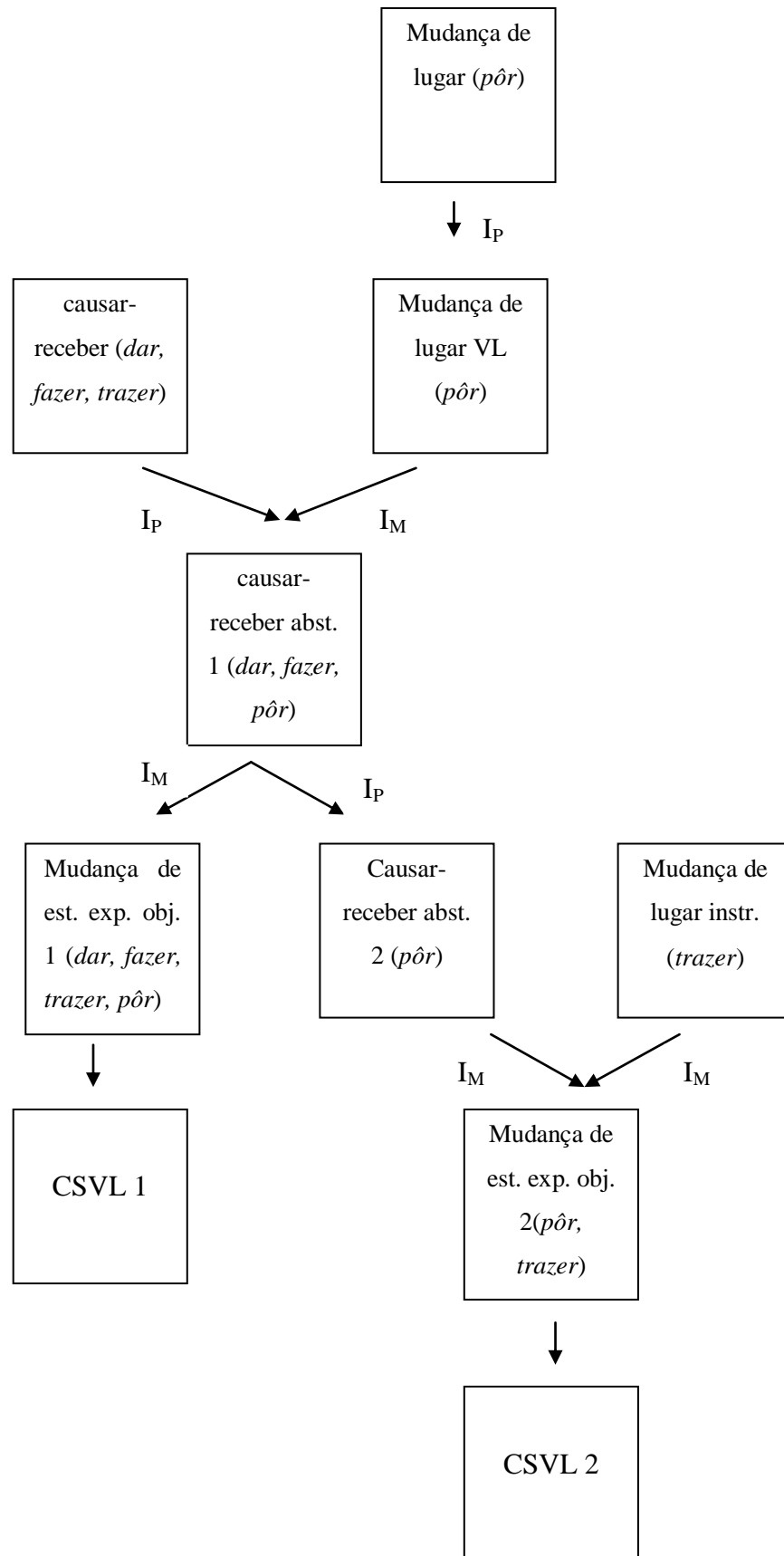


Figura 112- Rede de construções que motivou as CSVL's 1 e 2.

Outros dois tipos de construções de três lugares foram encontradas nos dados: a construção de posse abstrata 3 e a construção de mudança de estado originada de uma fonte. Cada uma dessas construções seria armazenada separadamente, mas próxima das demais, conforme a teoria de Bybee. Esta seria uma configuração possível para essas construções:

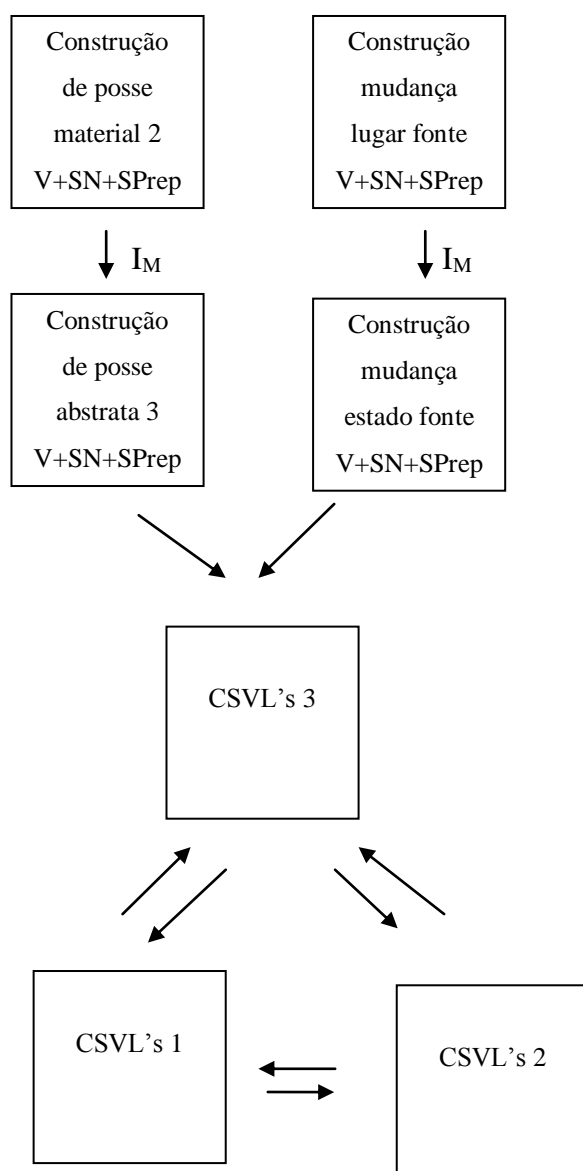


Figura 113- Rede de construções que motivou as CSVL's 3 e suas relações com as CSVL's 1 e 2.

Na figura 113, representaram-se as relações de herança e o armazenamento das construções de três lugares relacionadas ao *frame* dos verbos psicológicos. Como se pode ver, as construções de posse abstrata 3 e as construções de mudança de estado originada de uma fonte apresentam a mesma configuração sintática SN+VL+SN+SPrep e semântica, pois ambas têm um SN sujeito *experienciador*, um SN objeto *causador de experiência (estado)* e um SPrep objeto *fonte*. Dessa forma, essas construções são armazenadas juntas como as CSVL's 3. Assim, propõe-se que as CSVL's 1 e 2 estão mais próximas uma da outra do que das CSVL's 3, pois, embora todas tenham a mesma estrutura sintática, as CSVL's 2<sup>124</sup> e 3 apresentam, em comum, apenas o sujeito *experienciador*, as CSVL's 1 e 3 possuem um SN objeto *causador de experiência (estado)* e as CSVL's 1 e 2 apresentam o *experienciador* na posição de objeto e o *agente* na posição de sujeito.

Além dessas construções que apresentam três papéis argumentos, podem-se fazer algumas considerações em relação às construções de dois lugares. Sintaticamente, vimos que essas construções podem apresentar-se de três formas: SN+VL+SN, SN+VL+SPrep e SN+VL+SAdj.

As CSVL's formadas por SN+VL+SN constituem o *cluster de exemplos* mais produtivo do universo analisado. As construções encontradas nos dados com essa configuração foram: as construções resultativas abstratas, as construções de posse abstrata 2, as construções de perda abstrata com objeto estado psicológico e as construções de sentimento com causador de experiência objeto estado. Também nesse caso, essas construções foram agrupadas, formando o *cluster* de CSVL's 4, como se observa a seguir.

---

<sup>124</sup> Nas construções de sentimento com verbo leve 2, o sujeito é *agente* e *experienciador*, como já se mencionou.



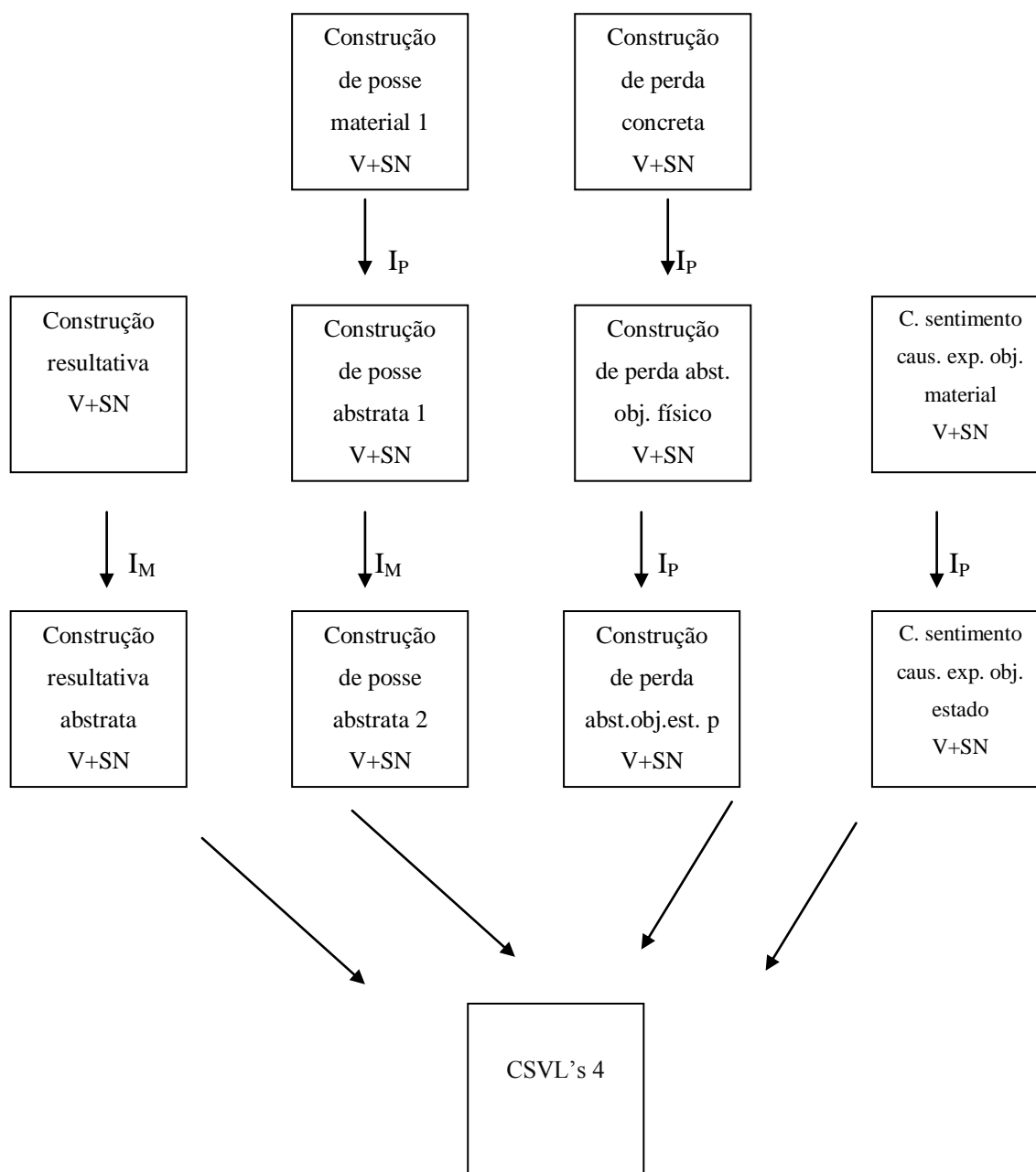


Figura 114- Rede de construções que motivou as CSVL's 4.

Todas as construções representadas na figura 114 têm a mesma representação sintática e semântica, embora tenham tido relações de herança distintas. Dessa forma, todas seriam armazenadas juntas como CSVL's 4.

As CSVL's 5 e 6, formadas, sintaticamente, por SN+VL+SPrep, surgiram a partir das CSVL's de descrição transitória 1, de queda abstrata e posse abstrata 5. Observe-se a figura 115 para ver a configuração proposta.

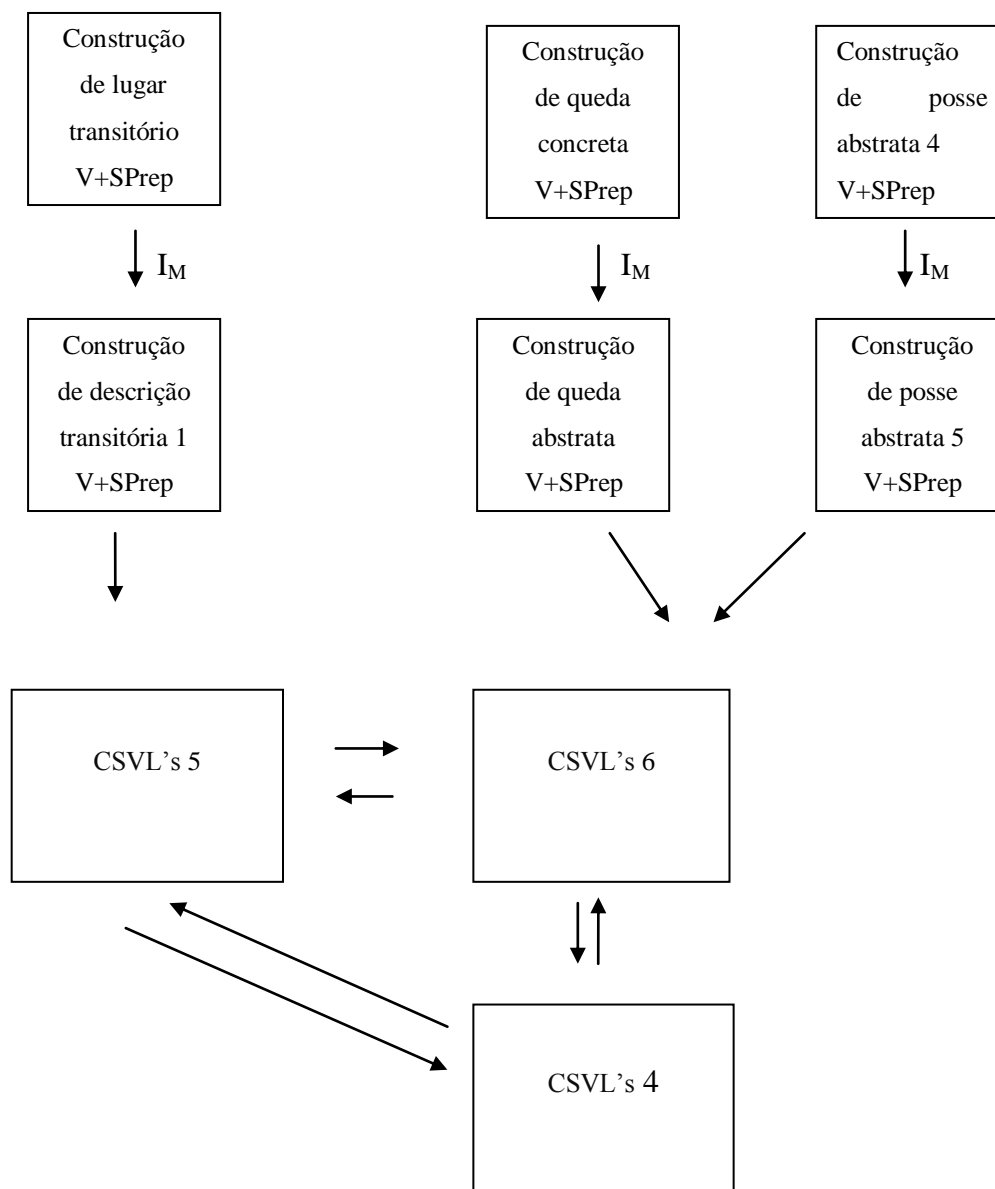


Figura 115- Rede de construções que motivou as CSVL's 5 e 6 e suas relações com as CSVL's 4.

Na figura 115, representaram-se as relações de herança das CSVL's formadas por SN+VL+SPrep. Nesse caso, como se pode ver, há três ramificações iniciais que se transformam, posteriormente em duas, porque, embora as construções sejam sintaticamente idênticas, semanticamente as CSVL's de descrição transitória 1 diferem-se das demais. A construção de descrição transitória 1 apresenta um sujeito *localizando+VL+SPrep estado*, já as construções de queda abstrata e de posse abstrata 5 possuem um sujeito *experenciador+VL+SPrep causador de experiência (estado)*.

Apesar das diferenças, após o processo de *chunking*, essas construções remetem ao *frame* dos verbos psicológicos. Por essa razão, estão armazenadas próximas umas das outras e também armazenadas próximas às CSVL's 4, apresentadas anteriormente. No entanto, como se propõe na figura 115, as CSVL's 5 e 6 estão mais próximas umas das outras do que das CSVL's 4, porque apresentam a mesma configuração sintática. Além disso, as CSVL's 6 e as CSVL's 4 estão mais próximas, pois essas apresentam a mesma configuração semântica, i. e. , um papel argumento de *experienciador* na posição de sujeito e um papel argumento *causador de experiência (estado)* na posição de objeto.

Já para as CSVL's formadas por SN+VL+SAdj, é possível propor esta configuração:

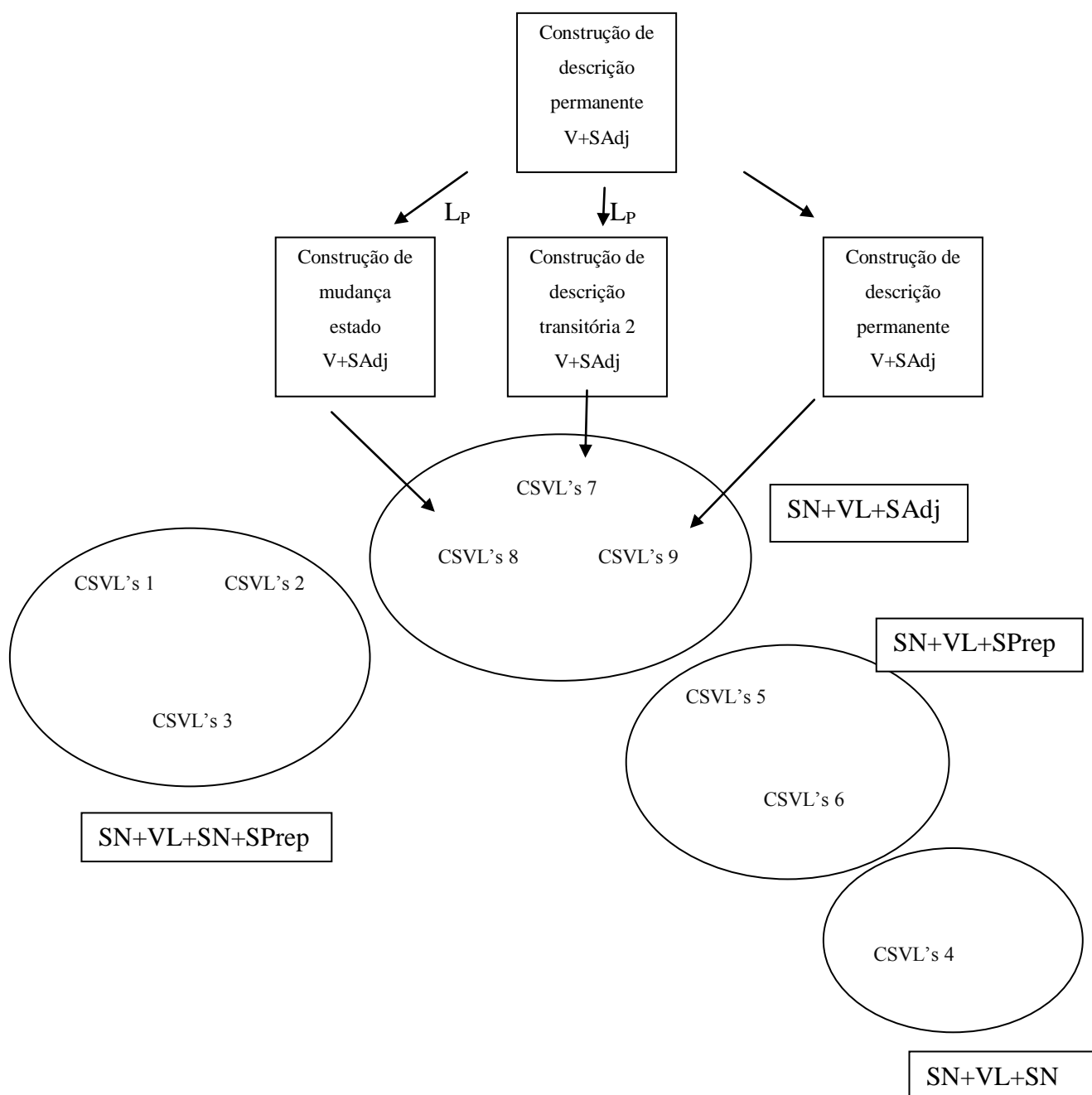


Figura 116- Rede de construções que motivou as CSVL's 7, 8 e 9 e suas relações com as CSVL's 1-6.

Na figura 116, pode-se observar que as construções de descrição permanente apresentam relações de herança com as construções de descrição transitória 2 e com as construções de mudança de estado. Também é possível ver que, após o processo de *chunking*, essas construções originaram as CSVL's 7, CSVL's 8 e CSVL's 9. Como essas construções apresentam uma configuração semântica e sintática distinta das

demais, porque têm um sujeito *localizando*+VL+SAdj *estado*, são armazenadas mais próximas entre si. Também se pode notar que as CSVL's 7, 8 e 9 estão mais próximas das CSVL's 5, pois essas também possuem um sujeito SN *localizando*. E, como já se mostrou, as CSVL's 4 estão mais próximas da CSVL's 6, visto que ambas apresentam a mesma configuração semântica, ainda que se diferenciem sintaticamente. As CSVL's de três lugares, por sua vez, estão armazenadas mais próximas umas das outras, mas também relativamente próximas das CSVL's de dois lugares. Há que se observar, como já se mencionou, que as CSVL's 1 e 2 estão mais próximas uma da outra do que das CSVL's 3, porque possuem dois papéis argumentos iguais. Ademais, é possível observar que as construções de três lugares, que são construções de mudança de estado do experienciador objeto, estão mais próximas das CSVL's 8, que também são construções que denotam mudança de estado.

Nessa proposta de armazenamento, todas as CSVL's estariam próximas também das CVP's e/ou CVL's que as motivaram e também das CSVPsico's inacusativas, acusativas não causativas, causativas e ergativas, conforme se propõe a seguir.

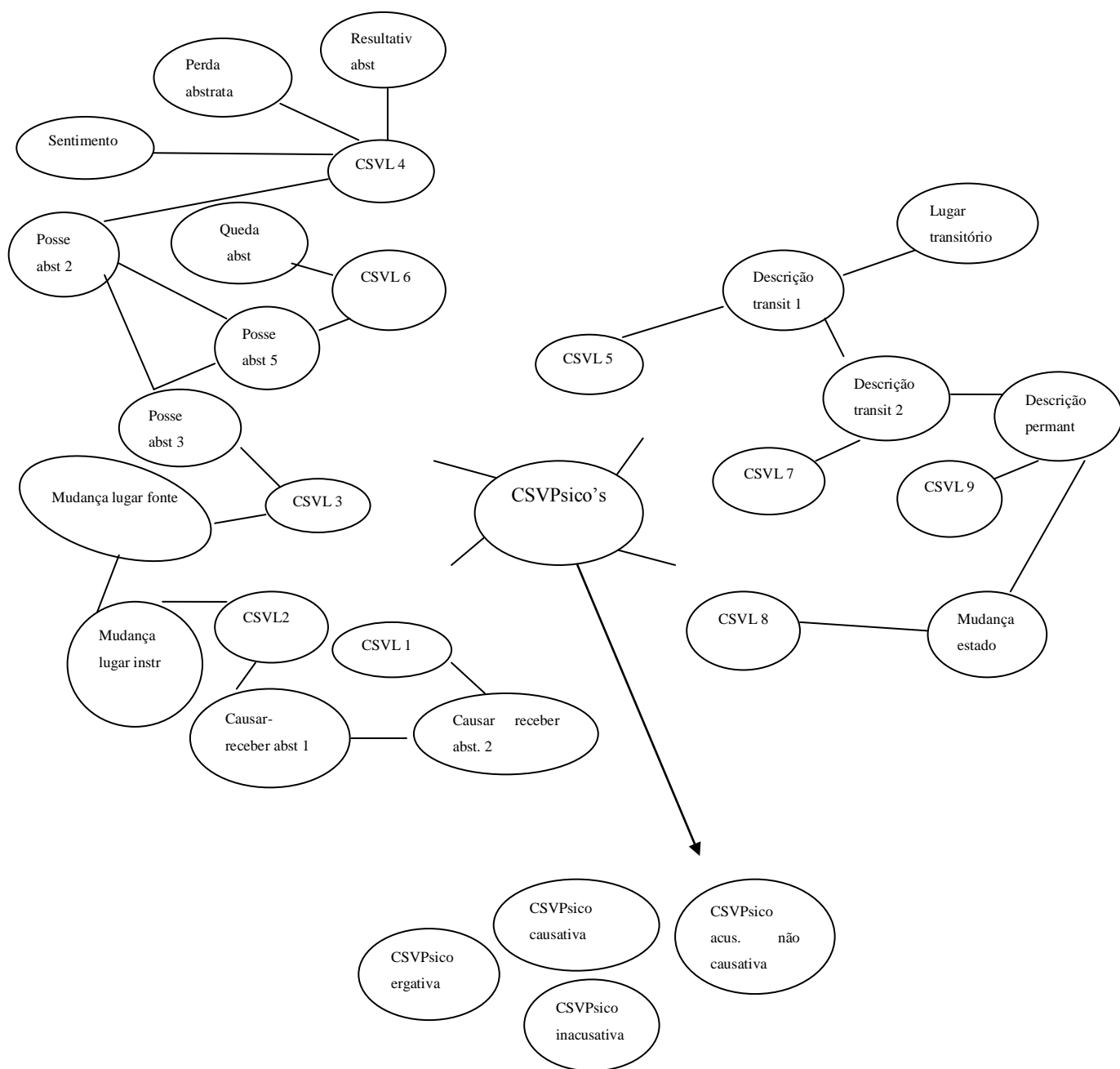


Figura 117- Armazenamento das CSVL's e suas construções motivadoras e dos diferentes tipos de CSVPsico's.

Na figura 117, representou-se a proposta de armazenamento das construções estudadas na tese<sup>125</sup>. Como foi dito, partimos da teoria de Bybee (2010), segundo a qual as construções iguais são armazenadas juntas e construções semelhantes são armazenadas próximas a elas. Dessa forma, observe-se, na parte inferior esquerda, que as construções de três lugares estão próximas umas das outras e, ao mesmo tempo, estão ligadas às construções que as motivaram, isto é, as CSVL's 1 estão relacionadas às construções de causar-receber abstratas 2, as CSVL's 2 estão ligadas às construções de causar-receber abstratas 1 e às construções de mudança de lugar através de um instrumento. Ressalte-se que as construções de causar-receber abstratas 1 e 2 também estão ligadas e as construções de mudança de lugar através de um instrumento estão relacionadas às construções de mudança de lugar originadas de uma fonte. As CSVL's 1 e 2 estão próximas das CSVL's 3 que estão vinculadas às construções de mudança de lugar originadas de uma fonte e às construções de posse abstrata 3. As CSVL's 6 estão relacionadas às construções de queda abstrata e de posse abstrata 5, que, por sua vez, está ligada às construções de posse abstrata 2 e 3, que também se relacionam. Essas construções também estariam vinculadas às suas construções motivadoras, embora não tenha sido possível representar esse vínculo na figura. Como já se mencionou, as CSVL's 4 estão mais próximas das CSVL's 6 do que das CSVL's 5 e estão ligadas às construções de posse abstrata 2, construções de sentimento com causador de experiência objeto estado, de perda abstrata com objeto estado psicológico e às resultativas abstratas que as motivaram. Apesar de não estar representado na figura 117, cada uma dessas construções também estaria conectada à sua construção motivadora. As CSVL's 5 estão conectadas às construções de descrição transitória 1, que se vinculam às construções de descrição transitória 2 e às construções de descrição permanente. As CSVL's 7, 8 e 9 estão bem próximas, sendo que as CSVL's 7 estão conectadas às construções de descrição transitória 2, as CSVL's 9 às construções de descrição permanente e as CSVL's 8 às construções de mudança de estado, que se vinculam às construções de descrição permanente. É interessante notar que as CSVL's 8 estão mais próximas das construções de três lugares, já que aquelas são construções de mudança de estado e estas são construções de mudança de estado do experienciador objeto. Todas as CSVL's estão interligadas, mas não foi possível relacioná-las como foi feito com as outras

---

<sup>125</sup> Uma representação tridimensional daria maior consistência à representação da armazenagem, cujos componentes não se relacionam linearmente apenas. Entretanto, essa representação não foi possível por causa das limitações desse editor de texto.

construções, visto que isso deixaria a figura muito confusa. Além disso, pode-se perceber que as CSVPsico's causativas, ergativas e inacusativas e acusativas não causativas também estão próximas de todas as CSVL's, já que se vinculam a elas por *links* de extensão metonímica. Pode-se ver, na figura, que elas estariam no centro e as CSVL's estariam gravitando ao seu redor. Observe-se também que as CSVPsico's aparecem em tamanho ampliado abaixo das CSVL's e, pode-se ver que as CSVPsico's estão mais próximas umas das outras.

Esse modelo de armazenamento construcional é baseado na Teoria dos Exemplos, proposta por Bybee (2010). A autora afirma que a palavra consiste de um conjunto de *clusters* de exemplares fonéticos e exemplares semânticos, que podem ser tomados como uma unidade e se relacionam com outras palavras de diferentes modos. Na figura 118, retirada de Bybee (2010, p. 23), a estrutura morfológica da palavra *unbelievable* está relacionada a outras palavras com as quais compartilha traços fonéticos e semânticos.

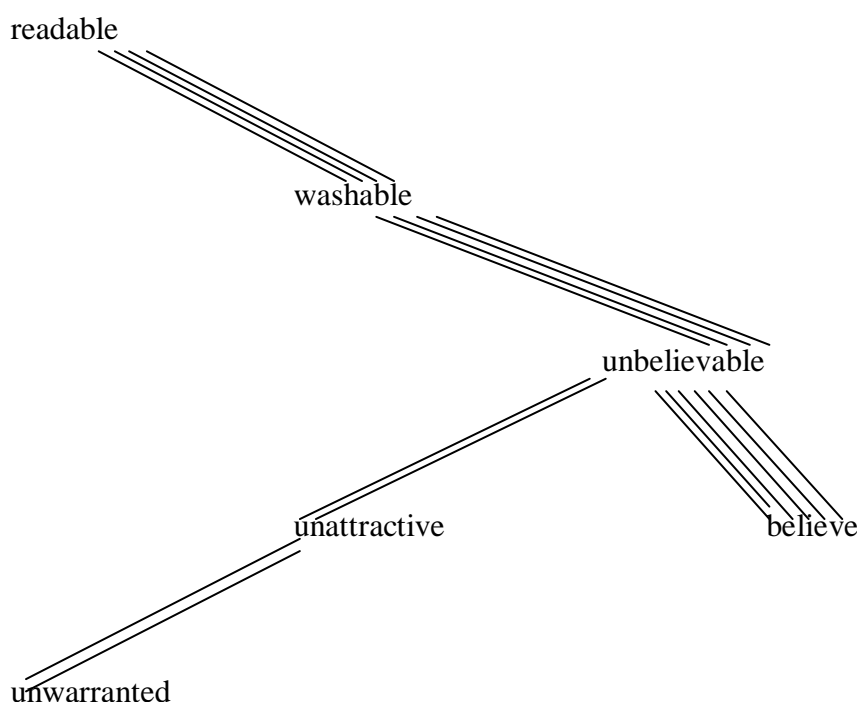


Figura 118- A estrutura interna de *unbelievable* como derivada de suas relações com outras palavras.

Na figura 118, pode-se notar que cada traço fonético e semântico de *unbelievable* está relacionado com outras palavras que apresentam os mesmos traços.



Assim, *unbelievable* está vinculada às palavras *readable* e *washable* pelo sufixo *-able*, está vinculada às palavras *unattractive* e *unwarranted* por causa do prefixo *un-* e também se relaciona com o radical *believ-*.

Segundo Bybee (2010), as construções também possuem representações exemplares, mas essas são muito mais complexas, já que muitas ou todas as construções apresentam sequências esquemáticas, que podem ser preenchidas por uma variedade de palavras ou frases. A autora não ilustra esse modelo de representação exemplar das construções como faz com a palavra *unbelievable*, mas acreditamos que nosso modelo contempla a teoria apresentada pela autora. Na figura 117, vimos que as CVP's, as CVL's e as CSVL's estão relacionadas por apresentarem a mesma estrutura sintática e também porque compartilham o mesmo verbo. Além disso, todas as CSVL's estão relacionadas, principalmente, pelo sentido, já que remetem ao *frame* dos verbos psicológicos e o mesmo poderia ser verificado entre as CSVPsico's. A diferença entre o modelo de armazenamento da Teoria dos Exemplares e o modelo representado neste trabalho reside no fato de que assumimos que a ligação entre essas construções ocorre por *links* de herança.

Nas seções anteriores, vimos as relações de herança das construções integradas por cada verbo analisado, mas é difícil precisar a origem dessas extensões de sentido, quando se observa que o processo já está tão avançado no século XIV. Uma possível explicação da origem dessas extensões poderia ser obtida, tomando-se como base a análise dos membros centrais da categoria (BYBEE, 2006, 2010). Vimos que a análise diacrônica das construções de *way*, desenvolvida por Goldberg (1995), mostra que essas construções eram usadas apenas com o verbo *make*, cujo sentido principal remete à *criação*. Somente três séculos depois, outros verbos passaram a ser usados nas construções de *way*. Essa análise corrobora a teoria de Bybee (2006, 2010) de que os membros mais frequentes de uma categoria funcionam como membros centrais, atraindo outros membros para a construção. Observando os membros centrais das categorias mais produtivas das CSVL's, que são as construções descritivas, as construções mudança de estado do experienciador objeto e as construções de posse abstrata, temos os seguintes membros centrais, conforme se vê na tabela 31.

- Construções descritivas: ser;
- Construções de posse abstrata: haver;
- Construções de mudança de estado do experienciador objeto: fazer.

Tabela 31- Número de ocorrências dos verbos que integraram CSVL's por século<sup>126</sup>.

Verbos	XIV	XV	XVI	Total
Achar	0	0	2	2
Andar	1	1	4	6
Cair	0	8	0	8
Causar	0	0	1	1
Dar	4	35	1	40
Deixar	1	3	0	4
Estar	8	0	1	9
Fazer	12	51	8	71
Ficar	1	2	2	5
Filhar	3	34	0	37
Guardar	0	0	0	0
Haver	10	80	2	92
Lançar	0	1	0	1
Levantar	0	4	0	4
Lançar	0	2	0	2
Meter	2	0	0	2
Mostrar	1	3	0	4
Padecer	0	3	0	3
Passar	0	3	0	3
Perder	0	8	0	8
Pôr	1	14	0	15
Possuir	0	1	0	1
Sentir	0	22	0	22
Ser	21	89	2	112
Ter	5	11	11	27
Tomar	0	4	2	6
Trazer	0	21	0	21
<b>Total</b>	70	400	36	506

<sup>126</sup> Nesta tabela, inserimos todos os verbos analisados, até mesmo aqueles que integraram menos de 7 CVL's.

A análise dos membros centrais, que, de acordo com a tabela 31, são os verbos *ser*, *haver* e *fazer*, nos permite supor que as primeiras categorias de CSVL's eram de construções integradas por esses verbos. Assim, as categorias de CSVL's de descrição parecem ter surgido com o verbo *ser*, as CSVL's de posse com o verbo *haver* e as CSVL's de mudança de estado do experienciador objeto com *fazer*. Dessa sorte, observe-se que estamos analisando a frequência de *type* e também a frequência de *token*. Segundo Bybee (2001), a frequência de *token* é a frequência de ocorrência de uma determinada unidade em um texto, normalmente se refere à frequência de uma palavra, isto é, é o número de vezes que uma palavra ocorreu em um texto. Já a frequência de *type* se relaciona à frequência de um padrão, por exemplo, o sufixo *-ed* que expressa o passado em inglês. Quando estamos diante de uma construção, parece que os dois tipos de frequência se complementam, pois, como os verbos fazem parte da construção, a frequência desse verbo (a frequência de *token*) ajuda a fortalecer a construção integrada por ele (a frequência de *type*). Por outro lado, a frequência de uma construção nem sempre representa o fortalecimento de um verbo específico, já que, ao mesmo tempo que um verbo permite a entrada de outros verbos similares na construção, ele também pode perder força quando isso acontece, podendo, inclusive, desaparecer, como ocorreu com os verbos *filhar* e *haver*. Além disso, quando outros verbos integram construções já existentes pode haver a criação de novas categorias (*types*) e a construção motivadora também pode se enfraquecer. Assim, analisando-se a frequência de *type*<sup>127</sup>, pode-se pressupor que as primeiras categorias sintáticas dessas construções foram: SN+VL+SAdj, integradas pelo verbo *ser* e SN+VL+SN, integradas por *haver* e *fazer*, que são os membros centrais dessas categorias, ou seja, os *tokens* mais frequentes. Pode-se supor também que, com a entrada de novos membros, as categorias se expandiram também sintaticamente, pois, quando *estar*, membro central da categoria das construções locativas transitórias, passa a integrar as construções descritivas, traz consigo a construção SN+VL+SPrep e, quando os verbos *dar*, *pôr*, *trazer* passam a integrar as construções de mudança de estado do experienciador objeto, trazem consigo a estrutura SN+VL+SN+SPrep. As construções de posse de três lugares parecem ter sido copiadas das construções de mudança (integradas por *dar*, *pôr*, *trazer*), até mesmo porque os dois verbos que integraram posteriormente essa construção (*tomar*, *filhar*) não exibiram construções de três lugares nos *corpora*.

---

<sup>127</sup> Nessa etapa, não foi realizada a frequência sistemática das construções.

Outro questionamento que se apresenta é: como essas extensões de sentido foram implementadas através das gerações? Para responder à essa pergunta, pensamos que é necessário analisar uma quantidade muito maior de dados. Entretanto, aventamos a hipótese de que a implementação de uma extensão de sentido está diretamente relacionada à frequência da construção (frequência de um *type*). Assim, as categorias de CSVL's mais frequentes teriam sobrevivido historicamente e, com a entrada de novos itens lexicais (frequência de *token*) nas partes esquemáticas, subcategorias foram sendo criadas, como se exemplificou acima.

Pode-se perceber também, a partir do modelo de armazenamento proposto, que as CSVL's são essenciais para a atualização do *frame* dos verbos psicológicos no período analisado e também sincronicamente, de acordo com os trabalhos de Madureira (2000), Carvalho (2008) e Cunha (2010). Vimos que, na classe dos verbos psicológicos, apenas 23,6% dos dados (156 ocorrências) são de CSVPsico's, ao passo que 76,4% são de CSVL's (506 ocorrências), conforme se apresentou na tabela 8. Além disso, dentro desse conjunto de dados, 439 ocorrências foram de CSVL's que não apresentaram uma CSVPsico correspondente, representando 66,31% dos dados que remetem ao *frame* dos verbos psicológicos. Isso quer dizer, considerando o conjunto de dados analisados, que a única forma de acessar grande parte dos *frames* de verbos psicológicos era (e em muitos casos ainda é) por meio das CSVL's. Para tanto, pode-se pensar que os primeiros verbos usados nessa CSVL's eram verbos que se apresentavam em vários tipos de construção (como *ser*, *haver* e *fazer*), ou seja, verbos que já estavam mais esvaziados de sentido e, provavelmente, por isso o sintagma que se lhes seguia ganhava força para recuperar um *frame* que não fosse o do verbo da construção. É interessante observar que outros verbos que também são muito frequentes nos *corpora*, e que devem ter entrado posteriormente nessas construções, como *estar*, *ter* e *dar*, também são verbos que apresentam vários usos e também não são semanticamente tão plenos, embora possuam um pouco mais de conteúdo semântico que os anteriores. Os outros verbos que parecem ter entrado nessa construção depois são verbos muito mais significativos (como *andar*, *cair*, *filhar*, *pôr*, *sentir*, *tomar*, *trazer*) e o falante reconhece, quando integram uma CSVL, que está diante de um uso metafórico desses verbos, o que não é notado tão facilmente em CSVL's integradas pelos verbos que funcionam como membros centrais da categoria.

#### 4.9 Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, realizou-se a análise das construções integradas por alguns verbos que se apresentaram como leves na pesquisa de Madureira (2000). Nesse estudo, a autora percebeu que muitos *frames* de verbos psicológicos eram evocados por construções analíticas, formadas por verbo+SN, verbo+SPrep ou verbo+SAdj. Neste trabalho, esses verbos foram classificados como leves e, retomando alguns textos estudados por Madureira, foram recolhidos todos os contextos em que esses verbos ocorreram, como leves (CVL's) e como plenos (CVP's), retomando o *frame* dos verbos psicológicos (CSVL's) ou não. A análise das CSVL's, CVP's e CVL's, integradas por esses verbos, considerando-se a frequência, a história e a estrutura sintático-semântica das construções, permitiu verificar indícios de que as CVP's e suas extensões de sentido motivaram as CSVL's integradas pelos mesmos verbos dessas CVP's. Aquelas construções, por sua vez, parecem estar conectadas, por *links* de extensão metonímica, às CSVPsico's causativas, ergativas, inacusativas e acusativas não causativas. Ademais, partindo-se da frequência de uso das CSVPsico's no século XIV e da composição sintático-semântica dessas construções, propôs-se que as CSVPsico's causativas estão relacionadas às CSVPsico's ergativas por *links* de subpartes. Foi realizada também uma proposta de armazenamento dessas construções a partir dos *links* de herança estabelecidos. No próximo capítulo, serão apresentadas as considerações finais da pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

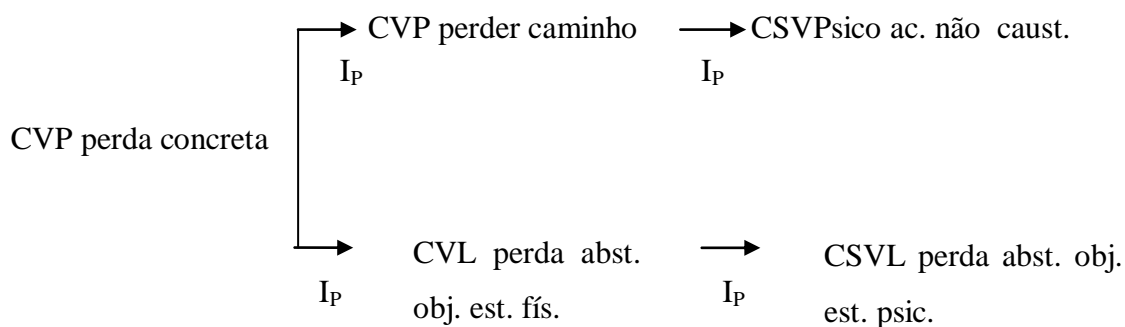
---

Conforme apresentado, este trabalho se baseia e, de certa forma complementa, as pesquisas de Madureira (2000, 2002) e continuação dos seus estudos como Dogliani (2007, 2011), Carvalho (2008) e Cunha (2010). Essas pesquisas mostraram que o *frame* de grande parte dos verbos psicológicos é acessado por meio dos verbos dessa classe semântica e também por construções perifrásticas. Nesta pesquisa, pretendeu-se dar um tratamento teórico a essas construções perifrásticas, mostrando como se originaram, quais construções as motivaram, como elas são armazenadas na mente dos falantes e qual sua relação com as construções integradas pelos verbos psicológicos (CSVPsico's). Defendemos que o verbo, presente nas construções denominadas de analíticas nas pesquisas anteriores, é um verbo leve, e, portanto, as construções integradas por esses verbos são construções de sentimento com verbos leves (CSVL's). Convém lembrar que, além dessas CSVL's, a análise diacrônica realizada por Madureira apontou também a existência quatro tipos de verbos psicológicos, a saber: os verbos acusativos não causativos e os verbos inacusativos, que não realizam a ergativização; os verbos causativo-ergativos, que realizam essa propriedade e os verbos causativos. Dessa forma, quatro tipos de CSVPsico's foram encontradas e analisadas na tese, ou seja, as CSVPsico's acusativas não causativas, as CSVPsico's inacusativas, as CSVPsico's causativas e as CSVPsico's ergativas.

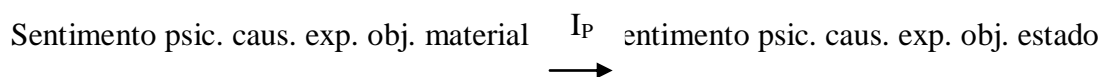
A análise das relações de herança das CSVL's e das CSVPsico's foi baseada nas relações sintático-semânticas entre as construções, como advoga Goldberg (1995), nas relações históricas, cuja importância é observada no trabalho de Madureira (2000, 2002) e também na frequência de uso, defendida por Bybee (2006, 2010). Dessa forma, como estamos defendendo que as relações de herança são também relações históricas, nesta pesquisa, buscamos, nos textos dos séculos XIV, XV e XVI, estudados por Madureira, todas as ocorrências dos verbos leves encontrados na pesquisa dessa autora, i. e., as construções em que esses verbos se apresentaram como plenos (CVP's) e como leves, remetendo ao *frame* dos classe dos verbos psicológicos (CSVL's) ou remetendo ao *frame* de outras classes semânticas (CVL's diversas). Além disso, também foram recolhidas e reanalisadas as construções integradas pelos verbos psicológicos (CSVPsico's).

A análise das relações sintático-semânticas, da frequência e da história das CSVL's confirmou uma de nossas hipóteses: as CSVL's parecem ter sido motivadas pelas CVP's integradas pelos mesmos verbos, conforme se reapresenta a seguir.

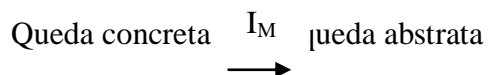
a) Construções de perda:



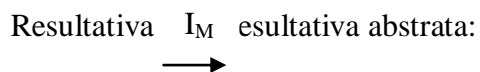
b) Construções de sentimento:



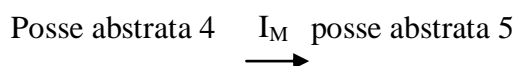
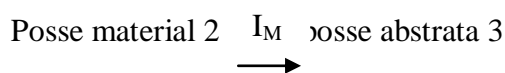
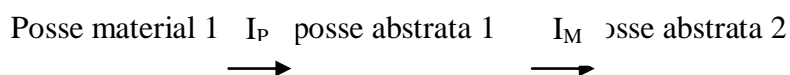
c) Construções de queda:



d) Construções resultativas (subtipo das construções de mudança):



e) Construções de posse:



Observe-se, em relação às construções de perda, que as CVP's integradas pelo verbo *perder* pleno originaram dois tipos de construções diferentes que apresentaram relações de herança distintas. As CVP's de perda concreta, por um lado, motivaram as CVP's de perder caminho e as CSVPsico's inacusativas. Nessas relações de herança, todas as construções motivadas são construções com verbos plenos. Por outro lado, as CVP's de perda concreta motivaram as CVL's de perda abstrata com objeto estado físico, que motivaram as CSVL's de perda abstrata com objeto estado psicológico.

Pode-se notar também a relação entre as CVP's e as CVL's/CSVL's nas construções de sentimento, de queda, nas construções resultativas e nas construções de posse, pois as análises mostraram que as CVP's de sentimento com causador de experiência objeto material motivaram as CSVL's de sentimento com causador de experiência objeto estado, as CVP's de queda concreta motivaram as CSVL's de queda abstrata, CSVL's resultativas abstratas foram motivadas pelas CVP's resultativas, as CVP's de posse material 1 motivaram as CVL's de posse abstrata 1 que motivaram as CSVL's de posse abstrata 2 e as CSVL's de posse abstrata 3 foram motivadas pelas CVP's de posse material 2.

É possível observar que apenas uma relação de herança proposta fugiu da regra, isto é, em uma relação de herança não se verificou uma CVP que motivou uma CVL. Vimos, anteriormente, que as CVL's de posse abstrata 4 motivaram as CSVL' de posse abstrata 5. No entanto, como essas construções apresentaram um volume reduzido, pode-se aventar a hipótese de que foram motivadas por uma CVP, mas essa construção motivadora não ocorreu nos *corpora* analisados.

Convém destacar também, nessas relações de herança, que, além de relações de herança diretas, nas quais uma construção herda suas configurações diretamente de outra, foram encontradas relações de herança indiretas, em que uma construção herda suas configurações de uma construção híbrida, ou seja, que apresenta propriedades da construção que a motivou e da construção que motivará. Essas relações indiretas não foram previstas por Goldberg (1995), mas podem ser observadas nas relações de herança das construções de perda concreta e de posse. Nas relações de herança das construções de perda concreta, tanto as construções de perder caminho quanto as construções de perda abstrata com objeto estado físico são híbridas e, nas relações de herança das construções de posse material 1, as construções de posse abstrata 1 também podem ser consideradas construções intermediárias.



Relações de herança também foram propostas para as construções integradas pelos verbos *ser*, *estar*, *ficar* e *andar*. Vimos que os verbos *ser* e *estar*, embora não integrem CVP's atualmente, já se apresentaram nessas construções, conforme indicam os estudos de Mattos e Silva (2006). Assim, para saber as construções motivadoras, tivemos que verificar além das relações sintático-semânticas, a frequência das construções e a frequência do membro central dessas construções, já que, segundo Bybee (2006, 2010) o membro central da categoria pode servir de base analógica para a entrada de novos itens em construções existentes, criando novas categorias. Dessa forma, defendemos que a construção que apresenta uma frequência maior do membro central pode ser a construção motivadora. Estas foram as relações de herança estabelecidas para as construções descritivas, locativas e de mudança de estado integradas por esses verbos:

a) Construções descritivas e locativas:

Lugar transitório  $I_M$  descrição estado transitório 1  
 $\longrightarrow$

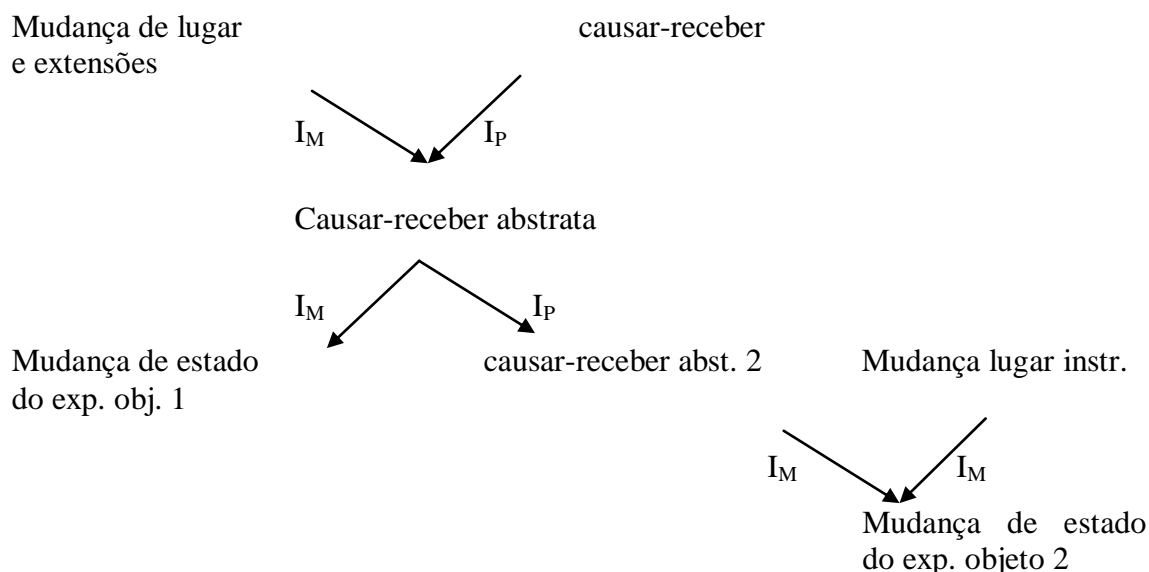
Descrição permanente  $I_P$  descrição transitória 2  
 $\longrightarrow$

b) Construções descritivas e de mudança de estado:

Descrição permanente  $I_P$  mudança de estado  
 $\longrightarrow$

Além disso, verificaram-se também relações de herança múltiplas, que ocorrem quando uma construção herda suas propriedades de duas construções que existem independentemente uma da outra. Vimos que as construções de mudança de estado do experienciador objeto 1 e 2 foram motivadas pelas construções de mudança de lugar e suas extensões de sentido e pelas construções de causar-receber e suas extensões de sentido, conforme se verifica a seguir.

a) Construções de mudança (lugar, posse, estado):



Convém lembrar ainda que, embora Goldberg (1995) tenha proposto apenas quatro *links* de herança entre as construções, partindo dos trabalhos de Lakoff (1987) e Norrick (1981), defendemos a existência de *links* de extensão metonímica entre as CSVL's e as CSVPsico's, pois se observou que os SN's, SPrep's e SAdj's do núcleo predicativo das CSVL's remetiam, metonimicamente, aos *frames* dos verbos psicológicos cognatos a eles e, as construções formadas por VL+objeto remetiam às CSVPsico's.

Há que se destacar também a relação de herança verificada entre as CSVPsico's causativas e ergativas. Os estudos diacrônicos de Madureira (2000, 2002) mostraram que, na classe dos verbos psicológicos, muitos verbos acusativos não causativos e inacusativos se causativizaram e, posteriormente, apresentaram construções ergativas. A autora defendeu que esse processo também ocorreu com os verbos originalmente causativos. Assim, as análises quantitativas de Madureira sinalizam que as construções causativas antecedem, historicamente, as construções ergativas na classe dos verbos psicológicos. Com base nessa antecedência histórica das construções causativas e, observando-se também as semelhanças sintático-semânticas entre essas construções, propusemos que as CSVPsico's causativas e ergativas estão relacionadas por *links* de

subpartes. Em outras palavras, defendemos que as CSVPsico's causativas motivaram as CSVPsico's ergativas.

Convém ressaltar que foram analisadas outras CVL's integradas pelos mesmos verbos que participam das CSVL's e verificou-se que as relações de herança estabelecidas para as CSVL's também podiam ser propostas para as demais CVL's. Por exemplo, entre as construções de posse integradas por *haver*, verificaram-se construções como *haver pousada* e *haver feridas*, que se assemelham sintática e semanticamente às construções de posse abstrata 1 e, por essa razão, parecem apresentar *links* de herança com as CVP's de posse material 1. Além disso, como se defendeu, os SN's do núcleo predicativo dessas construções, que também são CVL's, remetem, metonimicamente, ao *frame* de POUSAR e FERIR, respectivamente, e as construções formadas por VL+objeto dessas CVL's remetem às construções integradas por esses verbos. Essa mesma correspondência entre as relações de herança propostas para as CSVL's e as relações de herança das CVL's foi observada, sistematicamente, neste trabalho.

A partir da análise das relações de herança, foram propostas formas de armazenamento dessas construções com base na teoria da Gramática de Uso e Teoria dos Exemplares de Bybee (2006, 2010). Segundo essa teoria, as construções idênticas, que possuem a mesma estrutura sintática e semântica, são armazenadas juntas, formando *clusters de exemplos*. Já as construções semelhantes são armazenadas próximas a essas construções. Como se viu, na seção 4.8, nove tipos de *clusters de exemplos* de CSVL's foram encontrados nos *corpora* analisados. A análise dos dados permitiu constatar que, quanto mais semelhante o *cluster*, mais próximas as construções serão armazenadas e quanto maior a diferença, maior a distância entre elas. Vimos que as construções CSVL's de três lugares estão mais próximas umas das outras, já que, pelo menos sintaticamente, são semelhantes, mas também estão relativamente próximas das demais, mas, principalmente, mais próximas das CSVL's 8, visto que essas também são construções de mudança. O mesmo se verifica com as construções de descrição permanente, de descrição transitória e de mudança de estado. Embora tenham *clusters* distintos, devido à presença dos traços de permanência, transitoriedade e mudança de estado, respectivamente, essas construções possuem a mesma estrutura sintática e semântica, o que permite que estejam muito próximas umas das outras. Essa proximidade faz com que os mesmos verbos transitem entre elas. Por exemplo, como se viu na seção 4.2.4, os verbos *estar*, *ser* e *andar* integram as construções de descrição transitória e, nas construções de mudança de estado, podem atuar os verbos *ficar* e *ser*.

No caso das CSVL's 5 e 6 de dois lugares, formadas por SN+VL+S<sub>Prep</sub>, vimos que elas estão próximas devido à semelhança sintática, embora possuam papéis argumentos distintos. Além disso, por causa de seus papéis argumentos, as CSVL's 6 estão próximas das CSVL's 4 (também de dois lugares), porque essas construções projetam os mesmos papéis argumentos, apesar de as CSVL's 4 exibirem uma estrutura sintática distinta. Propusemos também que as CSVL's estariam gravitando ao redor das CSVPsico's por causa do *link* de extensão metonímica que as mantém vinculadas.

Nessa proposta de armazenamento, advogamos que as relações de herança estabelecidas historicamente se refletem no armazenamento das construções, o que significa que as construções que motivaram as CSVL's continuam vinculadas a elas e também são armazenadas próximas.

Esperamos que as propostas defendidas, nesta tese, tenham trazido contribuições para os estudos da Gramática de Construções e para a Teoria dos Exemplares. Esperamos também que nosso trabalho possa servir de inspiração para trabalhos futuros e desejamos que novos pesquisadores se aventurem a buscar as relações de herança das construções da língua para que, algum dia, possamos construir a Gramática de Construções (diacrônica ou sincrônica) da Língua Portuguesa. Temos consciência, entretanto, que várias questões não foram respondidas e que precisam de mais estudos. Como se viu, apenas esboçamos as relações de herança das CVL's apresentadas na tese, logo, é necessário realizar um estudo mais significativo dessas construções. Além disso, dos 46 verbos leves que ocorreram nos dados de Madureira (2000), foram analisados somente aqueles que apresentaram mais de sete ocorrências como verbos leves no período analisado. Faz-se necessário analisar as relações de herança das construções integradas por todos esses verbos, o que, conseqüentemente, está relacionado à análise de textos de outros séculos. Seria interessante também verificar as relações de herança de outras construções e não somente das construções integradas por verbos que evoquem o *frame* dos psicológicos, como fizemos, para que se possa validar (ou refutar) o construto teórico utilizado. Outra questão interessante, já observada por Assis (2009) e Machado Vieira (2003), é a integração entre o verbo leve e o objeto quando se verificam elementos intervenientes entre eles. Um estudo diacrônico sobre a integração entre o VL+objeto nas CVL's, observando-se a diminuição entre esses elementos intervenientes e o VL, em textos escritos pretéritos, poderia mostrar a formação das CVL's constituídas por VL+SN nu (integração máxima das CVL's, de acordo com Machado Vieira, 2003) e a relação entre essa integração e as relações de herança. Essas

e outras questões serão respondidas em trabalhos futuros desenvolvidos por mim ou por outros pesquisadores da língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ASSIS, Kate Lúcia Portela de. *Dar/fazer/ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes*. 2009. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Letras Vernáculas, 2009.

BASÍLIO, M.; M.C. DIAS; MARTINS, H.F. Expressões DAR+SN: um estudo de representação lexical. *In: Encontro da ASSEL-RIO, 3*, Rio de Janeiro, Anais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994 *apud* SCHER, Ana Paula. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? *In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO R E. U.; FOLTRAN, M.J. (Org.) Semântica formal*. São Paulo: Contexto, p. 205-219, 2003.

BELLETTI, A.; RIZZI, L. Psych verbs and theta-theory. *Natural language and linguistic theory*. n.6, p. 291-352, 1988.

BITTENCOURT, Vanda de. *Da expressão da causatividade no português do Brasil: uma viagem no túnel do tempo*. 1995. 341 f., Tese (Doutorado) – PUC-São Paulo, 1995.

BOLLINGER, Dwight L. Entailment and the meaning of structures. *Glossa 2*, p. 119-127, 1968 *apud* GOLDBERG, Adele. *Constructions. A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

BRUGMAN, Claudia. Light verbs and polysemy. *Language Sciences*. v. 23, n. 4-5, p. 551-578, jul. /set. 2001.

BUTT, Miriam. The light verb jungle. *In: Aygen, G. Bower, C., Quinn, C. (Org.) Harvard Working Papers in Linguistics*. v.9. Papers from the GSAS/Dudley House Workshop on Light Verbs, p. 1-28, 2003.

BUTT, Mirian; LAHIRI, Aditi. Diachronic pertinacity of light verbs. *Língua*, v.135, p. 7-29, out. 2013.

BYBEE, Joan. The phonology of the lexicon: evidence from lexical diffusion. *In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (Ed.) Usage-based models of language*, p. 65-85, 2000.

\_\_\_\_\_. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, 82, 711-733, 2006.

\_\_\_\_\_. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan; EDDINGTON, David. A usage-based approach to Spanish verbs of 'becoming'. *Language* 82, p. 323-355, 2006 *apud* BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAMPBELL, R.G. *The grammatical structure of verbal predicates*. 1989. Tese (Doutorado) – Los Angeles: UCLA, 1989 *apud* SCHER, Ana Paula. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO R E. U.; FOLTRAN, M.J. (Org.) *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, p. 205-219, 2003.

CANÇADO, M. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. *Revista de Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.5, p. 89-114, 1996.

\_\_\_\_\_. Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: verbos psicológicos. *Revista Gel*, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). Predicação, relações semânticas e papéis temáticos: Anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.11, n.2, 2003b.

\_\_\_\_\_. Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 23-56, jan./jun. 2005.

CANÇADO, Márcia; AMARAL, Luana. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no português brasileiro. *Revista da ABRALIN*. [s.l.], v. 9, n. 2, p. 123-147, jul./dez. 2010.

CANÇADO, M. ; GODOY, L.; AMARAL, L. Predicados primitivos, papéis temáticos e aspecto lexical. *ReVEL*, v. 11, n. 20, 2013. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/225408ba46331467aee40d50386b8a90.pdf> Acesso em: 23 fev.15.

CARVALHO, Gabriele Cristine. *Um estudo descritivo dos predicadores experienciais psicológicos, físicos, epistêmicos e de percepção do português: análise das correlações sintático-semânticas orientada pela frequência dos tipos de construções morfológicas*. 2008. 167 f., Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. Uma análise histórica dos *clusters* dos verbos *ser, estar, andar e trazer*. In: IV SIMELP Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. *Anais Língua Portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas*. GALVÃO, Vânia Cristina Casseb; REZENDE, Tânia Ferreira; BRAGGIO, Sílvia B; SILVA, Leosmar Aparecido; BERTOQUE, Lennie A. D. P. (orgs.). Goiânia (GO): FUNAPE, 1674-1682, 2013. Disponível em [http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio\\_35.pdf](http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_35.pdf). Acesso em: 05 março de 2015.

\_\_\_\_\_. Análise dos *clusters* dos verbos *haver e ter* em textos dos séculos XIV, XV e XVI. *Revista do SELL*. Uberaba, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, v.4, n. 1, 1-20, 2014. Disponível em <http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/417/611>. Acesso em: 05 março de 2015.

CIRÍACO, Larissa. A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas. 2007. 113 f., Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2007.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e Inergatividade no PB. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 46 (2) UNICAMP, p. 207-225, 2006.

CLARK, Eve V. The principle of contrast: a constraint on language acquisition. In: B. MACWHINNEY (Ed.). *Mechanisms of language acquisition*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p. 1-33, 1987 *apud* GOLDBERG, Adele. *Constructions. A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª edição revista e atualizada de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, Carolina Dias. *O comportamento dos verbos experienciais e beneficiários perante a alternância causativo-ergativa: a frequência de uso do clítico se, as realizações morfológicas e os itens lexicais*. 2010. 133f., Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerasi. Faculdade de Letras, 2010.



DIK, Simon C. *Theory of functional grammar*. Editado por Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter. 2v, 1997 *apud* SCHER, Ana Paula. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO R E. U.; FOLTRAN, M.J. (Org.) *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, p. 205-219, 2003.

DOGLIANI, Evelyne. Relação sintaxe-semântica: uso e frequência das principais estruturas dos verbos psicológicos. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.15, n.1, p. 18-38, jan./jun. 2007.

DOGLIANI, Evelyne. Gramaticalização e Desgramaticalização no Percurso do Pronome Se. *Letras & Letras*, v. 27, n. 1, Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia/ Instituto de Letras e Linguística, p. 71-83, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25733>>. Acesso em: 24 Jan. 2015.

DOWTY, D. On the semantic content of the notion of thematic role. In: CHIERCHIA, G.; TURNER, M. (Ed.). *Properties, types and meaning*. Studies in linguistic and philosophy, 2: Semantic Issues. Daordrecht: Kluver, p. 69-130, 1989.

\_\_\_\_\_. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v.67, p.547-619, 1991.

ECO, Umberto. Introduction to a Simiotics of iconic signs. *Versus* 2, p. 1-15, 1972 *apud* NORRICK, Neal R. *Semiotic principles in semantic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1981.

\_\_\_\_\_. *A theory of semiotics*. Bloomington: Indiana University Press, 1976 *apud* NORRICK, Neal R. *Semiotic principles in semantic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1981.

ELLIS, NICK C.; LARSEN-FREEMAN, Diane. Language emergency: implications for applied linguistics – introduction to the special issue. *Applied linguistics* 27(4), p. 558-589, 2006 *apud* BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998.

FIDELHOLTZ, J. Word Frequency and vowel reduction in English. *CLS*, n. 11, p. 200-213, 1975.

FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. (Ed.). *Universals in linguistics theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, p. 1-88, 1968.

\_\_\_\_\_. Verbs of judging: an exercise in semantic description. In: FILLMORE, C.; LANGENDOEN, D. Terence (Ed.). *Studies in Linguistic Semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, p. 272-289, 1971a.

\_\_\_\_\_. Some problems for case grammar. In: RICHARD J. O'BRIEN, S.J. (Org.). *Report of the Twenty-second Annual Round Table Meeting on Linguistics and Language Studies*. Washington/DC: Georgetown University Press, p. 35-56, 1971b.

\_\_\_\_\_. Na alternative to checklist theories of meaning. *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 123-131, 1975.

\_\_\_\_\_. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (Ed.) *Linguistics in the morning calm*, Seoul: Hanshin, p. 111-138, 1982.

FRANCHI, C. Predicação. Manuscrito publicado em CANÇADO, Márcia (Org.). Predicação, relações semânticas e papéis temáticos: Anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.11, n.2, 2003.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934 *apud* MATTOS E SILVA, R.V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

GOLDBERG, Adele . *Constructions. A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GRIMSHAW, Jane; MESTER, A. Light verbs and theta-marking. *The Linguistic Inquiry* 19, p. 205-232, 1988 *apud* BRUGMAN, Claudia. Light verbs and polysemy. *Language Sciences*. v. 23, n. 4-5, p. 551-578, jul. /set. 2001.

GRUBER, J. S. *Studies in lexical relations*. 1965. Tese (Doutorado) – MIT ; reeditado como parte de *Lexical structures in syntax and semantics*. Amsterdam: North Holland, 1976 *apud* JACKENDOFF, Ray,. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: MIT, 1972.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistics* 1. 3:37-81, 197-277; 4:153-308, 1967-1968 *apud* FILLMORE, C. Verbs of judging: an exercise in semantic description. In: FILLMORE, C.; LANGENDOEN, D. Terence (Ed.). *Studies in Linguistic Semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, p. 272-289, 1971a.

HAIMAN, John. *Natural Syntax: iconicity and erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985a *apud* GOLDBERG, Adele. *Constructions. A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HEINE, Bernd et alii. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991 *apud* SCHER, Ana Paula. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO R E. U.; FOLTRAN, M.J. (Org.) *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, p. 205-219, 2003.

HOOK, P.E. The emergence of perfective aspect in Indo-Aryan languages. In: Traugott, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, p. 59-89, 1991 *apud* BUTT, Mirian; LAHIRI, Aditi. Diachronic pertinacity of light verbs. *Língua*, v.135, p. 7-29, out. 2013.

HOOPER, P. Emergence grammar. *Berkeley Linguistic Society* 13. P. 139-157, 1987 *apud* BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IZUMI, T. et. al. Paraphrasing Japanese light verb constructions: towards the normalization of complex predicates. *International Journal of Computer Processing of Languages*. v. 23, n. 2, p. 174-167, 2011.

JACKENDOFF, Ray,. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: MIT, 1972.

\_\_\_\_\_. The status of thematic relations in linguistic theory. *Linguistic Inquiry*, v. 18, n. 3. Massachusetts Institute of Technology, p. 369-411, Summer 1987.

JESPERSEN, Otto. *A modern english grammar on historical principles, Part IV, morphology*. London: George Allen and Unwin Ltd., 1965.

KUNO, Susumu. The position of locatives in existential sentences. *Linguistic Inquiry* 2, n. 3, p. 333-378, 1971 *apud* LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LARSEN-FREEMAN, Diane. Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied Linguistics* 18, p. 141-165, 1997 *apud* BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LESLAU, W. Frequency as determinant of linguistic change in the Ethiopian languages. *Word*, n. 25, p.180-189, 1969.

LEVIN, B. *On The Nature of Ergativity*. Doctoral Dissertation. Cambridge: MIT, 1983 *apud* CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e Inergatividade no PB. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 46 (2) UNICAMP, p. 207-225, 2006.

LYONS, John. A note on possessive, existential and locative sentences. *Foundations of language* 3, p. 390-396, 1968 *apud* LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

MACHADO VIEIRA. *A polifuncionalidade do verbo fazer*. In: *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, p. 895-904, 2003.

MACWHINNEY, Brian. Competition and Lexical categorization. In: R. Corrigan et al (Ed.). *Current Issues in Linguistic Theory*. v. 61: *Linguistic Categorization*. Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science, series 4. Amsterdam: John Benjamins, 1989 *apud* GOLDBERG, Adele. *Constructions. A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. *Difusão lexical e mudanças sintáticas: os verbos psicológicos*. 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2000.

\_\_\_\_\_. Variação nas construções pronominais dos verbos psicológicos: uma decorrência de diferentes percursos históricos. In: COHEN, Maria Antonieta A. M.; RAMOS, Jânia M. (Org.). *Dialeto mineiro e o outras falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, p. 109-130, 2002.

MARANTZ, A. P. *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge (MA): MIT Press, 1984 *apud* CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e Inergatividade no PB. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 46 (2) UNICAMP, p. 207-225, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista de Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, ano1, v.1, p. 85-99, jul./dez. 1992.

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves: Acadêmica, 1952-1955.

NEVES, M.H.M.. *Gramática dos usos*. Sao Paulo: Editora UNESP, 2000 *apud* ASSIS, Kate Lúcia Portela de. *Dar/fazer/ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes*. 2009. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Letras Vernáculas, 2009.

NORRICK, Neal R. *Semiotic principles in semantic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1981.

PEIRCE, Charles S. *Collected papers*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1931-1961 *apud* NORRICK, Neal R. *Semiotic principles in semantic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1981.

PERLMUTTER, D. Impersonal passives and the Unaccusative Hypothesis. *Berkeley Linguistics Society* 4, p.157-189, 1978.

PERINI, Mário A. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. (ms.) O papel temático: relação cognitiva e instrumento de descrição.

PHILLIPS, Betty S. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, v. 60, n. 2, p. 320-342, 1984 *apud* PHILLIPS, Betty S. Lexical diffusion frequency, and lexical analysis. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamin, B.V., p. 123-136, 2001.

PHILLIPS, Betty S. Lexical diffusion frequency, and lexical analysis. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamin, B.V., p. 123-136, 2001.

ROSEN, C.G. The Interface between Semantic Roles and Initial Grammatical Relations. IN: PERMUTTER & ROSEN (Ed.). *Studies In Relational Grammar 2*. Chicago: University of Chicago Press, 1984 *apud* CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e Inergatividade no PB. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 46 (2) UNICAMP, p. 207-225, 2006.

SCHER, Ana Paula. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO R E. U.; FOLTRAN, M.J. (Org.) *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, p. 205-219, 2003.

SEPÚLVEDA NETO, M.S. *Ser/estar*: um estudo de variação e mudança em curso no português antigo. 1989. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1989 *apud* MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista de Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, ano1, v.1, p. 85-99, jul./dez. 1992.

TALMY, L. Force dynamics in language and thought. In: Proceedings of the Twenty-Fourth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: Chicago Linguistic Society, p. 293-997, 1985 *apud* BRUGMAN, Claudia. Light verbs and polysemy. *Language Sciences*. v. 23, n. 4-5, p. 551-578, jul. /set. 2001.

\_\_\_\_\_. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*. v. 12, [s.l.] p. 49-100, 1988 *apud* BRUGMAN, Claudia. Light verbs and polysemy. *Language Sciences*. v. 23, n. 4-5, p. 551-578, jul. /set. 2001.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2. ed. Oxford: Calderon Press, 1995 *apud* SCHER, Ana Paula. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO R E. U.; FOLTRAN, M.J. (Org.) *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, p. 205-219, 2003.

THORNE, James P. On the grammar of existential sentences. In: PATRICK, Suppes et al. (Ed.). *Studies in logic and the foundations of Mathematics*, v. 74, , *Logic methodology and philosophy of science*, 4:863-881. Amsterdam: Northe Holland, 1973

apud LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

VIOTTI, Evani. A composicionalidade nas sentenças com o verbo *ter*. In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO R. E. U.; FOLTRAN, M.J. (Org.) *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, p. 221-241, 2003.

WHITAKER-FRANCHI, Regina Céli Morais. *As construções ergativas: um estudo semântico e sintático*. 1989. 193, Dissertação (mestrado) – Campinas: IEL, 1989.

YUE-HASHIMOTO, M. The lexicon in syntactic change: lexical diffusion in Chinese syntax. *Journal of Chinese linguistics*, v. 21, n.2, p.213-248, 1993.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS REFERENTES AOS *CORPORA*

---

ABREU, G. de V. & VIANA, A. R. G. Lenda de Barlaão e Josafá (História e Memória da Academia Real de Ciências, Tomo VII, Parte II, Memória I). In: FERREIRA, M. E. T. (Org.). *Poesia e prosa medievais*. Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, s.d.

CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1943. p. 135-187.

D. DUARTE. *Leal conselheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982. (pág. 21-126)

ENTWISTLE, W. (Ed.) Crônica d'el Rei Dom Joham (de Fernão Lopes). 1945. (p.01-23). In: COHEN, M. A. et alli. *BTLH- Projeto Banco de Textos para Pesquisa em Linguística Histórica*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 1999.

MATTOSO, J. (Ed.). *Portugaliae Monumenta Histórica; a saeculo octavo post quintumdecimum iussu academiae scientiarum olisiponensis edita*. Livro de linhagens do conde D. Pedro. Lisboa: Academia das Ciências, 1980. Volume II/I. p. 204-222, 295-299, 393-396. In: COHEN, M. A. et alli. *BTLH- Projeto Banco de Textos para Pesquisa em Linguística Histórica*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 1999.

NUNES, J.J. Vida de Santa Pelágia (Revista Lusitana, vol. X, 1907). In: FERREIRA, M. E. T. (Org.). *Poesia e prosa medievais*. Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, s.d.

PEREIRA, E. (Ed.). Vida de Santo Aleixo (Revista Lusitana, vol. I, 1887). In: FERREIRA, M. E. T. (Org.). *Poesia e prosa medievais*. Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, s.d.



## ANEXO A

Grupo 1: grupo constituído pelas CSVPsico's e suas respectivas CSVL's.

<b>Verbos psicológicos que integraram as CSVPsico's e o número de ocorrências</b>	<b>Verbos leves que integraram as CSVL's e o número de ocorrências</b>
Aborrecer (3)	Filhar (1), ter(1)
Adorar (4)	Ter (1),
Alegrar (2)	Estar (1), haver (1), ser (5), sentir(1), trazer (1)
Amansar (4)	Andar (1)
Amar (19)	Perder(1), haver (2), ser (1)
Anojar (4)	Fazer (4), filhar (1), haver (1)
Aprazer (22)	Filhar (5), haver (3), ser(1), sentir (3), tomar (1)
Aproveitar (1)	Haver (1), ser (1)
Assanhar (1)	Filhar (1), haver (2),mostrar (1), perder(1), ser (2), sentir (1)
Confortar (2)	Filhar (1), ser (1)
Contemplar (2)	Levantar (1)
Contentar(2)	Ser (2), sentir (1), trazer (1)
Contrariar (2)	Haver (1), ser (2)
Culpar (1)	Sentir (1), ser (2)
Desejar (15)	Haver (2), mostrar (1), ser (2)
Desprazer (4)	Haver (3), perder (1), sentir (1)
Doer(2)	Trazer (1), ser (1), sentir (1)
Empecer (4)	Fazer (1), sentir (1), trazer (5)
Enamorar (1)	Andar (1)
Folgar(7)	Dar (1), haver (3), perder (1), filhar (4), pôr (1), sentir (1)
Gostar(1)	Perder (1)
Honrar (5)	Fazer (2), haver (2), ser (5), ter (1)
Injuriar (1)	Fazer (3)
Maravilhar (1)	Haver (1), pôr (1), ser (1)
Mazelar (1)	Estar (1), ser (2)
Recear(8)	Haver (1), perder (1)
Temer (1)	Haver(1)
Vingar (1)	Haver (1), ser (2)

Grupo 2: grupo constituído apenas por CSVPsico's.

<b>Verbos psicológicos que integraram as CSVPsico's e o número de ocorrências</b>
Aprovar (1)
Cobiçar (1)
Constranger (3)
Criar (2)
Desamparar (3)
Doestar(1)
Enganar (1)
Enjeitar (4)
Escarnecer (2)
Esmaiar (1)
Fiar (2)
Perdoar (2)
Prasmar (3)
Queixar (1)
Satisfazer(2)
Suportar(6)

Grupo 3: grupo constituído apenas por CSVL's.

<b>Frames de verbos</b>	<b>Verbos leves que integraram as CSVL's e o número de ocorrências</b>
Acalmar	Andar (1)
Acarinhar	Sentir (1)
Acatar	Ter(1)
Acertar	Haver (1), ser (1)
Acolher	Dar (1), haver (1)
Aconselhar	Dar (5) ,haver (1)
Acordar (acordo)	Haver (1) , ser(1)
Afeiçoar	Dar (1), ter (2)
Afligir	Estar(1)
Agradecer	Dar (9)
Agravar	Sentir (1)
Ajuizar	Dar (1), haver (1)
Amadurecer	Possuir (1)
Amaldiçoar	Lançar(1)
Amedrontar	Filhar (1), pôr(1)
Apaixonar	Haver (1)
Apenar / penalizar	Achar (1), Andar (1), dar (2), filhar (1), haver(2)
Aperfeiçoar	Trazer (1), ser (3)
Apiedar-se	Ter(1)

---

Apoderar	Dar (2), estar (1), haver(1)*, meter(1), pôr (1), ser(3), ter(2)
Apressar	Estar (2), fazer (4), haver (1), padecer (1), ser(4)
Arrepende	Filhar (1)
Assoberbar	Levantar(1)
Atentar (tentar)	Estar (1), Ser pass.(2),
Atormentar	Fazer (1)
Atrever	Haver (1)
Atribular	Padecer(1)
Avantajar	Dar (2), fazer (2), haver(1), levar (1), ser (1), sentir (1), ter(1)
Avilar	Ser(1)
Conscientizar	Fazer (1), ser (1)
Cobrar	Haver (2)
Concluir	Haver (1)
Concordar	Haver (1)
Conhecer	Haver (1), ser (1), ter (3), tomar (1),
Corrigir	Haver (2), ser (1), trazer (1),
Conscientizar	Tomar(1)
Considerar	Haver (1)
Conter	Ser(1)
Corromper	Ser (1)
Cuidar	Dar (1), deixar (1), estar (1), filhar(2), haver (2), sentir (1) ter (3), trazer (1),
Cumprir	Ser (3)
Defender	Levantar (1), ser(1), ter (1)
Deleitar	Haver (2), mostrar(1), ser (1)
Desesperar	Trazer (1)
Desonrar	Ser (1)
Desordenar	Trazer (1)
Desprezar	Haver (1)
Desvairar	Levantar(1)
Deter	Pôr (1)
Devotar	Causar (1), fazer (1) , tomar(1)
Diferenciar	Fazer(2), ser (1)
Dignificar	Dar (1), ser(4)
Duvidar	Filhar (1) , ser (1),
Edificar	Ser (2)
Embargar	Dar (1), filhar (1)
Emendar	Fazer (1), haver (1), ser (1), trazer (1)
Empachar	Fazer (1), filhar (1), haver(1)
Enfadar	Filhar (1), sentir (1)
Enlouquecer	Fazer (1)
Enobrecer	Fazer (1), ser(1)
Enriquecer	Fazer (1), haver(1), ser (1)
Ensandecer	Cair (1)
Ensinar	Deixar (1), fazer (1), filhar (2), haver (1), ser(1), ter (1)
Entender	Dar (2), haver (3), ser (2), ter (2)
Entristecer	Andar (1), cair (2), fazer (1), ficar (1), filhar (2),

---

---

	haver(1), padecer (1), passar(1), ser(3), sentir (1), trazer (3)
Envergonhar	Fazer (1), haver(2), meter (1), ter (1)
Errar	Cair (1)
Escandalizar	Fazer (1)
Escolher	Fazer (1),Ser (1)
Espantar	Haver (2)
Esperançar	Falecer (1), haver (6), pôr (1)
Esquecer	Ser(1)
Esquivar	Tomar(1)
Exemplificar	Dar (3), deixar (1), haver (1), pôr(1), ser (3)
Experienciar	Haver (1)
Finalizar	Fazer (1), ser (1)
Firmar	Ser (1)
Fortalecer	Andar (1), ser (4)
Fundamentar	Fazer (1), mostrar(1), ter (2), ser (5)
Galadoar	Ficar (1), haver (1)
Glorificar	Dar (2), filhar (2), haver (1), ser (1), ter (1)
Governar	Filhar (1)
Gracejar	Fazer(1), haver (2), ser(1), ter(1)
Guardar	Deixar por (1), pôr (2), haver(1)
Homenagear	Fazer (2)
Homiziar	Haver(1)
Humildar	Sentir (1)
Idolstrar	Ter(1)
Imaginar	Filhar (1)
Industriar	Ter(1)
Inocentar	Estar (1),ter(1)
Invejar	Filhar (1), haver (3), ser(2), sentir (2)
Irar	Filhar (1)
Lembrar	Haver(3), ter(1)
Libertar	Dar (1), fazer (1), ficar (2), pôr (1),ser(2)
Lidar	Fazer (2), haver (4), ser(1),
Louvar	Dar (1),ser (1), ter(1)
Maldar	Cair (1), fazer (9), trazer (1)
Melhorar	fazer (1), levar (1)
Memorizar	Fazer (1), filhar (1)
Malquerer	Sentir (1)
Merecer	Fazer (1),ser (1)
Mesquinhar	Haver (1), ser (1)
Minguar	Fazer (3), haver(2), passar (1), ser (1)
Mudar	Fazer (4)
Obedecer	Pôr (1), ser (1)
Obrigiar	Ser (2), sentir (1)
Odiar	Haver (5)
Oprimir	Dar (1)
Orar	Fazer (1)
Ousar	Ser (3)
Outorgar	Ser(1)
Pacientar	Filhar (1)

---

---

Pacificar	Fazer (1) , ser (1)
Pecar	Cair (1), falecer (1), fazer (3), haver(1), perder(1), ser (2)
Pelejar	Fazer (1), ser (1)
Penalizar	Haver (2)
Penitenciariar	Fazer (1), Filhar (1)
Perder	Fazer (1), haver(1), trazer (1)
Pressionar	Fazer (1)
Prezar	Ser (1)
Privilegiar	Dar (1), fazer (1), ser(1)
Prover	Haver (1)
Pungir	Ser(1)
Questionar	Fazer (1)
Raciocinar	Achar (1), ser(6), ter(1)
Regrar	Pôr (1)
Saber	Haver(3), ter (1),ser(1)
Salvar	Pôr (1), ser (2), haver (1), ter (1)
Sentir	Fazer (2), filhar (2), haver(1), passar (1), perder (1), ser (3), tomar (1), sentir (1)
Sossegar	Pôr (1), trazer (2)
Sujeitar	Cair (2), trazer (1)
Suspeitar	Pôr (1), ser(1), ter(2)
Temer	haver (2)
Tencionar /intencionar	Haver(2), pôr (1), ter(2)
Torvar	Dar (2), fazer (1), filhar (1), trazer (1)
Vencer	Fazer (1),ficar (1), haver (1), ser(1)

---

## ANEXO B

Verbos leves	Nº ocorrências das CSVL's	Nº ocorrências das CVL's
Achar	2	1
Andar	6	34
Cair	8	2
Causar	1	0
Dar	40	49
Deixar	4	0
Fazer	71	108
Filhar	37	14
Guardar	0	2
Lançar	1	3
Levantar	4	1
Levar	2	2
Meter	2	2
Mostrar	4	2
Padecer	3	1
Passar	3	3
Perder	8	1
Pôr	15	23
Possuir	1	0
Sentir	22	5
Tomar	6	1
Trazer	21	7
<b>Total</b>	<b>261</b>	<b>261</b>

Verbos leves	Nº ocorrências das CSVL's	Nº ocorrências das CVL's
Ser	112	532
Estar	9	88
Ter	27	69
Haver	92	78
Ficar	5	2
<b>Total</b>	<b>245</b>	<b>769</b>